

Viagem sobre a Informalidade

Notas de Visita a Bairros Latino-Americanos



DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA

Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura

Sob orientação do Professor Doutor José Fernando Gonçalves

Alexandra Pereira Tavares

Dezembro 2018

Viagem sobre a Informalidade

Notas de Visita a Bairros Latino-Americanos

Nota à edição:

A presente dissertação segue o novo acordo ortográfico

A norma das referências bibliográficas é a Norma Chicago Manual of Style 17th edition, eleita de acordo com a necessidade de traduções em nota de rodapé.

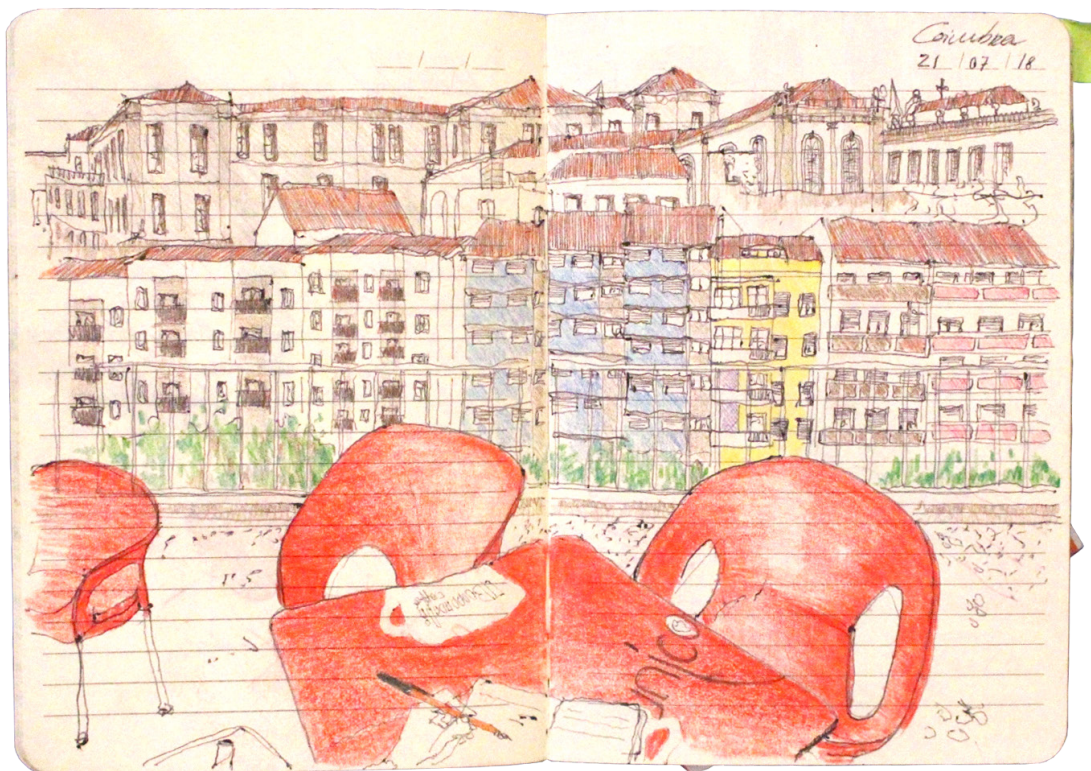


Fig.1 Diário gráfico, Coimbra, 21 de Julho de 2018.

Ao professor Doutor José Fernando Gonçalves, pelo interesse, sensibilidade e orientação em Coimbra e em Buenos Aires;

Aos amigos de sempre com quem tive o privilégio de partilhar o dARQ e a vida académica, agradeço o companheirismo e a partilha, motivaram-me a fazer mais e melhor de todos os desafios;

Quiqui, pela amizade extraordinária e por atravessar esta etapa comigo;

À família por ser o suporte de tudo:

Mãe, pela presença, compreensão e confiança incansáveis;

Irmão, pelo apoio e por ter sempre um papel nas minhas viagens;

Ao pai viajante, exemplo do qual retiro a coragem para as aventuras individuais da investigação, e da vida.



Fig. 2 *Desierto de Atacama*, Bolívia, 18 de Janeiro de 2017;

Fig. 3 Autora na favela da Rocinha, 05 de Março de 2017;

Fig. 4 *Machu Picchu*, Perú, 02 de Fevereiro de 2017.



Existem momentos que justificam a rejeição da comodidade burguesa e da estabilidade financeira a que estamos geralmente acostumados. Por isso, a minha dívida de gratidão é para com os que tornaram esta viagem mais rica que aquilo que as minhas palavras possam expressar:

Aos viajantes com quem me cruzei, são inúmeras as histórias, as partilhas, os “entre-dois”²:

Aos amigos e companheiros de visita em Buenos Aires e no Rio de Janeiro;

Aos que partilharam lágrimas e sorrisos durante os calorosos dias da Cidade de Deus;

Aílton Macarrão, por guiar-me e ensinar o valor da comunidade;

De forma especial, aos arquitetos Jorge Mario Jáuregui, pela oportunidade; Javier Fernández Castro, pela disponibilidade, boa disposição e conversa; e Marcela Vio, pelos ensinamentos e por fazer-me ver uma cidade onde a segregação não existe.

Aos moradores que cruzaram o meu caminho, que os objetivos cresçam e a inclusão continue.

Num rasgo de inspiração quase como quem adivinha o destino, J. L. Borges emprestou o nome a ambas – a Avenida da casa onde cresci em Torre de Moncorvo, e a *calle* principal do bairro onde vivi em Buenos Aires, por onde passei vezes sem conta os pensamentos e incertezas que tentei compilar neste documento.

Transcrevo, por isso, as palavras inspiradoras que fielmente lhe descrevem os gostos: “(...)o subúrbio é pobre, rústico, essencialmente antiestético. Mas Borges “sente-o” e sabe que onde há emoção existe beleza, e se o subúrbio é patético, também é poético”.



² Refere-se ao espaço temporal em que “já não estamos no lugar abandonado e ainda não estamos no lugar desejado”, uma “zona branca, neutra” onde “somamos os quilómetros que nos separam de casa [e] reduzimos os que nos aproximam de um novo lugar”. “O ambiente é estranhamente propício a conversar”; em Michel Onfray, *Teoria da viagem: uma poética da geografia*, trad. Sandra Silva, Textos breves (Lisboa: Quetzal, 2009), 37.

Fig. 5 Autora e Aílton Macarrão na favela da Rocinha, 05 de Março de 2017;

Fig. 6 Autora e viajantes, *Desierto de Atacama*, Bolívia, 17 de Janeiro de 2017;

Fig. 7 *Calle Jorge Luis Borges*, Palermo, Buenos Aires, Argentina.

RESUMO

Quando se fala no papel que representamos enquanto investigadores, arquitetos ou urbanistas, não se pode pensar fora da ideia de sociedade e das relações desta com os territórios em estudo.

A intervenção sobre as questões de pobreza tem sido assunto protagonista de vários estudos e investigações dentro do ofício da arquitetura; não necessariamente por ser um tema desafiante, mas por trabalhar impreterivelmente sobre uma deficiência crescente e em expansão em todo o mundo.

Serviu, por isso, a viagem pela América Latina, não só de base inspiradora para a descoberta do tema, mas também de objeto específico de trabalho, tomando a forma de Diário de Bordo dos momentos mais significativos do roteiro.

Assim, uma curta análise documental sobre a formação, consolidação e desafios, que ao longo dos tempos contribuíram para o crescimento dos bairros informais - focada posteriormente nos casos das cidades onde a estadia foi mais prolongada – abre pistas para o relato das experiências pessoais nos territórios latino-americanos onde a falta de serviços básicos é a carência mais gritante.

As visitas resultam gradualmente na procura de soluções habitacionais para os bairros, e na posterior reflexão sobre o atual funcionamento das experiências arquitetónicas aplicadas.

O confronto entre ambos: aquilo que é um bairro informal, na sua génese, e aquilo que é ou pode ser feito para melhorá-lo, são as particularidades-base para a abordagem seguinte às experiências em viagem. Reflete-se sobre as necessidades identificadas, o problema e a solução como método que abre caminho a novas e melhoradas soluções.

Palavras-chave: Arquitetura, Viagem, Informal, Pobreza, América Latina, Rio de Janeiro, Buenos Aires, Bairro.

ABSTRACT

When we talk about the role we represent as researchers, architects or planners, the idea of society and its relations with the territories under study can't be excluded.

The intervention on the issues of poverty has been the subject of several architectural studies and investigations; not only because it's a challenging topic, but unfailingly for working on a growing deficiency around the world.

The trip through Latin America served, not only as an inspirational base for the discovery of the subject, but also as a specific object of work, taking the form of Travel Journal and showing the most significant moments of the trip.

A short documentary analysis about the way informal neighborhoods raised, consolidate and outcome - focused on the cases of the cities where I remained longer - brings us to the reporting of personal experiences in the Latin American territories. The ones where the absence of basic services is the most glaring lack.

Step-by-step the visits turned into a quest for residential areas in the neighborhoods, and the subsequent reflection on the current functioning of the applied architectural experiences.

The confrontation between both of them: what's an informal neighborhood, in its genesis, and what is being or can be made to improve it, are the basics for the next approach on the traveling practice. The compared thoughts regarding the needs identified, the problem and the solution as methods that, learning from what already exists, may open a way to new and improved solutions.

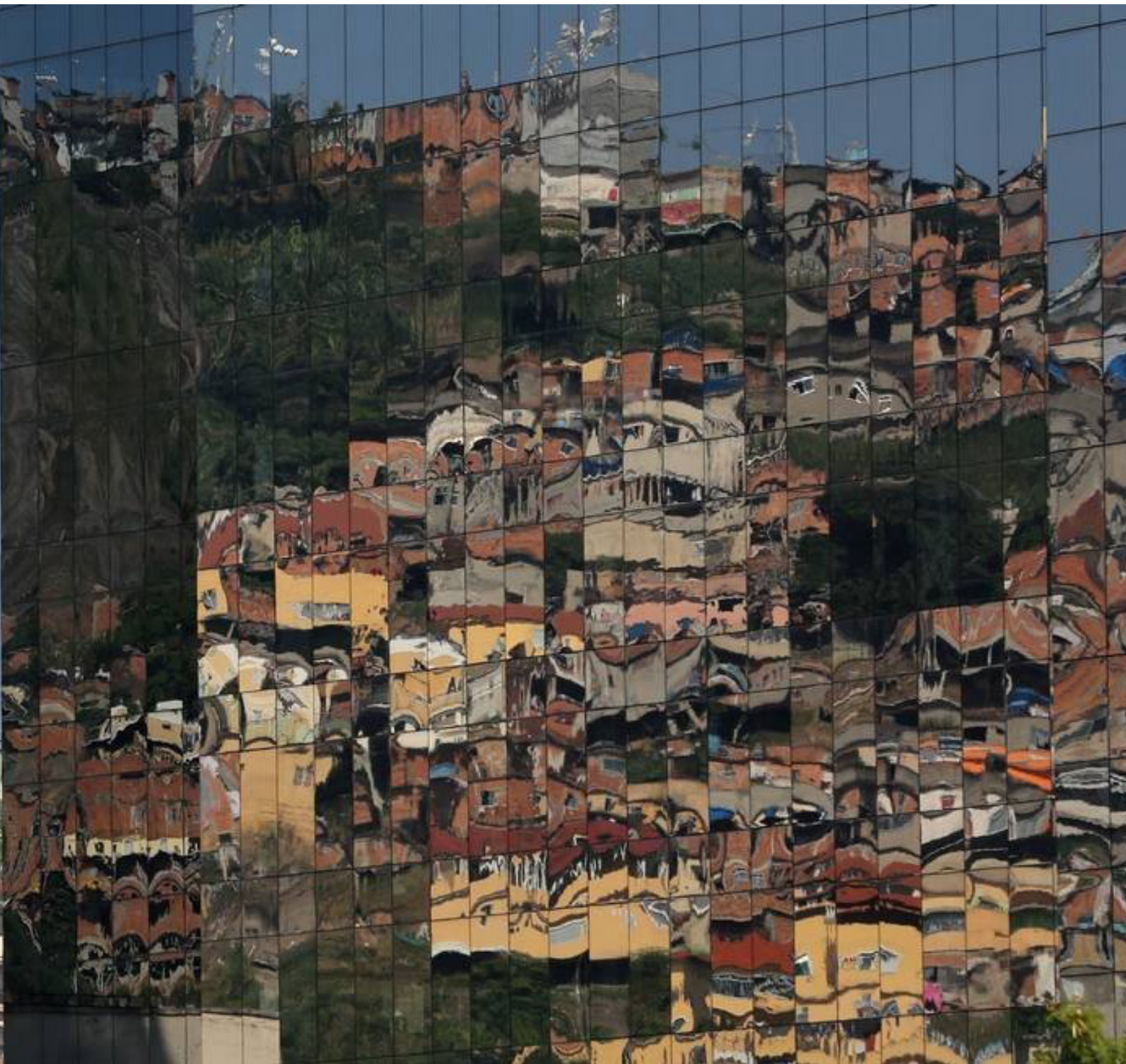
Keywords: Architecture, Travel, Informal, Poverty, Latin America, Rio de Janeiro, Buenos Aires, Neighborhoods.

SUMÁRIO

RESUMO	11
ABSTRACT	13
NOTA PRÉVIA	17
INTRODUÇÃO	21
Oportunidade	23
Abordagem e Método	27
Estrutura	29
TEMPO, ESPAÇO E TRANSFORMAÇÕES	31
Mundo de Cidades	31
Contexto Latino-americano	35
Duas megacidades Latino-americanas: Buenos Aires e Rio de Janeiro	37
Remoção	43
Intervenção	47
NOTAS DE VIAGEM	55
Prólogo	59
Deambulação	63
Visita	91
CONCLUSÃO . REFLEXÕES PÓS-VIAGEM	161
Necessidade	163
Problema	171
Solução	183
Espaço para Futuras Melhorias	197
SÍNTESE FINAL	209
FONTES	215
Bibliografia	215
Origem das Imagens	223



Fig. 8 Contraste formal/informal, Rio de Janeiro, Brasil.



“He let his mind drift as he stared at the city, half slum, half paradise.
How could a place be so ugly and violent, yet beautiful at the same time?”²

² Chris Abani, *Graceland* (Picador, 2005), 7.



Fig. 9 Villa 31 desde a Av. Ramos Mejía, Retiro, Buenos Aires, Argentina.

*Slum household: "Group of individuals living under the same roof in an urban area who lack one or more of the following: durable housing, sufficient living space, access to safe water, access to adequate sanitation, security of tenure."*³

Entende-se que cada "assentamento", um termo técnico criado para designar de uma só vez os nomes atribuídos por cada cidade - como as *favelas* no Rio de Janeiro, as *callampas* de Santiago do Chile, as *barriadas* em Lima ou as *villas miséria* em Buenos Aires - é único e produto das suas próprias realidades em aspetos como o seu enquadramento na cidade, a sua escala, e consequente escala de privação. Por isso, o que se pretende não é homogeneizar ou universalizar todos os lugares semelhantes como se fizessem parte de um só país ou um só continente. Apesar das diferenças que cada tipologia apresenta, fala-se indistintamente de "*villa*", "favela", "assentamento informal" e "bairro", entendendo que se alude a temas, problemas e potencialidades comuns. Tópicos como a falta de serviços básicos operacionais, a insalubridade, a estigmatização social e a clara necessidade de direito à vivenda e intervenção urbana e arquitetónica são pontos transversais a qualquer um dos casos.

Assim, as denominações empregadas no material da presente publicação não implicam uma conotação rígida ou depreciativa. A utilização de termos como *pobreza* ou *precariedade* não pressupõem uma referência à caracterização total. Leituras estereotipadas envolvem os bairros num ciclo vicioso de ilegitimidade e insegurança, classificando-as subconscientemente de *anti-cidades* na sua condição existencial. Aquilo que se pretende com o emprego de expressões ocasionais deste tipo é a classificação apenas das questões que dizem respeito aos serviços, salubridade e à qualidade urbano-arquitetónica das comunidades territorialmente vulneráveis. Entende-se, por isso, que corresponde a quem vive nestes bairros, caso se considere necessário, optar por alguma das palavras para definir as suas identidades e perspetivas.

³ UN-HABITAT, *State of the World's Cities 2006/7, Slums: Some Definitions* (Nairobi: UNON, Publishing Services Section, 2006), 2, "Grupo de indivíduos que vivem sob o mesmo teto numa área urbana que carece de uma ou mais das seguintes: durabilidade da construção, espaço suficiente para viver, acesso a água potável, acesso a saneamento adequado, direito à vivenda".

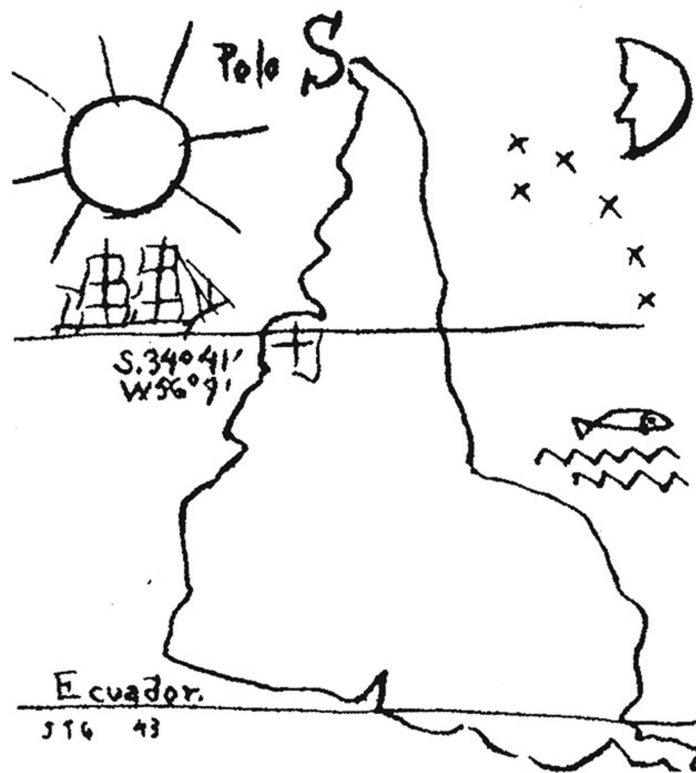


Fig. 10 América Invertida, Joaquim Torres García, 1941.

INTRODUÇÃO

Em 1941, 451 anos após a descoberta da América, o artista plástico uruguaio Joaquim Torres Garcia apresenta a imagem de uma *América Invertida*⁴. Num contradiscurso crítico dos poderes hegemônicos centrais – referindo-se primeiramente aos fenômenos de colonização – usa o desenho e o mapeamento de território para olhar o seu continente desde uma perspectiva alterada. Propõe uma nova identidade que confronta “primeiro” e “segundo” mundos, representados pelo norte e o sul invertidos.

Este processo de supremacia que Torres Garcia tenta desnaturalizar através da representação artística que se tornou intemporal reflete-se, além do desequilíbrio em volta do continente latino-americano em estudo, em todo o globo. Nas cidades propriamente ditas, revela-se na forma fragmentada que faz do território terrestre um autêntico *patchwork* onde “terceiros mundos” crescem dentro de *primeiros* da mesma forma que “primeiros mundos” dentro de *terceiros*, “nortes” dentro de “suis” e vice-versa.

O reflexo corroborado deste “processo civilizador corrompido pelo homem”⁵, está nos inúmeros bairros e assentamentos precários por todo o mundo. Estes são o resultado do crescimento de “urbanizações que se consolidaram como forma de habitar dos setores sociais mais humildes”⁶ de “infraestrutura precária, tramas urbanas frequentemente irregulares e cujos moradores não acedem à propriedade formal da terra”⁷. Após as primeiras aparições da definição para o conceito de *slum* em 1812⁸, são textos carregados de crítica e reflexão como os do arquiteto britânico John Turner⁹ que trazem novas formas de visibilidade e especulação sobre as configurações habitacionais aplicadas, fazendo deste um tema contagiante cuja compreensão e reflexão passam pela engenhosa articulação de inúmeras áreas profissionais.

⁴ Maria Luiza Costa, «O Mapa de Ponta-Cabeça», *World Congress on Communication and Arts*, 2011, 5, <https://repositorio.unesp.br/>.

⁵ Miriam Oliveira, «Slum-upgrading», 17.

⁶ Rosa Aboy, «Villas Miseria, Favelas y Asentamientos: nuevas rutas en historia urbana», 2, “*Estas urbanizaciones se han consolidado como la forma de habitar de los sectores más humildes (...)*”.

⁷ Valeria Snitcofsky, «Clase, territorio e historia en las villas de Buenos Aires (1976-1983)», 47, “*En Argentina reciben este nombre los barrios que cuentan con una infraestructura precaria, tramas urbanas frecuentemente irregulares y cuyos pobladores no acceden a la propiedad formal de la tierra.*”.

⁸ Mike Davis, *Planet of Slums* (London, New York: Verso, 2006), 21.

⁹ John Turner, *Freedom to Build*, Siglo XXI Editores (México, 1972); John Turner, *Housing by People: Towards autonomy in building environments* (New York: Pantheon Books, 1976).



Fig. 11 Fotografia da chegada a Lima, Perú, 03 de Fevereiro de 2017.

São vários os estudos e investigações sobre o território dito informal. No campo da arquitetura – que abrange uma necessidade visível e palpável, ou pelo menos a mais evidente – o tipo de ideologia para intervenção foi alterado ao longo dos tempos evoluindo de um *cortar* e retirar estas malhas urbanas espontâneas das cidades, para um *crescer* intervindo com o propósito de melhorá-las.

Oportunidade

Em Agosto de 2016 embarco com destino a Buenos Aires, naquela que seria a primeira visita ao continente latino-americano. O objetivo que se foi clarificando espontaneamente ao longo do processo de viagem começou pela mera vontade de conhecimento: do país que me acolheria durante um ano através do programa de mobilidade, da arquitetura do lugar, através do curso a que daria seguimento nesse ano letivo na *Facultad de Arquitectura y Diseño Urbano de la Universidad de Buenos Aires* e, sobretudo a determinação de visitar o máximo de território latino-americano a que os recursos me permitissem.

O gosto sobre as possibilidades sociais a que a arquitetura pode permitir-se foi desde sempre um interesse importante na formação pessoal. Ao longo da estadia prolongada na cidade de Buenos Aires o contacto com as questões de pobreza tornou-se permanente e novo, quer na forma de habitantes e moradores pontuais, quer na de paisagens impactantes, introdutórias de conceitos desconhecidos até então.

O propósito propriamente dito molda-se conforme o espaço temporal, crescendo gradualmente ao mesmo tempo que a experiência dentro do continente aumenta: em Janeiro 2017, durante a interrupção escolar veranil, inicia-se o percurso de viagem com destino programado ao Rio de Janeiro. Em meados de Fevereiro do mesmo ano frequentaria um estágio profissional no Atelier Metropolitano, chefiado pelo arquiteto Jorge Mário Jauregui na cidade brasileira. A procura da experiência profissional refletia prematuramente a determinação na descoberta sobre as novas questões sociais observadas com mais frequência naquele país. Assim, ao invés daquilo que é comum, a viagem incentivou progressivamente o tema na vez de haver sido planificada com base neste. E os objetivos do trabalho foram sendo criados ao longo do processo de descoberta de novos lugares, e principalmente novas formas de exercer a arquitetura.

O percurso eleito incluiu cinco países¹⁰ onde as similaridades entre construções chamadas *precárias* eram aparentemente evidentes. Assim, o primeiro momento de *deambulação* pelas várias cidades visitadas permitiu, além de uma observação distanciada deste tipo de território, um interesse cada vez maior na aproximação. Em vez de a investigação estar centrada em casos de estudo particulares, é baseada nas folhas desorganizadas dos *Diários de Bordo* que acompanharam a aventura latino-americana individual a que me propus.

É apenas no momento de chegada à cidade do Rio de Janeiro que se iniciam as *visitas* propriamente ditas ao território e às necessidades específicas dos assentamentos informais a que me aproximava ao longo do percurso.

¹⁰ Argentina, Chile, Bolívia, Peru e Brasil, em ordem temporal.



Fig. 12 Fotografia do diário de viagem, Estação Rodoviária Mendoza, 09 de Janeiro de 2017.

As viagens pelos bairros precários foram por isso, não só desencadeadas pela vontade crescente de perceber um determinado território, mas também pela experiência adquirida no Atelier Metropolitano. Ainda que não existisse no momento a execução de um projeto de articulação e melhoramento das favelas brasileiras, foi possível um contacto próximo com os projetos anteriores e o seu processo, conduzindo indiscutivelmente a um objetivo renovado e um propósito melhorado da pesquisa.

O novo interesse dentro do tema inicial direcionava-se, graças à experiência profissional, às soluções aplicadas a estes espaços como alternativas habitacionais, fazendo por isso das *visitas* uma ferramenta principal para a investigação. Uma vez que se tratam de obras de uma certa especificidade conferida pelo tipo de território em que se encontram construídas, foi importante uma averiguação do seu estado atual. Afinal, é da responsabilidade do arquiteto entender qual a forma menos evasiva e mais eficaz de intervir nas cidades e, numa trama tão irregular e de identidade específica como a de um bairro espontâneo, cabe também à profissão uma abordagem cuidadosa que responda simultaneamente às demandas.

Na seleção de projetos e bairros a visitar, foi tida em conta a segurança e a pertinência da solução aplicada, segundo aquilo que foi lido em pesquisa documental ou escutado atentamente durante o estágio profissional. Dentro do método de investigação de campo em que uma grande parte do trabalho assenta, inclui-se também a prática voluntária numa organização não governamental - realizada em ambos os países - que trouxe à experiência pessoal uma noção realista de um panorama de pobreza extrema.

No retorno à capital argentina para um novo semestre de estudos universitários, transporta-se a determinação de conhecer as formas de vida e as soluções arquitetónicas dos bairros espontâneos para o país que me havia acolhido inicialmente. O objetivo aquando da volta a Buenos Aires devia-se à vontade de dar seguimento às descobertas e visitas que havia iniciado no Rio de Janeiro, na certeza subconsciente de que as semelhanças entre os territórios a estudar e as soluções aplicadas seriam inúmeras. Esta intenção que vinha crescendo até ao término do percurso de viagem foi surpreendida pela falta de soluções habitacionais semelhantes às brasileiras – com exceção de pequenas intervenções pontuais de pequeno porte – deixando por isso de existir um termo de comparação suficientemente forte.

Ainda que o impasse sobre o objetivo a seguir se tornasse nesse momento numa dificuldade acrescida para a concretização, a determinação nas visitas aos bairros argentinos não foi abandonada, na tentativa de perseguir e identificar os aspetos similares entre as várias experiências.

O tempo permitido de mobilidade estudantil esgotou-se e a volta a Portugal originadora de uma *reflexão pós-viagem* sobre o trabalho de investigação motivou uma nova viagem a Buenos Aires no ano seguinte.

13 de Abril de 2018

“De volta à capital argentina, enquanto caminho pela Avenida Santa Fe ao encontro da professora Marcela Vio para mais uma conversa sobre as inquietudes bonarenses que motivavam a investigação.

66 Un buen Mundial es estar entre los cuatro primeros; todo lo otro es un mal Mundial **99** Claudio "Chiqui" Tapia **DEPORTES**



PUNTO PARA BOCA
TEJEM PATO EN EL
FINAL ANTE PALMEIRAS
DEPORTES | Página 2

DÉBORA PÉREZ VOLPIN
LA LESIÓN EN EL
ESÓFAGO, UNA CLAVE
SOCIEDAD | Página 23

SALMAN RUSHDIE
VISITARÁ EL PAÍS
EN NOVIEMBRE
CULTURA | Página 26

LA NACION

Jueves 12 de abril de 2018

Los jueces que liberaron a López analizan dejar sus cargos

CÁMARA FEDERAL. El ministro Garavano adelantó que el Gobierno aceptaría que Ballestrero renunciara y avalaría que Farah pidiera un cambio de fuero

Por **Rodríguez Nelli**
El Gobierno no tiene en la mira y la gente tampoco, en una medida sin precedentes, lo denunció después de la liberación de Cristóbal López. Jorge Ballestrero tiene en claro que su tiempo en la Cámara Federal portaña, la más sensible para la política, se termina. No dice en lo posible que no puede vivir en condiciones permanentes, explicó Ballestrero a la voz.
"Tengo edad para jubilarme y ocho años en un año, pero no me quedaría tiempo así", afirmó. "Aquí significa sospecha de corrupción. El Consejo de la Magistratura, a instancia del Gobierno, abrió una investigación en su contra. Y recién cuando está malafuera que adentro. Su colega Eduardo

Fuerte mea culpa del Papa por el caso de abusos en Chile

IGLESIA. Admitió que cometió errores "graves" y convocó a los obispos al Vaticano; también hizo una invitación a las víctimas

Elisabetta Pignatelli
COMUNICACIÓN EN ITALIA
ROMA. El Papa admitió que haber "incurrido en graves equivocaciones de valoración y percepción de la situación, especialmente por falta de información veraz y equilibrada". El mea culpa, un día de más

Torres de la discordia



Aunque la Ciudad y los desarrolladores apelaron la decisión judicial, sigue paralizado el proyecto Rocca Galata, en Cagliari, por "exceso en la interpretación del Código de Planeamiento Urbano". Al menos unos 30 cooperadores de los departamentos analizan iniciar acciones legales para recuperar la inversión. **Página 20**

La Argentina posible

Soluciones del mundo para problemas del país • Brecha salaral de género

La fórmula nórdica para saldar una deuda histórica con las mujeres

Son cruciales las licencias familiares compartidas y la reglamentación que equipara las condiciones laborales

Por **Paula Ulises**
LANXON
Por su creatividad, se convirtió en un hito de la lucha global por la igualdad de género. El 24 de octubre de 2016, las mujeres de Islandia dejaron sus oficinas a las 14.35. El objetivo: mostrar lo que pasaría si trabajaran un 54% menos de tiempo, en decir, restaron de su horario el porcentaje exacto de la brecha salarial respecto de los hombres. En noviembre de ese año, las francesas siguieron sus pasos: de-

EL ESCENARIO

La agenda exterior obsesiona a Macri

Por **Carlos Pagnini**
LA NACION
La semana de Mauricio Macri está dominada por la agenda internacional, que es muy relevante en el extranjero. El gradualismo de la agenda de Macri depende de que se pueda emitir desde a tasas razonables. Y el nivel de crecimiento está determinado por la inversión

El plan para urbanizar villas despierta apoyos y dudas

DESARROLLO SOCIAL. El Gobierno no define aún cómo financiará la expropiación de tierras **Página 8**

Fig. 13 Jornal La Nacion, 12 de Abril de 2018, manchete do canto inferior direito.

Detenho-me em frente a um dos contentores metálicos verdes espalhados ao longo da via onde todas as manhãs estão expostos os vários periódicos nacionais. O jornal La Nación figurava dissimuladamente num espaço diminuto do canto inferior direito: “El plan para urbanizar villas despierta apoyos y dudas”¹¹ referindo-se às novas políticas governamentais de financiamento da expropriação de terras, favorecendo o direito à propriedade dos terrenos aos moradores das villas.”

Nenhum dos projetos de transformação e desenvolvimento social estava finalizado ou completamente planeado, suscitando dúvidas. No entanto, a publicação do artigo mostrava um avanço nas formas de olhar e admitir o território revelando novas pistas e um verdadeiro contributo para uma motivação reforçadora da recém-repetição da viagem.

Embora o propósito inicial não tenha sido concretizado durante a primeira, talvez por ter um carácter mais exploratório, a segunda curta visita à cidade permitiu outro tipo de esclarecimentos. As conversas e observações junto de profissionais da área, deram origem a um novo e igualmente contagiante objetivo de viagem focado na recolha de informação direcionada a intervenções específicas e comparações inequívocas entre estas.

Abordagem e Método

A metodologia-base responsável por toda a estrutura do trabalho de investigação é a viagem propriamente dita. É durante este tempo que se tomam decisões, se formam os objetivos de pesquisa e se faz uma primeira reflexão acerca dos temas. Dentro desta, os instrumentos metodológicos de interpretação dividem-se em duas direções: a exposição dos elementos executados em movimento e aquilo que se propõe investigar através da forma como se trabalha sobre a matéria recolhida.

Uma vez que a reflexão é feita *a posteriori*, tornam-se importantes os assistentes de memória visual, fotográfica, gráfica e espacial, no que diz respeito à formalização do trabalho. No caso sensorial, recorre-se ao *Diário de Viagem*, relido, corrigido e digitado na forma de *Notas de Viagem*.

A partilha dos registos de deslocações, visitas, cidades, descobertas, obras, lugares e casuais encontros ou episódios do quotidiano é selecionada cuidadosamente, afim de relatar com algum pormenor e transparência o encontro em roteiro com o tema específico da habitação social e exploração do mesmo. O exercício gráfico como representação da arquitetura, assume uma posição quase heurística de descarga daquilo que se observava. Serve de complemento visual ao corpo de texto juntamente com a fotografia, um elemento inevitável e indispensável em qualquer roteiro. Num outro plano, a investigação passa por uma análise bibliográfica dos conceitos inerentes ao tratamento do tema. Desde matérias de observação e exposição dos fenómenos de surgimento, relação com a cidade, crescimento e consolidação do território em estudo, até explanações sobre os projetos e formas de intervenção no mesmo.

¹¹ «La Nacion», “O plano para urbanizar villas desperta apoios e dúvidas”, Fig. 13.

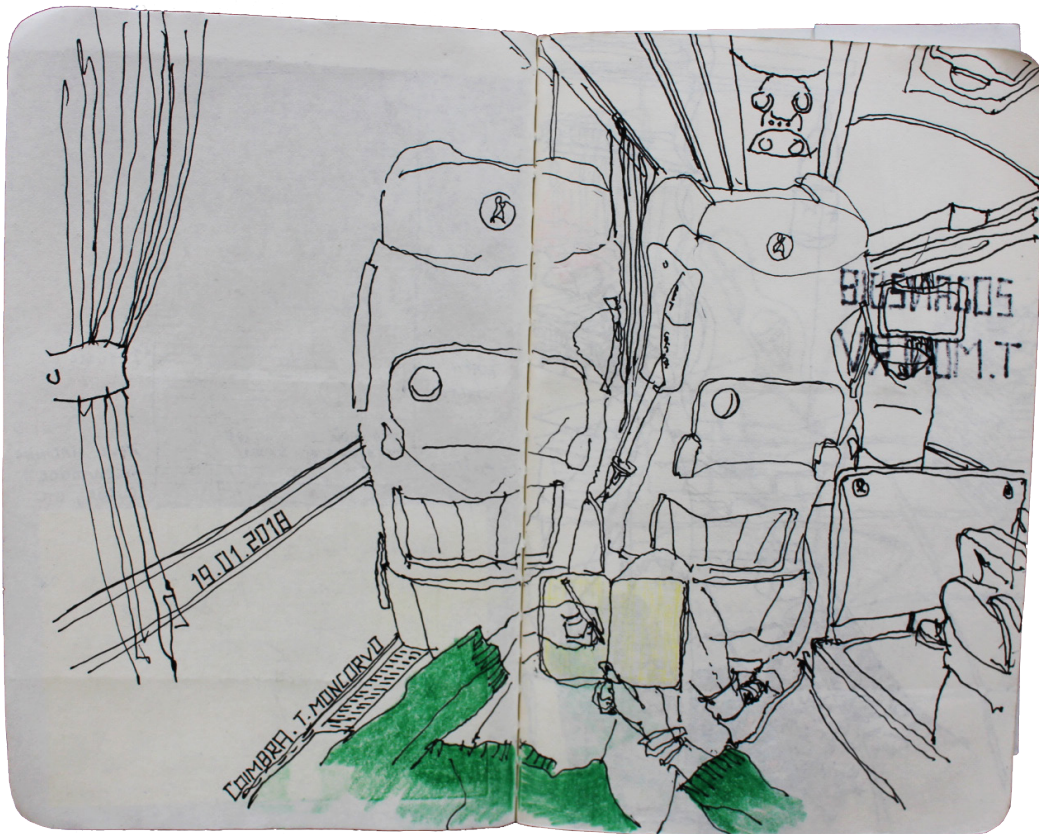


Fig. 14 Diário gráfico pós-viagem, 19 de Janeiro de 2018.

Entre os vários documentos, dentro deste método de investigação utilizam-se duas publicações base – livros de Janice Perlman¹² e Gabriel Kessler¹³ - por, além de consideradas pertinentes, serem exploradoras das inúmeras variantes críticas do tipo de território em estudo brasileiro e argentino, respetivamente.

Estrutura

Ainda que a viagem seja um elemento comum e princípio fundamentador transversal a todo o documento, procura-se em primeiro lugar uma compreensão do território. Graças ao seu traçado forte, espontâneo e único, não pode ser dispensado de uma análise sobre o fenómeno da sua formação.

Assim, no capítulo intitulado de *Tempo, Espaço e Transformações*, faz-se referência a este tipo de manifestação precária como uma questão universal para em seguida o especificar gradualmente em *contexto latino-americano* e na relação entre as duas *megacidades* em estudo: *Buenos Aires e Rio de Janeiro*. Tendo em conta a formação urbana, relata-se o crescimento, a localização, e a consolidação dos bairros informais precários que se distribuem pelo espaço urbano de ambas as metrópoles. Ainda dentro desta abordagem assente na visão contextualizada da conceção e *transformação* das malhas irregulares definidoras dos assentamentos de ambas as cidades, referem-se cronologicamente os acontecimentos motivadores de intervenções solucionadoras do *problema*, nomeadamente as políticas de erradicação, persistência e finalmente inclusão.

O capítulo seguinte, que define o carácter fortemente pessoal da dissertação por ser nele que se partilham as descobertas, venturas e desventuras da viagem, é também o trecho mais relevante. Estando carregado de experiências individuais, pormenores e primeiras impressões sobre as visitas, está dividido nos dois momentos considerados em retrospectiva do percurso, *Deambulação e Visita*.

Por último, exploram-se com algum sentido crítico as reflexões baseadas num conjunto de textos de diário posteriores às viagens. Como um hábito auxiliar que não foi capaz de se soltar, na vez de *bordo* cronológico, - por estar em movimento no momento em que se redigiu - este diário passa a ser *estático*, provido de sequência temporal, - por ser o pensamento reflexivo das memórias anteriores, após o término da viagem. Os textos que o compõem servirão de excertos conectores intercalando-se nas possibilidades sobre as formas de intervir que se dividem em diferentes fases: a da *Necessidade*, onde se explora através dos exemplos mais marcantes o modo de identificar as carências; o *Problema*, onde se desenvolvem as disfunções e adversidades encontradas no percurso de *Deambulação e Visita* assim como os motivos dos mesmos. E por fim, a *Solução*, onde se discutem as razões das intervenções e propostas visitadas que parecem ter algum êxito. Logo depois abre-se um *Espaço para Futuras Melhorias*, dentro do qual, com alguma liberdade emancipadora, se tentam pensar as formas de progredir.

¹² Janice Perlman, *Favela, Four Decades of Living on the Edge in Rio de Janeiro* (Oxford University Press, 2010).

¹³ Gabriel Kessler, *Nº 6 Historia de la Provincia de Buenos Aires. El Gran Buenos Aires*, 1.ª ed. (Argentina: EDHASA, 2015).

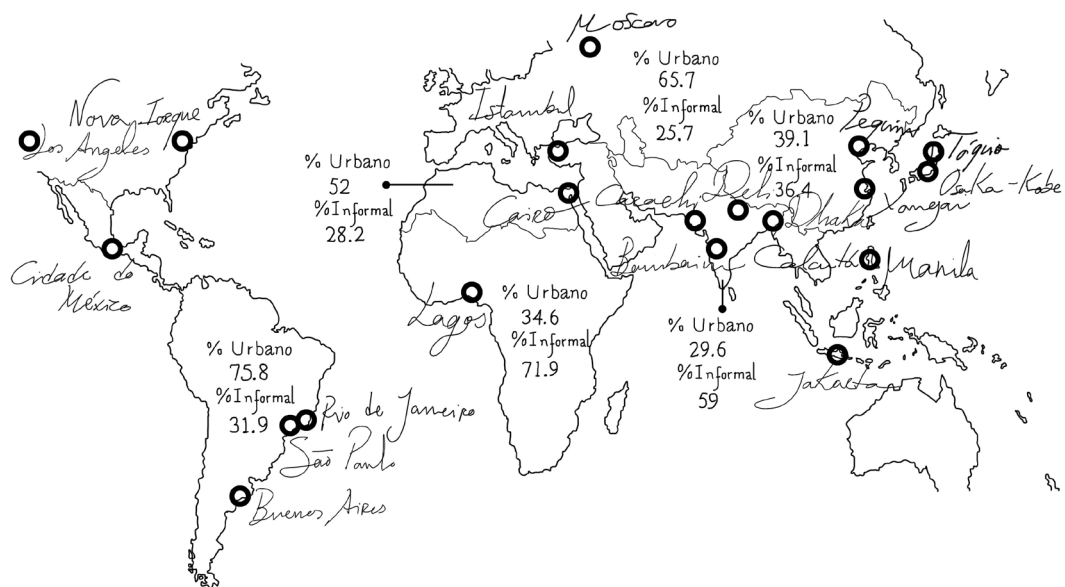


Fig. 15 Mapa de relação entre as megacidades mundiais e a dualidade percentual urbano/informal (2010).

TEMPO, ESPAÇO E TRANSFORMAÇÕES

Ambos, Brasil e Argentina, estão incluídos na lista crescente dos países com maior população residente em *slums*. No entanto, a dificuldade de encontrar estatísticas precisas está em dois grandes fatores: no crescimento imparável do número de moradores nos assentamentos, que torna qualquer recolha de dados rapidamente desatualizada, e na sub-contagem propositada para efeitos oficiais.

As visitas físicas aos vários assentamentos brasileiros e argentinos possibilitaram, por isso, um entendimento um pouco mais realista destes lugares e do seu funcionamento urbano e social. No entanto, a compreensão do universo simbólico que constitui um bairro deste tipo e as suas circunstâncias exige um pequeno panorama de contextualização histórica, uma análise inevitável para a articulação de respostas às problemáticas e soluções atuais.

O esforço pela memória existente das formas históricas adquiridas pelos assentamentos e bairros informais, e o seu papel dentro de uma cidade em crescimento constante, podem aportar pistas sobre os sucessos e fracassos no desenvolvimento de futuras intervenções.

Mundo de Cidades

“O desenvolvimento é uma viagem com mais náufragos que navegantes”¹⁴ eram as palavras que, na sua obra-manifesto mais controversa, Eduardo Galeano empregava para falar da “estrutura contemporânea de desapropriação” de um mundo que “margina muito mais gente que a que é capaz de integrar.”¹⁵

A “mudança de um mundo rural para um maioritariamente urbano”¹⁶ como tendência originadora dos aglomerados habitacionais precários tem tido um crescimento desmedido,

¹⁴ Eduardo Galeano, *Las Venas Abiertas de América Latina* (México: Siglo XXI Editores, 1980), 223, “*El desarrollo es un viaje con más náufragos que navegantes*”.

¹⁵ Galeano, 321, “*(...) un viaje con más náufragos que navegantes - margina mucha más gente que la que es capaz de integrar*”.

¹⁶ Janice Perlman, *Favela, Four Decades of Living on the Edge in Rio de Janeiro*, (Oxford University Press, 2010), 41, “*The anticipated shift from a predominantly rural world to a predominantly urban one (...) is now a reality*”.



Fig. 16 Fotografía desde o Teleférico La Paz - El Alto, La Paz, Bolívia, 26 de Janeiro de 2017.

consequência da combinação de vários fatores: “o aumento populacional geral, as crises económicas rurais e uma atratividade percebida nas cidades”¹⁷, resultando numa mudança do subemprego rural preexistente para um subemprego urbano e fazendo o problema migrar e mudar-se juntamente com a população.

Segundo os dados da Divisão Populacional da Organização das Nações Unidas, em 1990 apenas dez cidades tinham um número de habitantes “igual ou superior a 10 milhões”¹⁸, acolhendo por isso em conjunto “153 milhões de pessoas”¹⁷. Os dados publicados nos Factos Populacionais de 2014, mostram um aumento significativo de mais do dobro, no qual “vinte e oito megacidades eram casa de 453 milhões de pessoas, isto é, 12% do total mundial de moradores”¹⁹.

Desde o primeiro estudo, a maior fonte de crescimento populacional destas capitais tem sido reflexo claro dos fenómenos de migração, projetando-se uma previsão de uma continuação além de 2020²⁰. A par destes, os dados estatísticos de pobreza mostram um empobrecimento crescente dos setores urbanos. Segundo os dados documentados pelas Nações Unidas uma em cada oito pessoas vive em bairros precários contribuindo para um total de cerca de um bilião de habitantes afetados²¹ pela situação contemporânea inaceitável de pobreza que percorre o mundo.

Ainda que a situação populacional residente em construções informais tenha decrescido ligeiramente entre 2000 e 2014, os números absolutos continuam a aumentar²² e o desafio das *slums* permanece num estado crítico persistente.

Pensando o desenvolvimento populacional das grandes cidades como um fenómeno atual e causador de novas condições urbanas, nas quais se incluem o crescimento de bairros e assentamentos precários por todo o mundo, torna-se também necessária a reflexão sobre a irreversibilidade numérica confirmada pelos dados estatísticos.

A prevalência destes moradores nos aglomerados de construção habitacional precários, transforma-se ao longo dos tempos num tema cada vez mais significativo e desafiante. Afinal, tendo em conta o crescimento desmedido desta população, os “marginalizados” ou “náufragos” - utilizando as designações de Galeano - crescem rapidamente em número quando comparados aos “navegantes” “integrados” fazendo da procura de soluções e estudos sobre a identidade deste território, um tema de investigação atrativo.

¹⁷ Megan Kelly, «Urbanization in Latin American and the Cases of Two Capital Cities: Buenos Aires and Bogotá», *“This trend of urbanization is the result of a combination of factors: overall population growth, rural economic crises, and a perceived attractiveness of cities”*, 1.

¹⁸ United Nations, «Population Facts, A World of Cities», Department of Economic and Social Affairs, Population Division, n. 2014/2 (Agosto de 2014), www.unpopulation.org, “In 1990, there were ten megacities with 10 million inhabitants or more, which were home to 153 million people.”

¹⁹ United Nations, “In 2014, 28 megacities were home to 453 million people or about 12 percent of the world’s urban dwellers.”.

²⁰ United Nations, «Population Facts - Migration and population change - drivers and impacts», *Department of Economic and Social Affairs, Population Division*, Dezembro de 2017, 1, www.unpopulation.org, “Migration is projected to be the only driver of population growth in the developed regions starting after 2020”.

²¹ UN-HABITAT, *Slum Almanac 2015-2016*, Nairobi (UNON, Publishing Services Section), 2, acedido 5 de Julho de 2018, <https://unhabitat.org/>.

²² UN-HABITAT, 2.



Fig. 17 Favela da Rocinha, Rio de Janeiro, Brasil, 05 de Março de 2017.

Contexto Latino-americano

Entre as vinte e oito grandes cidades referenciadas em 2014 como resultado decorrente do crescimento populacional incessante, quatro estão situadas em território latino-americano²³.

Durante a década de 1940, uma parte significativa dos sectores de habitantes integrantes na migração massiva que se propagava por todo o continente, é deixada de fora dos “mecanismos do mercado residencial”²⁴. As suas condições de vida permitiam-lhes construir apenas com aquilo que as relações laborais não formalizadas lhes permitiam.

Em geral, o grande número de habitantes cuja única opção era instalar-se no espaço sobrando das cidades latino-americanas foi também excluído pelo mercado de trabalho. Sem capacidade de solucionar as necessidades acrescidas, este grupo enfrentou um impedimento no acesso à vivenda digna.

Estas mudanças urbanas do século resultam, por isso, naquele que viria a ser um dos grandes desafios económicos, políticos e sociais de todo o continente: a criação e o crescimento incontrollável - já após pequenas aparições passageiras a finais do século XIX – dos bairros espontâneos construídos por necessidade. Foram apelidados de “*asentamientos marginales*”, “*villas de emergencia*”, “*shantytowns*” ou, nos termos que perduraram ao longo dos tempos nos países em estudo, *villas miséria* e favelas.

A palavra *huaico* que significa em *quechua* deslizamento de terra, é também o mesmo termo utilizado pelos peruanos para designar a “avalanche humana despejada desde a serra sobre a cidade capital”²⁵. Em Caracas, estes moradores são chamados de *toderos*, por fazer de tudo, e em Buenos Aires e no Rio de Janeiro, as expressões atribuídas são apenas variantes dos nomes já elegidos para os assentamentos: *villeros* e *favelados*.

A invasão numérica destes habitantes com expectativas defraudadas de cidades e empregabilidade, resultam na consolidação rápida das urbanizações precárias. A dificuldade acrescida estava na descoberta da solução a aplicar por deixar de tratar-se apenas da carência de equipamentos básicos. Passava a existir também uma falta de planificação adequada que permitisse o desenvolvimento social dos grupos instalados nas comunidades. A partir deste momento o crescimento das construções desorganizadas mostra consequências avassaladoras na expansão da precariedade habitacional. A fragilidade estendeu-se, afastando-se dos grandes centros urbanos e contribuindo para a fragmentação do território urbano.

“Em efecto, la expansión sin la guía de planos públicos em gran parte de las ciudades latino americanas produjo dos tipos de suburbanización bien

²³ United Nations, «Population Facts, A World of Cities», *Department of Economic and Social Affairs, Population Division*, n. 2014/2 (Agosto de 2014): 1, www.unpopulation.org, “Among those 28 megacities, sixteen are located in Asia, four in Latin America, three each in Africa and Europe, and two in Northern America.”, *As cidades Latino Americanas são*: Cidade do México, São Paulo, Rio de Janeiro e Buenos Aires, por ordem populacional decrescente.

²⁴ Horacio A. Torres, *El Mapa Social de Buenos Aires. 1940-1990*, 23. Edición Electrónica, 2006 (Buenos Aires: Ediciones FADU, 1993), “*Son los sectores que quedan fuera de los mecanismos del mercado residencial (...) que van a construir los “asentamientos marginales”*”.

²⁵ Eduardo Galeano, *Las Venas Abiertas de América Latina* (México: Siglo XXI Editores, 1980), “(...) *avalancha humana descargada desde la sierra sobre la capital en la costa*”, 322.



Fig. 18 Escultura de Oscar Niemeyer, 1988, Betão 7 metros de altura, Praça Memorial da América Latina, São Paulo, 24 de Março de 2017. Mão de protesto e mapa da América Latina a correr sangue até ao punho; traz ao panorama algumas semelhanças ao título de Galeano "*Las venas abiertas de America Latina*".

*diferentes, la de las clases pudientes – em barrios pintorescos planificados privadamente – y la de las ciudades populares – em barrios de generación espontánea fuera de reglamentación y legalidade – dando lugar a un patchwork de alto contraste entre barrios altos y arrabaldes miserables.*²⁶

Dentro da área alargada do continente latino-americano, cerca de 75.8% da população vive em cidades e cerca de 31.9% deste grande grupo vive em assentamentos precários²⁷. A probabilidade de viver “informalmente” é, tendo em conta os resultados estatísticos, cinco vezes maior na América Latina comparativamente a qualquer região desenvolvida. Janice Perlman, *Favela, Four Decades of Living on the Edge in Rio de Janeiro*, (Oxford University Press, 2010), 46,47.²⁸

Esta tendência urbana rápida e dificilmente reversível eleva a fasquia da desigualdade no continente latino-americano a um nível altíssimo. Cerca de 104 milhões de pessoas²⁹ continuam a viver irregularmente e numa situação de emergência. As vivendas em retalhos de madeira e lata que rebentam as costuras das malhas nos cinturões das cidades, contrastam conflituosamente com as riquezas inacessíveis produzidas pelos prósperos centros urbanos.

Duas megacidades Latino-americanas: Buenos Aires e Rio de Janeiro

*“Rio de Janeiro y Buenos Aires escamotean el espectáculo de la miseria que el sistema produce; pronto no se verá más que la masticación de la prosperidad, pero no sus excrementos, en estas ciudades, donde se dilapida la riqueza que Brasil y Argentina, enteros, crean.”*³⁰

Buenos Aires, situada na extremidade argentina virada para as águas do *Río de La Plata*, é uma das grandes cidades latino-americanas que durante o último século mais se desenvolveu em todo o continente.

É possível distinguir em diferentes áreas ou sectores o seu crescimento incessante através da particular localização mapeada. A sua malha é um fenómeno bastante estudado que permite observar com alguma facilidade as mudanças temporais e urbanas como um acontecimento gradual.

²⁶ Adrián Gorelik e Gabriel Kessler, *Nº 6 Historia de la Provincia de Buenos Aires. El Gran Buenos Aires*, 1.ª ed. (Argentina: EDHASA, 2015), 39; “Com efeito, a expansão sem a orientação de planos públicos em grande parte das cidades latino-americanas produziu dois tipos muito diferentes de suburbanização, a das classes abastadas - em bairros pitorescos planeados privadamente - e a das cidades populares - em bairros de geração espontânea fora da regulação e legalidade - levando a uma conjunto de retalhos de alto contraste entre os bairros mais altos e os miseráveis subúrbios.”

²⁷ Referente ao mapa de dualidade urbano/informal, Fig.15, pág.30. Janice Perlman, *Favela, Four Decades of Living on the Edge in Rio de Janeiro*, (Oxford University Press, 2010).

²⁸ Perlman, 46,47.

²⁹ Teto - Techo, «A realidade das favelas precárias», “104 milhões de latino-americanos/as vivem em situação de pobreza em comunidades precárias”.

³⁰ Eduardo Galeano, *Las Venas Abiertas de América Latina*, 322,323. (México: Siglo XXI Editores, 1980), “O Rio de Janeiro e Buenos Aires escondem o espectro da miséria que o sistema produz; em breve não se verá mais do que a mastigação da prosperidade, mas não o seu excremento, nessas cidades, onde se desperdiça a riqueza que o Brasil e a Argentina, inteiros, criam.”

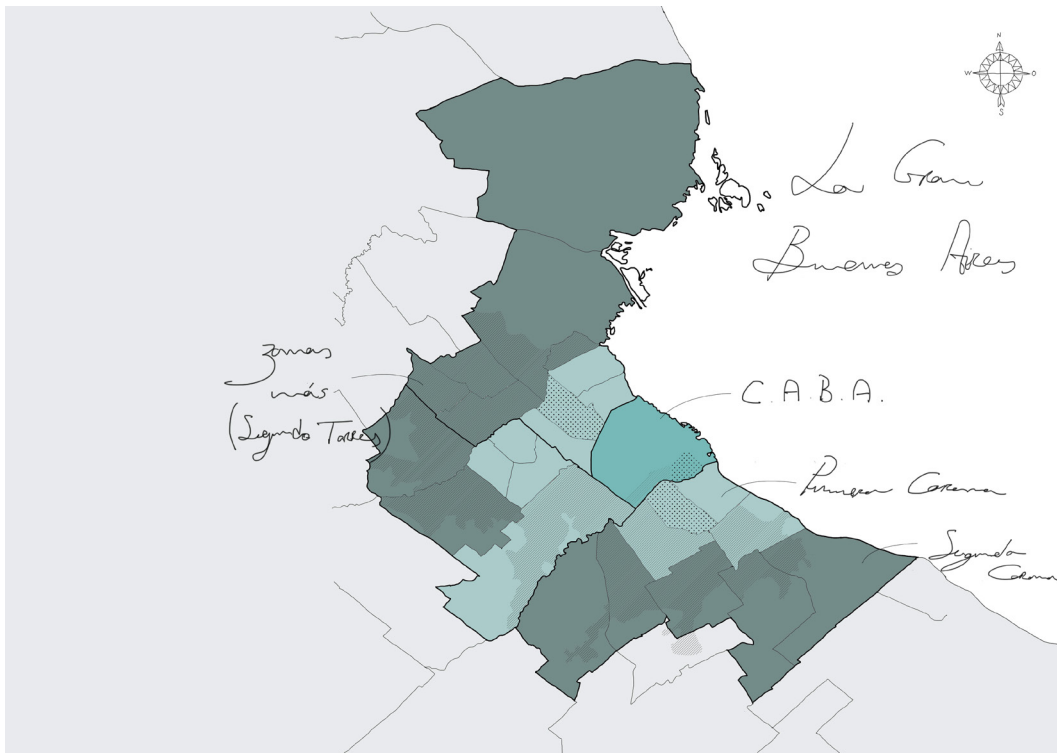


Fig. 19 Mapa concetual de Buenos Aires, representação das “coronas”, núcleo central, *conurbano bonarense* de zonas: trama, “zonas más”, puntos, “zonas médias”.

A *Región Metropolitana de Buenos Aires* (RMBA em diante) atual é composta: pelo núcleo central, a chamada *Ciudad Autónoma de Buenos Aires* (C.A.B.A. em diante), a área suburbana que “compreende a primeira e segunda coronas de urbanização”³¹ às quais se chama regularmente de *conurbano bonaerense*, e por fim a periferia, comumente intitulada de *tercera corona* que dilatava absorvendo a chegada dos vários migrantes à capital. O cinturões urbanos que se desenvolveram em volta do centro citadino, são reflexo da necessidade de espaço e do crescimento populacional que obrigou a uma expansão massiva da cidade, afastando-se cada vez mais do limite do *Río de La Plata*.

Este desenvolvimento progressivo é, por isso, orientado a sul, norte e oeste, através dos caminhos coloniais, e posteriormente seguindo a organização das vias férreas e das *rutas* principais. Estas representam um papel crucial e quase imediato tanto no desenvolvimento da cidade como na localização dos bairros, estendendo-se radialmente em relação ao seu núcleo.

O centro turístico correspondente à C.A.B.A. é quase inalterado. “Acantonado contra o rio por uma coroa de casas”³² está organizado numa “jurisdição formal rígida”³³ e com um “limite cristalizado”³⁴. Segundo Ardissonne este não deve, em circunstância alguma ser confundido com a totalidade, a que se chama atualmente de *La Gran Buenos Aires* “uma coisa viva, palpitante [que] manifesta uma formidável tendência à expansão”.³⁵

Com as mudanças urbanas latino-americanas, as habitações que dão forma aos bairros e assentamentos, instalaram-se em Buenos Aires maioritariamente na Capital Federal em terrenos vazios. Cresciam em propriedades privadas ou públicas, como é o caso dos espaços livres perto das linhas ferroviárias ou as margens fluviais mais poluídas. Na *Gran Buenos Aires* consolidaram-se num anel periférico disperso em volta do centro aproximadamente coincidente à *primera corona* de expansão. Esta é uma problemática evidente no *Mapa Social de Buenos Aires*³⁶, onde Torres caracteriza diferentes zonas da cidade classificando-as de “boas” ou “más” consoante os seus “índices socio habitacionais”³⁷. Podem distinguir-se claramente as formas aristocratizantes dominadoras da cidade onde a periferia se enche de vivendas “eternizadas na precariedade”³⁸ enquanto o centro prospero se embeleza.

Este fenómeno, já reconhecido por muitos como um “problema”, cresceu maioritariamente,

³¹ María Di Virgilio et al., *Nº 6 Historia de la Provincia de Buenos Aires. El Gran Buenos Aires*, 1.ª ed. (Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Edhasa; UNIPE: Editorial Universitaria, 2015), 73.

³² Carlos A. Zito, *A Buenos Aires de Borges*, trad. Serafim Ferreira (Lisboa, Portugal: Editorial Teorema, Lda., 1998), 95.

³³ Adrián Gorelik e Gabriel Kessler, *Nº 6 Historia de la Provincia de Buenos Aires. El Gran Buenos Aires*, 1.ª ed. (Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Edhasa; UNIPE: Editorial Universitaria, 2015), 32.

³⁴ Romualdo Ardissonne, «La ciudad de Buenos Aires excede los límites de la Capital Federal» (Congreso de Geografía, Buenos Aires, Argentina, 1937), 467. Citado em Gorelik e Kessler, 32.

³⁵ Ardissonne, 467. Citado em Gorelik e Kessler, 32, “*Una cosa viva, palpitante manifiesta una formidable tendencia a la expansión.*”.

³⁶ Horacio A. Torres, *El Mapa Social de Buenos Aires. 1940-1990*, Edición Electrónica, 2006 (Buenos Aires: Ediciones FADU, 1993), <http://biblioteca.fadu.uba.ar/>.

³⁷ Torres, 5, “*En estos esquemas las zonas se agrupan en dos categorías: aquellas con índices sociohabitacionales superiores a la media (zonas “buenas”) y las restantes (zonas “malas”), entre las que, en algunos casos, se indican las zonas que no pueden clasificarse netamente en algunas de las dos categorías (zonas próximas a la media).*”.

³⁸ Gorelik e Kessler, *Nº 6 Historia de la Provincia de Buenos Aires. El Gran Buenos Aires*, 47, “*(...) mientes que en la villa miseria se mantuvieron altísimos índices de ocupación y hacinamiento, con viviendas eternizadas en la precariedad.*”.



Fig. 20 Mapa conceitual do Rio de Janeiro, representação de áreas Norte, Centro, Sul, Oeste, e de zonas: trama, "zonas más", pontos, "zonas médias". Inspiradas na interpretação de Torres para Buenos Aires e baseadas nos mapas de progresso social e uso de solo.

Fig. 21 Rio de Janeiro, aéreo, 10 de Janeiro de 2018, pintado a lápis.

devido ao posterior contingente de imigrantes, provenientes dos países limítrofes à Argentina. Na esperança de melhores oportunidades, acabavam por refugiar-se da mesma forma nos assentamentos informais alimentando um “novo período de crescimento metropolitano”³⁹.

Outro país latino-americano importante no contexto deste tipo de desafios é o Brasil. À diferença da capital argentina, as grandes cidades brasileiras crescem desde o interior dos limites nacionais.

Também os padrões migratórios rural-urbano diferem em grande parte dos argentinos visto que nesta nação, o Rio de Janeiro, partilha o protagonismo com duas outras grandes cidades: Brasília, após a mudança de capital central em 1960 e São Paulo, o novo centro económico, cultural e comercial. Esta é uma situação oposta ao caso do maior e único centro urbano argentino, a sua capital.

A disputa entre as cidades brasileiras reflete-se num declínio das oportunidades laborais e do turismo aliados ao posterior receio pela “violência que se instalou na cidade em meados de 1980”⁴⁰.

Tal como Buenos Aires, o Rio de Janeiro é uma cidade virada para as extraordinárias paisagens costeiras, neste caso marítimas, da *Baía de Guanabara* a este, e do oceano a sul. O elemento que banha as extremidades das duas cidades forma, por isso, uma fonteira orientadora crucial no ordenamento territorial das mesmas. No entanto, o Rio de Janeiro diverge de todas as outras cidades graças à morfologia geográfica acidentada que recorta o seu horizonte.

Enquanto que, graças à superfície plana onde se situa, um mapa em duas dimensões é suficiente para mostrar a organização celular, expansão e área gerais de Buenos Aires, é necessário um em três para compreender as irregularidades e diferentes cotas que concebem a cidade do Rio de Janeiro.

O centro turístico da cidade estende-se ao longo das zonas centro, sul e Barra da Tijuca da cidade. Ao contrário da capital argentina, as construções informais propagam a sua área de domínio, além da periferia – zonas Oeste e Norte – subindo os morros e elevando-se sobre a cidade formal tirando proveito do declive geográfico. É identificável a relação dos bairros informais com algumas cotas altas da cidade, e a distribuição pouco uniforme dos mesmos pela área da cidade. No entanto, pode distinguir-se uma discordância entre as zonas menos favorecidas e o centro comercial da cidade.

Este tipo de urbanização irregular tem as suas primeiras aparições no Brasil no final do séc. XIX, tendo a sua origem sido marcada por ocorrências político-económicas como a lei áurea⁴¹, a abolição dos *cortiços*⁴², ou o retorno de soldados. Os acontecimentos são originários dos

³⁹ Horacio A. Torres, *El Mapa Social de Buenos Aires. 1940-1990*, 3, Edición Electrónica, 2006 (Buenos Aires: Ediciones FADU, 1993), <http://biblioteca.fadu.uba.ar/>, “(...)los flujos migratorio s europeos que habían sido la base del crecimiento de Buenos Aires desde la segunda mitad del siglo anterior, son los nuevos migrantes del interior del país -y más adelante también de los países limítrofes- quienes alimentan un nuevo período de crecimiento metropolitano”.

⁴⁰ Janice Perlman, *Favela, Four Decades of Living on the Edge in Rio de Janeiro*, (Oxford University Press, 2010), 52, “It also suffered a decline in tourism due to fear of violence starting in the mid-1980s.”

⁴¹ Brasil 1888, Argentina 1853.

⁴² Casas e vivendas coletivas precárias de aluguer.

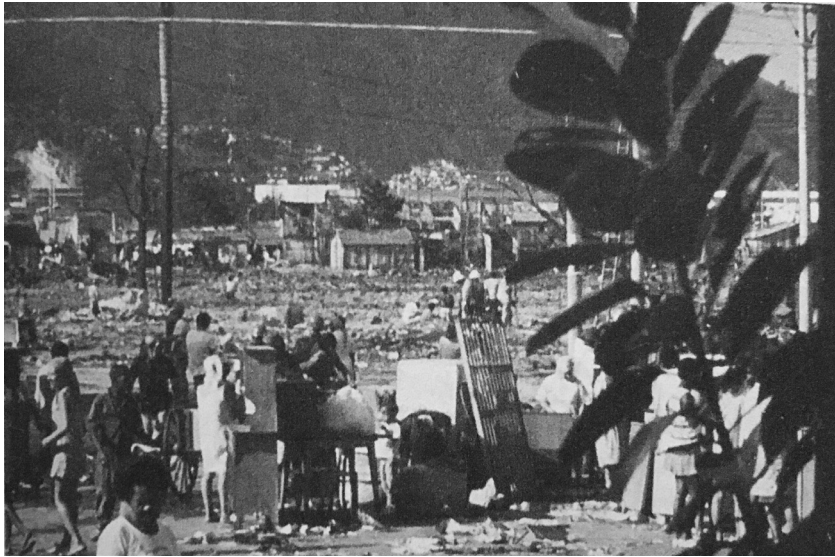


Fig. 22 Manhã após a erradicação da Favela Praia do Pinto, Rio de Janeiro, 1969.

primeiros assentamentos informais, onde os milhões de habitantes desalojados procuravam terras vagas, para erguerem as suas unidades habitacionais relativamente precárias nos subúrbios.

A manifestação precoce das favelas brasileiras comparativamente às *villas* argentinas tem também consequências a níveis estatísticos. Tendo em conta que num momento em que a população residente nas *villas miséria* passou a ser 10% do total metropolitano em 1970, já esta percentagem, ainda que difícil de documentar com exatidão, oscilava entre os 30 e os 60% no Rio de Janeiro e em metrópoles como Lima e Caracas⁴³.

Atualmente os números parecem não ter parado de aumentar, ao mesmo tempo que as fronteiras das cidades se expandem sem limites e os centros se esvaziam. Um milhão e meio⁴⁴ de *cariocas*⁴⁵ vive em favelas ou assentamentos e existem cerca de 300 000 *villeros*⁴⁶ a habitar o núcleo central da cidade de Buenos Aires⁴⁷. Hoje há uma extensão percentual tão grande de habitantes a viver em situação informal que aquilo que realmente começa a importar é a condição de informalidade, acima do formal. É a informalidade que determina cada vez mais a estrutura urbana das cidades.

Remoção

A instabilidade política e económica a meados da década de 1960, leva ao início de uma nova etapa governamental em ambos os países: a ditadura militar⁴⁸. Neste mesmo espaço temporal, os assentamentos irregulares que se haviam formado começam a ser objeto de reflexão e alvo de atenção pública por parte das ciências sociais e urbanas. Eram vistos como “urbanizações de pobreza” e percebidos como uma “desordem urbana”, um “mal descontrolado”⁴⁹.

Em resposta aos fluxos urbano-migratórios criados, todo o tipo de política pública ou pensamento social levava a uma ideia de necessidade de contenção dos limites da cidade. Tentava-se deter a multidão de habitantes que chegava às várias cidades do continente. A população via as construções precárias como diferentes na vez de aceitá-las como parte da cidade e da comunidade urbana em geral e esse pensamento servia de discurso legitimador e justificação para as ações de remoção dos bairros que se seguiam.

⁴³ Adrián Gorelik e Gabriel Kessler, *Nº 6 Historia de la Provincia de Buenos Aires. El Gran Buenos Aires*, 1.ª ed. (Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Edhasa; UNIPE: Editorial Universitaria, 2015), 46.

⁴⁴ Jorge Mario Jáuregui, «En la Argentina todavía se puede resolver el tema de las villas», acedido 13 de Novembro de 2018, <http://www.jauregui.arq.br/entrevistas>, “Rio de Janeiro tiene un 30%: un millón y medio de personas viven en favelas.”

⁴⁵ Diz-se do residente na cidade do Rio de Janeiro.

⁴⁶ Techo-Argentina, *Relevamiento de Asentamientos Informales 2016* (Argentina, 2016), 4, techo.org.ar/relevamiento.

⁴⁷ O cálculo da organização é feito pela multiplicação da quantidade aproximada da habitações em situação de precariedade pela média de pessoas por família. Estima-se que na área da *Gran Buenos Aires (RMBA)* existam 480 290 famílias a habitar 1394 assentamentos informais (2 209 334 habitantes).

⁴⁸ Brasil 1964-1984, Argentina 1966-1973, 1976-1983.

⁴⁹ Rosa Aboy, «Villas Miseria, Favelas y Asentamientos: nuevas rutas en historia urbana», 5, “Al tiempo que en los círculos académicos se comenzó a hablar de las ‘urbanizaciones de pobreza’(...) desde fines de la década de 1950 y en la siguiente, las percibieron como un ‘desorden urbano’. (...) estas urbanizaciones fueron asimiladas a un mal descontrolado (...)”.



Fig. 23 Efetivos do exército procedendo à erradicação da *Villa de Retiro*, Buenos Aires, 04 de Setembro de 1974.

Sem grande admiração, os planos de erradicação instituem-se em 1970 no Brasil⁵⁰, e em 1976 na Argentina⁵¹, data em que aparecem os primeiros anúncios públicos⁵². Ambos os países obrigam os ocupantes a abandonar as vivendas para habitar outras construídas. “O requisito da nova modernidade implicava que as novas vivendas fossem concebidas como verdadeiros laboratórios sociais”⁵³ em blocos habitacionais paralelepípedicos em geral, construídos na periferia das cidades. Na década de 1970, justamente antes do começo das erradicações massivas da cidade, a população residente em favelas do Rio de Janeiro era aproximadamente 628,170⁵⁴, cerca de 12,33% do total de habitantes da cidade.

Dentro das ações para remover este “vírus” contaminador do centro comercial e económico do Rio de Janeiro, as famílias em situação de desalojamento são maioritariamente transferidas para favelas de outras zonas periféricas, como a zona Oeste, ou conjuntos habitacionais. As suas casas haviam sido removidas, destruídas ou queimadas, obrigando-os a uma mudança rápida de local, mas não de qualidade de vida ou oportunidade laboral. Após a erradicação massiva reportou-se a remoção de um total de 2.207 assentamentos na cidade do Rio de Janeiro⁵⁵.

Do mesmo modo, punha-se em prática em 1977⁵⁶ em Buenos Aires, a ordem da *Comisión Municipal de la Vivienda*. Consistia no “desalojamento das chamadas *villas* de emergência e também de todos os outros assentamentos precários ou transitórios existentes dentro do âmbito da Capital Federal, como também impedir a formação do crescimento dos mesmos.”⁵⁷. A prática instalada implicou não só a expulsão dos migrantes, mas também um processo radical de “deportação massiva” dos habitantes estrangeiros. “Entre Setembro de 1977 e Abril de 1979”⁵⁸ todos os imigrantes de diversas *villas* retornaram aos seus países de origem. Em Buenos Aires, no ano 1976, a população *villera* alcançava os 224.884⁵⁹, tendo na sua maioria sido retirada violentamente do local onde residia para o *conurbano*, onde eram deixados sem

⁵⁰ Janice Perlman, *Favela, Four Decades of Living on the Edge in Rio de Janeiro* (Oxford University Press, 2010), 79.

⁵¹ María Di Virgilio et al., *Nº 6 Historia de la Provincia de Buenos Aires. El Gran Buenos Aires*, 90.

⁵² Valeria Snitcofsky, «Clase, territorio e historia en las villas de Buenos Aires (1976-1983)», *Quid* 16, n. 2 (2012), 51, “Los primeros anuncios públicos del plan se iniciaron en Agosto de 1976 cuando, tras demoler una treintena de casillas en la villa 1-11-14, el gobierno municipal expresó públicamente la prohibición de ampliar o construir viviendas en las villas de Buenos Aires”.

⁵³ Rosa Aboy, «Villas Miseria, Favelas y Asentamientos: nuevas rutas en historia urbana», 2017, 5, “El requisito de modernidad implicaba que las nuevas viviendas fuesen concebidas como verdaderos laboratorios sociales, en los cuales los individuos y las familias operaran la transición desde sus pautas culturales de origen hacia un horizonte considerado civilizador.”.

⁵⁴ IBGE, «1996 Estatísticas Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística», acedido 16 de Novembro de 2018, <https://www.ibge.gov.br/estatisticas>, citado em: Perlman, *Favela, Four Decades of Living on the Edge in Rio de Janeiro*, (Oxford University Press, 2010), 55.

⁵⁵ Janice Perlman, *Favela, Four Decades of Living on the Edge in Rio de Janeiro*, 79, “In its 1973 (...)CHISAM, the national agency invented to coordinate the favela removal in Rio, reported the removal of 2.207 dwellings (...)”.

⁵⁶ Ano após a aparição dos primeiros anúncios públicos de erradicação

⁵⁷ Snitcofsky, «Clase, territorio e historia en las villas de Buenos Aires (1976-1983)», 51, “Erradicación de villas de Emergencia' número 33.652 que facultaba la Comisión Municipal de Vivienda (CMV) para proponer el desalojo' de las llamadas villas de emergencia y también de todo otro asentamiento poblacional precario o transitorio existente dentro del ámbito de la Capital Federal, como asimismo impedir la formación o crecimiento de los mismos”.

⁵⁸ Snitcofsky, 53, “Fueron cinco los contingentes de bolivianos que retornaron a su país de origen entre Septiembre de 1977 y Abril de 1979.”.

⁵⁹ Di Virgilio et al., *Nº 6 Historia de la Provincia de Buenos Aires. El Gran Buenos Aires*, 1.ª Ed. (Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Edhasa; UNIPE: Editorial Universitario, 2015), 90, “(...)hacia marzo de 1976, la población villera en la ciudad de Buenos Aires alcanzaba los 224.885 habitantes.”.

soluções habitacionais que satisfizessem as demandas. Em 1980 o número populacional de habitantes em *villas* havia descido drasticamente para 34.068⁶⁰.

A política urbana repressiva de ambos os países estava refletida nas ações aplicadas nos setores menos favorecidos das duas cidades: orientada à expulsão da pobreza da cidade central – onde se planeava um futuro de ordem e beleza. A política de erradicação das habitações construídas em terras ocupadas ilegalmente teve medidas semelhantes que se resumiam na remoção dos moradores e transferência dos já desalojados para as periferias. Ainda assim, as vivendas proporcionadas em ambas as cidades para realojamento dos moradores, não correspondiam às demandas nem ao número de habitantes em necessidade de habitação urgente.

Durante o pesadoso processo de desmantelamento das habitações construídas nas *villas*, vão em contrapartida “ganhando terreno as ideias na direção do melhoramento das condições habitacionais”⁶¹. Os habitantes das *villas* e favelas das grandes cidades lutaram estrategicamente agrupando-se em organizações e cooperativas, pelo seu direito à vivenda e contra a erradicação das suas áreas de residência. Movimentos enfatizados pela solidariedade e laços locais de vizinhança permitiram-lhes fazer frente aos operativos de erradicação implementados na ditadura mais violenta da história dos respectivos países.

Para surpresa comum, os assentamentos não só se mantiveram, como cresceram. Expandiram-se para fora, ocupando os espaços periféricos livres de ambas as cidades, para cima, escalando e aproveitando os morros do Rio de Janeiro, e para dentro, densificando-se e aumentando o número de moradores através de novas construções adjacentes e sobre as já existentes. “As comunidades precárias multiplicaram-se em efeito cogumelo em cidades genuínas à sua imagem”⁶² numa aparente e forte declaração de permanência.

Intervenção

Apenas com o término dos anos de ditadura militar⁶³ e a restauração da democracia são também aparentemente cessadas as tentativas de erradicação, visto que “nenhum governo eleito arriscaria afastar uma grande parte dos eleitores”⁶⁴. Apesar de todos os esforços anteriores em contrário, as favelas continuavam a crescer desmedidamente. Com uma nova relação de interdependência no panorama político-económico dos países, a ideia de aceitação, reconhecimento sobre a existência e pensamento acerca das possibilidades para os setores menos favorecidos entra no discurso e nos planos políticos da época.

⁶⁰ Rosa Aboy, «Villas Miseria, Favelas y Asentamientos: nuevas rutas en historia urbana», 2017, 7, “(...)en 1980 había descendido a 34.068”.

⁶¹ Aboy, 9, “(...) acordaban en la necesidad de desmantelamiento de las urbanizaciones informales, a la vez que iban ganando terreno las ideas proclives al mejoramiento de las condiciones habitacionales”.

⁶² Janice Perlman, *Favela, Four Decades of Living on the Edge in Rio de Janeiro* (Oxford University Press, 2010), 266, “Toehold communities mushroomed into veritable squatter cities of their own.”.

⁶³ 1984 Brasil e 1983 Argentina

⁶⁴ Perlman, *Favela, Four Decades of Living on the Edge in Rio de Janeiro*, 40, “In 1985, when the dictatorship ended, it became apparent that the drive to eradicate the favelas was dead, as no elected government could risk alienating over one-third of the electorate.”.



Fig. 24 e 25 Projeto em execução para Rio das Pedras, Rio de Janeiro, Brasil;

Fig. 26 Praça de Articulação, Favela do Vidigal, Rio de Janeiro, Brasil;

Fig. 27 Blocos Habitacionais no Morro dos Macacos, Rio de Janeiro, Brasil;

Fig. 28 Blocos Habitacional no Complexo de Manguinhos, Rio de Janeiro, Brasil.

O conceito de melhoramento ou *upgrading* que começava a instalar-se na América Latina da década de 80/90 incluía por isso planos de mudanças “fragmentárias”⁶⁵ a nível infraestrutural. Faziam parte das prioridades a condição do “saneamento, a contenção de encostas, a relocação de residências em áreas de risco, etc.”⁶⁶. Havia uma emergência clara na concretização das necessidades básicas das comunidades afetadas, pelo que, se o Rio de Janeiro havia sido a primeira cidade a aplicar políticas de remoção das favelas anteriormente, então será também justo referi-la como a primeira a tentar integrá-las na sua envolvente.

Os primeiros projetos a iniciar-se – já após as iniciativas pontuais do BNH, e da CODESCO⁶⁷ - levavam a cabo projetos de pequena e média envergadura. O *Projecto Mutirão* (1983-84), de melhoramentos infra estruturais, da via pública e construção de centros comunitários ou o projeto *Cada Família Um Lote* (1983), que lidava principalmente com a regularização da propriedade dos terrenos, são os primeiros exemplos.

As intervenções primárias criaram as condições de experiência técnica, administrativa e de execução servindo de exemplos impulsionadores. A cidade do Rio de Janeiro estava por isso preparada para aumentar não só a escala dos seus projetos, mas também o desafio, a ambição e os melhoramentos a que estes se propunham. A década de 90 é marcada pelo crescimento da intervenção municipal aplicado a vários programas de urbanização e aprimoramentos.

Nasce em 1994 o Programa Favela-Bairro, um projeto massivo de impacto substancial na cidade. Desenvolvido pelo governo municipal do Rio de Janeiro. O objetivo consistia na integração das áreas ocupadas pelas favelas na sua envolvente dita formal, criando pontos e ideias de conexão entre ambas. As operações urbanas integradas envolviam infraestruturas e serviços sociais com algum nível de participação da comunidade. Durante o período de ação do programa sofreram várias alterações e paragens, dividindo-o em três fases de intervenção entre o seu início e o ano de 2008⁶⁸.

A produção de projetos em favelas como Rio das Pedras, Vidigal ou Morro de Macacos, integradas no programa, estava focada em “construir cidade”⁶⁹. Através da introdução dos valores urbanísticos da cidade formal dentro das comunidades tratou-se o melhoramento de ruas, vielas e praças conectando-as aos acessos envolventes.

Também a introdução de serviços públicos e equipamentos que servissem a comunidade atuavam como nós de ligação que relacionassem zonas diferentes, onde outrora existia uma

⁶⁵ Jorge Mario Jáuregui, Construir a partir do conflito, entrevistado por José Pina, acedido 21 de Novembro de 2017, http://www.jauregui.arq.br/texto_entrevista.

⁶⁶ Jáuregui.

⁶⁷ BNH, 1964: Banco Nacional da Habitação, financiamento de construção de habitação de baixo custo, fracassado, pelo custo demasiado alto dos padrões estabelecidos para a construção e infraestruturas, excedendo aquilo que os moradores a realojar poderiam pagar.

CODESCO, 1969: Companhia de Desenvolvimento Comunitário, execução de projeto piloto para três favelas, não continuou visto que a ditadura permanecia de ideias firmes na continuação da erradicação dos assentamentos. No entanto, é visto como uma influência e um bom exemplo impulsionador dos que se seguiram.

⁶⁸ Em 2010 o programa Favela-Bairro é substituído pelo programa Morar Carioca que “beneficiou cerca de 500 mil moradores de toda a cidade”. Prefeitura do Rio de Janeiro, «Morar Carioca», acedido 14 de Novembro de 2018, <http://www.rio.rj.gov.br/>.

⁶⁹ Jáuregui, Construir a partir do conflito.



Fig. 29 Unidade de Política Pacificadora, Santa Marta, Rio de Janeiro, Brasil.

barreira fictícia arquitetada pelos pensamentos das décadas anteriores.

A crescente escala e impacto do programa em termos urbanos e de pobreza, traduziu-se numa adesão ainda maior que levou a que em 2008, o programa tivesse “atingido um total de 168 favelas e loteamentos melhorados. Afetando-se, desta vez positivamente, mais de meio milhão de moradores”⁷⁰.

Apenas em 2003 é implementado o Programa Bolsa Família. “Destinado às ações de transferência de renda com condicionalidades”⁷¹, está direcionado “às famílias em situação de pobreza (...) de modo que consigam superar a vulnerabilidade”⁷² e segue em funcionamento até aos dias de hoje.

Mais tarde, em 2007, é criado o PAC, Programa de Aceleração do Crescimento, no qual se inserem obras como as intervenções do Complexo do Alemão ou do Complexo de Manguinhos, projetos de grande porte e alterações extensas de urbanização e implantação. A iniciativa promove “a retomada do planejamento e execução de grandes obras de infraestrutura social, urbana, logística e energética do país, contribuindo para o seu desenvolvimento acelerado e sustentável.”⁷³.

Também o ano de 2008 ficou assinalado na população do Rio de Janeiro como o início de uma nova experiência de inclusão. Iniciava-se o processo de pacificação em favelas que prometia “garantir a ‘paz’ a partir da ocupação permanente das forças de segurança”⁷⁴. O objetivo foi “retomar as comunidades dominadas pelo tráfico”⁷⁵ e “garantir a proximidade do Estado com a população”⁷⁶. A primeira Unidade de Política Pacificadora (UPP) foi instalada em Dezembro desse ano na favela de Santa Marta, na zona Sul da cidade.

Enquanto o Rio de Janeiro, praticava políticas que tentavam recompor gradualmente as condições de vida dos seus moradores menos favorecidos, em Buenos Aires, a década de 90 é marcada por um período de privatização dos sectores. Isto é, além da mudança de domínio público para privado de bens e serviços públicos, também a planificação regional metropolitana se privatiza. O resultado foi a mudança das formas de ocupação do solo, que foram deixadas à responsabilidade dos agentes de mercado imobiliário⁷⁷.

Este processo político-habitacional *bonarense* teve obviamente consequências a nível de programas de melhoramento para *villas* e assentamentos. O desaparecimento da construção e perspectivas

⁷⁰ Janice Perlman, *Favela, Four Decades of Living on the Edge in Rio de Janeiro* (Oxford University Press, 2010), 276, “By 2008 Favela-Bairro had reached a total of 168 favelas and loteamentos - affecting over half a million people.”

⁷¹ «Medida Provisória N°132, de 20 de Outubro 2003», acedido 24 de Outubro de 2018, http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/.

⁷² Caixa, «Bolsa Família - Programas Sociais», acedido 24 de Outubro de 2018, <http://www.caixa.gov.br/programas-sociais/bolsa-familia/>.

⁷³ Ministério do Planejamento, «PAC - Sobre o PAC», acedido 6 de Julho de 2018, <http://www.pac.gov.br/sobre-o-pac>.

⁷⁴ Monique Carvalho, «A política de pacificação de favelas e as contradições para a produção de uma cidade segura», *O Social em Questão - Ano XVI*, n. 29 (2013), 286.

⁷⁵ «UPP - Unidade de Polícia Pacificadora», acedido 17 de Julho de 2018, <http://www.upprj.com/>.

⁷⁶ «UPP - Unidade de Polícia Pacificadora».

⁷⁷ María Di Virgilio et al., *N° 6 Historia de la Provincia de Buenos Aires. El Gran Buenos Aires*, 1.ª ed. (Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Edhasa; UNIPE: Editorial Universitaria, 2015), 96.



Fig. 30 Obra para 60 familias, *Cooperativa Vivienda La Fábrica, Movimiento de Ocupantes e Inquilinos*, Buenos Aires, Argentina;

Fig. 31 Sede da *Cooperativa Vivienda La Fábrica, Movimiento de Ocupantes e Inquilinos*, Buenos Aires, Argentina.

de projetos de vivendas sociais aliado à contraditória valorização de obras de *urbanizaciones cerradas*⁷⁸, contribuiu para um aumento na fragmentação urbana da cidade. Ainda assim, são criados programas “de carácter compensatório”⁷⁹ - tendo em conta os acontecimentos da época que prejudicavam os setores de baixa renda. O objetivo consistia numa “intervenção urbana que opera articuladamente com as políticas sociais de alívio à pobreza”⁸⁰. Dentro desta linha de pensamento é criado o *PROMEBA*⁸¹ (1997) também dividido em três fases de financiamento bancário. O seu propósito era melhorar de forma sustentável o modo e as condições de vida da população residente em *villas* e assentamentos irregulares, através da execução de projetos infraestruturais e de equipamento comunitário.

No entanto, uma grande parte das políticas habitacionais aplicadas em Buenos Aires têm como objetivo principal a regularização e legalização da propriedade ocupada pelos habitantes de *villas* e assentamentos populares. Fundos de apoio à vivenda como o *FONAVI* e o *FOPROVI*⁸² assistiram várias intervenções infraestruturais e unidades habitacionais. Os contributos eram importantes para a reconfiguração do território urbano mas pouco documentados e dispersos pela cidade. Não podiam, por isso, identificar-se projetos de alterações e melhoramento de grande porte idênticos aos brasileiros.

Resta a tentativa de solução cooperativa, que mostra em geral resultados extremamente satisfatórios. O ambiente de vizinhança pela proximidade dos micro-espacos de alojamento familiar de qualquer assentamento faz parte do modo de vida dos moradores. Também a heterogeneidade característica do assentamento tem, falando em termos sociais, vantagens ao nível do contacto comunitário e dos sentidos de pertença criados entre residente e vizinho.

Autointitulando-se de *Movimientos e Cooperativos*, entre outros, os moradores de várias comunidades uniram forças com os respetivos vizinhos para, com a ajuda de fundos de apoio à vivenda e em iniciativa própria construir gradualmente as suas novas habitações⁸³. É-lhes permitida a formação construtiva, o acesso à vivenda digna fora dos limites das *villas*, e a continuidade do sentido de vizinhança.

No entanto, o empobrecimento crescente dos sectores urbanos segue até à atualidade. Mais além da estética das habitações em tijolo inacabado, a falta de recursos e serviços básicos operacionais é ainda evidente. Mesmo enquanto são escritas estas palavras e as cidades crescem e se modernizam rapidamente, continua em falta o abrigo seguro e a custo acessível para milhões de habitantes dos inúmeros bairros em situação de carência.

⁷⁸ Urbanização/Bairro residencial de ordem privada dentro de um perímetro de muros ou grelhas, com entradas controladas, serviço de segurança e com todas as áreas de uso comum (parque infantil, escola, igreja, golf, spa, piscina, áreas comerciais) no interior.

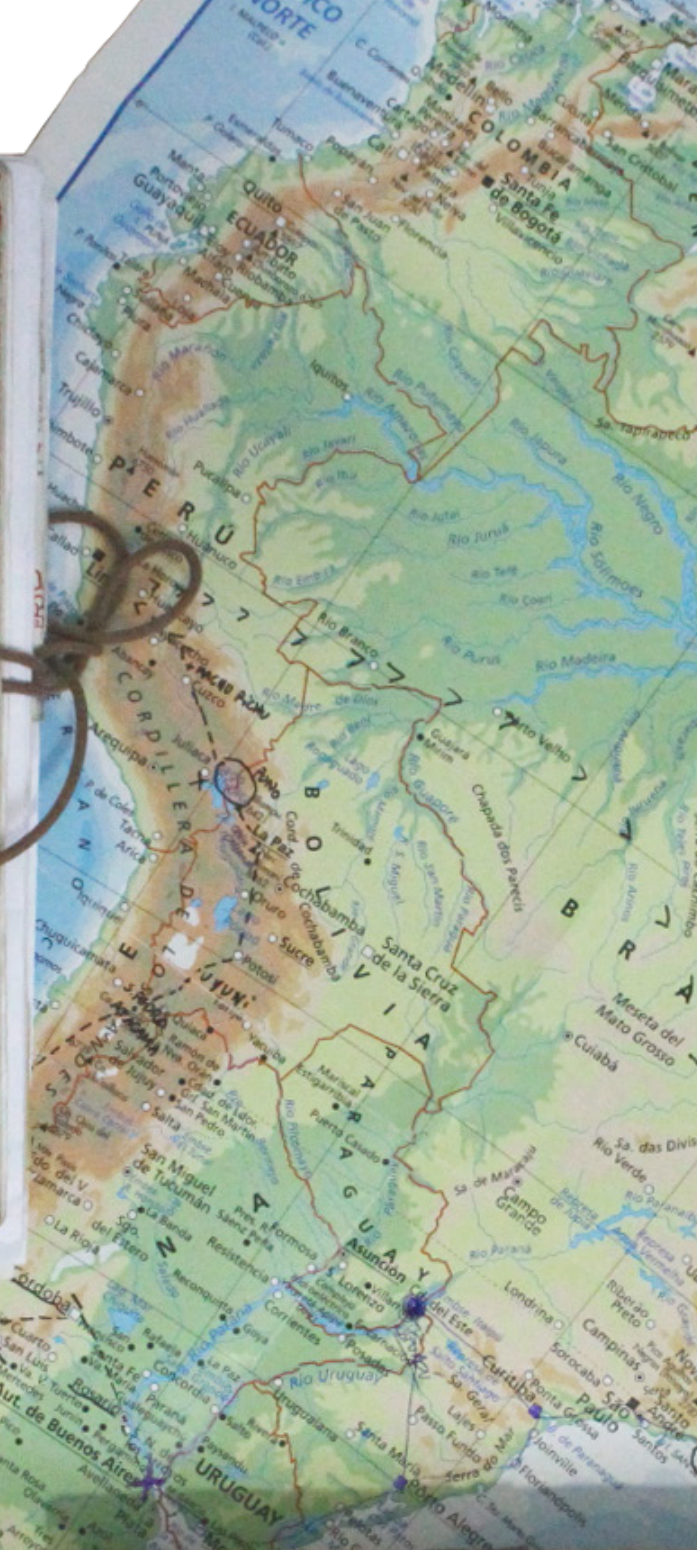
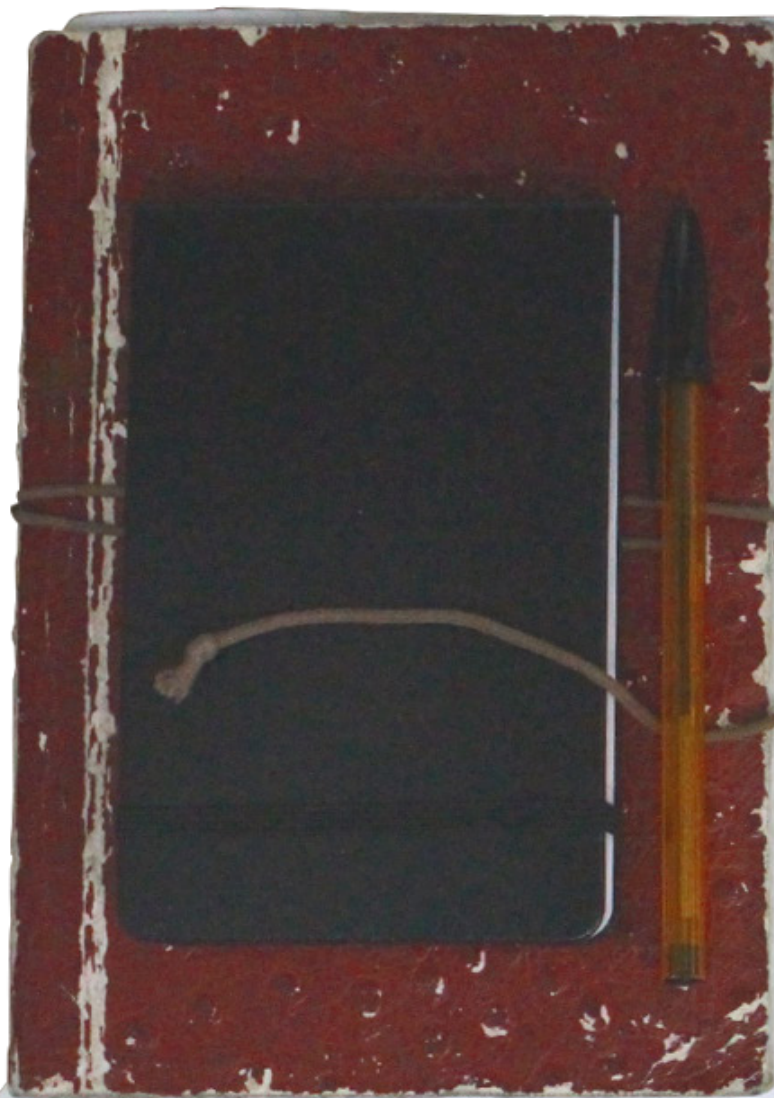
⁷⁹ María Di Virgilio et al., *Nº 6 Historia de la Provincia de Buenos Aires. El Gran Buenos Aires*, 1.ª ed. (Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Edhasa; UNIPE: Editorial Universitaria, 2015), 97.

⁸⁰ María Di Virgilio et al., 97.

⁸¹ *PROMEBA - Programa de Mejoramiento de Habitat*

⁸² *Fondo Nacional de la Vivienda, Fondo Provincial de la Vivienda*, criados pelo *Instituto de la Vivienda de Buenos Aires IVBA*.

⁸³ À semelhança do que já havia sido feito no Uruguai.





NOTAS DE VIAGEM

Viagem à
América Latina
(2016-2018)



Fig. 32 Mapa conceitual sul-americano, representação da viagem.

BUENOS AIRES	11.09.2016 – 05.01.2017 30.03.2017 – 11.09.2017 05.04.2018 – 26.04.2018
ROSÁRIO	05.01.2017
CÓRDOBA	06/07.01.2017
MENDOZA	08-10.01.2017
SANTIAGO	11.01.2017
VALPARAÍSO	12-14.01.2017
LA SERENA	14.01.2017
DESERTO DE ATACAMA	15-20.01.2017
SALAR UYUNI	
POTOSÍ	21/22.01.2017
SUCRE	23.01.2017
ORURO	
LA PAZ	24-26.01.2017
COPACABANA	27/28.01.2017
PUNO	29.01.2017
AREQUIPA	
CUZCO	30.01.2017 – 03.02.2017
LIMA	03/04.02.2017
RIO DE JANEIRO	04.02.2017 – 13.03.2017 22.03.2017
OURO PRETO	14/15.03.2017
BELO HORIZONTE	16-18.03.2017
BRASÍLIA	19-22.03.2017
SÃO PAULO	23-26.03.2017
CURITIBA	27.03.2017
FOZ DE IGUAZU	28/29.03.2017



Fig. 33 Diário de viagem, *Libros del Pasaje*, Buenos Aires, 08 de Abril de 2018.

Prólogo

Faz-se acompanhar a viagem propriamente dita dos cadernos que serviram a descarga textual e gráfica do pensamento, para favorecer no auxílio da recordação dos momentos importantes.

As releituras das frases despejadas na forma de devaneios trazem consigo através da escrita, não só a reminiscência visual, transportada pelo tempo até ao momento atual, mas também sensorial e intelectual, evocando emoções, a temperatura e os estados de humor que definiam o momento. As ferramentas de viagem são por isso os objetos que permitem, através de uma clarividência de ano seguinte, uma transcrição, rescrição e reconstrução ponderadas das perspetivas, fiéis às cenas passadas na memória.

Ainda que se procure descrever os factos arquitetónicos com o máximo de exatidão, são também os pormenores, as nuances e as vivências que criam a ideia de pessoa e conferem vida aos lugares descritos. Motivo que leva à partilha das *Notas de Viagem* e da amálgama de sentimentos que carregam.

A componente textual das *Notas de Viagem* será complementada pelos vários desenhos, rascunhos, pinturas e esquemas feitos durante o processo de investigação móvel que, junto da fotografia tentam reter as imagens recorrendo às técnicas a que se está acostumado.

Uma vez que os grafismos foram feitos durante o percurso, nos locais, e em alguns casos, pintados à noite nos estabelecimentos onde pernoitava, estão feitos sobre folhas distintas, de gramagem diversa ou com o verso impresso. Por vezes, quando o tempo o permitia, produziram-se pinturas em aguarela nas folhas previamente cortadas que carregava dentro da mochila. Também os desenhos na sua materialidade refletem o carácter variado da viagem e daquilo que se tentou expressar no momento.

Num primeiro momento, em que o território informal é ainda um elemento urbano desconhecido, querem partilhar-se as viagens de *deambulação* em redor do mesmo. As inquietudes que culminam nas posteriores *visitas* são episódios relevantes, visto que, são também elas interpretações deste tipo de desorganização espacial quando vista desde uma distância considerável.

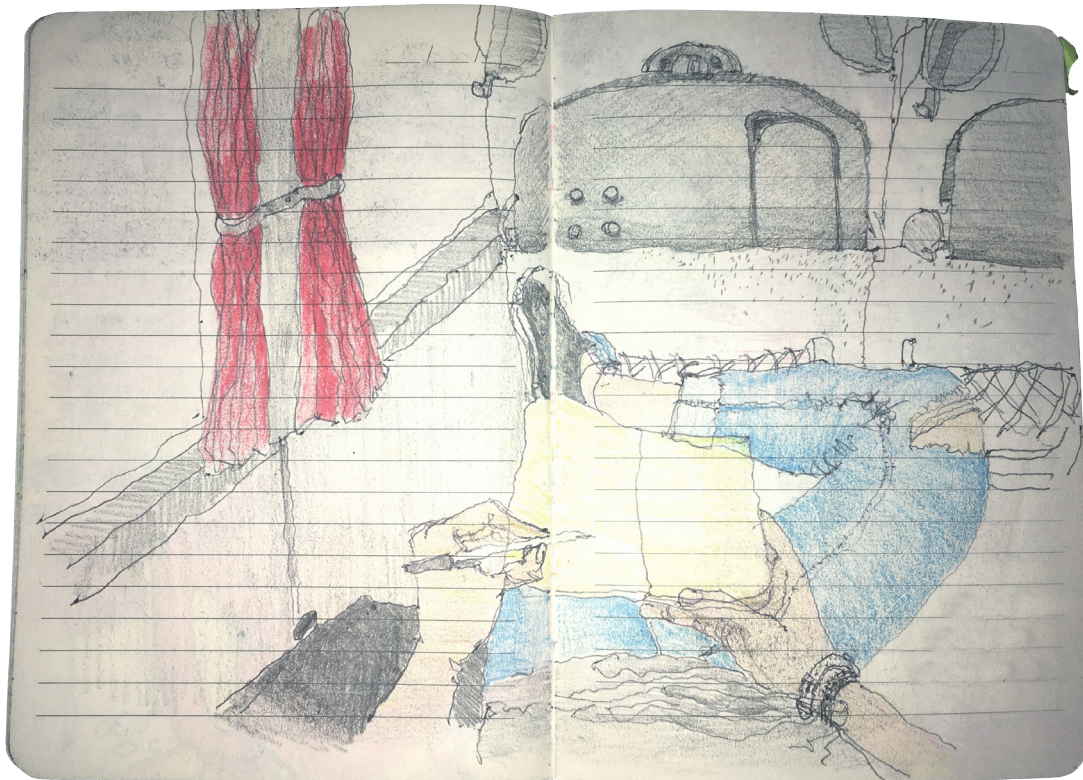


Fig. 34 Diário de viagem, 04 de Abril de 2018.

Por um lado, no caso da experiência dentro de um assentamento existem vantagens a nível do conhecimento concreto daquilo que é ser do lugar e viver dentro dele. Por outro, as vivências quase preliminares são o reflexo daquilo que é viver o centro das grandes cidades e ter este urbanismo desigual como paisagem quotidiana. É feito por isso, um reconhecimento destas zonas desde escalas e perspetivas afastadas, acercando experimental e lentamente o corpo ao espaço, revelando e desmistificando o receio e as preocupações iniciais da aproximação às construções precárias em viagem.

Pontualmente, o seguimento das *Notas de Viagem* será interrompido com pequenos textos de pausa, que relembram que o tema específico foi descoberto dentro de três meses em viagem e intervalos como esses fizeram também parte dos momentos de reflexão. Estas passagens adicionais servirão como espaços intersticiais do corpo de texto para situar-se no percurso de *deambulação*. Pontuam o relato de viagem tanto geograficamente como no entendimento daquilo que teve importância durante o conhecimento das culturas ou marcou de tal forma que não pode deixar de se apontar.

Num segundo período de experimentação em viagem estes textos suplementares são retirados e partilhar-se-ão excertos aproximados quase exclusivamente à arquitetura das *visitas* ao interior dos assentamentos informais das grandes cidades onde a estadia se prolongou. Ambas Rio de Janeiro e Buenos Aires são influenciadas e alvo de grande especulação e investigação relativamente a estes tecidos urbanos invulgares.

Durante o tempo no Rio de Janeiro, com convicção de responder às inquietudes acrescidas em viagem, descreve-se ainda o estágio profissional no Atelier Metropolitano. Esta experiência serve de suporte para a investigação de obras dentro do território informal e posteriores visitas. Tenta-se adquirir alguma sensibilidade acerca de quais as soluções válidas para as condições de vida daqueles lugares, pelo que, as deslocações aos assentamentos informais daí em diante são direcionadas a esta busca.



Deambulação

12 de Agosto de 2016

Eram 6 da manhã, hora local, ainda amanhecia lentamente quando eu e o Manel⁸⁴ compramos o bilhete de autocarro do *Aeropuerto Ministro Pistarini* até à cidade.

O aeroporto é na zona de *Ezeiza*, na periferia Sul. Existem algumas obras de “melhoramento” a decorrer no momento da minha chegada, nas quais, na verdade, apenas reparei momentos após a saída do edifício de chegadas internacionais. A desorientação invadiu-me tão rápido como o ar fresco da manhã ao cruzar a porta. Caminhamos de mala e mochila na tentativa de encontrar o espaço onde o autocarro, ou *colectivo*, como dizem aqui, estacionaria. Percebo também apenas pela primeira palavra que ouço com atenção, que o pouco que sei da língua espanhola está prestes a mudar.

A minha atenção detém-se curiosamente nas construções que ladeiam a via rápida. Nos primeiros momentos de viagem, isto é, longe da cidade propriamente dita, acompanham o percurso vários volumes altos, que se assemelham, ainda que com soluções claramente feitas em cima do joelho, às teorias habitacionais *corbusianas* de edifícios independentes separados e soltos da cidade.

À medida que o autocarro se aproximava do centro, a métrica habitacional diminuía, mudando completamente a paisagem para quarteirões cada vez mais próximos entre si. As construções eram inacabadas, em tijolo, como se trepassem às costas umas das outras, laje após laje. Não só a aparência incompleta, imperfeita e claramente feita por necessidade chocava por ser a primeira visão alargada que tive da Argentina, mas também a morfologia do terreno plano permitia uma perspectiva que suscetibiliza pela monumentalidade. Tentei semicerrar os olhos numa investida de ver um limite territorial, fracassando.

Chamaram também a minha atenção os automóveis, e como estes fazem diferença na paisagem à minha frente. Não havia nesta periferia um veículo sem uma moessa, um vidro partido, ferrugem, ou qualquer desventura que me pudesse ocorrer.

Buenos Aires é a maior cidade onde já estive. Sabia à partida que à semelhança de qualquer capital teria impregnado no seu código genético uma azáfama ensurdecadora e um número de pessoas a que não estava habituada. Não foi até ver pelos meus olhos aquilo que realmente é que comecei a fazer algumas contas com a ajuda dos censos populacionais na internet. Buenos Aires província, área mais alargada da qual o aeroporto faz parte, possuiu em 2010 cerca de 15,63 milhões de habitantes⁸⁵, que comparados com os recentes 10,29 milhões⁸⁶ do meu país completo me surpreenderam a partir do primeiro dia.

⁸⁴ Manuel Pratas, colega do Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra, frequentava simultaneamente o programa de mobilidade outgoing.

⁸⁵ INDEC, «WebINDEC - Población / Censos / Censo 2010», acedido 5 de Dezembro de 2018, https://www.indec.gob.ar/censos_provinciales.

⁸⁶ INE, «Portal do Instituto Nacional de Estatística», População Residente (Nº), acedido 5 de Dezembro de 2018, <https://ine.pt/xportal/>.



Fig. 35 Tango argentino, *Plaza Serrano*, San Telmo, Buenos Aires, Argentina;

Fig. 36 Atelier em *La Boca*, Buenos Aires, Argentina;

Fig. 37 Manifestação “*estudiantes por ni una menos*”, *Calle Balcarce* em direção à *Plaza de Mayo*, Buenos Aires, Argentina.



02 de Setembro de 2016

A cidade é organizada por quadras, no entanto, irregulares quando comparadas às de Barcelona (onde eu já tinha estado), já que foram feitas a partir da linha da costa. Estes "desvios" resultam em cantos que variam entre o obtuso e o agudo por toda a cidade.

talvez tenha sido o hábito de viver nesta cidade, ou a minha estadia mais alargada me tenha feito ver as coisas de outra forma, mas admito: comecei a encontrar passado algumas semanas uma certa piada em passear-me por Buenos Aires. Isto porque a beleza afinal estava na aceitação da diferença, estava no ato de perder-se para perceber realmente a surpresa construída, arte urbana ou qualquer coisa que se possa imaginar.

Buenos Aires tendeu, como se fosse dotada de uma hiperativa vida própria, a afastar-se do plano arquitetónico espanhol. E aquilo a que essa propensão deu origem foi a uma aleatoriedade urbana que, já o diria Pessoa, primeiro se estranha e depois se entranha. Os edifícios de preponderâncias coloniais pontuam as quadras entre prédios habitacionais modernos e casas baixas sem qualquer intenção de fundir-se à cidade. Buenos Aires é, sem qualquer dúvida, um patchwork em várias escalas, desde o planeamento até ao pormenor de casa edifício.

E então, desde as paixões momentâneas de um tango numa cave de San Telmo até à alegria das cores eletrizantes de La Boca, ou à angústia ruidosa das vozes que, em uníssono se acumulam à porta da Casa Rosada todos os sábados, é agora a inimitabilidade de Buenos Aires que me consola os passeios.

02 de Setembro de 2016

A cidade é organizada por *quadras*, no entanto, irregulares quando comparadas às de Barcelona (onde eu já tinha estado), já que foram feitas a partir da linha da costa. Estes "desvios" resultam em cantos que variam entre o obtuso e o agudo por toda a cidade.

Talvez tenha sido o hábito de viver nesta cidade, ou a minha estadia mais alargada me tenha feito ver as coisas de outra forma, mas admito: comecei a encontrar passado algumas semanas uma certa piada em passear-me por Buenos Aires. Isto porque a beleza afinal estava na aceitação da diferença, estava no ato de perder-se para perceber realmente a surpresa construída, arte urbana ou qualquer coisa que se possa imaginar.

Buenos Aires tendeu, como se fosse dotada de uma hiperativa vida própria, a afastar-se do plano arquitetónico espanhol. E aquilo a que essa propensão deu origem foi a uma aleatoriedade urbana que, já o diria Pessoa, primeiro se estranha e depois se entranha. Os edifícios de preponderâncias coloniais pontuam as *quadras* entre prédios habitacionais modernos e casas baixas sem qualquer intenção de fundir-se à cidade. Buenos Aires é, sem qualquer dúvida, um *patchwork* em várias escalas, desde o planeamento até ao pormenor de casa edifício.

E então, desde as paixões momentâneas de um tango numa cave de San Telmo até à alegria das cores eletrizantes de La Boca, ou à angústia ruidosa das vozes que, em uníssono se acumulam à porta da Casa Rosada todos os sábados, é agora a inimitabilidade de Buenos Aires que me consola os passeios.



Fig. 38 Fotografia da esquina entre a Calle Esmeralda e Arenales, Retiro, Buenos Aires, Argentina, 14 de Dezembro de 2016;

Fig. 39 Desenho Caminito, La Boca, pintado a aguarela.



Buenos Aires, 06 de Setembro de 2016

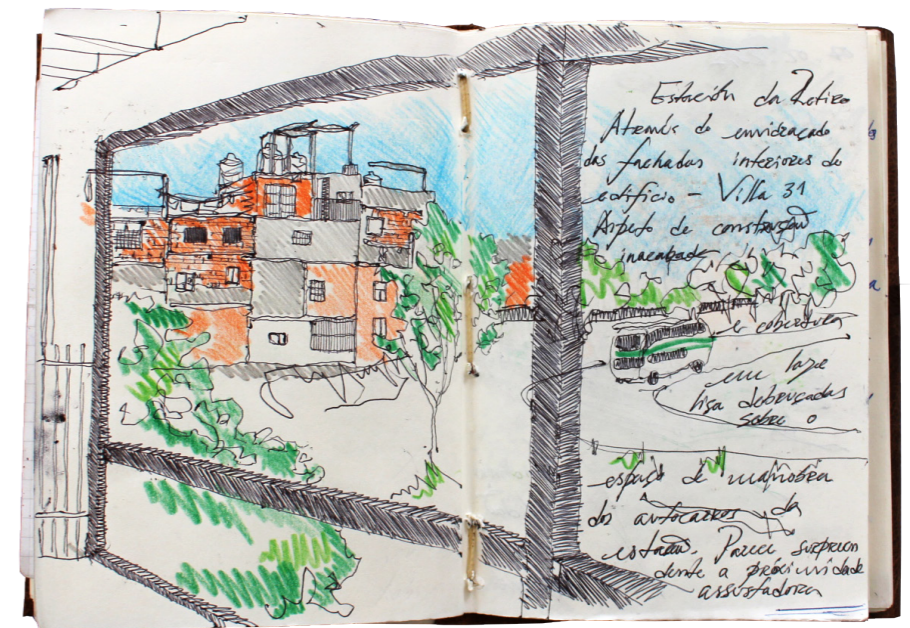
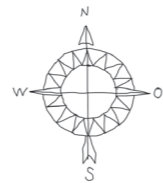


Fig. 40 Diário de viagem, Início da Viagem, 05 de Janeiro de 2017;

Fig. 41 Diário de viagem, Villa 31 desde a Estación de Retiro, 06 de Janeiro de 2017.

06 de Janeiro de 2017

Já com a viagem minimamente planeada e a mochila de campismo com apenas aquilo que necessitava, despedi-me de todos os companheiros de casa e saí na direção do terminal de *colectivos*. É impressionante a quantidade de coisas que temos que não nos fazem falta quando precisamos de mudar-nos de lugar sem encher malas e bagagens.

Dirigi-me com bastante tempo à paragem de autocarros urbanos, para entrar no *colectivo* número 106, com destino a *Retiro*. Essa é uma das zonas mais desenvolvidas da cidade, onde também se situa a estação de autocarros e, logo ao lado, de comboios.

O 106 percorre, no já habitual pára-arranca abrupto a, *Calle Paraguay*, paralela à mais movimentada *Avenida Corrientes*. Atravessa a *Avenida 9 de Julio*, uma das mais largas do mundo e o tempo vai-se esgotando. Após a curva para entrar na rua *San Martín* quase sobre duas rodas passámos o edifício *Kavanaugh* - nunca passo por ali sem admirá-lo - o que significa que estou quase a chegar ao meu destino.

Chegei, cerca de 400 metros adiante, à *Terminal de Ómnibus de Retiro*, eram 8h10 da manhã. Na entrada sobe-se uma rampa espaçosa, que acompanha toda a fachada, para ter acesso ao patamar de vendas. Neste percurso, a través do envidraçado que compõe as fachadas interiores do edifício, podem ver-se de relativamente perto algumas casas da *Villa 31*. Têm aspeto de construção inacabada e cobertura numa laje lisa, tal como as que tinha visto na minha chegada à cidade. Posicionam-se quase debruçadas sobre o espaço de manobra e entrada dos autocarros na estação.

A *Villa 31* é também um dos bairros mais problemáticos da cidade, não só pelo seu crescimento desmesurado, mas principalmente pela sua proximidade à zona desenvolvida de Retiro, onde estão os grandes hotéis e edificios modernos revestidos a vidro. Aquilo que divide este assentamento de edificios públicos e emblemáticos como a *Facultad de Derecho de la Universidad de Buenos Aires*, é apenas a largura das linhas de comboio para a estação ferro-carril de *Retiro*. É de facto surpreendente a proximidade assustadora que estes dois tipos de construção podem ter, apresentando-me numa só paisagem a fragmentação manifestada apenas a metros de distância.

O bilhete com destino a Córdova, - 780 AR\$ (Transportes *Urquiza*) - marcava a hora, 8:30, o destino final *Capilla del Monte* e a sua paragem entre as plataformas 10 e 25. Encontrar o autocarro entre tantas plataformas não foi uma tarefa fácil.

Finalmente, com 10 minutos de atraso, dá-se início à viagem. Após a saída da estação, metemo-nos de novo no meio do trânsito da cidade, pela *Avenida Antártida Argentina*, depois de uma viragem, circulamos já pela *Autovía Presidente Arturo Umberto Illia*. Por sorte, o meu lugar situava-se na janela do autocarro, permitindo-me avistar desde cima toda a extensão ocupada pela *Villa 31*. Estas casas desenvolvem-se num plano horizontal. Ao contrário das fotos mais célebres que conheço de onde se apresentam quase como uma onda de casas despejadas montanha abaixo, esta paisagem é como o mesmo oceano livre de grandes oscilações. A sensação de profundidade parece enganar, devido à sua extensão. No entanto, o tipo de construção e a aparência vista de perto, parece a mesma que a das fotos.



A PASSEIEM QUE DESSEME A CILATE DE VALPARAISO TARE-ME DESPREZEM
 PARA A DIVERSIDADE DE UMA REGIÃO QUE NÃO IMPRIMIA ANTES. EU E O
 GOMPO SÓMOS NA ESTRADA DE VALPARAISO E DECIDIMOS CAMINHAR PARA QUE
 ME FOSSE NOTIAR ALGUMAS COISAS DURANTE O TEMPO QUE ESTÁ
 PELA CIDADE.

CAMINHAMOS ATÉ AO PUNTO TUCAN, ONDE SE ENCONTRA O RUAZINHO ENTÃO
 MUITO ACURADO, NO ENTÃO A SINTONIA DO TEMPO
 MONTAVA-SE FORTA. Algumas pessoas que se passaram
 por ali abandonaram ao ver a insignificância do Ruazinho que elas
 achavam. Eles respondem que houve um incêndio recente
 por ali, que os construíram o foto-fotografia de ascensão
 Incêndios muito frequentes em Valparaíso (construído)
 Ao que parece, este tipo de deslocação de ascensão tipo
 principal é muito comum na cidade.

Esta deslocação se dá segundo as condições geográficas acide-
 tadas do Cerro, e estas pessoas abrem as suas
 e elas se tornam a hora em que os pontos não são dismes
 horizontalmente, mas sim verticalmente.

Roda - nos caminhar para a escada, a subida do
 ao Cerro Alegre, onde ficamos hospedados.
 Poco-Closo (a desce todos os domingos!) Abre ao
 Povo jovem! (Luz gigante uauuuhhh)

OSTA PARECE PARECE
 GROSSO

Fig. 42 Diário de viagem, Cerro Alegre, Valparaíso, Chile, 12 de Janeiro de 2017.

Sem exagero, duas horas depois (são 10h30), ainda não deixamos para trás a cidade de *Buenos Aires* e eu, que apenas conhecia a zona da *C.A.B.A.* sentia que andávamos às voltas. Na verdade, estamos ainda a atravessar a periferia da cidade. Assim que abandonamos o panorama urbano e deixo de estar rodeada de casas, a vista muda completamente para estar desprovida de quase tudo. Terras virgens e imensas, quase saídas de um quadro a cores fortes tomam conta da paisagem em redor.

Por fim, chego a Córdoba. Ainda na estação de *Ómnibus* compro o bilhete para daqui a dois dias seguir viagem e dirijo-me ao hostel a pé.

12 de Janeiro de 2017

O *cerro alegre* e o *cerro concepción* são deslumbrantes e uma autêntica paleta de cores estampada nas casas, algumas revestidas a reboco grosseiro e outras a chapa ou madeira. Na verdade, a beleza disto tudo é que já percorri esta rua ontem e só hoje reparei nos detalhes da construção e nos materiais propriamente ditos. Talvez porque todos eles estão cobertos de tinta, história e vida, da mesma forma ou de formas tão distintas que não é possível uma seleção hierárquica.

O interesse deixa de residir nos objetos que compõem o equipamento e, de repente, para quem se passeia por aqui, não importa se esta casa é em madeira e a seguinte em tijolo, mas sim aquilo que as suas paredes querem contar. Pergunto-me se o fator material é por outro lado importante para quem frequenta o interior destas paredes. Calculo que sim.

Usei um dos famosos *ascensores*⁸⁷ da cidade para descer rapidamente o *cerro*. Dirigia-me, mais uma vez, à parte plana da cidade, onde segundo *Alex*, brasileiro que trabalha no hostel, encontrarei a paragem para a *combi*⁸⁸ que me levará até *Playa Ancha*. Após uma pequena paragem perto do mar, volto a entrar num transporte semelhante. Circula freneticamente pelas curvas subindo o *cerro* até ao miradouro a partir do qual, segundo as informações que tinha, teria uma perceção vasta de toda a cidade.

Conversava com dois senhores sentados perto de mim, para perceber se seguia no caminho certo. Acenam que sim percebendo que sou estrangeira, ainda que o meu domínio da língua espanhola tenha melhorado. Muitos dos países latino-americanos falam espanhol, no entanto, cada um tem a sua versão alterada, como se todos cantassem, mas em variantes diferentes. Por vezes, palavras iguais significam coisas diferentes e até são motivo de desacato.

Finalmente, já no cume do *cerro*, um dos senhores fez-me sinal, era ali que deveria sair. Apressei-me a mandar o condutor parar, que num movimento brusco de travagem quase me cola ao vidro da frente. Ouvi os risos baixos do senhor com quem falava, claramente eu não estava habituada àquelas andanças. Sorri-lhe de volta e saltei para fora da *combi*. No momento em que aterrei os pés no chão, já o condutor havia arrancado em grande velocidade enquanto a porta de fraca engrenagem se fechava num estrondo.

⁸⁷ Nome utilizado para os funiculares de transporte entre duas cotas distintas, património da cidade de Valparaíso.

⁸⁸ Combi: Veículo/carrinha menor que um autocarro, utilizado para transportar pessoas pela cidade



Fig. 43 *Playa Ancha*, Valparaíso, Chile, 12 de Janeiro de 2017.

Desvio o olhar da carrinha que já segue ao fundo no meio da fumaceira que produz, estou no lugar certo. Mais ou menos a Oeste da cidade uma pequena praceta em forma de varanda abre-se para todo Valparaíso e o cenário é quase indecifrável. A estrutura urbana irregular de *Valpo*, arrisco a dizer, sem qualquer ordenamento de território, estende-se sobre os vários *cerros* à beira mar plantados. Dá quase a parecer que uma onda gigante de materiais em forma de casas banhou catastroficamente estas montanhas, deixando um cenário colorido e confuso para trás.

Segundo a frequência de incêndios que são sucessivamente parte do pavor e da ansiedade dos habitantes, admito que esta infraestrutura possa ter as suas falhas. Construir em materiais de baixo custo e em madeira sobre a geografia acidentada que vejo à minha frente torna o risco de incêndio elevado. As casas revestidas maioritariamente a chapa ondulada pintada de todas as cores espalham-se, cobrindo os lugares vazios da imensidão de construído. Começa a intrigar-me o porquê de todas estas falhas que admito existirem, continuarem a cativar-me tanto e a fazer desta cidade um lugar tão agradável.

Acredito que, mesmo que existisse um plano traçado de novo para este lugar e o desenho das suas fachadas, este seria rejeitado pelas gentes livres que habitam, vivem e gravam de cor estes pedaços de parede. Descarregam aqui todo o tipo de sentimentos e informação que lhes for no interior sob a forma de ilustração, rabiscos, escrituras e música.

Sim, a música está também gravada na cidade, é parte dos caminhos como se fosse um barulho harmonioso de fundo que a cidade produz. A qualquer hora do dia, ou noite, nos pequenos conjuntos de escadas à porta das casas ou nas pequenas praças cobertas de pedaços toscos de azulejo, encontram-se grupos de jovens ou adultos cujo espírito segue jovem. Conversam ou tocam melodias nas guitarras e quaisquer objetos que sirvam de percussão. Esta mistura no ouvido acompanha tudo o que faz parte da cidade na mesma forma improvável que as cores que a vestem. O conjunto é verdadeiramente bonito, dotado de uma mística entre o gozo pela liberdade e a desocupação laboral veranil que me surpreendeu e gravou uma imagem mental que me ficará no pensamento.

Escrevo aqui, sentada no miradouro onde ao meu lado dois cães sem dono descansam à sombra, protegendo-se do calor infernal húmido do dia de hoje, eles sim, estão habituados a esta cidade e fazem seguramente parte do seu conjunto improvável.

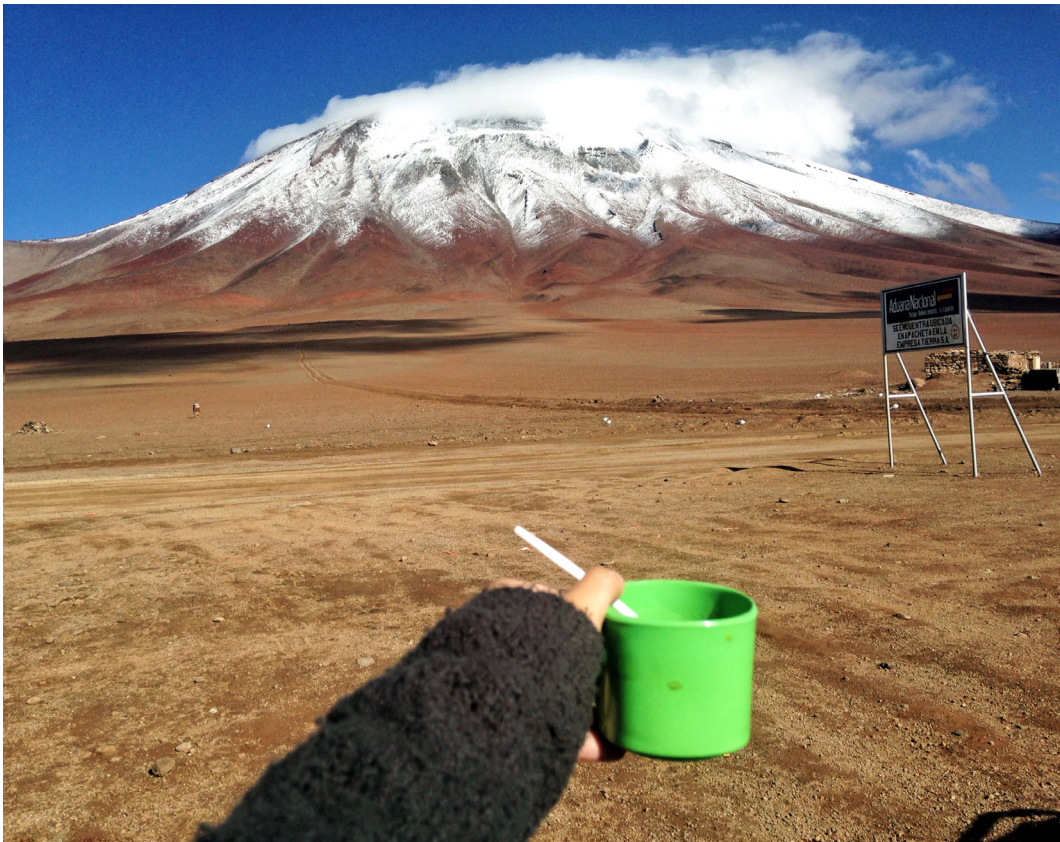


Fig. 44 Fronteira Chile-Bolívia, Apacheta, Aduana Nacional, 19 de Janeiro de 2017.

19 de Janeiro de 2017

Esta é uma beleza natural inteiramente da responsabilidade da natureza. A proporção de cores e a estética perfeita deste lugar fazem-me sorrir entre dentes, não fossem os que me acompanhavam julgar-me louca. Enquanto entrego a minha sapatilha empoeirada na areia e a volto a tirar, o vento frio que me fazia desequilibrar sobre uma perna, a gravidade, o que lhe quiser chamar; voltam a devolver a aquele torrão de areia da imensidão do deserto ao seu lugar.

De repente, eu estava aqui, o meu pé pisou este lugar, no momento seguinte a sua memória foi apagada, restaurada, devolvida à forma verdadeiramente pura e rejuvenescida em que tudo começou e o tempo deixou de existir.

Volto a entrar no Land Rover, onde já me esperavam todos a tilintar de frio, na satisfação de saber que esta é uma das primeiras vezes que me encontro num lugar desprovido de qualquer idealização ou concretização humana.

Arrancamos, seguimos viagem e vejo atrás de nós, as marcas dos pneus serem também levadas, engolidas pelo deserto e esquecidas. Deixam apenas a memória visual de um pedaço de areia que quase por vontade e vida própria, estará sempre por explorar.



21 de Janeiro de 2017

Por volta das 5 de manhã, voltamos a colocar as mochilas no tejadilho do jipe e seguimos caminho em direção ao deserto de sal de Uyuni. Ainda com algum sono, nenhum de nós podia adormecer.

A viagem era longa, mas aquilo que víamos a través da janela é, julgo eu, capaz de espantar mesmo aqueles que já viram tudo sem perder a compostura. O reflexo do céu no espelho de água que cobria tudo ao nosso redor fazia parecer que viajávamos num jipe sobre água.

Havia qualquer coisa de abstrato em tudo aquilo que via estes últimos dias, uma metafísica difícil de entender apenas com uma simples imagem, uma fotografia ou até mesmo um desenho. Sempre que retiro as luvas, pego também no lápis ou na caneta e coloco o caderno a jeito sobre as pernas. Mas não é apenas o frio que gela as pontas dos meus dedos e impede a minha mão de riscar sobre o papel.

Se a imagem é traduzida numa língua que o cérebro entende através das nossas retinas, então as minhas não acreditavam naquilo que viam. A informação era imensa, e eu, assim como não tenho, nem creio vir a ter, palavras para explicá-la, também não consigo desenhá-la com exatidão.



Não me lembro que horas eram no momento em que o sol atravessou lentamente a linha do horizonte para o começo de mais um dia. Iluminou toda a extensão branca de sal, ferindo a vista desarmada e obrigando-nos a semicerrar os olhos.

As células poligonais de sal estavam cobertas por uma leve camada de água refletindo tudo como um espelho perfeito. Foi-nos concedido o privilégio de assistir ao espetáculo que por volta desta hora, sem nunca falhar, faz do deserto de Uyuni uma realidade para lá da minha imaginação.

Eis um momento, ao qual, se pudesse escolher, regressaria todos os amanheceres da minha vida.

Fig. 45 Diário de viagem, *Desierto de Dali*, Atacama - Uyuni, 19 de Janeiro de 2017;

Fig. 46 Salar de Uyuni, Bolívia, 20 de Janeiro de 2017.



*Desiecto de Atacurra e Salae de Yampi,
19 e 21 de Janeiro de 2017*

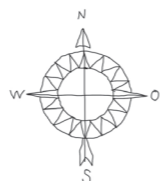


Fig. 47 Diário de viagem, *Cholas* de La Paz, 25 de Janeiro de 2017;

Fig. 48 Paisagem desde a *Via Balcón*, La Paz, Bolívia, 25 de Janeiro de 2017.

24 de Janeiro de 2017

Se Potosí era confuso, então La Paz é mais atribulada ainda. Dirijo-me até à *Plaza Murillo*, segundo o mapa era a que se situava mais perto do alojamento. A confusão começa a concentrar-se conforme me aproximo da praça. Ao que parece há uma feira que torna as ruas mais frequentadas ainda.

Fascinam-me os trajes das senhoras que se passeiam por aqui, como se tivessem outro tipo de imponência sobre a sociedade e fossem chefes de família (pelo que li, são mesmo). Observando-as - chamam-lhes comumente de *cholas* - vejo que todas caminham com o mesmo olhar denso. Por entre os traços indígenas aparentam estar tristes ou simplesmente alheias aos olhares. Trazem tranças longas e negras, chapéus levemente pousados na cabeça e bochechas rosadas exatamente iguais às dos filhos que muitas vezes carregam às costas. Percorrem a calçada em passos lentos, fazendo deambular de um lado para o outro as suas saias largas e rodadas de pregas, como se de uma procissão se tratasse.

Aquilo que recebi destas senhoras até agora, foi mau temperamento e pouca hospitalidade, e ainda assim, carregam na sua imagem e nas suas expressões fortes e inquebráveis uma intriga, um mistério sobre aquilo que lhes vai no pensamento. Elas são um símbolo daquilo que persiste étnica e culturalmente no povo boliviano, por isso, mesmo tendo pouca ou absolutamente nenhuma capacidade ou esperança de comunicação com elas, admiro-as.

25 de Janeiro de 2017

Passear-se pelas ruas de La Paz é tal como em Potosí, estar em contacto com a construção precária em tijolo à vista. Desde o miradouro do parque urbano municipal que visitei durante o dia de hoje, pode observar-se esta justaposição. Se por um lado, o centro é mais cuidado, ainda com alguns vestígios coloniais e vários edifícios modernos em altura, a paisagem dos *cerros* em volta da cidade sobressai pela sua tonalidade cor-de-laranja forte.

Toda a cidade se desenvolve de forma muito informal. No entanto, é quando se olha para longe que se percebe o panorama desenhado por consequência desta organização desorganizada. Os *cerros* são, tal como em Valparaíso, cobertos por uma avalanche de construções, desta vez precárias. Uma vista imponente apresenta-se a toda a volta da cidade, quase como se o centro histórico estivesse cercado pela verdadeira essência da cidade que o tenta sufocar.

Na volta até ao hostel, cruzei-me nos passadiços em madeira do parque com famílias e crianças entretidas a correr por entre os pingos de chuva que se adensam. Em nada parecem importar-se com a inquietude da paisagem ou com a tempestade que se avizinha, calculo que estejam acostumados a ambos.

Dizem que La Paz é uma cidade chuvosa, verifica-se. Vi-me obrigada a comprar uma capa de chuva. Mesmo assim, encharquei as sapatilhas, os pés e o fundo das calças. Preciso claramente de um descanso, e de um aquecedor.



Fig. 49 Vista durante a viagem de teleférico até El Alto, La Paz, Bolívia, 26 de Janeiro de 2017.

26 de Janeiro de 2017

Durante o início da tarde usei o tempo para chegar ao teleférico, que me levou até El Alto⁸⁹. Segundo esperava, poderia observar mais de perto os componentes da paisagem que despertou a minha curiosidade no dia de ontem.

Ainda que o clima seja húmido, o calor prevalece nas condições climatéricas diárias entre os ocasionais pingos de chuva e as momentâneas rajadas de água. Por isso, a subida ingreme até à *Plaza Garita de Lima* é bastante exigente para a resistência física de qualquer um.

Já de rastos, contornei um muro alto até chegar à estação de teleférico “*AJAYUNI Cementerio*”, situada no centro da linha vermelha. Por fim sentei-me à janela do transporte, ao lado de uma senhora que havia carregado até aqui no seu pano uma quantidade imensa de outros tecidos. E eu que havia apenas carregado os meus pertences numa pequena mochila, estava exausta.

Deu-se início à viagem até El Alto de La Paz. A zona é na verdade uma outra cidade, que faz parte da região metropolitana da capital federal. A distância entre ambas é curta (cerca de 10km). No entanto, aquilo que faz a utilização do caminho terrestre difícil é, não só a altitude que as separa, mas também o congestionamento criado pelas poucas condições da via e pela quantidade acrescida de pessoas que se descola por dia entre El Alto e La Paz.

Conforme a altitude ia aumentando, mais ampla era a percepção daquele cenário cor-de-laranja que avistava há dias desde o centro da cidade. Mesmo visto de cima, através da janela da pequena caixa que me mantém suspensa sobre a parafernália de tijolo, o território parecia não ter fim.

Olhando diretamente para baixo podiam ver-se de perto as construções precárias. Os terraços de laje em betão à vista estavam preenchidos de roupas estendidas em cordas improvisadas e pequenos tanques de abastecimento de água, um para cada casa. O tijolo construtivo que compõe as fachadas, confere-lhes uma efemeridade qualquer, como se por estar à vista, estas construções fossem mais frágeis, quase quebradiças.

As pequenas habitações distribuem-se por um lado, como se fossem várias células de um tecido, moléculas que se vão agregando onde quer que haja espaço livre, e por outro como um vírus que se vai espalhando e sofrendo mutações. Cobrem os espaços de montanha que permaneçam verdes, contagiando-os com a sua cor, e a sua morfologia.

O facto de estas construções se debruçarem precipitadamente umas sobre as outras, tomando partido do declive do terreno, deixa disponível um espaço intersticial limitado, estreito, e muitas vezes em escada para vencer a pendente. Ao mesmo tempo que atravessava, tinha também a vantagem de observar em vista aérea as utilizações dessas travessas apertadas. Simultaneamente viam-se crianças a correr degraus abaixo e mulheres carregadas de sacos escadas acima, havia ainda uma criança a arriscar a descida em bicicleta e uma piscina insuflável numa das lajes.

Talvez por fotos que tenha visto ou pelo que vi em terreno plano na Argentina, esta é, a imagem

⁸⁹ El Alto – La Paz é considerada a 18ª maior *slum* do mundo com 0,8 milhões de habitantes (2005); em Mike Davis, *Planet of Slums*, (London, New York: Verso, 2006), 20.



Fig. 50 Vista Panorâmica sobre La Paz, a partir de El Alto, La Paz, Bolívia, 26 de Janeiro de 2017.

que tenho na minha imaginação de um assentamento ou bairro informal. As ruelas sinuosas em cimento ou terra tornam impossível o acesso de qualquer meio de transporte às casas. A opção de trepar pé ante pé todo o *cerro*, faz do teleférico em que me encontrava, uma construção inteligente, necessária e utilizada diariamente.

Cheguei por fim, ao miradouro de El Alto, onde a cabine abrandou para deixar-nos sair. Encontrava-me nesse momento a mais de 4000 metros de altura e a paisagem panorâmica que se tem sobre toda a extensão de assentamentos informais é surpreendente. A dimensão de precariedade separa o local onde me encontro daquele onde havia estado há 30 minutos atrás. Afinal, o melhor de La Paz não é a cidade, é poder contemplá-la de longe.

A única coisa que aparentemente conecta este lugar à cidade são os cabos do teleférico em que viajei. Convenientemente ou não, o transporte passa diretamente por cima das habitações instáveis, como se “saltasse” à frente a parte frágil da cidade evitando tocar na ferida. Ainda assim o contacto visual é possível e muito difícil de evitar tendo em conta a majestuosidade que já adquiriu este território menos opulento da cidade.

Mais uma vez, e para não fugir à normalidade boliviana, há uma feira que se desenvolve em vários corredores desorganizados. As tendas dispõem-se longitudinalmente sobre a *Via Panorâmica* e existe uma variedade ainda maior de produtos que no centro de La Paz. O odor fétido da comida que vendem é desagradavelmente forte e torna-se cansativo caminhar sem embater noutra pessoa que venha na direção contrária. Mais uma vez, estas instalações informais efémeras da cidade cobrem da vista tudo aquilo que é permanente e definidor do espaço urbano diário.

Na margem da rua, as construções que a desenham são exatamente aquilo que via desde cima no teleférico, o aspeto incompleto das fachadas é em alguns momentos coberto de cartazes velhos ou rabiscos. No passeio imediatamente em frente às fachadas, encontram-se plantados, no lugar onde regularmente existiriam árvores, postes de alta tensão - uma imagem incomum que deixa à vista o reflexo da falta de pensamento sobre este território da cidade. Em nenhum outro lugar havia reconhecido estes elementos de grandes dimensões como parte da cidade, ainda que seja sabida a sua existência, são ignorados por ser observados de longe.

Mais adiante, uma igreja branca e verde garrida, símbolo da devoção do povo boliviano, abre-se para a rua num adro convidativo onde me sento por algum tempo a introduzir as novas entradas do diário.

Na volta, já o sol se põe e a paisagem muda ligeiramente, quanto mais longe se espreita, mais pixelizadas ficam as tonalidades até aos cumes altos que tocam o céu e o pintam da mesma cor.



Fig. 51 *Isla del Sol*, Bolivia, 28 de Janeiro de 2017.

28 de Janeiro de 2017

As águas azuis do *Lago Titicaca*, originalmente chamado de *Lago Titekjarka*, possuem uma misticidade fora do comum. O lugar de onde, segundo dizem os descendentes Incas, emergem os filhos produto do amor platônico entre *Inti*, o deus Sol, e *Mama Quilla*, a deusa lunar, é ainda guardião de um encanto muito próprio e da serenidade que necessitava depois dos dias passados dentro da multidão das grandes cidades.

A *Isla del Sol*, é o encontro entre o mistério ancestral terreno e os segredos perdidos nas águas límpidas de um azul cristalino intocável. Os povos que aqui vivem dão continuidade às crenças no divino, à agricultura, à vida simples e ao respeito encantador pela ilha e pela pureza que carrega.

Cruzo-me com várias *cholas*, trazem um sorriso na cara e pela mão cordas que guiam as alpacas carregadoras das suas mercadorias. Ainda que sigam fechados e sem qualquer tipo de esforço para comunicar-se, estes habitantes têm uma expressão menos zangada.

A proeza inacreditável da arquitetura Inca, juntamente com as paisagens e o povo que ali permanece como se tivesse parado no tempo, leva-me a percorrer toda a ilha de norte a sul a pé, e por fim pernoitar algures entre a luz intensa da *Mama Quilla* e o seu reflexo perfeito nas águas obscurecidas pela noite.

A sensação de haver permitido a mim mesma estar por acaso naquele lugar é quase tão mágica como o privilégio de assistir a uma combinação em que a realidade e a fantasia quase se tocam.



29 de Janeiro de 2017

Passa por mim um grupo de senhoras, parecem vestidas como *cholas*, mas não aparentam sê-lo na sua essência: as saias que vestem têm cores berrantes e trazem penduradas nas mãos fitas adornadas com flores de todas as cores;

se em *La Paz* este traje protegia mulheres mais sombrias e na *Isla del Sol* cobria mulheres pacíficas e trabalhadoras, então aqui estes tecidos vestem as gargalhadas contínuas do grupo que via.

Conforme caminho na direção do centro mais a multidão e o ruído se vão adensando, até se tornarem numa confusão absolutamente inesperada. Há grupos de pessoas que dançam, há música de tambores por todo o lado e um ambiente festivo em todas as praças.

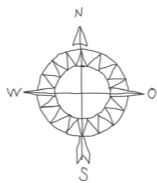
Enfio-me agarrada à mochila, por entre as pessoas que assistem ao espetáculo: grupos “etnográficos” vestidos de trajes típicos coloridos desfilam organizados ao ritmo de tambores. As coreografias fazem mover as saias rodadas das mulheres, as flores e as capas dos homens em simultâneo. O resultado é cronometrado, festivo e extremamente cativante. Até mesmo o habitante menos divertido da cidade estaria a bater o pé neste dia.

Sem saber, havia chegado exatamente no dia em que decorre o *Carnaval de Puno*, património da Unesco. E que ignorância afortunada a minha!

Fig. 52 Agurela, *Chola Isla del Sol*, Copacabana, Bolívia, 28 de Janeiro de 2017;Fig. 53 Agurela, *Cholas Carnaval Puno*, Perú, 29 de Janeiro de 2017.



Lago Titicaca, 28 e 29 de janeiro de 2017



05 de Fevereiro de 2017

A chegada ao Rio de Janeiro pelo Aeroporto Internacional Tom Jobim permitiu-me automaticamente sentir em casa de um irmão. Depois de todos estes meses a viver e falar o espanhol latino tão intensivamente, ouvir alguém falar português conseguiu roubar-me um pequeno sorriso.

Mesmo às 5 da manhã, hora do Brasil em que cheguei ao Rio de Janeiro, a alegria contagiante do povo carioca já se sentia.

Em toda a viagem de táxi aeroporto – Santa Teresa (zona onde ficaria hospedada nos primeiros dias) tive oportunidade de apreciar com a ajuda do motorista as diferentes zonas e os mais variados tipos de paisagem urbana e natural. O panorama do maravilhoso nascer do sol já me introduzia gradualmente ao calor de 40º centígrados que ia fazer neste dia.

Já com o prévio aviso do professor José Fernando Gonçalves e a leitura inspiradora da tese da Miriam Queiroz⁹⁰ sabia que me ia deparar com um panorama amenizado das favelas. A realidade que devia ser vista aquando da entrada na cidade passou a estar tapada pelas conhecidas barreiras sonoras da via-rápida. Estas impedem quase por completo o avistamento da paisagem cor-de-laranja tijolo de pura desorganização.

Enquanto tentava de olhos semi-cerrados ver através das parcelas transparentes que aparecem ritmadamente entre as barreiras sonoras e pensava com entusiasmo sobre o que me esperava, fui interpelada pelo condutor. Chamava a atenção para o *skyline* perfeito da cidade. Segundo ele, avistava-se o morro de Santa Teresa, acompanhado de todos os restantes que se vão vendo cada vez mais claros dependendo da distância.

Mais tarde decidi descer o morro, na tentativa de descobrir como chegar à rua dos Goitacazes, onde se situa o Atelier Metropolitano. Com a pequena bolsa que me tem acompanhado durante a viagem às costas, caminhei até à zona da Glória. Sei que tenho de seguir em frente, na direção da orla marítima onde perguntaria a alguém o caminho correto.

Enquanto cruzava o parque à minha frente, acompanhava-me a sensação de que alguém me seguia. Apressei o passo sem me preocupar demasiado. Confirmei as minhas preocupações quando senti uma mão firme puxar-me com força a bolsa que trazia às costas e algo pressionar-me imediatamente abaixo das costelas. Imobilizo-me, qualquer objeto cortante que fosse causaria um ferimento. Sinto um arrepio gelado quando a face de uma pessoa se cola ao meu ouvido ao mesmo tempo que ouço “Larga a bolsa já!” num misto entre sussurro e grito. A assustadora violência pela qual o Rio de Janeiro é tão comentado, havia chegado até mim no primeiro dia.

A partir deste momento todas as recordações da tentativa de assalto na Glória são confusas, deixando apenas imagens ou sentidos específicos isolados na memória: lembro-me com detalhe da cara do assaltante, da transpiração que lhe escorria pela cara, da sua expressão perigosa, irrequieta e confiante em contraste com a minha amedrontada.

⁹⁰ Miriam Oliveira, «Slum-upgrading: um novo lugar da arquitetura» (Universidade de Coimbra, 2016).



Fig. 54 Diário de viagem, Bondinho em Santa Teresa, Rio de Janeiro Brasil, 07 de Fevereiro de 2017.

Lembro-me de sentir imenso calor - ainda que fosse um dia de verão no Brasil - era um calor diferente produzido pela onda de adrenalina que se apoderava de mim. Recordo-me também de sentir pânico e como primeira reação pedir “por favor” repetida e incessantemente, como se fosse a única expressão que compunha o meu vocabulário no momento. Não tenho memória da quantidade de tempo que passou nesse impasse em que permaneci imóvel; ao que parece, o meu cérebro e o meu corpo pararam em simultâneo.

Depois, por qualquer razão que não compreendo, ainda entre as ameaças insistentes, o meu pensamento funcionou, e aquilo que figurou foram os objetos que tinha na carteira, um deles era este diário.

Outros cidadãos passavam perto e a situação era ignorada, estava sozinha e talvez por isso ou pela revolta que sentia naquele momento tenha sido obrigada a pensar e agir rapidamente. Qualquer que tenha sido a força que me levou ao pragmatismo, parei de suplicar, nem tampouco abria mão do trabalho que havia desenvolvido até aqui. Olho a mão que me apertava lateralmente, e vejo que se encontra vazia, calculo que para reproduzir o medo que causaria um objeto cortante. Solto-me e corro apressadamente e sem pensar na direção da estação de metro.

Ainda com o pensamento virado do avesso e muito nervosismo, caminho em passo rápido para o hostel. Preciso de repensar não só as formas de chegar ao atelier em segurança, mas também aquilo que devo levar comigo na bolsa. Salvei todas as coisas que tinha, no entanto, enquanto trepo a calçada até Santa Teresa penso na sorte que tive e em como a ação pouco pensada de hoje poderia ter corrido extremamente mal.

07 de Fevereiro de 2017

Saí finalmente pelas ruas sinuosas de Santa Teresa em busca do lugar do atelier. Deixei todos os pertences importantes no quarto, não fosse o grande susto de antontem repetir-se. Passei a estação do *bondinho* onde pela primeira vez vi um parado. Supus rapidamente que não me iria cruzar com ele muitas vezes considerando que demora um tempo considerável no transporte. Encontra-lo ali foi uma sorte, por isso registei rapidamente o momento antes de prosseguir caminho.

Segui caminho até chegar à rua do Fialho, já protegida pela frescura das árvores mais densas que a acompanham até à estação de metro da Glória. Para evitar o atravessamento das frenéticas rua da Glória e rua Antônio Mendes Campos que me trazem à memória o episódio de tentativa de roubo, faço uso da passagem subterrânea do metro da Glória.

Debaixo dos 36º que aqueceram o dia de hoje, e depois de algum tempo perdida, encontrei a rua dos Goitacazes. Avistei a casa de fachada rebocada a branco com portadas e gradeamento vermelho garrido. Tinha-a memorizada desde a primeira visita ao website do arquiteto Jorge Mário Jauregui.

Aproximei-me da porta e examinei a campainha com câmara instalada do lado esquerdo. Toquei e esperei enquanto a caixa preta emitia o mesmo som repetidamente. Após um ruído

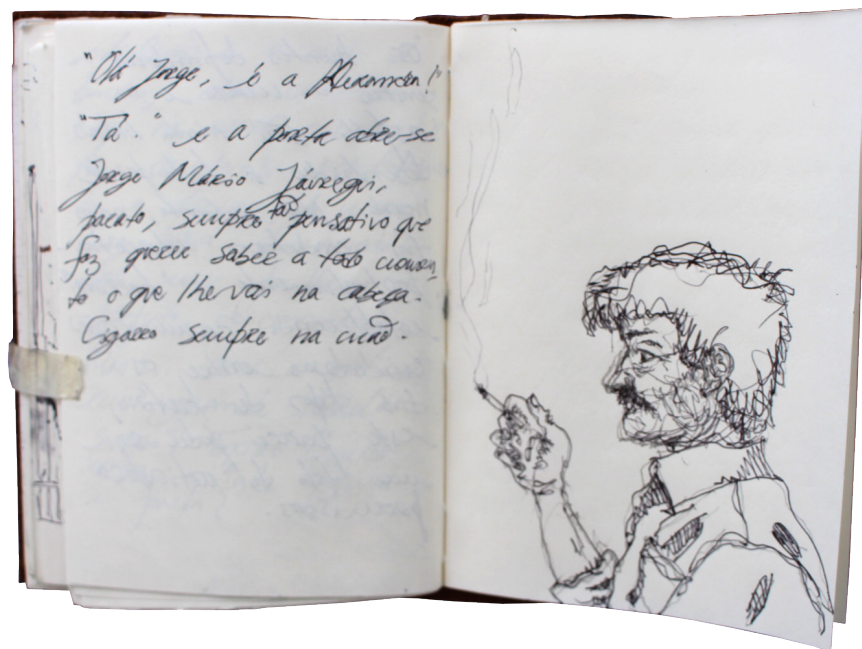
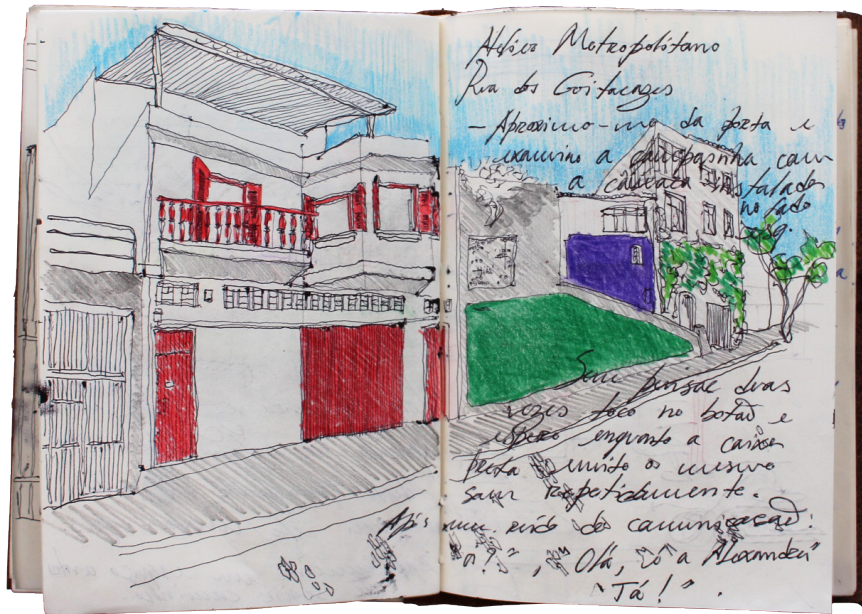


Fig. 55 Diário de viagem, fachada do Atelier Metropolitano, Rua dos Goitacazes, Glória, Rio de Janeiro, Brasil, 07 de Fevereiro de 2017;

Fig. 56 Diário de viagem, desenho/retrato Arq. Jorge Mário Jauregui, Atelier Metropolitano, Glória, Rio de Janeiro, Brasil.

de comunicação ouve-se uma voz “Oi?”, à qual respondo prontamente “Chamo-me Alexandra, vim para o estágio que combinamos via e-mail.”, - “Tá”. Num barulho forte a porta abre-se e subo a escada à minha frente.

Os primeiros elementos a roubar a minha atenção são os textos na parede, escritos no espanhol a que me afeiçoei nestes últimos seis meses, tento lê-los rapidamente enquanto subo. No final da escada estava o arquiteto Jorge Mario Jáuregui facilmente reconhecível, de sorriso aberto e cigarro na mão. Pedi desculpa pelo meu atraso e expliquei a confusão para conseguir chegar ali.

Sem preocupações e num ar descontraído começa por mostrar-me o atelier. A sala de reuniões à minha direita e o seu escritório privado à esquerda. À frente a sala de trabalho onde quatro pessoas se debruçam sobre as mesas brancas dos computadores, esta área recebe luz por uma única varanda. O espaço de trabalho tem ligação através de uma pequena área de impressão a um patamar intermédio de uma escada. Subindo leva-nos a um terraço que nesta altura do ano é demasiado quente, descendo tem-se acesso à cozinha. O espaço inferior está adaptado para ser um pequeno estúdio habitacional, com *kitchenette*, sofá e duas camas de solteiro simples no canto que se pode fechar com uma cortina vermelha.

Depois de terminada a minha visita pelo espaço esperei no escritório pessoal do arquiteto. Sentada na cadeira do lado oposto da mesa, apreciei a quantidade de livros dispostos na estante da parede à minha frente, a grande variedade contava com imensos livros e monografias sobre sustentabilidade e favelas.

A minha concentração nesta coleção invejável deteve-se quanto escutei a porta abrir novamente. O arquiteto explicou-me num panorama geral que projetos tinha em mão no momento, no entanto, esclareceu que eu iria estar designada a auxiliar num outro projeto situado no Rio de Janeiro. Falaríamos dos pormenores amanhã às 10h00 da manhã, hora em que iria iniciar oficialmente o meu estágio. Concordei e despedi-me.



Fig. 57 Bloco de Carnaval, Rio de Janeiro, Brasil.

27 de Fevereiro de 2017

Como se um Carnaval popular não bastasse numa viagem só, também me encontro no Rio de Janeiro para uma das festas mais célebres do país, e do mundo.

Serviu-nos o feriado e a constante boa disposição do arquiteto Jorge Mário Jauregui, para libertar-nos do estágio por dois dias, que afortunadamente se associam aos do fim de semana. Numa euforia antecipada, eu, a Naima e a Vera⁹¹ escolhemos apressadamente os nossos três disfarces e lançamo-nos em passo acelerado para o primeiro bloco carnavalesco.

É nesta festa com tanto de fascinante como de desvairado, onde parecer o que não se é se torna liberado, que passaremos os próximos vibrantes dias.

Os percursos repletos de vida assemelham-se de certa forma a manifestações populares regadas a caipirinha ou picolé. Animados pelas bandas e precursões em parada, guiam os corpos derretidos pelo sol muito ou pouco cobertos dos fatos já desajeitados, pelas ruas da cidade. Pisam-se ritmadamente as pedras da calçada ou o alcatrão escaldante das avenidas, de sorriso na cara e canções sabidas de cor.



⁹¹ Colegas de estágio no Atelier Metropolitano, italiana e portuguesa, respetivamente.

Por outro lado, no sábado passado tratei de ir assistir aos ensaios nas escolas de samba, por não ter qualquer custo assistir a estas amostras de treino. Acompanhada pelas colegas de quarto Tere e Laura dirigi-me ao Sambódromo da Marquês de Sapucaí. O corredor quase simétrico em betão pré-moldado da autoria do arquiteto Oscar Niemeyer encontrava-se já completamente lotado. Por isso, a investida de encontrar um lugar tornou-se rapidamente numa série de empurrões e salpicos das latas de cerveja trémulas nas mãos de ébrios e bailarinos.

Não tinha ainda equipa por quem torcer, por isso, tratei de estar atenta às pessoas à minha volta. Julgo, pela cor das camisolas e cânticos, haver-me sentado no centro dos apoiantes do Salgueiro, a escola que representa o morro da favela com o mesmo nome, no bairro da Tijuca.

Enquanto escrevo, ecoam do rádio de casa as palavras inspiradoras e convenientes de Vinicius de Moares na voz de Tom Jobim:

“Tristeza não tem fim
Felicidade sim
A felicidade é como a gota
De Orvalho numa pétala de flor
Brilha tranquila
Depois de leve oscila
E cai como uma lágrima de amor
A felicidade do pobre parece
A grande ilusão do carnaval
A gente trabalha o ano inteiro
Por um momento de sonho
Pra fazer fantasia
De rei ou de pirata ou jardineira
Pra tudo se acabar na quarta-feira
Tristeza não tem fim
Felicidade sim.” – A Felicidade

Ouvir o ritmo samba genuinamente brasileiro de Tom Jobim numa tarde de Carnaval do Rio de Janeiro é tão acertado e harmónico como ouvir a imortal voz de Carlos Gardel, que guia os pés sincronizados dos mais aficionados nas ruas antigas de Buenos Aires.



Fig. 58 Bloco de Carnaval, Rio de Janeiro, Brasil, 27 de Fevereiro de 2017;

Fig. 59 Desfile de Ensaio, Sambódromo da Marquês de Sapucaí, Rio de Janeiro, Brasil, 18 de Fevereiro de 2017.



Rio de Janeiro, 27 de Fevereiro de 2017

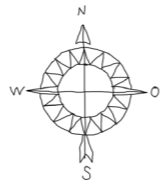


Fig. 60 Contraste "formal" da zona de Retiro (à direita), "informal" da Villa 31 (à esquerda).



“A maneira de decifrar o que ocorre no comportamento aparentemente misterioso e indomável das cidades é, na minha opinião, observar mais de perto (...)”⁹²

⁹² Jane Jacobs, *Morte e Vida de Grandes Cidades*, trad. Carlos S. Mendes Rosa (São Paulo: WMF Martins Fontes Ltda., 2003), 12.



Fig. 61 Vista desde a passarela da Rocinha, Favela da Rocinha, Rio de Janeiro, Brasil, 05 de Março de 2017;

Fig. 62 Diário de viagem, passarela da Rocinha, Favela da Rocinha, Rio de Janeiro, Brasil, 18 de Março de 2017.

Visita

05 de Março de 2017

Havia enviado uma mensagem para a Associação Fórum de Turismo da Rocinha na esperança que me respondessem sobre a minha visita às instalações. Recebi prontamente uma resposta de um morador chamado Aílton que se mostrou disponível a receber-me na favela da Rocinha. Acrescentou que poderia esperar-me junto da estação de metro caso não soubesse onde dirigir-me para encontrá-lo. Acedi à proposta que na verdade me convinha.

Concordamos que às 11h do dia seguinte, isto é, hoje, me esperaria na saída da estação de metro “Rocinha”. Não havia outra cidade onde tivesse estado, na qual o metro chegasse fisicamente até um assentamento informal, o que me pareceu imediatamente muito interessante.

Saí de casa com tempo, não fazia ideia de quanto tempo demoraria a viagem. Na estação “Glória” segui no metro com direção “General Osório”, sabia que nesse ponto terminal teria de mudar de linha na direção “Jardim Oceânico” e sairia na penúltima paragem, “São Conrado”.

A estação é bastante distinta daquilo que são as restantes que havia frequentado, a construção ainda recente expõe azulejos brilhantes de várias cores e uma cúpula que deixa entrar luz natural em todo o piso intermédio enquanto se sobe até à superfície. Subi a escada rolante e ao fundo estava já o Aílton. Olhava em seu redor à espera de reconhecer-me. Cumprimentamo-nos e ofereceu-se a mostrar-me os seus lugares preferidos da favela que o acolhe.

O primeiro contacto com a favela da Rocinha é o mercado que se espalha informalmente pelo terreno em frente à estação de metro. Desviava-me entre as bancadas de venda das pessoas que paravam nos comércios e seguia o Aílton que caminhava ao mesmo tempo que cumprimentava animadamente toda a gente que encontrava. Pelo que entendo todos na Rocinha o tratam pela alcunha de “Macarrão”.

Saímos do pequeno mercado para a rua que ladeia a autoestrada Lagoa-Barra. A via delimita a sul, antes de se tornar túnel, as construções informais que constituem a favela da Rocinha. Em frente vê-se a famosa ponte projetada pelo arquiteto Oscar Niemeyer que serve de nó de ligação entre o *Complexo Esportivo da Rocinha*, da mesma autoria, e a rua onde me encontrava. Seguimos até à ponte pelo sopé da encosta onde se desenvolvem as casas empoleiradas umas sobre as outras. Enquanto caminhávamos contava a minha história, baseada na confiança de quem nunca se conheceu, ao Aílton Macarrão.

Subimos, debaixo da grande estrutura curva em betão, a rampa em espiral da ponte pedonal. Desde ali tínhamos uma perceção a partir de um ponto baixo da extensão ocupada pelas habitações informais. Fazer uma contagem das casas que compõem a paisagem seria uma tarefa impossível, não só pelo número elevado de casas, mas também pela cor, que por fazer destas casas tão semelhantes faz também baralhar a visão. Descemos a ponte e dirigimo-nos a uma das ruas transversais, onde de baixo da sombra de um toldo estão os *motoboys*⁹³. Encontravam-

⁹³ Profissão de quem utiliza motociclo, geralmente de baixa cilindrada, para transporte de moradores ou serviços de entrega.



Fig. 63 Paisagem desde o topo da favela da Rocinha, Rio de Janeiro, Brasil, 05 de Março de 2017.

-se apoiados nas motos de tronco coberto pelo colete refletor, quando o Aílton interrompeu a conversa de dois e pediu que nos levassem até ao cume da encosta. As motos são o meio de transporte-táxi mais utilizado dentro dos assentamentos informais brasileiros, pelo preço, pela facilidade em evitar o trânsito e pela adaptação às ruas sinuosas.

Entregaram-me um capacete que coloco antes de subir na moto. O Macarrão, já pronto para arrancar, acena-me gritando “vemo-nos lá em cima!” enquanto a ruidosa moto guiada pelo condutor à sua frente inicia rapidamente o transporte pedido. Ziguezaguearam imediatamente por entre o trânsito frenético da rua principal (Rua da Gávea) fazendo-me perdê-lo de vista.

Da mesma forma, também o *motoboy* manuseando a moto que me iria transportar, arranca ultrapassando hábil e velozmente pelos espaços estreitos entre carros e camiões. Por vezes tive de encolher os joelhos, não fossem os 10 cm que me separavam dos restantes automóveis encurtar. Quando a marcha era lenta e a quantidade de moto-táxis congestionava também os espaços apertados os *motoboys*, momentaneamente parados, cavaqueavam entre si apostando sobre qual chegaria primeiro ou qualquer piada do dia.

Entre curva, contracurva, ultrapassagens fora de mão e pára-arrancas, o moto-táxi em que seguia abrandou junto ao que transportava o Aílton Macarrão. Os dois moradores já se encontravam em pé à conversa. Pagamos 5 Reais antes de iniciarem a descida.

Enquanto observava as motos desaparecer na curva ao fundo, Aílton chamou a minha atenção para a paisagem que tinha atrás de mim, a sua predileta em toda a área do bairro. Desde o alto da Rocinha podia contemplar-se uma das mais maravilhosas paisagens que havia encontrado na cidade até agora. Avistava-se sem impedimento toda a extensão entre a Praia do Arpoador e o Corcovado e, segundo o Macarrão “este é o único lugar do Rio onde se vêem ambos Cristo-rei e Pão-de-açúcar na mesma paisagem”.

Depois de algum tempo de contemplação, fotos e conversa sobre os edifícios e morros que recortavam a paisagem, demos início à descida, que faríamos a pé. Por esta altura já o Macarrão estava a par da minha história e daquilo que pretendia com a minha pesquisa, o que aparentemente o entusiasmou, prometendo acompanhar-me na visita ao complexo habitacional.

Ainda perto do cume, entrámos sem aviso numa casa de alguém que o Aílton conhecia. Subimos as escadas em cimento bruto até à última laje que agora é um terraço e, mais tarde, caso a família cresça, pode servir de base para um piso adicional.

Desde esta cobertura podíamos ter uma vista de toda a extensão da favela da Rocinha a partir de um ponto alto. Cada laje como essa era replicada em toda a superfície da encosta e cada uma era pontuada pelos tanques azuis de abastecimento de água e pelos discos brancos das antenas parabólicas. Ao fundo, perto da linha do horizonte, podem observar-se imediatamente a seguir a estas casas, os prédios espelhados e altos plantados à beira-mar que contrastam drasticamente com o lugar onde me encontrava.

Essa é, certamente uma das paisagens que nunca esquecerei. Desde a laje da casa de alguém cuja identidade desconheço, contemplei ambas: primeiro, a extensão longa de numerosas casas que, ao longo dos tempos foi também formadora do tecido em que as pequenas células



Fig. 64 Paisagem desde um terraço na favela da Rocinha, Rio de Janeiro, Brasil, 05 de Março de 2017;

Fig. 65 e 66 Ruas sinuosas no coração da favela da Rocinha, Rio de Janeiro, Brasil, 05 de Março de 2017.

habitacionais se consolidam; e segundo, a marginal de edifícios modernos construídos em altura, imediatamente adjacentes à favela da Rocinha. Dois tecidos urbanos extremamente distintos, quase totalmente opostos que coexistem, como se as células que compõem as casas em tijolo inacabado se aglutinassem, concebendo outras maiores.

Seguindo a descida acompanhei o Aílton ao centro de saúde comunitário, onde tinha assuntos pessoais rápidos a tratar. O calor era típico de verão carioca e dentro do pequeno edifício rebocado pintado de azul a temperatura era um pouco mais suportável; não havia fila de espera e enquanto aguardava pedi um copo de água fresca.

Prosseguimos o caminho que havíamos iniciado, desta vez pela malha irregular que o Macarrão mostrava conhecer como as palmas das suas mãos. Segundo conta “cerca de 85% das ruas das favelas são vielas e becos onde apenas cabem uma ou duas pessoas”. As que percorríamos agora chegavam a ter, em certos momentos, um metro de largura. As ruas resultantes do espaço intersticial imprevisível entre células habitacionais em tijolo à vista, são pavimentadas maioritariamente em cimento que dá forma às escadas distribuídas desregradadamente pelo caminho. Enquanto caminhávamos pelas travessas o Macarrão continuou a saudar todos aqueles por que passava, sabendo inesperadamente e numa relação bairrista admirável os seus nomes próprios.

Vejo estes caminhos como espaços intermédios, afluentes múltiplos do rio principal, a Rua da Gávea. Olhando para cima vê-se que estes, por ser tão estreitos estão também cobertos pela teia emaranhada de cabos elétricos e tubarias improvisados nas ligações *gato*⁹⁴, produzindo uma sombra irregular sobre a escadaria em que me encontrava. Não só pela semi-proteção do sol, feita sem essa intenção específica, mas também pelas dimensões destas ruas, este é um espaço mediador entre aquele que é o exterior desprotegido, e o interior das habitações, fechadas entre quatro frágeis paredes. As escadas e patamares criados pela inclinação do terreno são utilizados pelas crianças nas brincadeiras quotidianas. Enquanto isso os responsáveis por estas vigiam-nas desde o interior das habitações ou comércios, debruçando-se sobre as janelas escancaradas.

Os negócios são outro fenómeno de apropriação dos espaços habitacionais, também estes se distribuem pelo piso térreo dos espaços intermédios. Tal como na rua principal, mas com dimensões pequenas e vendas irregulares: vêem-se painéis em cartão riscados à mão pendurados nas portas abertas que parecem pertencer a casas comuns publicitando um leque variado de produtos em venda, desde pão de queijo até peças automóveis.

Depois de algum tempo perdida nas vielas da favela da Rocinha, Aílton guia-me através de outra que nos leva de novo até à rua principal.

Reconheci finalmente o lugar onde me encontrava, havíamos subido ali em moto-taxi algumas horas antes. À nossa frente está a curva transitável menos ampla de toda a favela. Segundo o Aílton, este lugar fazia antigamente parte da pista para o circuito de corridas da gávea⁹⁵, chamado durante vários anos de Trampolim do Diabo, pelo grau de risco.

⁹⁴ Gato de energia elétrica através de ligação clandestina.

⁹⁵ Circuito da Gávea, Corrida automobilística com início na Rua Marquês de São Vicente, na Gávea, passando pela estrada da Gávea, no interior da favela da Rocinha, provas aconteceram por 20 anos.

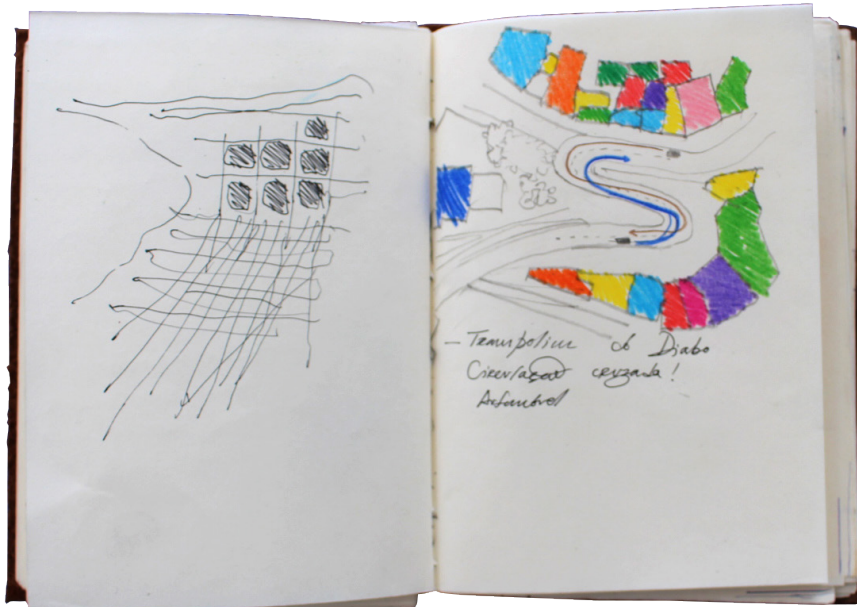


Fig. 67 Curva Trampolim do Diabo, Favela da Rocinha, Rio de Janeiro, Brasil, 05 de Março de 2017;

Fig. 68 Diário de Viagem, Esquema da curva Trampolim do Diabo, Favela da Rocinha, Rio de Janeiro, Brasil, 06 de Março de 2017.

Observando com atenção a circulação nesta curva, vi que os automóveis e motos que nela circulam mudavam de via de trânsito e passavam a estar em contramão para poder ter “barcagem” para fazer a curva sem a necessidade de manobras. Assim, pontualmente, os veículos mudam compassadamente a posição das direções. É necessário contemplar este fenómeno durante alguns minutos para admirar a precisão de metrónimo com que os condutores descrevem a curva.

As casas da rua da Gávea são maioritariamente pintadas de várias cores garridas que acompanham o percurso de descida por entre os moradores que caminham irregularmente pelo alcatrão da via. Parámos em frente à casa do Aílton, que me convidou a entrar. Planeia fazer acrescentos à sua casa e mostrou entusiasmo em contar-me a sua visão futura para o lugar onde vive. A única janela de alumínio da sua habitação abre-se para uma paisagem panorâmica das casas coloridas da favela. Na parede do fundo estão encostadas duas mesas brancas de escritório e à minha direita um balcão serve de pequena copa improvisada.

A ambição do Aílton é também refletida nos seus planos para acrescentar um piso adicional à laje da sua casa, idealizou na sua mente o projeto para a construção de um hostel e contava-me com entusiasmo todos os pormenores.

De volta à rua da Gávea seguimos caminho a favor do declive na direção do Complexo Habitacional da Rocinha, desenhado pelo Atelier Metropolitano onde eu passava os meus últimos dias úteis. Conversava sobre o assunto com o Macarrão que acha a obra um avanço das condições e da visibilidade da sua comunidade “ainda que tenha alguns erros”.

Chegámos à área abrangida pela intervenção pela lateral. Percorremos toda a extensão de um dos blocos coloridos até uma escada de acesso à área central. Na cota mais baixa um banco delimita uma pequena área de mesas e bancos em betão que servem também de tabuleiro para jogos de estratégia. Vistos desde o exterior e comparando-os com as fotos documentadas do final da construção, os blocos habitacionais revelam várias alterações significativas. As cores vivas e quentes espalhadas em parcelas entre os pilares e vigas à vista na fachada encontram-se agora mais desvanecidas e gastas pelo sol e o tempo.

Todas as varandas estão decoradas dos elementos presentes nas casas dos assentamentos informais, as antenas parabólicas brancas fazem agora parte da estética evidente na fachada decorando-a por necessidade. Também as rampas de entrada, outrora projetadas e instaladas apenas com um corrimão branco são agora caixas adicionais em grelha assim como a maioria das varandas do piso térreo e outras pontuais nos pisos acima, fechadas com uma grade vertical.

São, portanto, visíveis as alterações produzidas pela apropriação dos moradores. Trouxeram até aos novos apartamentos algumas das características de comodidade e segurança das casas em que viviam anteriormente. À frente, dois prédios abrem-se angularmente concebendo espaço a uma praça triangular onde um muro delimita o espaço de sombra e recreio comum.

Enquanto eu e o Aílton comentávamos a obra ouve-se uma voz, olhámos para uma das varandas acima onde uma senhora nos observava enquanto estendia a roupa. “E aí Adriana?” responde. Aparentemente o Macarrão encontrou uma amiga que nos convida a entrar para tomar uma cerveja. Olho o Aílton que me sorri de volta sabendo a coincidência que acabava de suceder.



Fig. 69 Diário de viagem, Núcleo Habitacional da Rocinha, Rio de Janeiro, Brasil, 05 de Março de 2017;

Fig. 70 Corredor de entrada, Núcleo Habitacional da Rocinha, Rio de Janeiro, Brasil, 05 de Março de 2017;

Fig. 71 Em casa da Adriana, Núcleo Habitacional da Rocinha, Rio de Janeiro, Brasil, 05 de Março de 2017.

Poucos minutos depois ouvimos os passos altos dos chinelos da Adriana na escada de acesso em betão à vista. Dirigiu-se à grade que cobria a entrada e usou uma chave para nos deixar entrar. A senhora de cabelos loiros e calção de ganga cumprimentou-nos com um beijo em cada face, falava alto e energeticamente enquanto nos guiava escada acima. Aproveitei o momento de subida para perguntar-lhe porque razão decidiram colocar a grelha na entrada. Prontamente, apontou na direção dos patamares da escadaria. Explicou que durante a noite, alguns habitantes utilizavam estes espaços para dormir e “trazer as namoradas” e o Aílton soltou uma gargalhada com a resposta sincera da Adriana.

Além disso, continuando a sua justificação, diz não ser seguro viver em qualquer lugar da favela, e por isso uma chave extra permite-lhes ter um sono mais tranquilo.

Sáímos da escada no 2º piso, onde fica a casa, chegando pelo corredor de acesso às habitações. Também este se encontra encerrado por portões de grade branca que isolam cada duas casas, neste caso a da Adriana e do seu vizinho.

Entrámos na habitação, a porta abre-se para uma pequena sala, a janela à direita tem vista direta para o bloco da frente, à direita um móvel branco com a televisão e um sofá em tecido negro. Desculpando-se a Adriana justificou a desarrumação, hoje é sábado e por isso era o dia de limpeza geral na sua casa. Ofereceu-nos assento no sofá retirando algumas almofadas. Desde ali podiam ver-se três portas, duas de acesso a quartos e uma para a cozinha.

Todos os compartimentos possuem dimensões bastante pequenas, tornando difícil a lida da casa que Adriana executava neste dia. Na cozinha, retirou do frigorífico branco, duas cervejas em lata que nos entregou. Depois de perceber o meu propósito com a visita, Adriana queixou-se do mesmo, a falta de espaço.

Em frente ao sofá, onde me encontrava, uma porta acede ao quarto da sua única filha que, segundo conta, também é estudante de arquitetura. Percebi, espreitando, que este quarto apenas com um móvel e uma cama de solteiro tem também todo o espaço ocupado pelo estirador branco e a cadeira de escritório. Debato-me sobre como será possível estudar o curso que frequento com limitações de espaço como esta.

Questionei-me sobre a relação com a vizinhança, e como encarava haver mudado de casa e vida para aquele apartamento. Quando falou dos vizinhos a Adriana descreveu todas as famílias que vivem nos apartamentos em redor do seu. “O vizinho de cima tem uma família de 10 pessoas a viver naquela casa, se eu acho a minha pequena imagino aquilo que passa o senhor”, conta. Indignada continua, também o “vizinho do lado tem dois apartamentos e pôs um deles para aluguer, isso não deveria ser permitido”. A construção é parte integrante de um programa de aceleração de crescimento que, ao longo dos tempos foi sendo cada vez mais apropriado pelos moradores, este caso era uma prova da monopolização, narrada na primeira pessoa.

Ainda nas questões sobre arquitetura a Adriana levou-me a observar os cantos da sua sala e casa de banho, onde a humidade havia invadido a cor branca inicial das paredes. Enquanto, o seu cão preto de pequeno porte e pelo farto seguia-nos energeticamente a cada passo que dávamos dentro da pequena sala. Problemas de falta de isolamento térmico estendem-se a todos os países da América Latina, ou pelo menos àqueles que eu havia visitado.



Fig. 72 Praceta do Núcleo Habitacional da Rocinha, Rio de Janeiro, Brasil, 05 de Março de 2017;

Fig. 73 Rua Nova, Favela da Rocinha, Rio de Janeiro, Brasil, 05 de Março de 2017.

A conversa fugiu rapidamente para o assunto do momento, um churrasco que Aílton iria realizar na comunidade durante os próximos dias. Convidaram-me gentilmente a participar no evento. A Adriana parecia encantada com a ideia de uma festa na comunidade, da qual se sentia parte mesmo vivendo num edifício relativamente novo.

Pareceu-me um sucesso o *in-put* urbano que as palavras da moradora ingenuamente confirmavam. A obra, ainda que na forma de um novo modelo de arquitetura em bloco, continuava a fazer parte da comunidade. A inclusão urbanístico-social que parecia ser conseguida pelos nós de conexão entre a população e a disposição do conjunto de edifícios no local. Por isso, sempre que a Adriana se dirigiu a mim com a expressão “aqui na comunidade” não consegui conter um pequeno sorriso de satisfação.

Depois de terminada a cerveja carinhosamente oferecida pela Adriana, eu e o Aílton despedimo-nos dela, prometendo ir visitar a sua filha ao atelier de arquitetura onde estagia profissionalmente dentro da comunidade. Descemos novamente a caixa de escadas até à praca central da intervenção. Ali, algumas crianças arrastam garrafas pela mão, simulando brinquedos simples.

De volta à Estrada da Gávea descemos até aos próximos blocos ao longo dos quais caminhámos até à rua Nova que delimita o núcleo habitacional a sul. As habitações da comunidade na rua Nova voltam a ser informais como as da parte superior do assentamento, no entanto contagiadas, mimetizando propositadamente a cor dos blocos recentes e confinantes.

Decidimos voltar à rua principal para fazer uma visita rápida à filha da Adriana. Além de me interessar bastante que tipo de trabalho é feito neste atelier, é também do interesse do Aílton a visita para questionar sobre as perspectivas para a sua própria casa. Caminhamos até ao lugar onde fica uma oficina de arranjo automóvel e subimos uma escada escondida ao fundo, invisível a quem passa na rua.

No piso superior, as paredes eram pintadas de verde e decoradas com logótipos de marcas de tinta e amostras. No interior há várias mesas distribuídas onde trabalham concentrados cerca de 4 funcionários. A filha da Adriana não se encontra no atelier de momento, mas o extrovertido Aílton insiste em conversar com alguém.

Somos atendidos por uma senhora a quem o Macarrão, já conhecido por todos, expõe as suas ideias. Com detalhe, esta funcionária explicou-nos todo o processo envolvido numa construção deste tipo no local, razão pela qual não é permitida a execução da obra que o Aílton pretende. Uma nova lei relativa ao crescimento das favelas do Rio de Janeiro proíbe o acrescento em altura às casas existentes. Desenganado, o Aílton acenou em conformidade, terá de arquitetar um novo plano que cumpra da mesma forma as suas expectativas.

Ao entardecer, acompanhou-me de volta à estação de metro, onde nos despedimos com um abraço. Agradeço-lhe a ajuda e disponibilidade: sem uma ponta de egoísmo tratou de acompanhar-me na investigação que havia ido ali fazer. Foi também graças a este morador que tive oportunidade de conhecer os cantos, os becos e as ruelas estreitas da favela da Rocinha, assim como as pessoas extraordinárias que nela habitam.



Fig. 74 Fotografia aérea, Rio das Pedras, Rio de Janeiro, Brasil;

Fig. 75 Canal em Rio das Pedras, Rio de Janeiro, Brasil.

09 de Março de 2017

A minha procura pela investigação e a curiosidade da Naima fizeram-na acompanhar-me no dia de hoje.

Havíamos falado com o arquiteto Jorge Mario Jáuregui sobre a nossa curiosidade em visitar algumas das suas obras em bairros e assentamentos informais. Mostrou-se abertamente disponível para telefonar aos contactos que ainda tinha nas comunidades, assim como para conversar sobre as mesmas. Tínhamos curiosidade sobre o funcionamento da obra no Complexo do Alemão, mas fomos imediatamente desencorajadas: “o teleférico encontra-se fechado de momento”, conta-nos o arquiteto entre a indignação e o dissabor. Os responsáveis dizem ter havido um problema técnico nos cabos. No entanto, os acontecimentos exatos que provocaram o fecho temporário da obra devem-se na realidade ao fracasso da privatização deste transporte. Além disso, alerta-nos também para o risco de uma visita ao Complexo do Alemão no momento. Aparentemente o conjunto de assentamentos contíguos com cerca de 27 Unidades de Política Pacificadora⁹⁶, tem ainda vários problemas no que toca à segurança dos moradores, e consequentemente à nossa, caso decidíssemos fazer a visita.

Tendo em conta a notícia desencorajadora do fecho do teleférico, confessámos que, em conversa com o arquiteto residente Rodrigo, uma das obras que mais nos interessou foi a intervenção em Rio das Pedras. Segundo nos contava, continua em funcionamento e as apropriações dos habitantes ao longo dos tempos são bastante interessantes. Acenou em concordância e procurou a sua agenda negra bastante usada, que folheou até encontrar os contactos que possuía na comunidade. Pegou no telefone e digitou prontamente o número que tinha rabiscado sobre as folhas do caderno, na primeira tentativa o número já não se encontrava atribuído. A segunda tentativa foi também mal sucedida, mesmo assim, após esgotar todas as possibilidades de comunicação, o arquiteto encorajou-nos a ir. Rio das Pedras era já uma favela pacificada e com uma taxa de narcotráfico muito baixa ou quase inexistente. Aconselhou-nos a visitar a obra esta tarde, permitindo-nos faltar ao estágio após o almoço, aceitámos a oferta e assim fizemos.

Depois de almoçar, dirigimo-nos ao metro da Glória e seguimos na linha vermelha com a direção “General Osório”, onde passaríamos a circular na linha amarela até à estação “Jardim Oceânico”. Desde a estação de metro, caminhámos até à paragem de autocarro, onde esperámos, aquele que figurasse o número 555.

Rio das Pedras situa-se na zona de Jacarepaguá, a Oeste do centro do Rio de Janeiro, bastante longe quando comparada com a Rocinha. Esta possui uma morfologia diferente da imagem típica de favela. Desenvolve-se maioritariamente em topografia plana pela proximidade às duas margens do pequeno canal proveniente da lagoa da Tijuca, que divide o assentamento em duas partes.

Este contacto imediato entre o rio estreito e as construções irregulares precárias, resulta num inegável problema estrutural, de saneamento e de salubridade. Enquanto viajávamos de autocarro, na direção do centro da comunidade, pela estrada alcatroada que acompanha o

⁹⁶ «UPP - Unidade de Polícia Pacificadora», acedido 17 de Julho de 2018, <http://www.upprj.com/>.



Fig. 76 Subida até ao Complexo Habitacional, campo de jogos à esquerda, Rio das Pedras, Rio de Janeiro, Brasil, 09 de Março de 2017.

canal, era muito clara esta adversidade na vida ocupada dos moradores. Do lado da janela onde me encontrava sentada observa-se a água poluída, que corre através das pilhas de lixo arrastando as suas partículas por debaixo de parte das casas. Enquanto na outra margem do pequeno rio, as construções frágeis em tijolo se precipitam sobre este na tentativa de fazer crescer as suas habitações de tijolo. Adicionam-lhes pequenas marquises ou alpendres em chapa e retalhos de madeira. Na margem em que circulávamos as ligações irregulares enchem os postes elétricos de emaranhados de cabos negros. Acompanham o percurso do rio juntamente com a via alcatroada e um passeio coberto de lixo e danificado pela vegetação que o invade.

Ainda que pequeno, este passeio é excessivamente utilizado pelos habitantes da comunidade. Mais adiante há uma carrinha parada e um morador que procede à substituição das lâmpadas de iluminação pública, além de este ser um elemento noturno quase indispensável para a segurança e o decorrer da normalidade, é também um serviço a que não assisti nas restantes visitas.

Deixando de seguir a direção do rio, o *ônibus* em que circulávamos serpenteia pelos interstícios estreitos que sobram entre a amalgama de casas, fazendo-nos perder o sentido. Concordámos em fazer sinal de paragem e fazer o restante caminho a pé.

Eu e a Naima tínhamos ambas uma tonalidade de pele bastante esbranquiçada, e para acrescentar ao ar de estrangeiras a Naima tem também olhos azuis. Foi, por isso, fácil de perceber que algumas pessoas por que passávamos nos olhavam questionando-se. No entanto, nenhuma se dirigiu diretamente a nós nem em nenhum momento nos sentimos inseguras. Saímos do autocarro de frente para uma *lanchonete* e seguimos o sentido do trânsito. Havia muito movimento e pequenos postos de venda móveis de *açaí*, fatos de banho, entre outros.

Parecia haver poucas regras entre peão e automóvel ali. Tal como noutras cidades que havia visitado, os vendedores de rua ocupam uma grande parte do espaço de passeio. Este, que deveria ser um espaço exclusivo para transeuntes na cidade formal, é aqui uma extensão do programa das lojas, obrigando os habitantes que chinellam ruidosamente o alcatrão, a utilizar o espaço da via no seu dia-a-dia.

Verificou-se bastante fácil encontrar o conjunto, pelo seu tamanho e pelas tonalidades que o cobriam. Esta construção pelo Atelier Metropolitano está incluída no Programa Favela-Bairro e situa-se já no coração da comunidade, a norte do canal. Chegámos pela parte inferior, onde um pequeno bloco para centro comunitário, e um campo de futebol preenchem o extenso espaço comum que nos convida a entrar. Há ainda um bar numa linguagem diferente dos restantes blocos, parece haver sido construído posteriormente pelos habitantes e há bastantes clientes em volta deste programa.

Subimos esta área por entre os carros estacionados informalmente que, segundo o projeto, deveria ser um estacionamento regrado. O campo de futebol está incluído nos desenhos do projeto inicial. Tendo em conta o que via, os programas desportivos como este são funcionais e justificadamente aplicáveis neste tipo de território. Existe uma grande taxa de maternidade na adolescência e consequente taxa habitacional juvenil, que explicam a necessidade de espaços de convívio como este. O campo é quase um espaço de utilização permanente, há grupos de jovens

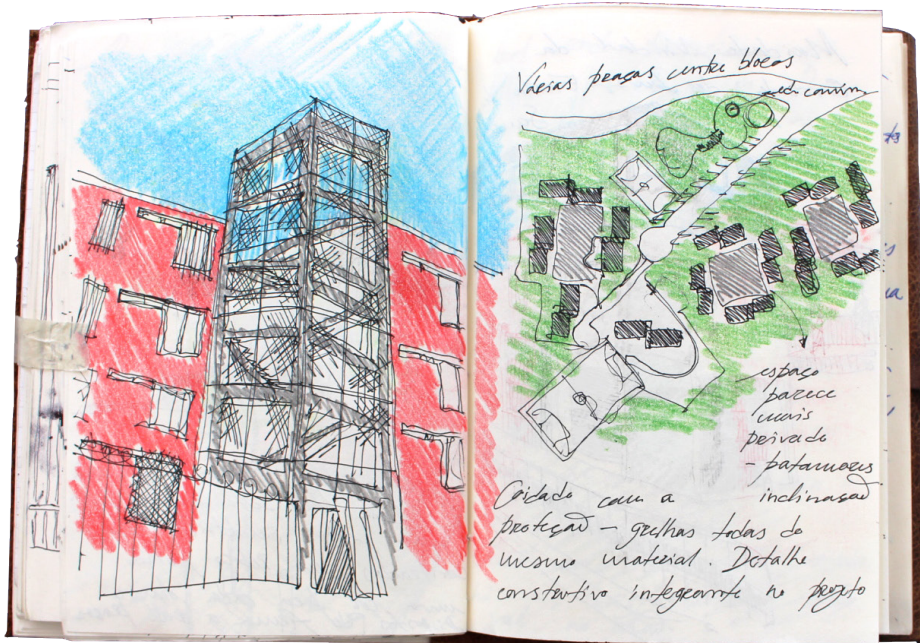
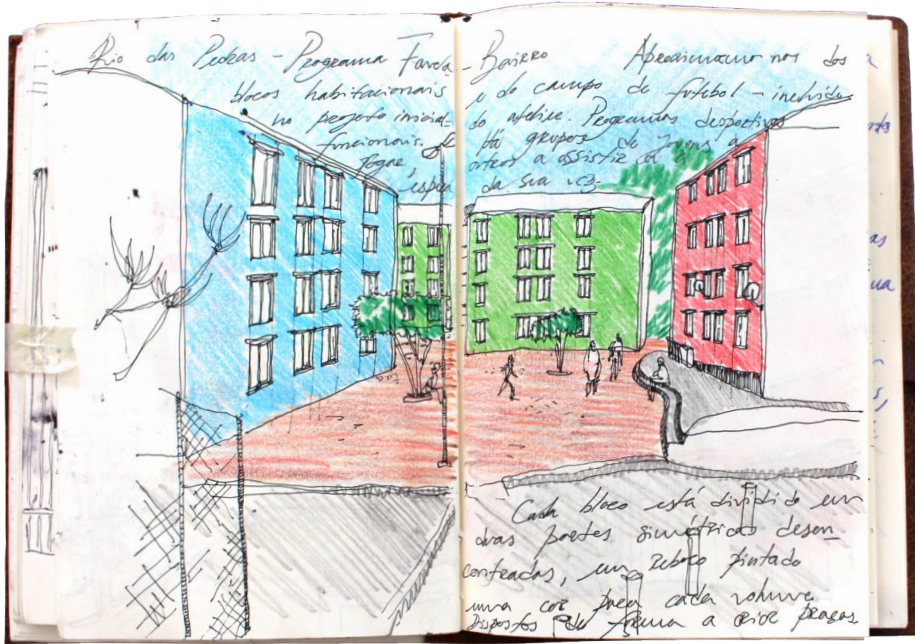


Fig. 77 Diário de viagem, Conjunto Habitacional de Rio das Pedras, Rio de Janeiro, Brasil, 09 de Março de 2017;

Fig. 78 Diário de viagem, Representações do Conjunto Habitacional de Rio das Pedras, Rio de Janeiro, Brasil, 09 de Março de 2017.

a jogar, partilhar o campo e ainda outros à espera da sua vez.

Seguimos na direção dos edifícios de habitação, cada bloco está dividido em duas partes simétricas desencontradas. No reboco pintado utiliza-se uma única cor para cada volume. Em conjunto os blocos estão dispostos de forma a criar praças de diferentes escalas. A intervenção possui incorporados no interior de cada conjunto de quatro edifícios, áreas mais fechadas de convívio direcionado para os moradores dos blocos adjacentes. A mais convidativa, por ter um ângulo mais aberto de entrada é também a primeira onde nos dirigimos.

Os 3 blocos de cores distintas (vermelho, verde e azul) dão forma a este espaço de utilização comum que, pavimentado em tijolo é também marcado por uma escada curva de dois degraus. Esta serve de remate ao edifício vermelho e é utilizada como banco. Encontra-se ali sentado um jovem que observa atentamente o seu filho enquanto este corre entre as árvores que marcam pontualmente o espaço em quatro canteiros.

O ambiente parece propício a comprar um *açai* e permanecer demoradamente nesta pequena praça. A senhora que, desde o interior de uma barraca improvisada, atendeu o nosso pedido encheu um copo de plástico com a massa cremosa de cor escura produzida a partir da planta de *açai* e enterrou-lhe um tubo de bolacha de oferta.

Na praça, junto à fachada do bloco azul, uma moradora montava o estendal onde pendurava a roupa lavada. Eu e a Naima observávamos enquanto relembávamos a conversa que havíamos tido anteriormente sobre as apropriações interessantes dos residentes nestes lugares. De facto, tem de existir um sentido qualquer de comunidade e confiança que permita a despreocupação e comodidade desta senhora que deixa os seus pertences por tempo indefinido numa praça pública.

Algum tempo depois caminhamos até ao segundo conjunto de blocos, que de igual modo forma um pequeno espaço central. Este, tanto pela morfologia do conjunto que comprime a entrada como pela divisão do espaço em patamares, parece ter uma área menor. Descemos a primeira escada apertada enquanto comentávamos que esse aparenta ser um espaço mais privado, ainda que tenha uma área idêntica à da praça onde tínhamos estado.

Ali, um grupo de crianças jogava chutando uma bola de futebol esfarrapada sem nenhum tipo de vigilância parental evidente. Talvez este seja um fator importante dos espaços públicos numa escala humana quase condominial como esta, com tanto de público como de privado. Há um sentido vivo de vizinhança que se reflete nas ações dos residentes, como na roupa estendida na praça e as crianças na brincadeira sem acompanhamento.

De volta à rua principal, e olhando com mais detalhe o exterior dos edifícios, pode observar-se que o tópico da segurança neste tipo de assentamento não deixa de ser alvo de preocupação constante dos habitantes. Algumas destas praças de escala menor encontram-se fechadas através da colocação de gradeamento, há portões novos para garagens improvisadas e grades nas janelas mais baixas.

Também o arquiteto figura este cuidado com a proteção utilizando nas grelhas dispostas em todos os volumes de caixa de escadas o mesmo material, forma e colocação. Pressuponho por

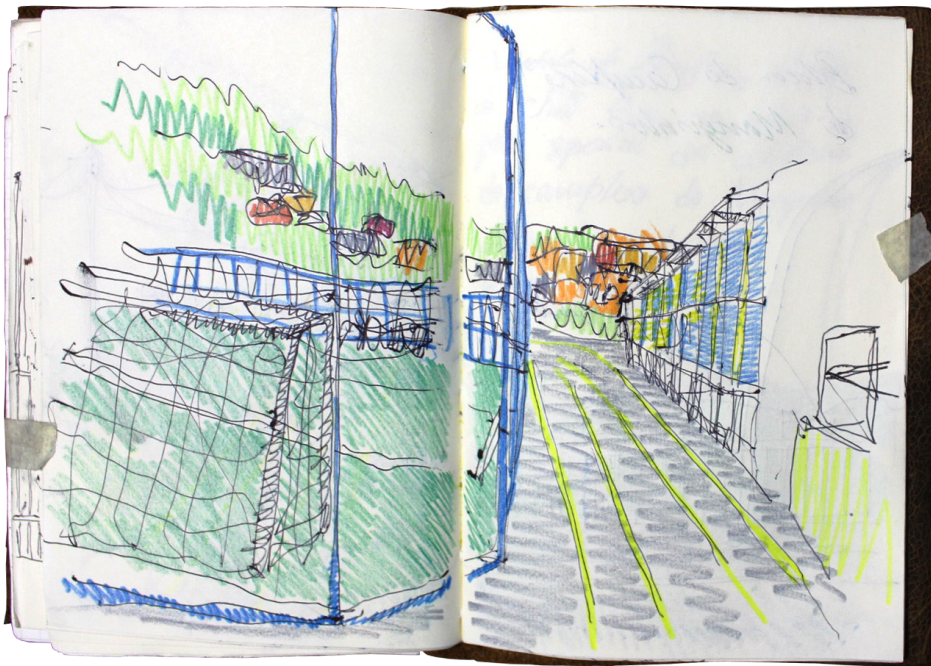


Fig. 79 Diário de viagem, Vila Olímpica, Vidigal, Rio de Janeiro, Brasil, 09 de Março de 2017.

isso, que os detalhes de segurança necessários neste tipo de construção façam parte do projeto e preocupação antecipados. Os volumes de acesso guardam também no nível superior um espaço para dispor os tanques reservatórios de água. Trata-se de uma solução já pensada e ponderada pelo conhecimento dos elementos azuis que compõem a paisagem típica de um assentamento informal. É nos detalhes que a estética traz um contributo à construção melhorada de blocos habitacionais como este.

Por fim, procurámos de novo a paragem do autocarro, que nos conduziu de volta pela Barra da Tijuca e pela base da favela da Rocinha, atravessando os três túneis até à cota baixa da favela do Vidigal. Eram 17 horas e dispúnhamos ainda de algum tempo para subir o Morro dos Dois Irmãos, tal como combinado e para poupar tempo chegámos até ao topo da favela do Vidigal em moto-táxi.

No cume, adjacente ao lugar escondido de entrada para o percurso onde se inicia a trilha, reconheço de imediato a obra do Atelier Metropolitano para a complementação do programa da Vila Olímpica. Este é parte integrante da intervenção do programa favela-bairro na favela do Vidigal. A linguagem do edifício é reconhecível, tornando-se fácil identificar a autoria da obra à nossa frente. A pendente única que forma a cobertura é idêntica às das obras que já havia visitado, assim como os corredores na fachada azul cobertos por uma fina grelha que revelam de imediato a identidade da construção. Estes vãos viram-se para os dois campos de jogos circundados pela pista de atletismo onde nos encontrávamos.

Do outro lado uma pequena bancada de oito patamares na mesma cor, forma um muro que delimita a favela. Para além deste apenas fica a vegetação densa por onde treparíamos em seguida. A entrada para a trilha é difícil de encontrar por apenas ser um portão velho aberto sem qualquer tipo de identificação. Ali um morador vende irregularmente refrescos e bebidas para os que iniciam a subida.

Graças ao tempo de contemplação das obras do programa favela-bairro, aquele que nos restava para a subida era escasso. Caminhámos em passo rápido pelas escadarias sinuosas em pedras deslocadas e subidas íngremes em terra húmida. Durante a primeira metade do percurso, a vegetação densa cobre qualquer possível contacto com a paisagem que eu e a Naima esperávamos encontrar.

Já anoitecia quando, ainda de respiração ofegante, a Naima que caminhava à minha frente me acena. Corro alcançando-a no local onde a vegetação se abria, permitindo uma contemplação aérea da favela da Rocinha. Podia ver-se claramente a sua imensidão, o número incontável de células habitacionais que a compunham, e o tecido urbano indecifrável que formavam.

Desde aqui, é fácil identificar o edifício do Núcleo Habitacional que visitei, as suas dimensões parecem grandes quando comparadas com a envolvente. Mesmo assim, há uma quantidade significativa de apartamentos construídos nestes blocos. Na sua dimensão justificável estão encaixados naturalmente no espaço existente, seguindo as inclinações da malha irregular onde se inserem.

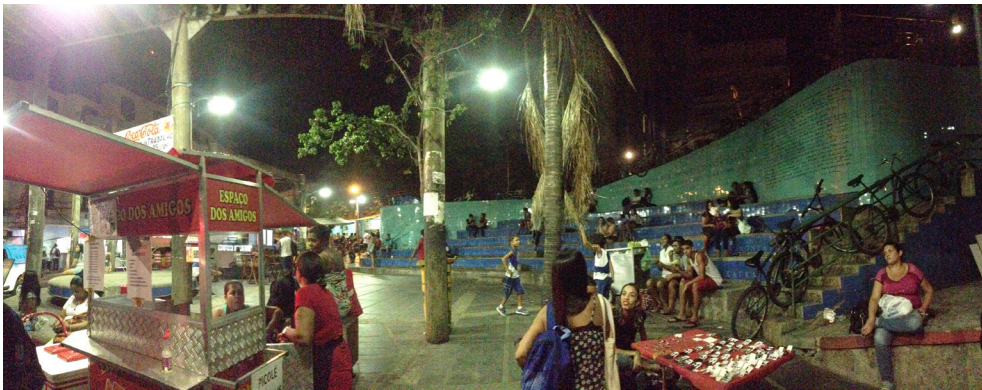


Fig. 80 Panorama da favela da Rocinha, desde o Trilho dos Dois Irmãos, Rio de Janeiro, Brasil, 09 de Março de 2017;

Fig. 81 Praça de Articulação Favela-Bairro, Favela do Vidigal, Rio de Janeiro, Brasil, 09 de Março de 2017.

Enquanto tentamos identificar juntas os elementos desta paisagem sob o azul escuro do céu que se torna noite, assistimos por um espantoso acaso ao acender das luzes públicas da Favela da Rocinha. Esta fração de segundo diária transforma completamente o panorama que tínhamos diante de nós. Fez dos pontos que identificávamos há segundos atrás novamente irreconhecíveis. O laranja que dominava a paleta de cores da paisagem diurna é agora absorvido pelo amarelo forte das luzes, transformando a favela da Rocinha em apenas mais uma mancha de luzes da cidade do Rio de Janeiro.

Anoiteceu quando iniciámos a descida do morro. A trilha sem sinalização tornou-se mais exigente e arriscada com a escuridão e a densidade da vegetação que nos rodeava. Caminhámos com precaução até ao limite da favela do Vidigal, e decidimos que já que nos encontrávamos ali, descê-la a pé. Percorremos em passo largo toda a Avenida Presidente João Goulart, a principal que serpenteia por entre as casas de luzes acesas do Vidigal.

Vários moradores ainda se encontram no exterior e os estabelecimentos encontram-se abertos. Este foi, creio eu, o aspeto que tranquilizou as nossas mentes preocupadas, a quantidade de moradores que circulava e caminhava por aqui significava também mais vigilância, mais cooperação e conseqüentemente menos perigo. Os habitantes conviviam à porta dos cafés e quiosques onde cumprimentavam todos os que passavam. Sentia-se o ar quente noturno de verão que de alguma forma neste ambiente traz consigo um à vontade confortante. Durante todo o percurso, conversávamos tranquilas sem nenhum tipo de interrupção.

Na chegada ao sopé do morro do Vidigal, a avenida que atravessámos termina na Praça de Articulação Favela-Bairro, também desenhada pelo Atelier. A forma anfiteatral com patamares ondulados e azulejos em tons azuis traz à memória a paisagem marítima intrínseca nesta cidade. Os degraus em bancada estão inscritos de textos difíceis de ler por entre os vários moradores sentados. Ouvem-se conversas ruidosas e cruzadas enquanto, em frente, observei os pequenos postos de venda móvel que aproveitam a utilização frequente deste espaço para vender bebidas, snacks ou sandes. Hoje as vivências desta praça fazem jus à palavra articulação.

10 de Março de 2017

Surgiu, durante o mês anterior a oportunidade de participar nas reuniões para novos voluntários da Organização não Governamental Teto. Os objetivos consistem na superação, com os meios possíveis, da situação de pobreza em que vivem milhões de pessoas nas favelas precárias. O meio para atingir este fim é focado no trabalho lado a lado e na comunicação com os moradores das comunidades em que constroem casas de emergência. Hoje, deu-se início ao evento de aplicação de inquéritos socioeconómicos em que me inscrevi. Vi nesta oportunidade uma forma de estudar com alguma proximidade os assentamentos cuja falta de condições é gritante.

O ponto de encontro para a inauguração do evento Escutar Comunidades (ECO em diante), é ao final do dia no Liceu Franco-Brasileiro. É sexta-feira, pelo que, uso o tempo disponível após a saída do atelier para organizar os elementos necessários para os próximos dias.

Já escurecia quando me dirigi à estação do metro onde tomaria como destino o Largo do

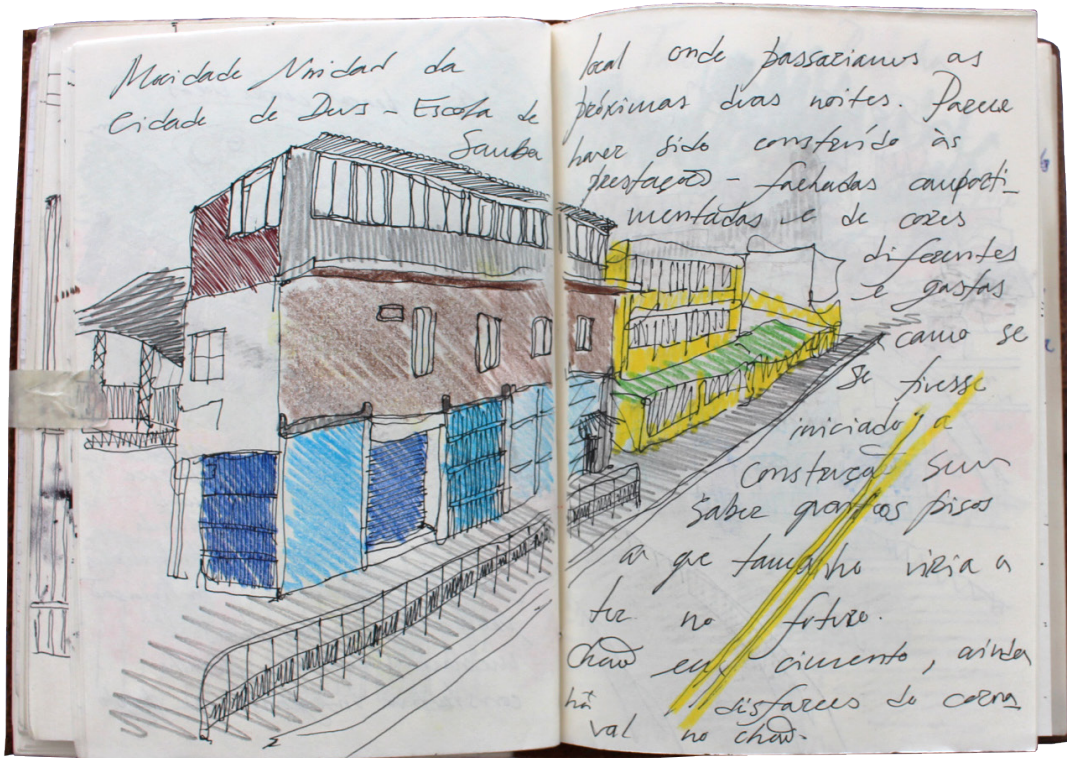


Fig. 82 Palestra de iniciação da ONG Teto, Liceu Franco-brasileiro, Rio de Janeiro, Brasil, 10 de Março de 2017;

Fig. 83 Diário de viagem, Fachada da Mocidade Unida da Cidade de Deus, Escola de Samba, Rio de Janeiro, Brasil, 10 de Março de 2017.

Machado. Sabia, ainda sem ter conhecimento do local que me seria designado, que esta seria uma das experiências mais enriquecedoras dentro de assentamentos precários. Não só porque pernoitaria no local, mas também porque teria oportunidade de escutar os moradores e esclarecer inquietudes.

Após a chegada, são afixadas nas paredes em betão à vista do pátio, as tabelas de distribuição dos voluntários pelas comunidades. Aproximo-me das listas em busca do meu nome. Segundo figura, está na que corresponde à comunidade de Guarani situada na zona de Jacarepaguá. Foi-me atribuído o autocarro número 1 que seguiria para a favela da Cidade de Deus, onde se situa Guarani. Esta comunidade está a ser introduzida pela primeira vez como estudo da organização Teto. É um assentamento informal da zona Oeste do Rio de Janeiro, conhecida como uma das mais problemáticas e precárias. A zona ainda não se encontra abrangida pelas políticas de pacificação da cidade, motivando ainda mais a curiosidade.

Já no interior do autocarro que nos transportaria até à favela da Cidade de Deus, o chefe do grupo, Marco, dá início à conversa entre todos. Ultrapassando as primeiras timidez apresentase com um divertido exercício de partilha, passando a vez à próxima pessoa aleatoriamente. O tempo de viagem passou rapidamente enquanto aprendíamos já a escutar os nossos colegas antes de fazê-lo com a comunidade a que nos dirigíamos.

Chegámos ao destino já de noite, pelo que o tempo restante do dia serviu para conversas de instrução e arrumar as instalações onde pernoitaríamos. Saímos do autocarro a conhecer, pelo menos, os nomes daqueles que nos acompanhariam durante os próximos dias. E graças às apresentações durante a viagem, também alguma característica que os distinguiu.

O transporte parou abrindo as portas para um passeio em frente à escola de samba da Cidade de Deus (*Mocidade Unida da Cidade de Deus*), o local onde passaríamos as próximas duas noites. O edifício construído ao lado da escola municipal parecia ter sido construído às prestações. As fachadas são compartimentadas, de cores diferentes e gastas como se a construção se tivesse iniciado sem saber quantos pisos ou que tamanho viria a ter no futuro. O chão em cimento à vista do espaço interior cobre-se dos recém-utilizados disfarces de carnaval empilhados e agrupados junto à parede lateral.

Em primeiro lugar, o responsável pela organização Teto chama ao palco uma senhora a quem todos carinhosamente apelidam de Tia Rute. A falta de palavras para descrever aquilo que sente entre lágrimas fazem o som do silêncio ser substituído por salvas de palmas. A habitante que sempre viveu na favela da Cidade de Deus apresenta-se como criadora da associação local para ajuda a crianças e moradores e conta parte da sua esforçada jornada em prol do crescimento do lugar onde vive.

A seguir inicia-se a distribuição dos voluntários pelo espaço livre entre o palco e a área inferior, onde acomodariamos os sacos-cama. Terminadas as arrumações, era já 1h quando utilizámos as instalações sanitárias da escola, o mau-estado dos artefactos é evidente e o odor é imundo. Apenas um compartimento tem porta (que não fecha), os autoclismos não funcionam e as torneiras tampouco. Todos sabíamos que não havia a possibilidade de tomar duche e viemos preparados, teremos por isso, de durante os próximos dois dias utilizar aquilo de que dispomos.



O calor é abrasador mesmo de noite. Cubro-me por isso de repelente que julgo não será suficiente para evitar o meu sofrimento nestes dias e deito-me sobre o saco-cama. Contra as adversidades climatéricas e o espaço amplo em que dormíamos, fixo o olhar nas ondas das chapas metálicas da cobertura. Conforme o burburinho de sussurros vai atenuando também eu me rendo ao cansaço.

Eram 5 da manhã quando despertámos em sobressalto com o som de um tiroteio intervalado, trocámos olhares entre todos enquanto permanecíamos imóveis. O choque que em qualquer momento geraria um grande tumulto, deixou em vez disso um silêncio perturbador. A desordem deu lugar apenas às expressões aterrorizadas vidradas nas caras que via, por não querer acordar os colegas que continuavam a dormir profundamente. Na tentativa de acalmar os ânimos, procurámos voltar a dormir, ainda que para muitos, incluindo-me, não tenha sido possível.

11 de Março de 2017

Despertámos, como combinado no dia anterior às 7 da manhã, ainda em claro desde as 5 horas, mas entusiasmados para o que se seguiria. Dirigimo-nos por ordem de chegada às casas de banho lidando de novo com as dificuldades das instalações e seguimos para as mesas onde ajudámos na preparação do *café da manhã*.

Pouco depois o grande grupo de voluntários foi dividido em cinco grupos de dez pessoas, as próximas duas horas serviriam para uma pequena formação sobre o inquérito de caracterização socioeconómica, jogos de sensibilização e informações sobre os dados estatísticos. Compararam-se os resultados dos últimos inquéritos aplicados pela organização com os números oficiais.

Para esta análise em grupo foram distribuídos vários papéis onde figuravam percentagens e gráficos com dados recolhidos, liam-se dados sobre o acesso às infraestruturas urbanas como o abastecimento de água e esgotos - os números falam por si e as diferenças excedem as expectativas de todos pela negativa. Logo depois, formam-se as duplas que cobrirão a aplicação do inquérito em cada casa, a minha dupla era uma carioca apelidada de Malu.

Por volta das 10 horas, já notificados sobre como aplicar o inquérito saímos da escola de samba para começar a jornada de escutar a comunidade de Guanari. A Tia Rute acompanhou-nos durante todo o percurso indicando o caminho na sua *scooter* em marcha lenta. Cruzámos a rua em frente à Mocidade da Cidade de Deus na direção do pequeno rio que divide o assentamento em duas partes. Tudo parecia correr tal como previsto, quando somos inesperadamente mandados parar pela polícia de intervenção que nos aconselha a voltar para trás.

Segundo aparenta, a desordem da operação policial que havíamos escutado durante esta madrugada não se encontrava resolvida. Os órgãos de segurança ainda se encontravam na zona. Seguimos a sugestão da polícia, em nenhuma ocasião a organização permite que os voluntários se encontrem em qualquer situação de perigo. Voltámos por isso à escola, onde permaneceríamos até ordem em contrário.



Fig. 84 Almoço, Grupo de Voluntários da ONG Teto na Mocidade Unida da Cidade de Deus, Rio de Janeiro, Brasil, 11 de Março de 2017.

As provisões permitiram a confecção rápida e em grandes quantidades de arroz branco, feijão preto e pequenas porções de carnes variadas cortadas em pedaços. Formámos filas ordenadas para a distribuição dos alimentos e dividimos tarefas na limpeza. Por volta das 13h30, aparentemente fora de perigo, caminhamos em direção à comunidade. A regra de vestuário inclui o uso de calças e da *t-shirt* com o nome da organização.

As habitações, maioritariamente em tijolo e cobertura simples em chapa ou telha, são mais tratadas deste lado do pequeno rio Arroio Fundo, algumas revestidas a cimento e outras pintadas de cor.

Depois de uma pequena estação de moto-táxis, passámos em frente a uma casa geminada já degradada e sombreada por um pequeno alpendre. A minha atenção deteve-se nesta casa, não só pelo aspeto diferente, mas também pelos três indivíduos que nos observavam fixamente. Mantivemos a calma e cumprimentámos tal como havíamos feito com todos os moradores por que passámos até agora. Inesperadamente respondem acenando as armas de pequeno calibre enquanto as desbloqueiam.

Podia sentir a tensão entre os companheiros que caminhavam ao meu lado. Mais uma vez nenhum emitiu uma palavra, as perturbações destes dias que apenas começavam criam já um hábito de silêncio e compassividade. Supomos que tendo em conta os eventos conflituosos desta manhã, ações como aquela sejam símbolo de uma exigência de respeito. Uma mensagem aos “estrangeiros”, cariocas ou não, que entram na comunidade, um aviso de que alguém rege a zona onde caminhamos. Concluimos, por isso, não haver perigo eminente.

Passámos a ponte cruzando para a margem esquerda do Arroio Fundo, seguindo caminho na direção da comunidade de Guarani. A partir do momento em que a linha do pequeno rio ficava para trás também o tipo de construção, espaço público e tamanho das habitações muda drasticamente. Estas passam de ser maioritariamente em alvenaria mal-acabada para ser barracos feitos de retalhos em madeira com coberturas em fibrocimento. Este é um assentamento completamente diferente daqueles que havia visto, e a pobreza estava presente em todo o momento. Galinhas e cães alimentam-se do lixo espalhado fora dos contentores contrastando diretamente com as crianças que no mesmo momento lançam a pipa e brincam em plena comunidade. Estávamos a ser introduzidos a um novo tipo de pobreza, um mais chocante e mais periférico, que estando tão próximo da zona da favela de Rio das Pedras, é tão distinto.

A partir da rua principal desenvolvem-se outras complementares perpendiculares, onde se situam por norma várias casas de membros da mesma família. A cada um dos 5 pequenos grupos de 10 pessoas foi designado um conjunto de casas para a aplicação dos inquéritos. Dois representantes com mais experiência para coordenação supervisionariam o trabalho, no nosso caso Vitor e Thomas. E esse mesmo grupo foi posteriormente dividido nos pares já definidos que cobririam as postostas de cada casa individualmente.

Os desenhos feitos previamente pela equipa de mapeamento em várias visitas, em nada se assemelham às imagens que se obtêm na vista aérea do *Googlemaps*. Percebe-se imediatamente o trabalho de reconhecimento e os esforços feitos para chegar até este ponto. Todos os dias existem



Fig. 85 Comunidade de Guarani, Favela da Cidade de Deus, 11 de Março de 2017;

Fig. 86 Inquéritos pelos membros voluntários da ONG Teto, Comunidade de Guarani, Cidade de Deus, Rio de Janeiro, Brasil, 12 de Março de 2017.

novos acréscimos às células habitacionais, ou novos moradores que, em busca de terreno para iniciar a construção da sua casa se juntam à comunidade. Assim, o trabalho de registo urbano é crucial, não só para um melhor estudo da área, mas também para uma fácil distribuição de grupos e aplicação dos inquéritos socioeconómicos.

Neste caso não houve a necessidade de bater à porta visto que a Vanessa, a nossa primeira inquirida, já se encontrava sentada sobre um tapete no piso encostada à parede de madeira da sua casa. A Vanessa estava acompanhada pela sua mãe e irmã, e estavam entretidas às gargalhadas até as interrompermos. As três e as respetivas famílias vivem em casas adjacentes nesta mesma rua.

Dos dados recolhidos na entrevista além das questões acerca de todo o agregado familiar, fazem também parte integrante informações como a renda total por mês, se no emprego frequentado tem *carteira de trabalho*⁹⁷ e questões específicas sobre a sua casa. Também os materiais utilizados, a obtenção de água e a eletricidade que utiliza, são alguns dos dados a recolher. Por fim, é pedido que anotemos as medidas da casa onde o inquirido e o seu agregado familiar vivem e que façamos duas últimas perguntas fora do questionário: qual o seu maior medo e qual o seu maior sonho.

Em casa da Vanessa o filho mais velho de cinco, Kauan tem 12 anos e trabalha numa *lanchonete* durante o final da tarde. Mesmo assim a sua vontade de ir à escola é imensa. No decorrer das questões à Vanessa foi-nos narrado o historial de saúde da família, do qual fazem parte várias viagens ao hospital mais próximo com as duas filhas doentes de pneumonia. Olho à minha volta e o ar quente atormenta, o sol bate diretamente nas nossas cabeças e o horizonte é distorcido pelas ondas de calor. No piso há várias poças de água estagnada sobrevoadas por nuvens cinzentas de mosquitos e a insalubridade é comum a toda a extensão da comunidade. Construtivamente, as casas em madeira, com a porta constantemente aberta na tentativa de suportar o calor, deixam claro o problema eminente. As fracas construções aliadas ao clima tropical fazem deste um local propício a doenças como esta.

Durante o tempo de medições da célula habitacional da Vanessa, temos oportunidade de estar no interior. A casa tem dimensões e condições diminutas para qualquer família. Os retalhos de madeira e o teto são apenas uma capa fina que os protege da luz e não das condições climatéricas, por isso, o piso em terra encontra-se húmido. Entrámos e o pequeno televisor sobre uma mesa redonda de madeira está ligado num funcionamento interrupto. Encostados à parede da porta de entrada encontram-se os equipamentos de cozinha e em frente a estes uma pequena cama de solteiro desfeita ao lado de um móvel de gavetas.

Por fim, já o nosso tempo se esgotava aproximando-se da hora em que teríamos de estar no ponto de encontro. Questionámos a Vanessa sobre os seus medos, preocupações e sonhos. O maior medo, comum à maioria dos habitantes da comunidade é a *bala perdida*. O receio de ver a sua família atingida por um disparo acidental resultante dos conflitos dentro da comunidade é uma realidade absolutamente lamentável.

A sua maior preocupação são os filhos, resposta que já esperávamos depois da longa conversa

⁹⁷ Contrato legal de trabalho, significa também um pagamento “justo” conforme os valores impostos por lei.



Fig. 87 Partilha de experiências na Mocidade Unida da Cidade de Deus, Rio de Janeiro, Brasil, 11 de Março de 2017.

sobre a sua família. E o seu sonho que conta com um sorriso no rosto, é abrir uma *lanchonete*, onde também Kauan trabalhará, a que dará o nome *WS*. Despedimo-nos da Vanessa e da sua família com um abraço forte e dirigimo-nos juntas até ao ponto de encontro conversando sobre a força inquebrável da Vanessa e sobre o seu sonho maravilhoso que esperamos um dia ver realizado.

De volta à escola de samba, foi-nos pedido que reuníssemos de novo o grupo desta tarde para a partilha das histórias que escutámos durante a aplicação dos inquéritos. Todos falaram das experiências mais marcantes do dia num misto entre mágoa pelas condições a que haviam assistido, e encanto pelas histórias de vida que acabavam de conhecer. Na nossa vez de partilhar a entrevista, eu e a Malu detalhámos as necessidades, a família, os medos e os sonhos da Vanessa. Tivemos orgulho na pessoa que havíamos tido o privilégio de conhecer. A Malu esbracejava e fazia perguntas retóricas para poder expressar-se. Fazia entender a sua indignação enquanto soluçava e as lágrimas lhe escorriam dos olhos.

A história da Vanessa é apenas uma dentro da quantidade desmedida de famílias que vivem nas mesmas condições. A minha companheira carioca fez-nos naquele momento entender entre raiva e compaixão que cada pessoa importa, ouvir importa e esta era a oportunidade de falar. Abracei-a. Este era definitivamente um dos objetivos da organização, ajudar-nos ajudando, observar, mas ter oportunidade de partilhar com os que viram o mesmo, aportar opiniões, ideias e experiências. Terminámos a reunião em lágrimas e abraços, desafogados e prontos para escutar novas famílias no dia que se seguiria.

12 de Março de 2017

O despertar é de novo às 7 horas da manhã, o cansaço e o calor têm-me ainda colada ao saco cama. Movo o braço e uma barata de proporções colossais foge velozmente debaixo da minha almofada, a reação, que noutra altura seria uma histeria, passou a ser absolutamente nenhuma. Mantenho-me na mesma posição observando-a enquanto se move com rapidez sobre as várias patas longas que lhe levantam o corpo de dimensões gigantescas do solo.

Segundo o planeado, esta manhã devemos guardar nas mochilas todos os nossos pertences. Ao final do dia damos por terminada a ECO da comunidade de Guarani.

Eu, a Malu, Vitor e Thomas, golpeamos levemente uma das portas que se encontrava fechada, seguindo-se do habitual falatório de iniciação desta vez pelo Vitor: “Bom dia, estamos a aplicar os *enquetes* da ONG TETO à comunidade, gostaria de participar?”. Do interior das finas paredes de madeira ouvem-se inesperadamente os gritos irritados na voz de um homem: “Deixem a minha casa ou encho-os de bala!”. Olhámo-nos entre todos, pedimos desculpa e seguimos em frente.

Após este incidente, a vizinha que observava à porta de sua casa apercebeu-se do incómodo causado e convida-nos a entrar. A fachada da sua célula habitacional é uma das únicas em tijolo aparente, abrindo-se apenas no lugar da porta de entrada com uma escada exterior em cimento.

Entrámos para um pequeno *hall* com uma frágil parede em madeira que o divide do espaço da



Fig. 88 Diário de viagem, Comunidade de Guarani, Cidade de Deus, Rio de Janeiro, Brasil, 12 de Março de 2018.

sala e cozinha, programas que partilham a mesma área. A casa estava meticulosamente limpa, desde os móveis brancos da cozinha até ao piso em cimento irregular. Oferece-nos assento no sofá castanho que dispõe sob a única janela que ilumina o interior. O seu marido não tinha chegado, mas aceitou a iniciar a entrevista enquanto o espera.

Ao acaso o nome desta senhora é também Vanessa, “parece que só nos calham Vanessas hoje” diz a Malu em tom de brincadeira. A moradora de sorriso largo e cabelos castanhos pelo ombro vive apenas com o marido e o filho de ambos.

Demos início às primeiras questões até entrarem na casa o marido José e o filho André, carregados com dois sacos de compras. José cumprimentou-nos com um sorriso de orelha a orelha cheio de energia e dirigiu-se ao espaço do balcão da cozinha, atrás da Vanessa. Enquanto retira os artigos dos sacos convida-nos a provar tudo o que trouxe para abastecer a sua despensa. Segundo conta, a Vanessa havia pedido gentilmente que esperássemos para ter tempo de comprar algo que nos pudessem oferecer. Além desta quantidade admirável de generosidade, a mãe tinha também preparado “a famosa tarte”.

Aceitámos uma fatia da comida que nos cozinham com carinho, comovidas pela atitude nobre que os fez abrir-nos as portas de casa como se fôssemos amigos de longa data. Logo depois, José arrasta uma cadeira para juntar-se à conversa e André senta-se ao lado da mãe.

Vanessa e José são empregados, como contabilista e eletricitista respetivamente, no entanto, nenhum dos dois possui *carteira legal de trabalho*. Isto significa que os seus salários são muito baixos quando comparados com aquilo que seria de esperar destes ofícios. O José não trabalha a tempo inteiro, e por isso faz pequenos arranjos sempre que possível.

Ambos falam apaixonadamente de como foram construindo aquela casa ao longo dos tempos. Quando questionámos sobre as infraestruturas que utilizam contam como se auxiliam em vizinhança. Aquando dos melhoramentos para a sua casa, José revezou-se com os restantes moradores daquela rua para abrir uma vala onde colocaram a sua própria rede de esgoto. Muitos dos moradores desta comunidade utilizam ainda o sistema de fossa nas suas casas, isto é, um buraco fundo no terreno.

A cada questão feita a ele ou a André sobre si é na direção da Vanessa que lançam o olhar. Ambos adoram a sua casa, por ter sido feita ao seu gosto e ao seu tempo. No entanto, caso tivessem oportunidade monetária, mudar-se-iam para a favela onde vive a mãe da Vanessa ou para o interior da Cidade de Deus.

Dando por terminadas todas as questões, despedimo-nos com abraços fortes. Depois de sair da casa da Vanessa, não encontramos os representantes do nosso grupo e por isso avançámos à casa seguinte como informado.

Esta casa era também em retalhos de madeira unidos com pregos desalinados e uma das suas fachadas com janela estava virada para a rua principal da comunidade. Batemos à porta que rapidamente é aberta por um indivíduo de estatura média, cabelos curtos castanhos e sorriso largo privado de alguns dentes maltratados.



Fig. 89 Membros da “equipe fixe”, ONG Teto, Comunidade de Guarani, Cidade de Deus, Rio de Janeiro, Brasil, 12 de Março de 2017.

Explicámos o nosso propósito e acede a responder ao inquérito com agrado convidando-nos a entrar. A Malu foi a primeira a passar a porta retrocedendo logo em seguida enquanto me fazia um sinal. Dei uma vista de olhos à casa desde o exterior, e vi imediatamente a cama de casal em frente e uma mesa de conteúdos duvidosos que fez a Malu mudar de ideias. Justificámos a aplicação do inquérito à sombra e iniciamos as perguntas.

Todos os moradores inquiridos até ao momento possuem um terreno próprio irregular, o que significa que não possuem documentação legal de propriedade do espaço onde montaram as suas pequenas habitações. A casa onde nos encontrávamos não era exceção. Também a maioria das famílias questionadas utilizam no seu quotidiano energia elétrica e obtenção de água irregulares.

Este morador parecia extremamente à vontade na resposta às questões que fazíamos. Segundo confessa, havia sido preso várias vezes e sofre de alguma discriminação devido a estes erros, o que o impede de procurar qualquer outro emprego.

No seguimento do questionário, observei ao longe um grupo de jovens caminhando na nossa direção, podia desde ali escutar as suas gargalhadas fortes. Estão já perto de nós quando me apercebo de que são jovens com aparência aproximada a 16 anos. Trazem armas de baixo calibre em punho, alguns uma em cada mão. Este foi o único momento em que eu e a Malu não trocamos olhares, nem considerámos encarar o espaço em redor da outra. Caso o fizéssemos receava revelar o choque ao grupo que parava para cumprimentar o inquirido com um aperto de mão seguido de um abraço.

Riam-se entre dentes quando nos saudaram apoiando uma mão armada no meu ombro e debruçando-se para cumprimentar com dois beijos. Sem reação e de corpo rígido, fizemos de conta que nada se passava, como se esse momento se tratasse de uma simulação em avaliação da nossa tranquilidade fingida.

Depois de uma conversa rápida com o morador, o grupo segue caminho e nós prosseguimos as perguntas iniciadas. Mais uma vez recordei os acontecimentos da madrugada passada indagando sobre que tipo de guerra se havia passado este fim de semana e se está conectada de alguma forma com moradores com ideologias e meios de ingresso idênticos aos deste morador.

É hora de encontrar o resto do grupo para o almoço, por isso cumprimentamos de novo este senhor e caminhamos junto do Vitor e do Thomas até ao ponto de encontro. A refeição de hoje teve lugar no espaço da associação da Tia Rute. Uma pequena casa geminada adaptada conforme o possível às necessidades e eventos da organização.

O nosso grupo, era já conhecido por todos como a “equipe fixe” pela presença portuguesa. Esta era a palavra do meu idioma que mais adoram e é, como dizem entre risos, sinónimo de *legal*. Dessa forma e depois de uma foto juntos, fomos chamados a entrar no espaço interior da casa onde o arroz branco, o feijão e a farofa nos foram servidos em prato de plástico. Uma vez que não existiam na associação cadeiras suficientes limitámo-nos a comer em pé enquanto comentávamos os pontos altos da nossa manhã.

De volta às entrevistas eu e a Malu dirigimo-nos à casa seguinte, onde vive Johana. Esta tinha



Fig. 90 Diário de viagem, Comunidade de Guarani, Cidade de Deus, Rio de Janeiro, Brasil, 11 de Março de 2018.

dois filhos, Mayara de 7 anos e um bebê recém-nascido. Vestia uns calções de ganga gasta e um top vermelho e mostrava-se feliz e divertida em todas as respostas que dava.

A casa desta inquirida era de pequeníssimas dimensões em retalhos de madeira, muito distinta da do seu vizinho que havíamos entrevistado anteriormente. Esta era uma de muitas casas que, mesmo situada de frente para a rua principal, não possuía condições mínimas de saneamento e abastecimento de luz e água.

De volta à rua principal, encontramos Vitor e Thomas que passavam por ali, olhamos os relógios e fazia-se tarde. Acompanhámos os nossos representantes de grupo no processo de reunir os restantes elementos. Mais uma vez abriram as mochilas, retirando os mapas já rabiscados e engelhados onde verificaram quais as células habitacionais onde se encontravam.

No final, dirigimo-nos em grupo até ao ponto de encontro, e em seguida, todos juntos até à *Mocidade Unida da Cidade de Deus* onde se iniciaram as palavras de agradecimento e encerramento do evento.

O espírito de amizade, cooperação e comunidade que se havia criado dentro deste grupo e do mesmo com os moradores tinha sido verdadeiramente admirável. Não podia crer que apenas tinham passado duas noites e três dias. Talvez quando passamos experiências inesquecíveis como esta nos sintamos imediatamente mais próximos daqueles que nos acompanham. Voltamos relutantes a entrar nos autocarros que nos esperavam, colocando as mochilas prontas na bagageira. Deixámos cair os corpos cansados nos assentos do transporte que nos levaria de volta ao centro do Rio de Janeiro.

Durante a hora de viagem que se seguiu, ninguém se pronunciou, as palavras faltavam com frequência ultimamente. A cavaqueira e tagarelice energéticas com que havíamos viajado do Rio de Janeiro até à Cidade de Deus converteram-se, no percurso inverso, num espaço temporal de introspeção. Não havia lugar para sentimento de pena, mas era definitivamente necessária uma reorganização das ideias e uma digestão da quantidade e intensidade dos acontecimentos dos dias anteriores. Por isso, para além do cansaço que me fazia querer descansar até a voz, quis manter-se em silêncio. Fixei a atenção nas luzes da noite que passavam velozmente pelo panorama da janela, dando espaço para que os meus colegas fizessem o mesmo.

Refletindo sobre as inúmeras histórias e experiências que escutamos, tento relacionar a memória visual do bairro de Guarani com as respostas ao questionário socioeconómico dos moradores. Intriga-me o facto de estes habitantes priorizarem problemas como a luz intermitente, ou os insetos acima das questões que desde a chegada me saltaram à vista, como é o caso da sujidade e lixo acumulado na via pública ou a maternidade jovem indesejada.

De facto, a segurança constitui o maior medo de todos neste bairro, e é provavelmente o problema com mais importância. Manifestou-se uma vontade de mudança relativa às redes de tráfico que governam a área e essas são as imagens que se repetem continuamente na minha cabeça. Um reflexo das ocorrências fortes por que as pessoas que tive a oportunidade de conhecer passam frequentemente. Acumulam-se perguntas infinitas sobre os dias que terminaram sem resposta imediata. Por isso, neste momento a frustração e a impotência apoderam-se da viagem de volta.



Figs. 91 e 92 Blocos Habitacionais, Complexo de Manguinhos, Rio de Janeiro, Brasil, 19 de Março de 2017.

Por volta das 22h, desperto com as luzes menos espaçadas do centro do Rio de Janeiro. Havia-me rendido à fadiga acumulada do fim de semana. Olho à minha volta todos parecem despertar da mesma forma até o autocarro suspender a marcha na Rua do Catete em frente ao espaço da organização Teto.

Despedi-me da “equipe fixe” e abracei a Malu antes de colocar a mochila pesada às costas e seguir caminho em direção a casa.

19 de Março de 2017

Os meus dias pelo Rio de Janeiro esgotam-se e dentro de pouco estarei no início do meu roteiro pelo interior do Brasil na volta a Buenos Aires para o início de um novo semestre.

Resta a curiosidade pela intervenção do Complexo de Manguinhos por ser, a par do projeto para o Complexo do Alemão, um programa de envergadura extra-grande. Delimitado pela linha de comboio que divide a área da favela está composto por programas físicos e sociais de articulação. Além de uma grande rede de novas infraestruturas este é um projeto incluído no Plano de Aceleração do Crescimento. Oferece uma renovada reformulação do sistema viário, um novo centro cívico da comunidade, e setor habitacional, entre outros. Não havia contactos possíveis para uma visita a esta obra, pelo menos aqueles que tentei fracassaram. Por isso decidi usar a linha verde do metro até à zona de Jacarezinho.

Se na chegada à cidade, o contacto com os assentamentos informais adjacentes à via é amenizado pelas barreiras que acompanham o percurso, então aqui o efeito é o oposto. O Viaduto de Benfica, elevado do chão, percorre-se ao nível do piso superior das casas inacabadas do lado norte da favela. Logo depois, surgem do lado esquerdo os edifícios pintados de verde da intervenção para o Complexo de Manguinhos, encaixados entre a linha do comboio e o viaduto onde me encontro.

Os blocos habitacionais longos, de apenas uma água, traziam a cota do seu quarto piso até à mesma onde estava. Revela-se uma proximidade desconfortável entre aquilo que é a via pública e o primeiro apartamento na extremidade destes conjuntos.

O modelo em pente assemelha-se ao que havia já visitado na favela da Rocinha, com corredores de acesso aos apartamentos aberto ao exterior e deixando os pilares à vista. Na fachada oposta, as pequenas varandas individuais de guarda branca aparecem aqui com uma pequena cobertura quadrada suspensa.

Também este conjunto é marcado pelas já habituais antenas parabólicas que enchem as cores dos blocos de círculos brancos. Do mesmo modo, muitos dos corredores de acesso às habitações estão encerrados por portões. A apropriação dos moradores parece ser muito semelhante em todos os edifícios modernos, adaptando-os às demandas particulares como a segurança, a arrumação, entre outros.

Por fim chego à praça onde se situa a biblioteca e o centro cívico da comunidade. Na entrada a este espaço existem paragens de serviço moto-táxi que hoje se encontram sem vida. Esta praça



Fig. 93 Praça Complexo de Manguinhos, Rio de Janeiro, Brasil, 19 de Março de 2017.

está aliada aos restantes blocos de habitação que chegam até aqui, desta vez pintados de cor-de-rosa.

Todo o complexo habitacional é composto por cerca de 38 blocos sendo que, estes últimos adjacentes à praça estão colocados tendo em conta a morfologia triângular do terreno. A praça relvada encontra-se vazia, e visto que hoje é Domingo a biblioteca e o centro cívico, de fachada rosa escura e longitudinal repleta de janelas, estão também encerrados.

Dois moradores fazem perícias em *skate* na zona pavimentada da praça enquanto me passeio pelo espaço central. O piso encontra-se já marcado pelo tempo, a relva seca e descolorada faz-me pisar em falso várias vezes. Aqui parece haver menos segurança, talvez pela proximidade às várias vias rápidas que ladeiam o lugar, fazendo com que existam menos olhos sobre nós, por isso, chamo um *Uber* para iniciar o meu percurso de volta e dirijo-me de novo ao viaduto.



94 Eixo Monumental, desde a Torre de TV, Brasília, Brasil, 20 de Março de 2017.

20 de Março de 2017

Ainda ontem cheguei a Brasília e já a azáfama e a desorientação me provocam um raro mau humor matinal.

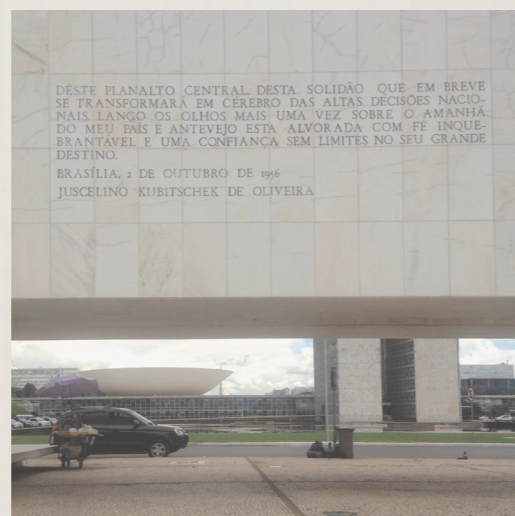
Tratei de animar-me, convenci-me que as visitas aos maiores ícones da arquitetura moderna brasileira, que tanto me haviam passado pelo pensamento projetadas sobre as telas brancas das salas do D'Arq, iriam tratar disso sozinhas.

De facto, a imponência que estas garantem pela grandeza, ao mesmo tempo que uma liberdade permissiva lhes dá a forma curva, são uma dualidade rara que graças a esta cidade se tornou intemporal.

Aquilo que, estranha e inesperadamente me causa Brasília, é a sensação de como sou pequeníssima, e de como provavelmente adoraria estar aqui se tivesse vindo de carro.

Entre mim, e qualquer um dos célebres edifícios mais próximos – aqui todo o edifício é prestigiado e popular – estão constantemente mais de vinte metros de vazio absoluto. Por vezes um banco, onde ninguém se senta.

Enquanto procuro a famosa Igrejinha triangular sou advertida pelos jardineiros municipais “não devia andar aqui, pode ser assaltada!”, tal infortúnio só poderá suceder uma vez por viagem, correto?



Não fui assaltada, mas não pude deixar de pensar, é certo: poderia acontecer. Todo o lugar é tão distante do próximo que, caso estivesse de verdade a ser assaltada, até à pessoa mais próxima passaria despercebida. Provavelmente confundir-se-ia um assalto com um abraço ou algo irónico do género.

Relembro as favelas centrais do Rio de Janeiro, o medo que me assombra aqui, não o senti na Rocinha, ou em Santa Marta, onde ergui o telemóvel em plena via tentando capturar os momentos e edifícios que me conviesse.

Pelo menos ali, graças à escala humana, qualquer desconhecido poderia avistar-me. Já dizia em entrevista Denise Scott Brown que “quando desenhavas parte de uma cidade, não podes tomar todas as decisões. És simplesmente um guia.(...) Mas o medo é bom, dá prudência. Menos ego e mais medo podia ser um bom lema para a arquitetura”⁹⁸. Talvez esse medo diminuísse as proporções.

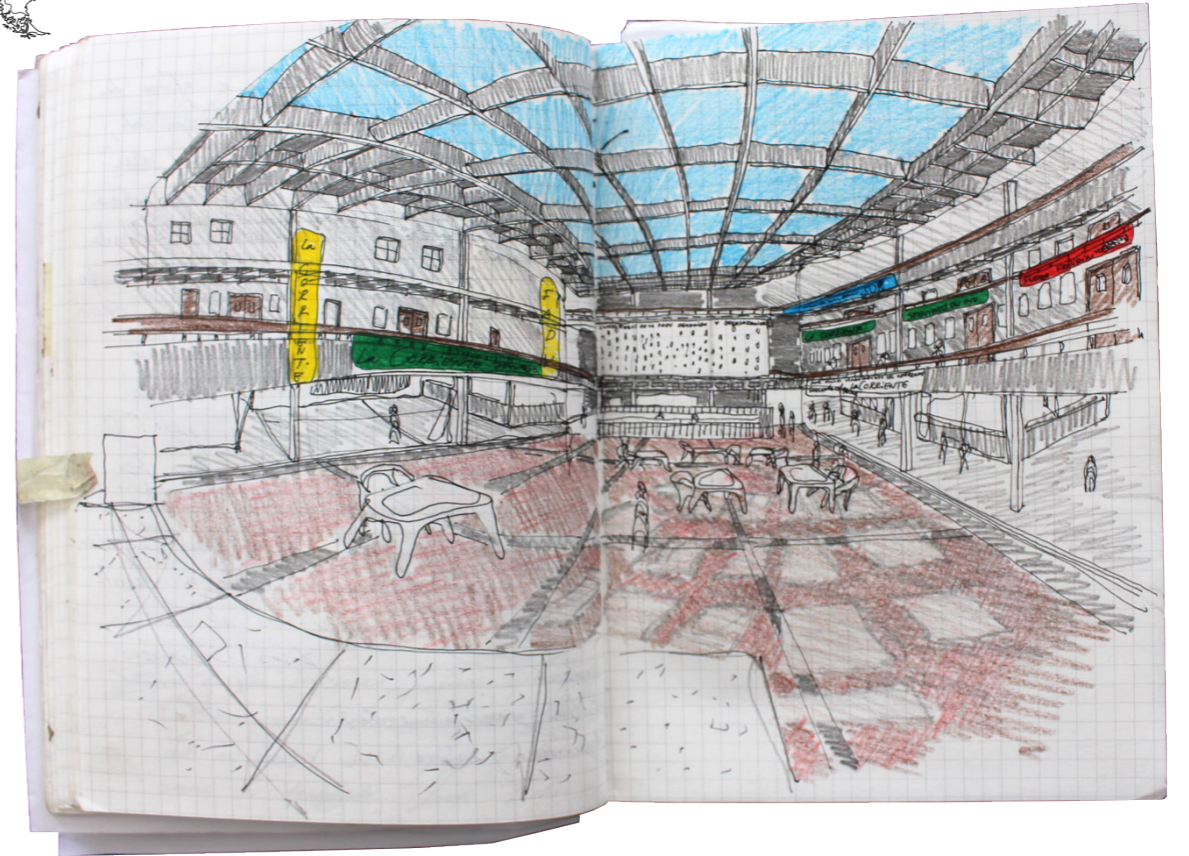
Digo e contradigo, enquanto viajo num continente de controvérsias e desigualdades, mesmo na capital central, sem sombra que me cubra o sol, é possível sentir-se aquilo que só se pensa poder sentir no centro da precariedade.



⁹⁸ Zabalbeascoa, «Entrevista | “En la arquitectura hace falta menos ego y más miedo”», El País, 25 de Abril de 2013, sec. Eps, https://elpais.com/elpais/2013/04/23/eps/1366712866_157748.html; “Cuando diseñas parte de una ciudad, no puedes tomar todas las decisiones. Simplemente eres un guía. Pero el miedo es bueno, aporta prudencia. Menos ego y más miedo, podría ser un buen lema para la arquitectura.”

⁹⁵ Museu histórico da cidade de Brasília, texto de Juscelino Kubitschek de Oliveira, 20 de Março de 2017;

⁹⁶ Praça dos Três Poderes, Brasília, Brasil, 19 de Março de 2017.



Brasilia, 2o de Março de 2017

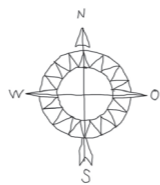


Fig. 97 Diário de viagem, Facultad de Arquitectura y Diseño Urbano de la Universidad de Buenos Aires, Argentina, 18 de Abril de 2017.

03 de Abril de 2017

Depois da demorada viagem latino-americana estarei parada por algum tempo em Buenos Aires, onde se deu início ao novo semestre da *Facultad de Arquitectura y Diseño Urbano de la Universidad de Buenos Aires*.

Esta é, no entanto, também uma viagem da descoberta e da curiosidade que não havia dado por terminada. Os territórios que tinha observado e visitado durante o percurso recém-terminado são também um objeto de estudo neste país. E as paisagens que analisei rapidamente antes de partir na *Terminal de Omnibus de Retiro* eram apenas uma pequena parte das relações próximas entre os bairros e a sua envolvente. Estas são por isso inquietudes que me farão certamente voltar e visitar de uma forma distinta e mais atenta.

Também as aulas que frequento na *FADU* no novo semestre são agora mais direcionadas às inquietudes que me tiraram o sono em viagem. Todas as quarta-feiras pela manhã assisto à aula das professoras Marcela Vio e Analía D'angelo, arquiteta e socióloga, respetivamente.

É nesta sala do piso intermédio da faculdade que nos sentamos descontraidamente nos bancos pequenos, caso existam, ou em cima das mesas de contraplacado pintado de branco descascado nas extremidades. Sempre, após a primeira “rodada” de *mate*⁹⁹ para iniciar a manhã, ambas as professoras inauguram a conversa que se estende até às 13h.

Em conjunto abordam em cada aula a produção urbano-social da área metropolitana de Buenos Aires ao longo dos tempos. Reflete-se sempre em conversa aberta sobre as velhas e novas questões da cidade, nomeadamente as políticas urbanas e paradigmas expressos no território. A intervenção de cada aluno dá aso a um leque de novos temas a abordar. No entanto, especifica-se a investigação do direito à vivenda e as suas anomalias nos setores desfavorecidos da cidade. Ambas as docentes trabalham na execução de sensos e entrevistas em *villas* e assentamentos informais, para as suas teses de doutoramento.

Entende-se agora uma pequena percentagem da parafernália de leis, burocracias, serviços públicos e exigências por detrás de cada construção, e cada alteração ou criação de infraestrutura.

Através destas aulas fico a conhecer autores, artigos e publicações de grande interesse relativamente ao território *bonarense* e às causas provocadoras do aparecimento das construções informais que havia visto na cidade.

07 de Abril de 2017

Da mesma forma que havia entrado em contacto com a organização não governamental Teto no Brasil, decidi fazê-lo na Argentina, onde o nome é traduzido para *Techo*.

Também aqui assisti à reunião de apresentação a novos voluntários. A *Oficina Techo* da *Capital Federal* está situada na *Calle Venezuela* onde me dirigi de autocarro urbano pelas 18 horas.

⁹⁹ Infusão da erva-mate ou *mate cocido* num recipiente tradicionalmente feito a partir de cabaça com uma *bombilla* ou filtro.



Fig. 98 Diário de viagem, Sede ONG Techo Argentina, Esquina entre Calle Venezuela e Santiago del Estero, 07 de Abril de 2017.

Fig. 99 Grupo de Voluntários Techo Argentina, Buenos Aires, Argentina, 08 de Abril de 2018.

O edifício que alberga a oficina da organização situa-se no cruzamento entre esta rua e a *Calle Santiago del Estero*, pelo que a sua porta principal em vidro está situada convenientemente no canto chanfrado da fachada.

Aproximei-me ao mesmo tempo que Leti, a representante com quem havia contactado até agora, caminhava de ar descontraído até à porta. Segundo aparenta, sou a única participante desta reunião de recrutamento, pelo que a conversa foi menos focada na apresentação e mais direcionada àquilo que conheço da organização, nomeadamente a experiência no Brasil que suscitou bastante curiosidade da parte das duas representantes.

Após algum tempo de conversa convidaram-me a participar na série de inquéritos que aplicarão no dia de amanhã. Acedo prontamente, será indubitavelmente interessante ter uma oportunidade semelhante num país diferente.

08 de Abril de 2017

Eram 7 da manhã e já me encontrava no autocarro urbano com direção à *Calle Venezuela*, dirigi-me à mesma porta onde tinha combinado o encontro com Leti e Cami. Encostados às paredes do edifício, sentados no passeio ou à conversa em grupos estavam já vários voluntários. Traziam a camisola da organização, semelhante à minha, mas escrita em espanhol.

Dentro deste grupo foi fácil reconhecer as duas representantes que me haviam exposto o trabalho da organização no dia de ontem, também elas me reconheceram.

Tal como no evento brasileiro juntámo-nos no último piso do edifício. Subindo as escadas estreitas em fila única, foi dada uma pequena palestra de iniciação numa sala extensa. Depois de tempo para expor dúvidas descemos de novo até à *Calle Venezuela* onde dois autocarros nos esperavam. Cada autocarro teria uma comunidade diferente como destino. Eu juntei-me ao grupo de Cami, ao qual foi atribuído o *Barrio IAPI*, a Oeste de *Quilmes*, Sudeste da *Ciudad Autónoma de Buenos Aires*. A viagem de cerca de uma hora foi dedicada à típica troca de informações e histórias.

Por fim, o autocarro abandona e pára em frente à escola básica da comunidade. O calor abrasador e as construções que vejo transportam-me mentalmente a lugares familiares por onde havia passado.

Observava as casas degradadas em tijolo cobertas pela habitual laje solta, por vezes com alpendres em chapa em toda a extensão da fachada, as antenas parabólicas e os depósitos de água, os comércios informais que enchem os pisos térreos e as cores que, sempre que possível cobrem os tijolos das paredes. Todos os fatores que saltam primeiramente à vista fazem-me lembrar os bairros e assentamentos brasileiros. No entanto, numa segunda análise diferem as ruas, que ali são planas e, replicando a cidade envolvente, são organizadas por quarteirões mais ou menos regulares. Devido à falta de inclinação do terreno deixam de existir serviços como os moto-táxis – apenas agora compreendo verdadeiramente a sua importância, tanto na paisagem como na economia local.

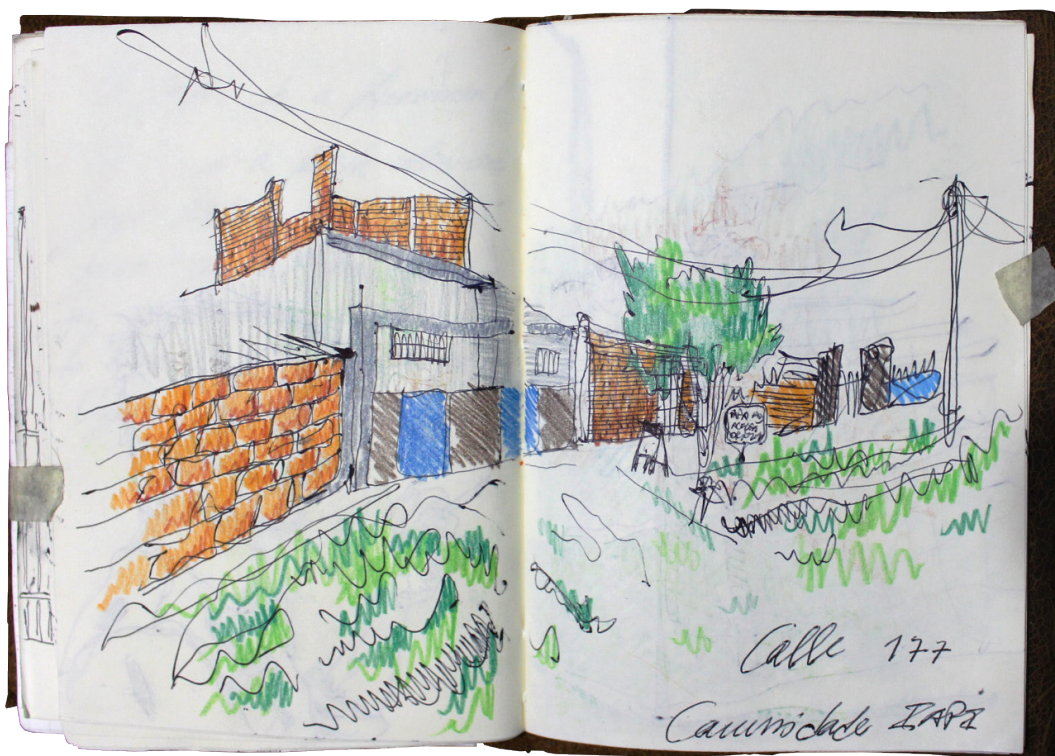


Fig. 100 Diário de viagem, *Calle 177*, Quilmes, Buenos Aires, Argentina, 08 de Abril de 2017.

Passam a fazer parte da circulação nestas comunidades os animais. Nas vias de alcatrão gasto e remendado circulam entre os carros de peças consertadas em várias cores, moradores montados em cavalos. Alguns trazem as cestas metálicas de duas rodas atestadas de cartão agarradas ao animal. Observo-os atentamente: sabia que estes senhores que vejo regularmente no centro da cidade enquanto puxam os seus carros de mão pela estrada, se dirigiam para as empresas de reciclagem da periferia, onde venderiam o material para ganhar o salário diário.

O grupo de cerca de quinze pessoas é dividido em pequenas equipas de três, do meu faziam parte: Cata, a voluntária que ocuparia o papel de chefe de equipa e George, um estadunidense de espanhol ainda pouco compreensível.

Demos início à aplicação de inquéritos utilizando mais uma vez os mapas feitos previamente pela equipa de mapeamento da organização. Este é um “escutar comunidades” de uma dimensão pequena e de repetição. Isto é, é aplicado a moradores que já haviam respondido previamente aos questionários, visando o estudo aprofundado das mudanças que estas famílias tiveram ao longo dos anos.

Neste bairro, assim como em muitos outros da cidade, as ruas distinguem-se por números. As que nos foram atribuídas estavam compreendidas entre a *Calle* 175 e a 179. Caminhámos ao longo da *Calle Los Andes*, a principal e única asfaltada, as restantes mantêm-se em terra batida cobertas de lixo e retalhos partidos de tijolos, vidros e madeiras das construções. Ainda que esta comunidade já tenha rede saneamento formal provisionada, a iluminação e o acesso a água são necessidades resolvidas pelos moradores através de conexões irregulares, por isso, caminhamos sempre acompanhados pela grande quantidade fios elétricos que nos sobrevoam.

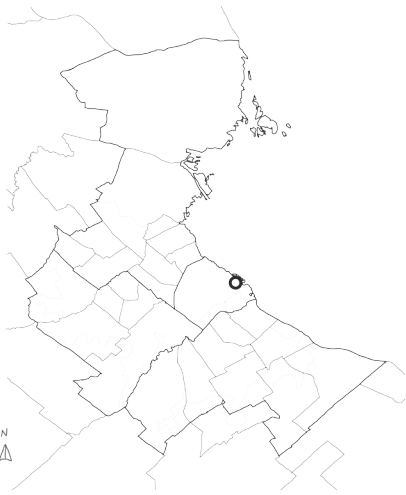
A primeira casa a aceder receber-nos, foi a de uma família numerosa. A senhora de cabelos loiros apanhados atrás numa mola era uma das habitantes com uma casa de emergência da ONG *Techo* associada à sua habitação principal. Segundo conta, ela, a sua filha mais nova e as famílias próprias dos seus dois filhos viviam todos na habitação de dois pisos em tijolo pintado de verde que mostra atrás de si. A pequena casa levantada do solo em madeira construída pela organização serviu para alojar a família do seu filho mais velho.

Por algum tempo falou dos novos sucessos da sua família e da utilidade da casa provisória que lhe haviam construído. Enquanto fala levanta as mãos como se agradecesse a um poder divino os acontecimentos recentes.

Mais adiante, a próxima família a abrir-nos as portas foi um casal, que nunca havia sido inquirido. A fachada principal em tijolo à vista dava-lhe um ar de habitação ainda em processo construção, característica que constatamos no momento da entrada.

A porta abria-se para um espaço em terra batida, coberto de destroços e tijolos partidos e, enquanto caminhávamos, estes quebravam-se ainda mais produzindo um ruído estrondoso. A área interior não tinha ainda cobertura, pelo que nesse momento nos encontrávamos num compartimento inacabado da casa, que lhes servia por agora como pátio. Aproveitavam a sombra e qualquer corrente de ar que viesse refrescar o calor.

Contavam-nos durante a entrevista que tratam de construir a casa aos fins-de-semana entre os



dois, conforme podiam e com o orçamento que possuíam. Entusiasmado o chefe de família guiou-nos por entre os escombros da construção até ao compartimento coberto, que já habitam.

Ainda com o piso em terra tem já um espaço de cozinha que passará futuramente a ocupar o espaço aberto onde estivemos anteriormente. Encostados à parede em frente estão a cama, um armário simples e as ligações que um dia darão forma à instalação sanitária.

Passados poucos minutos voltamos para perto da esposa. Esperá-va-nos ainda sentada na cadeira para que déssemos seguimento ao inquérito. Ambos trabalham sem contrato, e ainda que não tenham filhos, questionamo-nos sobre o interesse de construir uma casa de emergência da organização. Trocaram olhares e sorriram acenando negativamente. “Estamos a construir a nossa casa juntos, tijolo a tijolo” disseram, “cada material que constrói esta casa é produto do nosso esforço. Prefiro que dêem uma casa a alguém que não tenha isso.”

Sem palavras que pudessem contestar, olho em volta numa direção baixa, a situação em que viviam era suficiente para um pedido de ajuda. Em vez disso, valorizam o sonho que lentamente alcançam num misto entre o amor próprio e o amor ao próximo. Despedimo-nos e atravessamos de novo a parede de tijolo até ao exterior. Havíamos escutado um ensinamento dentro daquelas quatro frágeis paredes, uma lição de perseverança, de partilha, e de compaixão que nos ficará permanentemente no pensamento.

14 de Abril de 2018

Acompanhada pelo Gabo¹⁰⁰, esperei o autocarro número 106 perto de casa que nos levaria até à zona de Retiro, onde planeava fazer uma visita à *Villa 31*.

Decidimos aproveitar o dia de sábado visto que, segundo ouvimos, é neste dia que fazem a feira dos vizinhos das *Villas 31 e 31 bis*. Ainda que chame maioritariamente vizinhos de outros bairros, começa nos últimos tempos a chamar também a atenção de transeuntes ocasionais ou pessoas que trabalham e visitam a zona, cativadas pelos preços baixos que oferecem. Havia feito uma pequena pesquisa e por isso tinha já conhecimento que a cidade deu no último ano início a um projeto de “formalização e promoção da feira para lá dos limites da *villa*”¹⁰¹.

Como sempre, fizemos sinal ao condutor para que parasse junto da estação ferroviária de *Retiro*. Dirigimo-nos calmamente na tentativa de perceber por onde entrar nos esbatidos limites do bairro. Cruzamos pela passadeira e caminhamos ao longo da fachada da estação de comboios, esta é a zona mais controversa da cidade.

Uma ação simples como a de atravessar a via transportava-nos entre dois tipos de cidade com movimentos completamente distintos. Esquivando-nos dos carrinhos e arcas congeladoras de vendedores de *empanadas* que cobrem o espaço restante, tornou-se difícil caminhar sem ir contra as pessoas que percorriam o passeio largo.

¹⁰⁰ Gabriel Martinez, argentino colega de casa em Buenos Aires.

¹⁰¹ Gómez, Silvia, «De compras en la Villa 31: la feria de los vecinos que quieren abrir a toda la Ciudad», 17 de Dezembro de 2016, <https://www.clarin.com/ciudades/>.

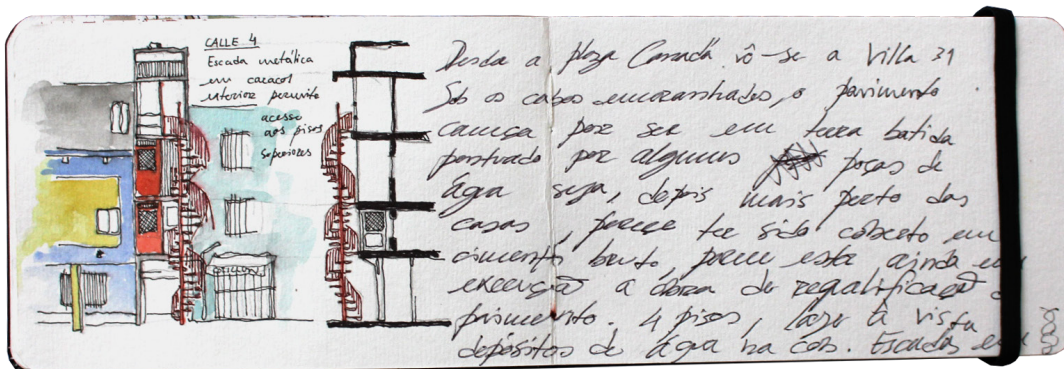


Fig. 101 Villa 31 vista desde a Plaza Canadá, Retiro, Buenos Aires, Argentina, 14 de Abril de 2018;

Fig. 102 Diário de viagem, escadas em espiral, aguarela, Villa 31, Retiro, Buenos Aires, Argentina, 14 de Abril de 2018.

Seguimos caminho e parámos justamente entre as duas estações de Retiro onde, alcançando a rua principal, emergem as casas informais em tijolo à vista da *Villa 31*. Tal como raízes, as casas cresceram por todo o espaço intersticial existente. Neste caso, irromperam até ao ponto de ser visíveis desde a via principal, contrastando com todo o tipo de arquitetura que se ergue do outro lado da estrada e com a fachada imponente do século XIX da estação ferroviária.

As “raízes” em tons laranjas chegaram até à superfície deixando-se ser vistas, iluminadas ao nível das estações e passando a fazer parte da paisagem. Neste caso a paisagem quotidiana mesmo de quem não vive no lugar.

Desde onde me encontrava nesse momento, podia já ver-se em ponto de fuga uma extensão considerável destas casas. Estão acompanhadas, à semelhança das favelas brasileiras pelos cabos irregulares emaranhados ou soltos de eletricidade. O pavimento da rua começa em terra batida pontuado por algumas poças de água, tendo depois, mais perto das casas da *villa*, sido coberto de cimento bruto. Parece estar ainda em andamento a obra de requalificação.

As casas têm em média 4 pisos de tijolo, com a laje à vista e os depósitos de água na cobertura, tal como as que vi em viagem. No entanto no bairro 31, todas ou quase todas possuem uma escada em espiral metálica exterior que acede aos pisos superiores. Achávamos que esta seria a entrada principal de acesso à *Villa 31*, mesmo assim decidimos perguntar a um agente policial que permanecia atento na esquina. Aparentemente teríamos de entrar “pelo outro lado” circundando a terminal de autocarros.

Mais adiante, após curvar no seguimento do edifício do terminal há obras da municipalidade reservadas da vista exterior com placas opacas amarelas. Uma destas placas figura em letras minúsculas grandes escritas em spray de tinta preta “*nadie se va de la villa 31*”. Um misto entre o apelo, o protesto e a advertência que, na forma de rabisco, aparenta ser símbolo da memória fresca dos acontecimentos passados. Talvez as tentativas anteriores de erradicação tragam o receio de que qualquer intervenção feita seja sinónimo de uma mudança de lugar.

A partir deste momento, começamos finalmente a avistar vendedores e um grande movimento que invade o passeio. Há comerciantes de toalhas estendidas para mostragem dos seus artigos nas duas margens do passeio. Vendem todo o tipo de objetos, desde roupa, artigos antigos e usados, rádios, tecnologia, etc.

Caminhámos sempre de olho no chão para não pisar os pequenos objetos que se estendiam para lá das toalhas. Soavam alto as *cumbias*¹⁰² alegres que saíam das colunas e aparelhagens que alguns tinham à venda enquanto outros gritavam preços e chamavam gente. Do lado direito, no exterior de barracos improvisados em retalhos de madeira, alguns moradores cantavam e assavam carne fazendo do fumo e do aroma uma parte integrante da imagem.

Seguimos os postos irregulares de venda, que nos ensinavam o caminho, até à *calle 4* onde, segundo entendemos, entrávamos na zona habitacional da *villa*. Nessa rua as toalhas dos vendedores no pavimento são substituídas por uma fila de barracas de venda mais organizadas na margem esquerda da rua. Eram de cor amarela e identificadas, aparentemente financiadas

102 Estilo musical latino-americano.

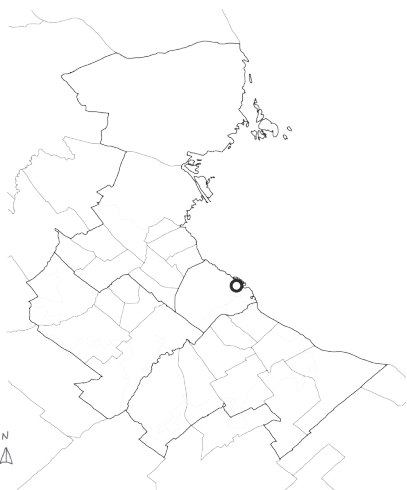
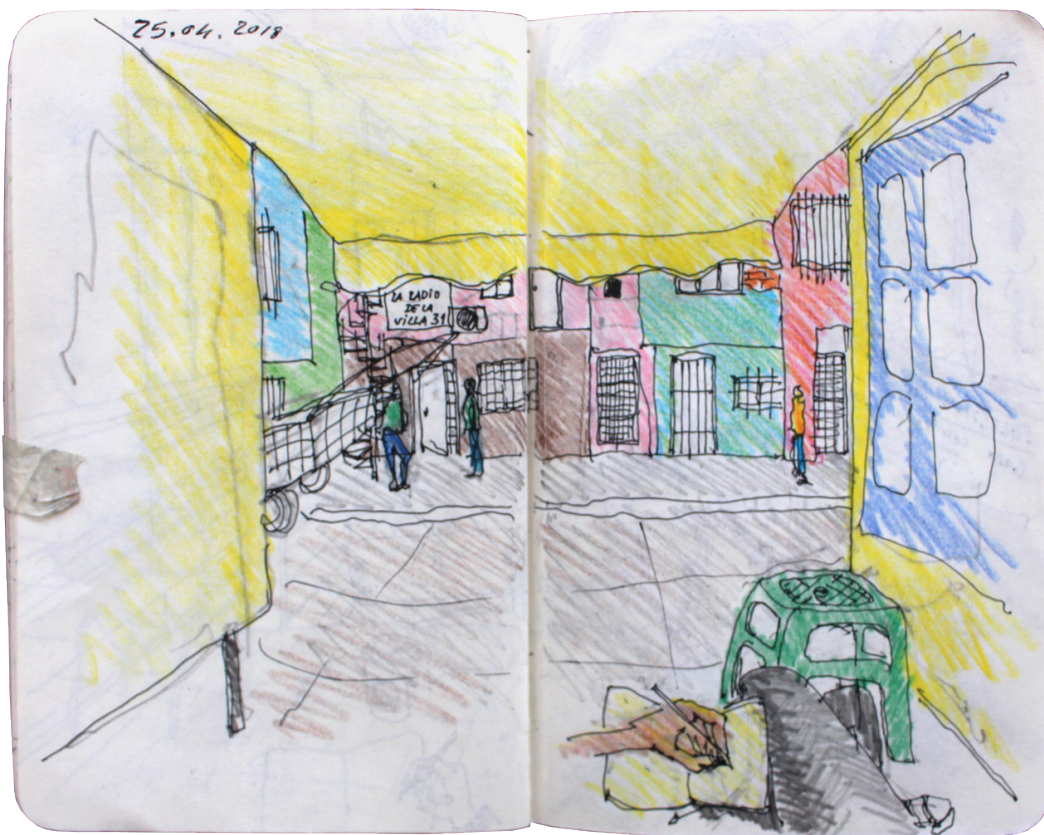


Fig. 103 Diário de viagem, representação da *calle 4*, aguarela, *Villa 31*, Retiro, Buenos Aires, Argentina, 14 de Abril de 2018;

Fig. 104 Diário de viagem, Tenda do cabeleireiro, *Villa 31*, Retiro, Buenos Aires, Argentina, 28 de Abril de 2018.

pelo município. À direita há vários habitantes em pequenos estabelecimentos permanentes. Placas publicitárias exibem em letras grandes e coloridas os nomes dos comércios e aquilo que se vende. Ainda que o tijolo sobressaia, muitas das fachadas da *calle* principal estão pintadas de várias cores fazendo por momentos lembrar o cenário policromático das ruas de *Caminito* e *La Boca*¹⁰³.

Seguimos o percurso e mais adiante detivemo-nos numa das barracas amarelas onde se lia “*peluquero*” junto de várias imagens de cortes de cabelo. O preço baixíssimo (100\$AR) cativou o Gabo a experimentar e eu pedi licença para sentar-me no banco de plástico ao lado. Desde a barraca do cabeleireiro onde estávamos podia ver-se o edifício onde funciona a rádio da *Villa 31*, segundo mostra o painel branco: “*FM 88.1, El milénio continua, La radio de la villa 31*”. Encontrava-se de porta aberta e com membros da comunidade reunidos de cigarro na mão e camisolas a condizer. Por vezes os pisos superiores dos edifícios têm portas sem saída, onde provavelmente falta ou foi retirada a escada metálica que se vê nas restantes.

A atenção focou-se de novo no interior da barraca, o corte estava quase terminado. A rapidez do senhor mostrou uma facilidade manual, um profissionalismo e uma perícia de quem está acostumado ao serviço. Agradecemos o trabalho e continuamos pela *calle 4* onde mais adiante havia um campo de futebol. No dia de hoje o espaço de jogos está também coberto de barracas e vendedores de verduras. Decidimos entrar no recinto desportivo para comprar fruta, visto que, também estes produtos são muito mais baratos que em qualquer outro lugar da cidade.

Voltando à rua número 4, para continuar na direção do interior da *villa*, as ruas que se desenvolvem a partir desta principal mostram habitações maioritariamente revestidas a tijolo. Conectam-se pelos cabos elétricos que se vêem mais emaranhados e formam uma rede labiríntica que cobre o espaço público calcetado.

Aparentemente, não só os elementos de ligação elétrica ficam mais desorganizados, mas também as cores se dissipam a partir da rua principal, quase deixando de existir nas ruelas menos movimentadas. Nas esquinas lêem-se os números das *manzanas* ou quarteirões: “*Manzana Nº4 Desde Nº3 Hasta Nº5*”. Não só as designações das *villas* da cidade são representadas por números, mas também as suas ruas e os seus quarteirões. Adjacente à *Villa 31* há ainda a *Villa 31 bis*, cujo nome surge pela relação entre as duas, como se esta última fosse um eco ou uma simetria assimétrica da outra.

Mais adiante, caminhamos até ao local onde está a ser desenvolvido um novo tipo de melhoramento, centrado nas vivendas preexistentes. Continuamos, ao longo da rua que marca *Avenida del Inmigrante* até passar sob o viaduto da *Autovía Umberto Illia*. As habitações do bairro têm, neste ponto, tantos andares quantos a altura do viaduto permite. Encaixando-se entre este e o piso levam a última laje a tocar nas robustas vigas que sustentam a *autovia*.

Todo o espaço existente foi aproveitado para a construção de mais uma casa e algumas destas estão até construídas em volta dos suportes da grande estrutura viária recorrendo a estes como estrutura da habitação.

¹⁰³ Zona turística de Buenos Aires, antigos conventillos em chapa pintados de várias cores.

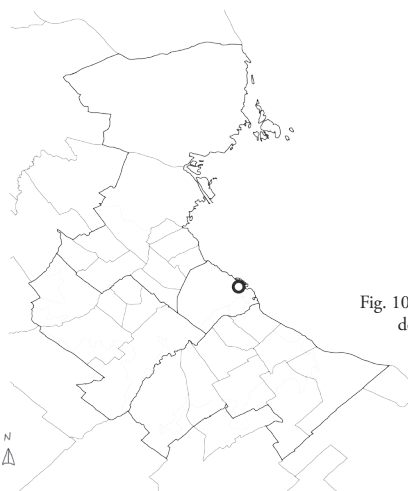
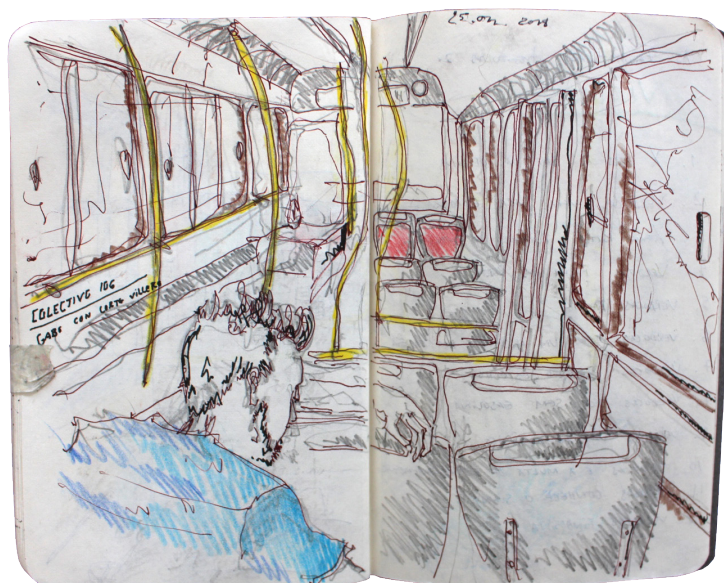
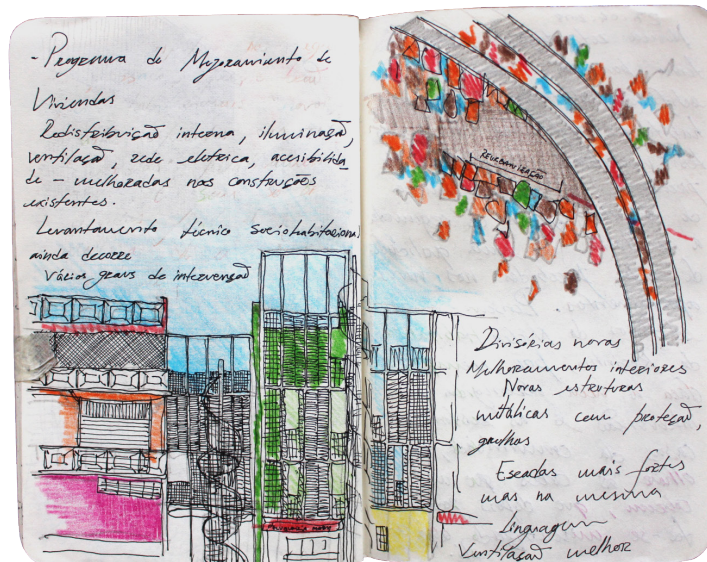


Fig. 105 Diário de viagem, Programa de Melhoramento de Vivendas e Representação do Viaduto, Villa 31, Retiro, Buenos Aires, Argentina, 14 de Abril de 2018;

Fig. 106 Diário de viagem, viagem no colectivo 106, Buenos Aires, Argentina, 25 de Abril de 2018.

Este é também o momento espacial em que o viaduto descreve uma curva, que as construções seguem. Presumivelmente para aproveitá-lo como cobertura adicional às frágeis estruturas das suas residências. Devido a este fenómeno urbano, o afastamento das construções juntamente com a via superior, forma uma praça onde, na fachada do conjunto de habitações em frente à *autovia* se podem observar as alterações feitas no projeto de melhoramento.

Estas que anteriormente eram casas idênticas às restantes, em tijolo à vista e laje solta, partem igualmente da forma e estrutura da construção prévia. No entanto, as fachadas são pintadas de cores fortes e as escadas metálicas frágeis e enferrujadas foram substituídas por outras, também em caracol mantendo a mesma linguagem, mas com guarda e uma nova estabilidade para utilização segura.

Uma estrutura de grelhas contínuas foi colocada sobre as fachadas coloridas, abrindo-se em várias portadas do mesmo material sempre que necessário.

Segundo aquilo que permitem ver as várias janelas abertas, também o interior sofreu alterações nas paredes, lajes e divisões. O espaço já habitado de novo pelos residentes das casas melhoradas sofre as habituais apropriações, principalmente nas grades e escadas, onde penduram roupa, plantas e todo o tipo de coisas que lhes ocupe demasiado o espaço do interior.

Depois de algum tempo de caminhada fazia-se tarde e decidimos inverter o sentido do percurso até *Retiro*. Em *Retiro*, esperamos de novo o autocarro 106 para voltar a casa.



Fig. 107 Palermo, esquina entre a *Calle Gorriti* e *Julián Álvarez*, Buenos Aires, Argentina, 10 de Abril de 2018.



Hoje tentei pela tarde abstrair-me do assunto que me trouxe de volta até aqui. Está uma manhã ensolarada e por isso decidi ir visitar algumas das ruas que percorri durante uma grande parte do ano passado.

Saindo de casa, vejo alguma diferença no bairro de Palermo, as ruas onde vivia estão agora mais frequentemente salpicadas por uma certa miséria pouco ou nada marginal, mas pobre.

Ao mesmo tempo reparo, têm nascido réplicas semelhantes de cafés de esquina, coloridos, arranjados e caros. Enquanto isso, pelas primeiras horas da manhã ainda dormem enroladas em cobertores cinzento-escuro duas pessoas, encolhidas sob a esquina de José Antonio Cabrera e Julián Alvarez.

Dirijo-me à paragem do colectivo. Hoje, ao contrário dos restantes dias, apetece-me voltar ao centro.

Se algo mudou no núcleo de Buenos Aires e nas formas de passear-se apressadamente pela Avenida 9 de Julio na direção da Evita¹⁰⁴, então eu não sei o quê. Talvez a quantidade de luzes que me privam o sentido da visão e me obrigam a desviar o olhar tenha aumentado.

Tenho andado a vasculhar as palavras apaixonantes de Borges e hoje, tenham sido destinadas a este lugar ou não, elas parecem intemporais:

“Anúncios luminosos que provocam o cansaço
 Confusas palavras
 entram à força na quietude da alma.
 Cores impetuosas
 escalam as atónitas fachadas
 (...)
 Atravesso as ruas incómodo
 pela insolência das falsas luzes
 e é a tua lembrança como brasa viva
 que nunca solto
 embora me queime as mãos.”¹⁰⁵

16 de Abril de 2018

Hoje tentei pela tarde abstrair-me do assunto que me trouxe de volta até aqui. Está uma manhã ensolarada e por isso decidi ir visitar algumas das ruas que percorri durante uma grande parte do ano passado.

Saindo de casa, vejo alguma diferença no bairro de Palermo, as ruas onde vivia estão agora mais frequentemente salpicadas por uma certa miséria pouco ou nada marginal, mas pobre.

Ao mesmo tempo reparo, têm nascido réplicas semelhantes de cafés de esquina, coloridos, arranjados e caros. Enquanto isso, pelas primeiras horas da manhã ainda dormem enroladas em cobertores cinzento-escuro duas pessoas, encolhidas sob a esquina de José Antonio Cabrera e Julián Alvarez.

Dirijo-me à paragem do colectivo. Hoje, ao contrário dos restantes dias, apetece-me voltar ao centro.

Se algo mudou no núcleo de Buenos Aires e nas formas de passear-se apressadamente pela Avenida 9 de Julio na direção da Evita¹⁰⁴, então eu não sei o quê. Talvez a quantidade de luzes que me privam o sentido da visão e me obrigam a desviar o olhar tenha aumentado.

Tenho andado a vasculhar as palavras apaixonantes de Borges e hoje, tenham sido destinadas a este lugar ou não, elas parecem intemporais:

“Anúncios luminosos que provocam o cansaço
 Confusas palavras
 entram à força na quietude da alma.
 Cores impetuosas
 escalam as atónitas fachadas
 (...)
 Atravesso as ruas incómodo
 pela insolência das falsas luzes
 e é a tua lembrança como brasa viva
 que nunca solto
 embora me queime as mãos.”¹⁰⁵



¹⁰⁴ Edifício do Ministério das Obras Públicas, entre a Avenida 9 de Julio e a Avenida Belgrano, possui nas fachadas Norte e Sul dois murais (2011) de Eva Perón, pelo artista Alejandro Marmo. Monsserat, Buenos Aires.

¹⁰⁵ Ciudad, in: Jorge L. Borges, Fervor de Buenos Aires, “Anuncios luminosos tironeando em cansancio/ charras algarabias/ entran a saco en la inquietud del alma./ Colores impetuosos/ escalan las atónitas fachadas/ Yo atravieso las calles desalmado/ por la insolencia de las luces

Fig. 108 Palermo, esquina entre a Calle Costa Rica e Francisco Acuña de Figueroa, Buenos Aires, Argentina, 13 de Abril de 2018;

Fig. 109 Obelisco, em Av. Corrientes con 9 de Julio, Buenos Aires, Argentina, 16 de Abril de 2018;

Fig. 110 Obelisco, desde a Avenida Pres. Roque Sáenz Peña, Buenos Aires, Argentina, 16 de Abril de 2018.

Buenos Aires, 16 de Abril de 2018

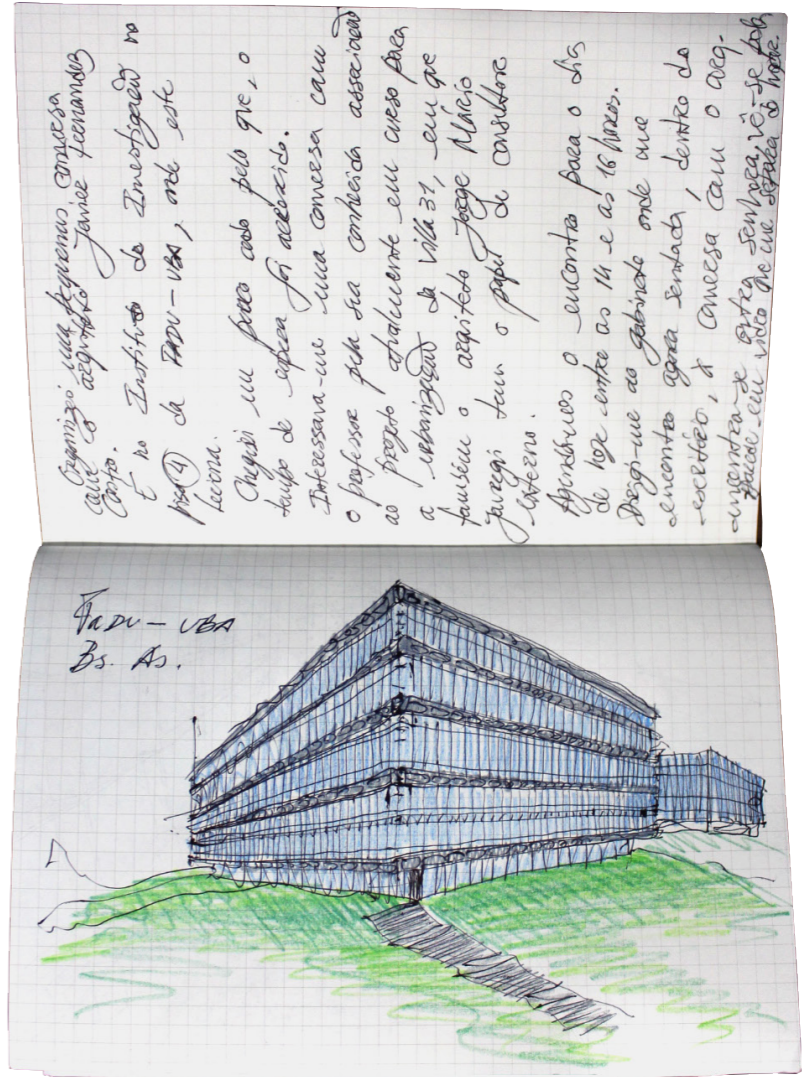
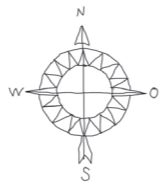


Fig. 111 Diário de viagem, Facultad de Arquitectura y Diseño Urbano de la Universidad de Buenos Aires, Argentina, 18 de Abril de 2018.

18 de Abril de 2018

Havia organizado uma pequena conversa com o arquiteto Javier Fernández Castro, que teria lugar no Instituto de Investigações, no piso 4 da *Facultad de Arquitectura y Diseño Urbano de la Universidad de Buenos Aires*, onde este leciona.

Interessava-me uma conversa com o professor da *FADU-UBA* pela sua conhecida associação ao projeto atualmente em curso para a urbanização da *Villa 31*, em que também o arquiteto Jorge Mario Jáuregui faz o papel de consultor externo.

Agendámos o encontro para o dia de hoje entre as 14 e as 16 horas, pelo que, por volta dessa hora, me dirigi ao instituto de investigações da *FADU*. Questionei a primeira pessoa que encontrei sobre o lugar do gabinete. Na entrada estava a rececionista sentada em frente ao balcão branco, a quem expliquei o motivo da minha visita. À direita, a seguir à sala de espera, um vidro deixava ver o escritório pessoal de atendimento, onde esta se dirige para entregar o recado ao arquiteto. Sentado de um lado da mesa conversa com duas outras pessoas.

Olho atenta enquanto a senhora lhe conta, julgo eu, que me encontro ali. O arquiteto sobe a mirada, que fixava na mesa, na minha direção e acena-me saudando.

Espero no sofá de costas para as janelas contínuas do edifício da *FADU-UBA*. Observo atentamente a estante de livros à minha frente, são na sua maioria manuais de urbanismo e arquitetura.

Passados alguns minutos, os convidados saem do pequeno escritório, seguidos do arquiteto que num gesto rápido com a mão me convida a entrar. Senta-se em frente à mesa disposta no centro do espaço. Atrás de si uma maquete de grandes dimensões em madeira e esferovite azul representativa da *Villa 31*, estava cuidadosamente disposta sobre um móvel e encostada na parede do fundo.

“É importante perceber primeiro o que significa urbanizar *villas*”, começa por explicar em tom de desafio. A visão pouco objetiva do arquiteto Javier Fernández Castro relativamente ao tema e às questões de política pública que acarreta, corrobora aquilo que vinha a entender gradualmente desde a chegada de viagem em 2017.

A constante teorização sobre as problemáticas, claramente necessária, faz dos argentinos pensadores críticos cujo discurso arquitetónico dissimula, em geral, a opinião política de cada um. Graças à união dos dois fatores, torna-se difícil acompanhar as crenças de uma forma transparente e nítida.

Assim, início a conversa informal com uma pequena explicação do parecer pessoal que tenho desenvolvido até ao momento. O pragmatismo e a prontidão do arquiteto levam-no rapidamente a concordar: a visão pouco objetiva é, de facto, necessária. No entanto, a dificuldade em entendê-la reside também na falta de experiências construídas nas *villas* argentinas, fazendo de tudo o que se disser uma teoria. Isto é, existe eminentemente uma necessidade atual de confirmação e experimentação dos estudos que têm sido publicados até agora.

falsas.”



Fig. 112 Conversa com Javier Fernández Castro, *FADU-UBA*, Buenos Aires, Argentina, 18 de Abril de 2018.

Contava-lhe sobre a viagem que serviria de mote para a investigação e acerca da dificuldade em encontrar obras e projetos de articulação *in loco*, no que diz respeito aos bairros e assentamentos argentinos. Segundo explica, a Argentina, generalizando, encontra-se ainda numa “fase anterior quando comparada a países como o Brasil”, diz utilizando o exemplo da viagem que acabava de partilhar. “O que se vê aqui são ainda experiências pontuais não estruturadas”, continuava descontraidamente, “seria mais fácil se não existissem estas políticas orgânicas muito espalhadas e soltas.”.

Direcionando o tema de conversação para uma especificidade maior, perguntei-lhe acerca do tema pelo qual havia agendado este encontro: o projeto que dirigia para intervir na *Villa 31 de Retiro*.

Girou ligeiramente a cadeira e fez uma breve explicação, apontando na direção da maquete e mostrando as obras planeadas e as construídas. Tendo em conta a escala do elemento de apresentação que cobria uma grande parte da área da parede, este é um projeto de grande envergadura, no qual se propõem alterações a vários níveis. As casas que havia visitado no sábado anterior são, segundo o arquiteto, experiências de espaços públicos e protótipos de melhoramento de vivendas feitos em paralelo pelo governo.

O resultado foi uma solução “muito mais custosa do que se esperava, então ainda não há certezas de que possa replicar-se”, conta. A seguir, aponta na maquete um conjunto de blocos de esferovite azul situado no canto inferior esquerdo, estes eram os elementos finalizados e em processo de construção do projeto.

Ainda assim, utilizando as palavras do arquiteto, esta pequena porção construída deve-se apenas à reparação das consequências geradas pelo novo troço da *Autovia Illia*. “É um conflito: as vivendas construídas estão lá porque houve a construção da autopista, é um processo bastante mais complexo que aquilo que se imagina”, diz.

Enquanto os desalojados pela construção viária são transferidos para novas vivendas, a parte restante do projeto, que é no fundo a mais importante, está ainda à espera de crédito financeiro. Discutiram-se ainda em conversa informal as questões e impedimentos sobre os planos para a mobilidade no projeto.

Em seguida, referindo-se especificamente aos blocos habitacionais finalizados, conta que “esta nova construção está no ponto decisivo e o empenho no trabalho tinha muito que ver com a opinião posterior das pessoas”, isto é, “se corre bem, todos não querer esta solução, se corre mal, ninguém as utilizará.”.

Admitindo uma ligação inspiradora às soluções do programa favela-bairro, o arquiteto fala ainda da “generosidade espacial” desenhada para os compartimentos dos blocos, que “não é habitual nas vivendas de habitação social”.

Para finalizar a conversa, deixa a sua total disponibilidade para responder a novas questões. Deixa as suas perspetivas futuras esperançosas e confiantes: “inexoravelmente com o tempo vai chegar também a aceitação de projetos como este.”. Despeço-me com um “obrigado” por engano, numa gargalhada responde “isso eu entendo!”.

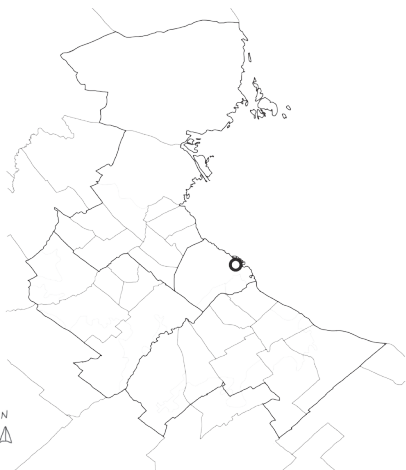


Fig. 113 Painéis publicitários do novo acesso à *Autovia Illia*, Retiro, Buenos Aires, Argentina, 25 de Abril de 2018;

Fig. 114 Panorama segregado da zona de Retiro, desde a ponte pedonal de acesso à *Villa 31*, Buenos Aires, Argentina, 25 de Abril de 2018.

25 de Abril de 2018

Depois da conversa esclarecedora com o professor arquiteto Javier Fernández Castro, a próxima visita à *Villa 31* seria ocupada pela busca do edifício habitacional em construção que constituía parte do projeto.

Enquanto me dirigia à zona de *Retiro* para dar início a mais uma visita ao *Barrio 31* tomei, pela primeira vez, atenção aos painéis amarelos instalados pelo *Gobierno de la Ciudad* perto da Faculdade de Direito. Informavam da construção do novo acesso à *Autovia Nueva Illia*, onde se lia “*Juntos estamos transformando la manera de movernos.*”¹⁰⁶. Sabia já, após a ida ao escritório do arquiteto diretor do projeto para o Bairro 31, que esta era a razão motivadora da construção habitacional em curso.

Desta vez, chegada à *Plaza Canada* em *Retiro*, entrei no autocarro que segue pela *Calle Padre Carlos Mugica* ao longo da linha férrea. Fiz sinal de paragem ao condutor perto da ponte pedonal que a cruza. Desde ali pode observar-se num panorama alargado a segregação urbana da paisagem. Na direção da margem onde eu me encontrava a linha do horizonte é dominada pelos edifícios brancos economicamente desenvolvidos. Estão marcados pela repetição de janelas e as formas quadradas ou circulares, alguns deles em materiais espelhados refletiam a luz do sol que aqueceu o dia de hoje. Por outro lado, à minha frente e na margem contrária da linha férrea toda a paisagem está repleta das casas em tijolo à vista de laje solta e organização irregular.

Detive-me no centro da ponte pedonal: desde ali a diferença entre as duas margens é surpreendente. Uma rivalidade aparente em competição pela cidade separada pelas três linhas férreas que mantinham a distância de segurança entre ambas.

De um lado, aquilo que se vê está conotado diretamente com o crescimento exponencial da cidade, falando em termos arquitetónicos, económicos, urbanos e claro, imobiliários. Do outro lado, a imagem está relacionada com a falta de recursos, manutenção, infraestruturas, e sobre tudo a perseverança em existir. A *Villa 31* é um território vasto e por isso impossível de ocultar. Olhando às escalas e à quantidade, o seu território é também parte integrante da cidade propriamente dita.

Caminhei na direção da *Villa 31* através da ponte pedonal onde uma motorizada se cruzou comigo. Desci as rampas até ao piso da rua onde um contentor da polícia municipal está instalado sobre terra batida, três agentes observavam atentamente quem entra e sai por ali.

Segui pela passagem estreita entre as casas degradadas em passos largos, na tentativa de simular um ar de quem sabia onde estava e para onde se dirigia. Alguns moradores permaneciam sentados ao sol nos degraus de entrada das casas, com as grades de proteção abertas. Hoje é domingo, e por isso dia de descanso. Algumas habitações têm o piso térreo rebocado e pintado de qualquer cor garrida que se imagine. No entanto, apenas a fachada de rés-do-chão virada à rua principal tem este tratamento. Outras destas utilizam chapas ou fibrocimento em retalhos para cobrir partes da construção ou janelas sem caixilho.

¹⁰⁶ “Juntos transformamos a maneira de mover-nos”, promoção no painel da imagem número 120.

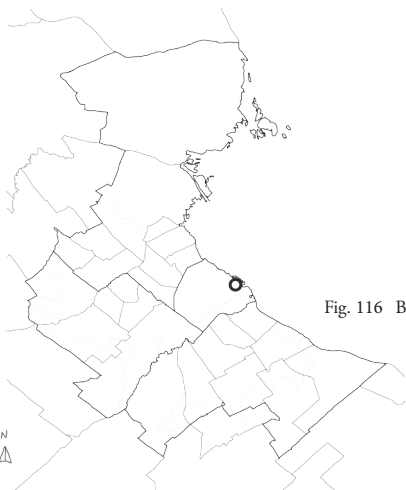
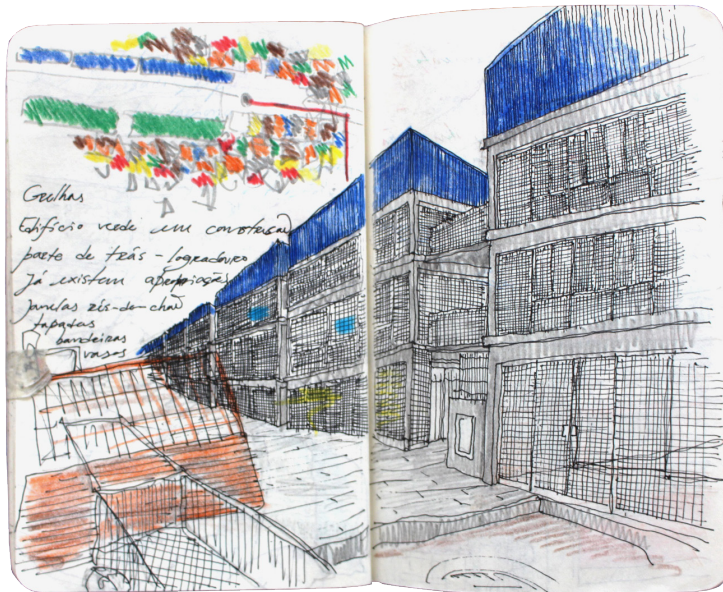


Fig. 115 Diário de viagem, Blocos Habitacionais, *Villa 31*, Retiro, Buenos Aires, Argentina, 25 de Abril de 2018;

Fig. 116 Blocos Habitacionais, *Villa 31*, Retiro, Buenos Aires, Argentina, 25 de Abril de 2018;

Fig. 117 *Villa 31*, desde a ponte pedonal, Retiro, Buenos Aires, Argentina, 25 de Abril de 2018.

Uma habitação mostrava na parede sombria de uma viela a frase gravada em spray vermelho: “*Donde el pueblo manda, el gobierno obedece*”¹⁰⁷. As manifestações “marginais” da arte de rua estão presentes em todos os recantos sombrios do bairro. Um símbolo de descrédito assumido contra o governo e as políticas aplicadas que é muito mais que uma bravura adolescente de quem se quer expressar e não tem como.

Tentei recordar a maquete que havia analisado na semana passada. Por fim, avistei a parte superior de um edifício de cor azul escura, segundo as descrições do arquiteto, este era sem dúvida alguma o edifício habitacional de que falávamos na *FADU*.

Percorri o piso ainda por pavimentar aproximando-me dos dois blocos azuis. Esta é a cor da chapa que reveste a sua envolvente bastante parecida aos núcleos habitacionais que visitei no Rio de Janeiro. A morfologia de cada bloco é de uma só água, com corredores de conexão na fachada principal e laje de betão à vista. À parte destas características interessam as escolhas que, pelo que via, parecem baseadas nos fenômenos de apropriação dos complexos habitacionais frutos de políticas públicas brasileiras.

A segurança está garantida pela colocação de grelhas simples idênticas às das casas que havia visto na semana anterior, que além de proteção de janelas, também compartimentam o interior dos corredores. A chapa azul em que a cor terá um envelhecimento menos notório, mostra já uma previsão ponderada daquilo que seria feito ao longo dos tempos pelos residentes, bem como um conhecimento da falta de manutenção das fachadas posterior à construção.

Os apartamentos do piso térreo desta fachada são em vidro. Ainda que cobertos pela mesma grelha, aqueles já habitados por famílias encontram-se tapados por telas e outros materiais, impedindo a vista aos que por ali passam. As grelhas são utilizadas para pendurar objetos como suportes para vasos de flores e bandeiras da nação, entre outros. Em frente aos dois blocos azuis, estava ainda em processo a construção de outros de cor verde, numa fase esquelética preliminar em que apenas se vêem as lajes e os pilares.

Caminhando pela parte pedonal já pavimentada procurei dar a volta até à fachada contrária, onde foi delimitado, por um muro em betão quadriculado, um espaço para logradouro. Nessa fachada apenas se abrem janelas com a mesma grelha, utilizada nos apartamentos ocupados para instalar as caixas de ar condicionado e as antenas parabólicas. Ao contrário das obras brasileiras, aqui os reservatórios de abastecimento de água têm um papel central na fachada, elevando-se desta num cesto em grelha metálica.

Depois de alguns momentos de análise voltei, pelo mesmo caminho que havia tomado, à ponte pedonal de acesso ao bairro. Utilizei-a para cruzar a linha férrea até à margem onde um autocarro urbano se encontrava parado. Dirigi-me até à fila de pessoas que esperavam entrar e perguntei ao último morador que caminho percorreria o *colectivo*. Aparentemente passa pela praça de *Retiro* onde poderia encontrar o autocarro de volta a casa, por isso detive-me na fila. O transporte é pago em dinheiro (4 \$ARS) ao contrário dos restantes urbanos e tem paragem na lateral da estação ferroviária de *Retiro* onde já se encontram outros moradores à espera para voltar.

¹⁰⁷ “Onde o povo manda, o governo obedece”.

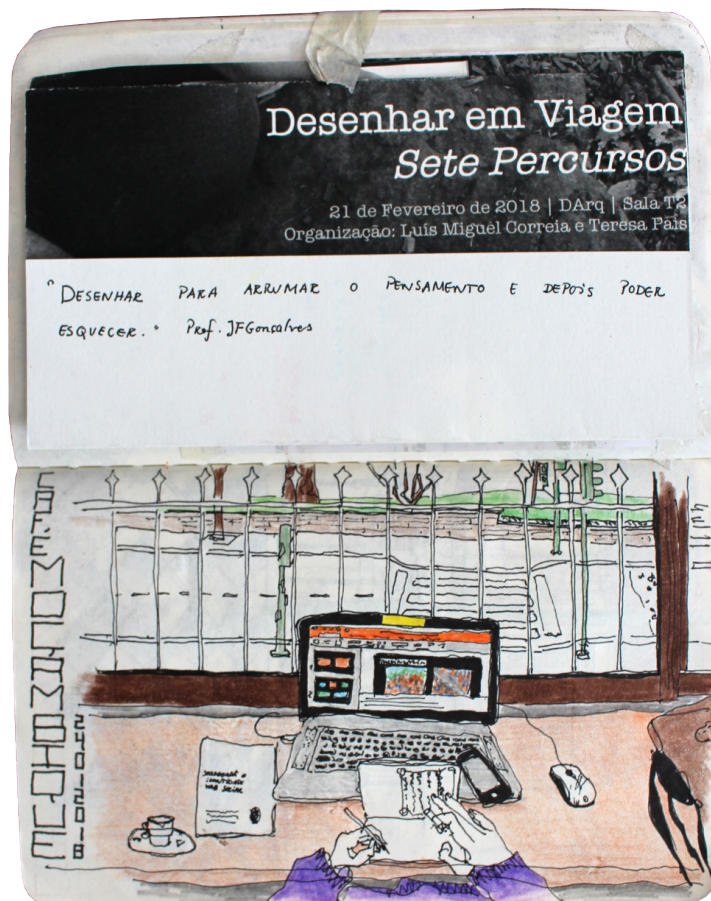


Fig. 118 Diário pós-viagem, 24 de Janeiro de 2018, Coimbra, Portugal.

Conclusão

Reflexões pós-viagem

A duração alargada da viagem deu origem a uma liberdade facilitada para pequenas reflexões instantâneas à medida que a experiência se aproximou gradualmente dos casos de estudo. No entanto, dificultou consideravelmente a decomposição posterior dessas observações. Agrupar os raciocínios e argumentos dispersos na memória e em *notas de viagem*, acrescentando-as às considerações feitas pós-viagem, tornou-se num exercício complexo do trabalho de investigação.

As considerações finais tinham já um peso figurativo da responsabilidade que é escrever sobre um território frágil, exigindo um emprego sensível das palavras comparativamente ao carácter quase excessivamente pessoal da parte restante do documento.

As dúvidas auto-questionadas ao longo do processo de visita, na procura de tornar claras as ideias, giravam todas em volta da função da arquitetura num território como este. Isto é: que aspetos estavam em falta? E quais os que funcionam?

É, de facto, possível identificar momentaneamente alguns erros evidentes ou, pelo menos, aqueles sobre os quais o arquiteto, enquanto profissional, deve ter atenção redobrada. No entanto, aquilo que pareciam à partida questões de resposta relativamente clara, levantavam outras novas tornando qualquer pormenor cada vez mais complexo. De repente, qualquer método reflexivo traz consigo o contexto absurdo de resultados das políticas e não políticas, devoradoras da possibilidade de um raciocínio claro e imediato. Portanto, se o pensamento se afasta ligeiramente do campo da arquitetura e entra em todos estes processos, a situação parece tenebrosa.

Os pontos de reflexão são, por isso, subdivididos no processo de pensamento em vários pontos-chave que teoricamente se assemelham com mais exatidão àquilo que foi o método de reflexão pós-viagem.

Pode admitir-se que, como em qualquer projeto com alguma responsabilidade social, o processo de pensamento originador da ideia passa primeiramente pela identificação da *necessidade* do local. Isto é, compete ao arquiteto, assim como às áreas relacionadas, auto questionar-se: quem necessita? o que necessita? e é a resposta a estas perguntas que origina o “*problema*”, isto é, a equação a resolver.

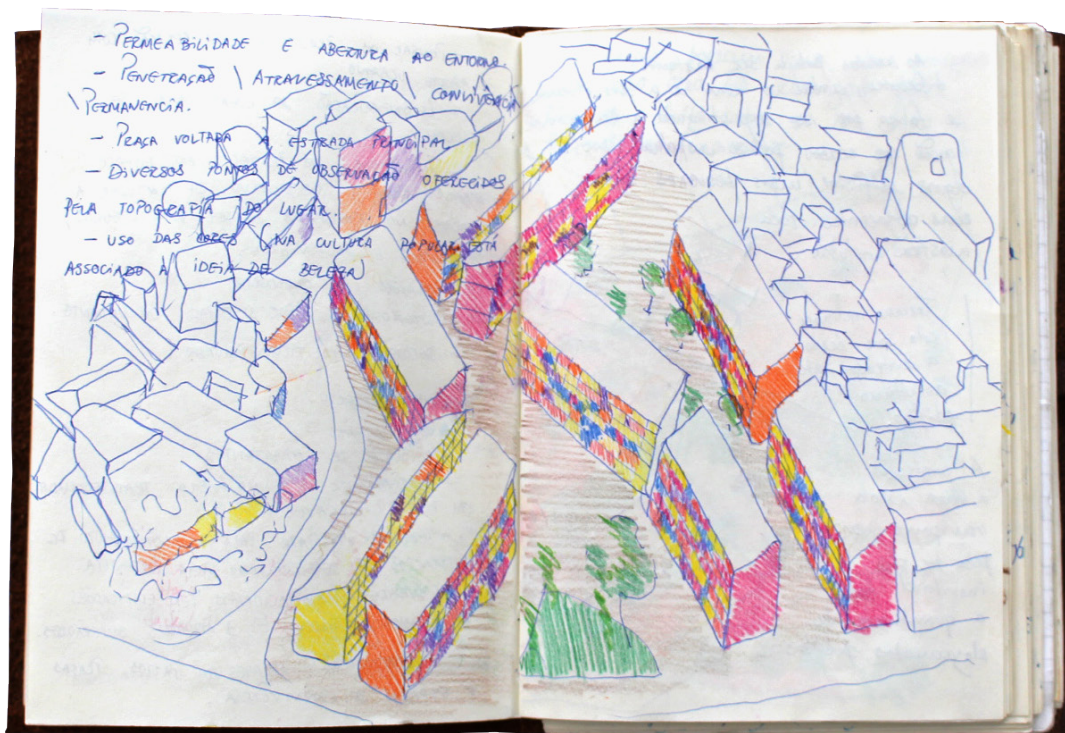


Fig. 119 Diário de viagem, Núcleo Habitacional de Rocinha, Favela da Rocinha, Rio de Janeiro, Brasil.

A *solução* passa pela narrativa, não só das experiências que, ainda que pontuais, pareceram ter resultados mais satisfatórios, mas também das reflexões sobre as possíveis mudanças para intervir sobre os territórios estudados. Assim, numa tentativa de traçar um esboço simplista e linear para a execução de projetos em assentamentos informais, opta-se por tratar o tema através da visão de quem desenha para o território em estudo. Procura-se por isso, baseando os textos naquilo que foi visto em perspectiva de viagem e nas reflexões escritas posteriormente, apontar dentro do processo de pensamento quais os aspetos que sobressaem pela importância e se estes se verificam.

Necessidade

Desde cedo existiu um esforço das escolas de arquitetura e dos governos por fazer e projetar a vivenda social através de unidades habitacionais. São conhecidas várias que, dentro de conceitos, morfologias e composições distintas, se comprovam experimentos semelhantes.

Durante o tempo de *Deambulação* sobre o território e *Visita* sobre as soluções aplicadas no mesmo, uma das questões particulares foi: terá a *Solução* aplicada respondido ao *Problema* a que se propunha, e conseqüentemente às *Necessidades* da população abrangida?

Sabia-se à partida que a “chave” para a resolução do *problema* urbano e arquitetónico, entre outros, residia na identificação de uma *necessidade* específica a resolver. A fragilidade arriscada de desenhar e projetar para servir um bairro espontâneo e carente está na imprescindibilidade de vários fatores transcendentais àquilo que a arquitetura, isoladamente, pode responder. Qualquer alteração urbana, social, económica ou política, está por isso sujeita a alterações e conseqüências não planeadas.

08 de Abril de 2017

“Numa retrospectiva pós-viagem tenho pensado, porque razão terão os edifícios habitacionais ‘novos’, moradores diferentes das restantes casas relativamente precárias? É sem sombra de dúvidas fácil de argumentar a melhoria de uma qualidade de vida percebida nos novos apartamentos e devo admitir que sem experimentos como estes não existiria um avanço nos métodos de abordagem. Pensem-se os edifícios do Núcleo Habitacional da Rocinha, por exemplo, é clara a diferença entre a área abrangida pela intervenção e as restantes casas da comunidade, basta olhar as cores que as cobrem, que depois podem ter-se mimetizado aqui ou ali. E o mimetismo é definitivamente sinal de que algo funciona.

Até aqui tudo bem, acredito facilmente que uma paleta de cores garridas condiz bem com a animação e alegria carregadas pela simplicidade das gentes que ali habitam. Mas não posso deixar de pensar: porque terá o vizinho da Adriana dois apartamentos? Terá a qualidade de vida aumentado por uma inesperada subida na especulação imobiliária, fazendo com que apenas naquela mancha da favela a classe seja relativamente média? Será o desenvolvimento uma miragem?”



Fig. 120 Diário de viagem, Catedral de Brasília, Brasil, 21 de Março de 2017.

As dúvidas que ainda dominavam o pensamento, meses após o término da viagem, em busca de ser respondidas pareciam ser infinitas e faziam do método de identificação das necessidades e do seu respetivo portador, uma demanda cada vez mais imperativa. O ato de reconhecer a falta de algo a alguém específico é, por si só, uma *necessidade* primária.

Estas questões parecem ser também a opinião corroborada de vários estudiosos. Em 2016, o arquiteto peruano Jorge Burga Bartra confirma em entrevista que “as unidades habitacionais construídas terminam sendo utilizadas pelos setores médios e não os populares, que constroem assentamentos encorajados pelo desprezo que lhes dá o estado.”¹⁰⁸.

Também no livro carregado de experiências pessoais, Janice Perlman refere: “Dizia-se que assim que serviços urbanos e um determinado grau de legitimidade chegasse às favelas, elas se tornariam mais aliciantes, os preços imobiliários aumentariam, e os residentes, na vez de ficar e beneficiar destas melhorias, seriam tentados a vender”¹⁰⁹.

A consequência seria uma mudança dos habitantes para diferentes zonas das cidades, logicamente a uma distância maior do centro. Um fenómeno que resultaria na criação de novos assentamentos ou no crescimento dos já existentes na periferia. Este acontecimento significaria que a intervenção teria falhado na concretização do seu principal propósito: o de servir um grupo social específico, que verdadeiramente apresentasse uma carência de serviços básicos operacionais.

No entanto, tal como esperado, um problema nunca se soluciona da mesma forma em todos os casos. É certo que existe uma nova atratividade percebida nos bairros espontâneos centrais, mas aquilo que se verifica ter acontecido não é, de forma nenhuma, um novo fenómeno de migração para fora das favelas “melhoradas”. O sentido de comunidade criado pela proximidade da vizinhança possui esse aspeto comovente que permanece ao longo da história. Não existe interesse em mudar-se se já se encontram no local onde amigos e família também residem, e por isso, adaptam-se ou adaptam o lugar a si próprios.

21 de Março de 2017

“Hoje caminho pelas ruas incómodas de Brasília e não me sai do pensamento a conversa que tive há umas semanas atrás com a Adriana. É curioso que enquanto descrevia frivolamente o lugar onde vive, se referisse à favela como o lugar que continua a ser a sua casa. A dita articulação que constitui, no fundo, um dos objetivos principais de projetos como esse parece ser conseguida entre os novos edifícios e o resto do bairro, caso contrário o “aqui na nossa comunidade” que compunha repetidamente o discurso da moradora seria dominado por um pretérito perfeito desconcertante.”

¹⁰⁸ Jorge B. Bartra, Jorge Burga Bartra: «La arquitectura “chicha” es la única esperanza para redimir la arquitectura vernacular», entrevistado por Fabio Bernuy, 1 de Fevereiro de 2016, <http://www.plataformaarquitectura.cl/>.

¹⁰⁹ Janice Perlman, *Favela, Four Decades of Living on the Edge in Rio de Janeiro* (Oxford University Press, 2010), 281, “They argued that once urban services and a degree of legitimacy reached the favelas, they would become more desirable, real estate prices would rise, and residents, instead of remaining in place benefiting from these improvements, would be tempted to sell (...)”.

Ainda que comprovadamente bem articulado e integrado na comunidade, o Núcleo Habitacional da Rocinha tem claras imperfeições a nível das políticas públicas. A manutenção, tipos de ocupação distintos e gerência da vida pós-construção dos edifícios, que se supõe ser a causa para disparidades como o exemplo verificado de um proprietário para dois apartamentos, adjacentes a um apartamento para uma família de dez pessoas, são consequências que em nada são da responsabilidade do desenho urbano e arquitetónico.

O aproveitamento e ocupação indevidos na utilização dos apartamentos construídos, aliados à falta de manutenção estética posterior dos blocos habitacionais visitados são alguns dos aspetos transversais a todas as visitas. Aparentemente confirmam-se as suspeitas de que esta lacuna na conservação e gerência não diz apenas respeito ao edifício, mas também às regras de ocupação que imporia.

Anos atrás John Turner, um dos principais críticos às políticas de erradicação do séc. XX justificava, num discurso claramente avançado para o seu tempo, que “as razões do fracasso da ação habitacional decorrente – de programas e projetos para substituir moradias deficientes – radicavam na falta de concordância entre as necessidades da gente e as vivendas proporcionadas pelas instituições.”¹¹⁰.

Alguns dos exemplos vistos em *visita* mostram a veracidade da crítica assertiva nas palavras do arquiteto Jorge Mario Jáuregui: “a arquitetura e o urbanismo do século XXI deveriam estar baseados na consideração do ser humano e dos outros seres vivos em primeiro lugar, assumindo que estamos a intervir num mundo frágil”¹¹¹.

Assim o pensamento que, se tornou num dos aspetos considerados fulcrais para a concretização de qualquer projeto é o papel do morador e da comunidade como agente no processo de intervenção. Deve procurar-se tornar a sua participação “o menos subalterna possível, estimulando formas de organização capazes de incluir-se no processo com protagonismo”¹¹².

As imagens de assentamentos informais que chegam ao mundo através dos meios de comunicação podem dar acesso a ideias estereotipadas, criando novas *necessidades* standardizadas, universais e pouco verificáveis. Por isso, em casos como este, o morador não pode tratar-se apenas de um cliente, mas sim de um ator integrante.

É por e para os habitantes que os conjuntos de células se formaram, consolidaram e povoaram irregularmente as cidades. Assim, o tratamento deve considerar em todo o momento as pistas criadas pelas soluções primárias do sujeito que as utiliza comprometendo a população e consultando as *necessidades*.

¹¹⁰ John Turner, *Freedom to Build*, Siglo XXI Editores (México, 1972), 177.

¹¹¹ Jorge Mario Jáuregui, «Arquitectura, Urbanismo y Compromiso Social», acedido 13 de Novembro de 2018, <http://www.jauregui.arq.br/arb-urb>, “*La arquitectura y el urbanismo del siglo XXI deberían estar basados en la consideración del ser humano y de los otros seres vivientes en primer lugar, asumiendo que estamos interviniendo en un mundo frágil.*”.

¹¹² Jáuregui, «Nuevas respuestas para las Metrópolis Contemporáneas», acedido 12 de Novembro de 2018, http://www.jauregui.arq.br/nuevas_respuestas, acedido 12 de Novembro de 2018, http://www.jauregui.arq.br/nuevas_respuestas.html, “*Un problema al que debe prestarse siempre mucha atención es el relativo a las formas de participación de la comunidad, buscando tornarla lo menos subalterna posible, estimulando formas de organización capaces de incluirse en el proceso con protagonismo.*”.



Fig. 121 Voluntários da ONG Teto, no evento Escutar Comunidades, 12 de Março de 2017.

25 de Outubro de 2018

“A criação dos grupos ativistas argentinos em cooperativas vecinales e movimentos obreros é um exemplo flagrante daquilo que, quando em conjunto, os moradores podem alcançar. O relativamente novo tipo de intervenção com ênfase no desenvolvimento comunitário, quase inteiramente da autoria dos moradores parece conseguir ‘retirá-los’ com consentimento das casas que habitavam nos bairros precários por uma razão simples: são estes que se capacitam e analisam o projeto – ‘não os seus aspetos mais técnicos mas sim a distribuição dos espaços na vivenda’¹¹³ e claro, o salão de comunidade.”

Não é necessário que aconteça um desastre natural para concluir que as construções feitas em assentamentos estão mal executadas, na verdade basta uma mirada de relance para confirmar tal dedução. No entanto parece lógico e impreterível que os processos de tomada de decisões, etapas de diagnóstico, desenho e avaliação dos projetos de cada bairro incluam a participação da comunidade. Apenas desta forma se identificará a *necessidade* adequada às demandas de quem utilizará o projeto construído.

São aceitações deste tipo que constroem o fortalecimento de uma identidade e o reconhecimento do entorno, favorecendo, por isso, a apropriação territorial posterior pelos moradores. Além de a atenção do governo e de projetos de carácter inclusivo durante o processo de execução garantir à comunidade um sentido de visibilidade e reconhecimento, permite-lhes também ver os apartamentos como um imóvel verdadeiramente seu, tal como acontece no caso da Adriana.

A experiência dentro da comunidade de Guarani na Cidade de Deus é possivelmente o exemplo mais evidente do valor incutido pelo ato de escutar o destinatário da proposta e incluí-lo no processo de construção. Ainda que neste caso o projeto seja uma habitação de emergência, o princípio aplicado deveria ser idêntico para obras e programas habitacionais de maior envergadura.

17 de Maio de 2018

“Imprimi em versos de folhas soltas o ‘Acuerdo por la urbanización de las villas’, leitura aconselhada generosamente pelo Arquitecto Javier F. Castro. Folheando por alto detenho-me onde figura em letras gordas: ‘La urbanización debe realizarse siempre con participación vecinal’.

Lembro-me de pensar no valor que os moradores da comunidade de Guarani davam à nossa presença nas suas casas. São palavras e imagens que em algum momento do dia, todos os dias, me vêm à memória. Um sorriso ou um gesto simples e gratificante que agora não vejo com muita frequência; talvez por isso me recorde tantas vezes. A partir desse momento entendi verdadeiramente a influência da inclusão de um morador, não só no óbvio evento de aplicação

¹¹³ Benjamín Nahoum, *Algunas Claves - Reflexiones sobre aspectos esenciales de la vivienda cooperativa por ayuda mutua* (Montevideo, Uruguay: Ediciones Trilce, 2013), 8, “*Junto al IAT debemos analizar el proyecto que se nos presenta: no sus aspectos más técnicos, pero sí la distribución de espacios en la vivienda, las aberturas y orientación de las viviendas, (...) todos los aspectos que van a determinar nuestra vida em los siguientes años a la construcción.*”



Figs. 122 Aquarela casa-tipo favela, inspirado na visita à Rocinha.

de inquéritos, mas também no processo de construção das casas de emergência da associação. Pergunto-me sobre o resultado que teriam estas relações de troca de ideias em projetos públicos de habitação social. A comunidade é um ator transformador do território em que vive, caso contrário não o teria construído de raiz.

Enquanto isso, recordo-me de ter visitado a empresa de construção onde o meu genuíno guia da Rocinha quis a minha opinião para o acrescento à sua casa. É lá que estagia a filha da Adriana, que estuda arquitetura. Que diferença terão então os resultados caso obras desta envergadura sejam feitas por e para a comunidade?”.

Pode identificar-se, dentro desta cadeia metodológica que se procura desconstruir uma imperfeição desde o início do processo. O principal problema não está naquilo que se vê como resultado ou na tomada de decisões para alterar ou melhorar os bairros irregulares. Está na raiz, no princípio de todas as ações que se encadeiam como consequência inevitável umas das outras. Aquilo que é, por isso, necessário primeiramente é *cortar o mal* das prioridades desordenadas *pela raiz*, identificando as carências e os seus legítimos portadores.

Problema

Sabendo, portanto, porquê e para quem servem ou deveriam servir os projetos para bairros populares como os visitados, resta questionar o quê, e como responder às demandas. Novas dúvidas de uma especificidade distinta levam a uma discussão mais assertiva sobre as várias formas de articulação.

A falta de empenho na inclusão da comunidade em projetos habitacionais deste tipo resulta em várias problemáticas identificadas durante as visitas. Existem características significantes que, por vezes dissimuladas pelo assombro das inúmeras atividades de um bairro espontâneo ou pela visão fantasiosa e radical daquilo que deveriam ser intervenções no lugar, são deixadas cair no esquecimento.

Se o problema é, muitas vezes não ver através das distrações aquilo que é necessário, então é de uma importância redobrada observar o que já existe – desde as soluções primárias pelos habitantes até às intervenções produto de programas de reurbanização e requalificação - para poder comentar ou julgar aquilo que foi ou poderá ser feito.

22 de Maio de 2018

“Imagine-se o momento em que um morador recebe a chave que abre a porta para o seu novo apartamento de dois quartos no bloco habitacional X do assentamento informal Y. E agora veja-se uma casa típica de um bairro precário, singular por poder metamorfosear-se quando necessário, se necessário e para a forma que mais convier à família que, provavelmente estará a crescer em número. Existem já novas tipologias que preveem o espaço para o crescimento da família, esquecendo que também esse espaço impõe um limite.”.



Figs. 123 Aguarela casa-tipo favela, inspirado na visita à Rocinha.

Um dos argumentos problemáticos e lógicos da construção de habitação social num território, que por natureza se densifica e reproduz em efeito orgânico, é, por isso, o facto de as vivendas não poderem crescer com a família.

A possibilidade de agregar novos membros às famílias tornou-se numa característica tão comum que se refletiu ao longo dos tempos nas construções improvisadas, deixando a laje do último piso solta por prevenção.

Durante todo o tempo de questões aos moradores sobre as necessidades específicas dos lugares onde vivem, em nenhum momento a taxa de natalidade indesejada foi mencionada. Este, que constitui um problema refletido diretamente na construção e morfologia das habitações de assentamentos informais em geral, é um fator de extrema importância que não se repercute nos desenhos dos projetos de intervenção para melhoramentos habitacionais.

Constitui-se, por isso, um desafio permanente na produção pensada de edifícios habitacionais que substituam os que, ainda que por natureza desorganizados e confusos, sejam uma mostra experimental e literal das transformações e aumentos possíveis.

Os números continuam a crescer a cada dia, aumentando também o número de moradores em situação precária. No entanto, ao invés desta problemática ignorada pelos habitantes, a que surpreendentemente foi mais mencionada, quase transversal a todas as entrevistas e conversas é a evidente preocupação com as questões de violência.

19 de Junho de 2018

“É assunto do domínio público, e por vezes hiperbólico, que existe algum perigo na segurança em todos os assentamentos informais, obviamente em graus diferentes. Ainda que o motivo mais discutido pela opinião pública seja o domínio dos comandos de narcotráfico, incubadoras profissionais das guerras a que se assiste no noticiário, não posso deixar de relembrar as palavras sábias do Macarrão quando afirmava que ‘não se pode dizer que na favela também há gente boa, deve sim dizer-se que também há gente má, como em todo o lado.’”

A década de 90 havia sido marcada por um período de medo e insegurança, deixando as comunidades dos bairros na linha de fogo quase literal, que dividia as duas formas antagónicas de atuação: “a violência ilegal – por parte dos traficantes – ou a violência oficial – por parte da polícia.”¹¹⁴.

As visitas aos bairros populares revelam que o escasso espaço sobrance entre as construções espontâneas e inacabadas dos bairros populares origina proximidades interessantes e por vezes úteis entre as casas e a comunidade. Quase ao ponto de ser difícil distinguir quando se caminha na via pública ou num corredor privado, estas garantem relações de familiaridade quer entre os moradores e os seus vizinhos, como entre estes e as gentes que por ali atravessam, por norma membros da mesma comunidade.

¹¹⁴ Monique Carvalho, «A política de pacificação de favelas e as contradições para a produção de uma cidade segura», *O Social em Questão - Ano XVI*, n. 29 (2013): 291.



Fig. 124 *Villa 31*, desde a *Facultad de Derecho de la Universidad de Buenos Aires*, 25 de Abril de 2018.

No entanto, ao mesmo tempo que as ruas sinuosas e estreitas possuem vantagens a nível social dentro dos bairros, são também estas que, por ser espontâneas e intersticiais, se tornam sombrias e labirínticas. Essa gênese de recantos que as define é por isso um dos motivos originadores da criminalidade.

Ainda assim, são mais uma vez experiências como a da visita à comunidade de Guaranis que mostram uma faceta diferente e até então desconhecida do nível a que o perigo pode chegar. Principalmente em assentamentos da periferia que, por norma esquecidos, correm um risco elevado de cair no ciclo vicioso da violência.

10 de Junho de 2018

“Hoje é dia de Portugal, meses após pisar de novo o solo português ainda é na experiência latino-americana que mais penso. Acordei com a lamentável reportagem sobre o dia de ontem: “Mais de mil efetivos do exército e da polícia foram recebidos a tiro quando iniciavam uma operação na Rocinha, a maior favela do Rio de Janeiro.”¹¹⁵.

O incidente inesperado manteve-me fixa à cadeira por uns minutos de perturbação e impotência. Como pode um lugar onde todas as expectativas me foram ultrapassadas estar nesta situação?

Ofereceu-me mais violência o centro turístico da cidade – onde fui tentada assaltar – que este bairro, que em contrapartida me proporcionou novas descobertas e observações em que pensar.

Recordo o som do tiroteio na madrugada da visita à comunidade da Cidade de Deus – onde o cenário da violência é evidente e parte da vida quotidiana. Refletindo sobre as memórias considero: a informalidade em que as habitações precárias se distribuem sobre o terreno, geradora de esquinas, escadarias e espaços sombrios é despropositadamente uma arquitetura da violência. Oferece esconderijos e escapatórias fáceis aos ‘criminosos’ que lhe conhecerem os atalhos, em oposição às forças policiais e aos seus veículos cuja largura é certamente maior que a destas vielas por onde, ao mesmo tempo, caminham vendedores, tagarelam vizinhas e correm crianças.”

Além das esquinas e ruelas entre as casas serem o ponto de partida para a disseminação da criminalidade que cresceu gradualmente nos bairros populares em geral, são também uma das problemáticas assumidas em todos os projetos de intervenção como algo que deve ser melhorado no que diz respeito às questões de circulação.

Não existe, por isso, uma grande surpresa nas formas de apropriação dos blocos habitacionais. Assim como criaram soluções para construir as casas inacabadas que habitavam, esta é uma das formas aparentemente mais evidente de fazer dos apartamentos novos a sua casa. Garantem a segurança da família através da colocação de grades nas entradas e janelas baixas.

¹¹⁵ Lusa, «Exército e polícia recebidos a tiro na favela da Rocinha», acedido 28 de Setembro de 2018, <http://www.dn.pt/mundo/interior/>.

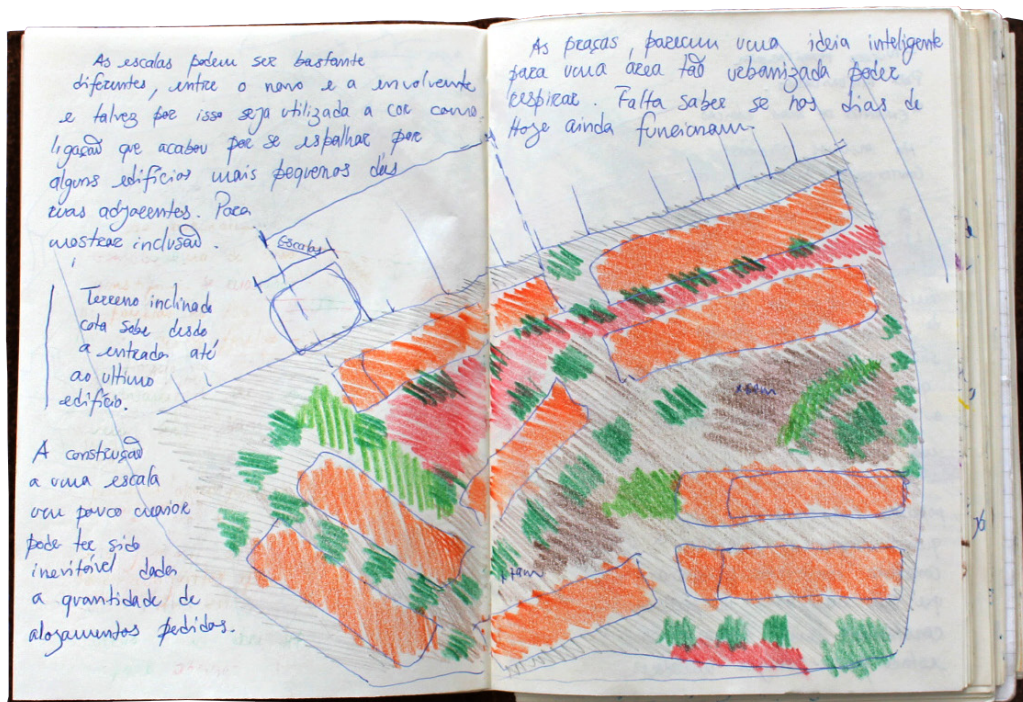


Fig. 125 Apropriação pelos moradores do Núcleo Habitacional da Rocinha, colocação de grades, Rio de Janeiro, Brasil, 05 de Março de 2017;

Fig. 126 Bloco Habitacional do Núcleo para Rio das Pedras, grelha da caixa de escada, Rio de Janeiro, Brasil, 09 de Março de 2017;

Fig. 127 Bloco Habitacional para a Villa 31 e 31 bis, grelha total, Buenos Aires, 25 de Abril de 2018;

Fig. 128 Diário de Viagem, Planta concetual do Núcleo Habitacional da Rocinha, Rua 4 a Sul, Rio de Janeiro, 05 de Março de 2017.

É transversal, em todos os projetos para bairros populares em geral, o peso que as questões de proteção adquirem. Sejam resolvidos de forma informal e posterior à construção – a través dos dispositivos metálicos de diferentes linguagens colocados em todos os vãos de cada apartamento – ou de forma formal – fazendo parte integrante dos projetos de intervenção.

05 de Maio de 2018

“Aquilo que acontece com a apropriação para a segurança no Núcleo Habitacional da Rocinha em 2010, havia sido parte integrante do projeto e execução da anterior obra do Complexo Habitacional para Rio das Pedras (1998-2002), onde a mesma linguagem material é utilizada para os dispositivos de proteção, fechando os espaços de acesso apenas aos moradores.

Depois, na obra para a urbanização da Villa 31, ainda em curso em Buenos Aires, este cuidado é ainda mais evidente. As grades metálicas são já uma malha mais densa assumida na fachada e cobrindo-a na sua totalidade.”

Num panorama urbano e de circulação, o projeto de intervenção para o Núcleo habitacional da Rocinha tem em conta as questões relacionadas à largura de consequências insalubres das ruas e vielas públicas. Por isso, o alargamento da antiga *Rua 4*, que contorna o complexo a Este e a Sul passou a servir um diferente propósito depois do aumento dos 60 cm de largura anteriores, para os 12 metros que constituem a atual *Rua Nova*, um novo acesso à favela da Rocinha de uma mobilidade renovada.

Entre favelas e *villas* a mobilidade é o tema que se verifica menos semelhante por ser feita de formas distintas. Por um lado, o transporte a que comumente chamam de *moto-boy* é o meio mais utilizado nas favelas para chegar a qualquer lugar do morro evitando o trânsito e as subidas a pique que lhe dão forma. Por outro, este é um meio de circulação que não se justifica nas *villas* pela sua morfologia plana que facilita a circulação a pé ou em transporte próprio.

As formas de circulação, sendo o aspeto que distingue ambos os territórios são, portanto, o exemplo adequado para ensaiar as *necessidades* da população. Desenhar tipos de mobilidade funcionais em determinados lugares pode ser um desafio por implicar decisões urbanas e arriscar a mudança das formas de vida da comunidade.

19 de Abril de 2018

“A conversa com o arquiteto Javier Fernández Castro, esclareceu sem qualquer intenção uma dúvida que me intrigava há imenso tempo. Perguntava-me porque razão não funciona o Teleférico do Alemão.

A minha curiosidade em visitá-lo estava na forma como se articulava com os gigantescos assentamentos que se expandiram tanto que se aglutinaram. A privatização e a baixa utilização resultaram no fecho das cabines que sobrevoam o Morro do Alemão.

Quando me questionava em conversa com o arquiteto argentino sobre a proposta rejeitada de mobilidade no novo projeto para a Villa 31, pareceu-



Fig. 129 Diário de viagem, Teleférico La Paz, El Alto, La Paz, Bolívia, 26 de Janeiro de 2017.

lhe inevitável falar nas soluções brasileiras. Dizia-me em tom irônico e tão pouco objetivo como me havia prometido no início da conversa: 'são vistas como ideias utópicas aqui, e por outro lado depois vai-se a Medellín e ao Rio de Janeiro e as pessoas veem todas a falar de como é maravilhoso.'. Lembrei-me imediatamente da minha viagem até El Alto, onde o teleférico permitia a vista panorâmica de toda a imensidão do assentamento. Ali parecia funcionar porque era necessário."

A carência de novas formas de mobilidade e circulação é muitas vezes mal interpretada e ofuscada pelo sucesso de intervenções pontuais em bairros aparentemente semelhantes.

A visita ao assentamento de El Alto, na Bolívia, permitiu assistir a essa distinção na primeira pessoa. A inclinação acentuada da avalanche que cobre a paisagem de La Paz em tons de laranja, origina entre si ruas estreitas e em escadaria, eliminando desde o princípio da sua forma a possibilidade da circulação de qualquer veículo.

Assim, o sistema de transporte através da linha de teleférico que funciona em El Alto desde 2014 - à imagem do exitoso *Metrocable de Medellín* - verifica-se uma alternativa adequada à detestável subida das ladeiras recortadas por entre as células habitacionais que, caso não existisse solução, sujeitaria diariamente os moradores a um esforço excessivo.

03 de Julho de 2018

"Aquilo que, segundo me parece, falha na interpretação de projetos urbanos no que diz respeito à mobilidade é algo muito simples que remete ao início da cadeia – a observação e identificação da necessidade. Vejo um problema na falta de tempo, ou interesse público, para observar as soluções que a comunidade e os moradores criaram. Utilizam-nas diariamente de uma forma muito prática, articulada ao bairro e às suas características morfológicas – refiro-me ao serviço do 'moto-boy' e das 'combis'.

Pense-se a decisão de um morador que, desde o sopé da Rocinha, queira chegar à sua casa bem no cume do morro.

A tentadora intervenção de um metrocable será ignorada pelos motivos óbvios: além de o condutor da mota que em metade do tempo o transportaria até sua casa cobrar um preço baixo pela viagem, é também morador da mesma comunidade. Por isso, no caso de existirem dúvidas acerca do discernimento: com os fatores tempo, custo e investimento num negócio local a seu favor, o condutor será também muito provavelmente conhecido do morador, fazendo parte integrante do serviço a cavaqueira personalizada e conversa fiada durante a viagem curta. Aqueles que ao final do dia carreguem os habituais sacos de compras, optam pela carrinha que percorre o mesmo percurso nas mesmas circunstâncias.

Nas villas miséria, qualquer alternativa é contornada pela planície onde as cidades argentinas, em geral, se encontram. Nas periferias, soluções modernas são ainda mais redundantes, pelas profissões populares informais ou pela



Fig. 130 Serviço de moto-táxi, Favela da Rocinha, Rio de Janeiro, Brasil, 05 de Março de 2017.

tradição que traz os característicos gauchos¹¹⁶ à memória. O uso de cavalos e outros animais como meio de transporte nestes lugares foi um fator imprevisto, alheio à minha imaginação até o ter observado na primeira pessoa.”

Não só as formas de movimento dentro dos bairros, mas também as de chegar até eles dão sentido à palavra articulação e constituem verdadeiros desafios para as intervenções.

Além do esforço por comprometer-se com a comunidade e os seus hábitos, um projeto público que tenha um compromisso definido de articulação, não só com os moradores, mas também com a cidade dita formal, terá de ter em conta os vários fios condutores que intercetam o território e permitem as circulações quotidianas.

08 de Abril de 2017

“Será a articulação em grande escala um sucesso? Terão intervenções extensas o poder de conectar a cidade e o assentamento?”

Os limites definidores entre o morro e o asfalto são ainda linhas desenhadas a tinta permanente. No entanto, novos fios condutores intercetam pontualmente a ‘barreira’ estabelecendo comunicações entre os dois tipos de território, este parece poder ser um tipo de articulação promissor.”

São por isso nós de conexão como o *Metrô Rio*, que em 2016 teve uma estação no sopé da favela da Rocinha, ou a movimentada praça de articulação do programa favela-bairro no Vidigal que garantem alguma visibilidade convidativa e suscitadora da curiosidade dos mais atentos. Contudo, ao invés do crescimento social e económico que se esperava com intervenções como estas, aquilo que sim acontece unicamente nos assentamentos centrais é um claro fruto da conveniência da localização do assentamento em questão na cidade.

A localização da favela da Rocinha, ou do Vidigal, em relação aos “bairros vizinhos da Gávea-Leblon e São Conrado¹¹⁷, estabelece uma situação muito particular de inclusão-exclusão.”¹¹⁸. São evidentes várias características similares na apropriação de favelas centrais como as já mencionadas em oposição às favelas e assentamentos periféricos. O turismo que as invade gradualmente parece crescer ao longo do tempo, expondo e abrindo este território, ou parte dele à cidade e a quem a visita. Aquilo que é curioso acerca dos excursionismos que passam em jipe pelas estradas alcatroadas das favelas centrais é que, à semelhança do sistema de teleférico, as empresas exploradoras deste tipo de visita não são locais.

05 de Maio de 2018

“Visitei há uns meses atrás a favela da Rocinha, onde me deparei com as imponentes excursões em fila de jipes altos carregados de turistas apontando as suas câmaras fotográficas topo de gama rapidamente em todas as direções. Nesse momento sem deter-me muito em porquês, pensei: poderão os disparos de armas

¹¹⁶ Certos habitantes rurais, ligados à atividade pecuária na região da pampa, nas planícies do Río de la Plata, Argentina, Uruguai e Brasil.

¹¹⁷ Bairros economicamente mais desenvolvidos.

¹¹⁸ Jorge Mario Jáuregui, «Rocinha: Um Bairro Singular», 2004, <http://www.jauregui.arq.br/rocinha>.



O TERRENO da antiga Favela da Embratel, em Manguinhos, sem qualquer barraco: as 1.239 famílias foram retiradas

Barracos viram cena do passado

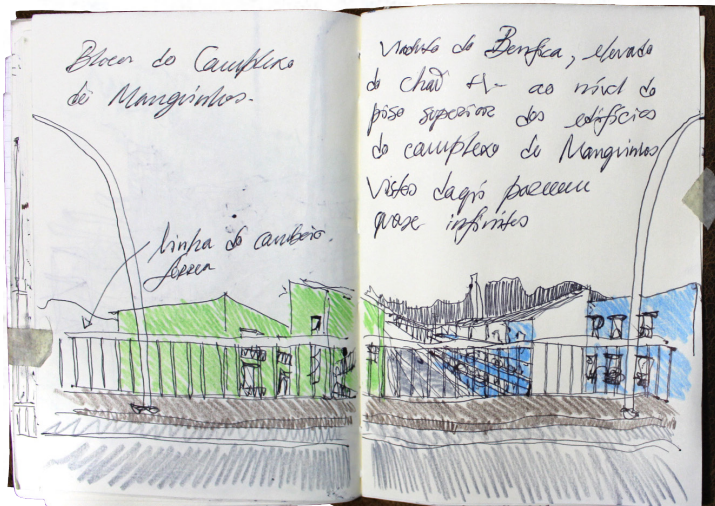


Fig. 131 O Globo, 15 de Setembro de 2009;

Fig. 132 Diário de viagem, Blocos Habitacionais do Complexo de Manguinhos, desde o Viaduto de Benfica, Rio de Janeiro, Brasil, 19 de Março de 2017.

que ameaçam a segurança ser substituídos pelos de uma máquina fotográfica? Com o tempo essa ideia quase utópica foi-se relativizando à medida que associava estas formas de visita a negócios privados que em nada alteravam os modos de vida da comunidade e a economia local. Depois, visitei a Villa 31 e as suas feiras ruidosas e cheias de movimento. Considero razoável a comparação entre os dois bairros em alguns aspetos. A centralidade e imponência de ambos nas duas cidades latino-americanas leva-me a pensar: terá o futuro próximo da Villa 31 uma invasão turística semelhante à da favela da Rocinha? Julgo que sim.”

Também o projeto em curso para a *Villa 31* incluiu uma proposta “muito simples de fazer chegar o metro à *villa*” uma estação para acrescento da linha *subte* que circula por perto, na zona de Retiro.

Este pormenor foi rejeitado desde o início comprovando as palavras prudentes do arquiteto Javier Fernández Castro que afirmava em conversa que “generalizando, a Argentina se encontra numa fase anterior quando comparada a países como o Brasil.”, e ainda que demorada “com o tempo vai inexoravelmente chegar também a aceitação de projetos como esses”.

Solução

Em oposição às intervenções cuja visibilidade se colocou em discussão nos textos anteriores, parece adequada a reflexão sobre os aspetos que, ainda que pontuais, resultem e sirvam de alguma forma o seu propósito.

15 de Novembro de 2017

“Hoje, em mais umas quantas reflexões sobre a viagem, recordo pela primeira vez – ou pelo menos a primeira em que lhe dou o devido tempo sem que os flashbacks me escapem para um panorama mais colorido e vivido – a visita ao Complexo de Mangueiros. Este é considerado um projeto de ‘tamanho XL’¹¹⁹, e a julgar pela extensão que percorri, ladeada pela via de trânsito, consigo entender facilmente porquê.

Os imponentes e rígidos blocos que acompanham a paisagem tinham também uma responsabilidade XL, a de garantir habitação para 672 famílias. Os 38 grandes edifícios paralelepípedicos pentearam o terreno em direções diferentes e formas certamente distintas às das células habitacionais que, quase com vida própria de tão orgânicas, se alastravam sobre o terreno.

Não consigo deixar de estar mais interessada nos modelos pontuais de intervenção, que tomam o tempo necessário na deliberação das demandas e que,

¹¹⁹ Jorge Mario Jáuregui, Construir a partir do conflito, entrevistado por José Pina, acedido 21 de Novembro de 2017, http://www.jauregui.arq.br/texto_entrevista, “Existem de facto vários programas para atender às diferentes escalas dos problemas. Digamos que existe um leque S-M-L-XL, isto é, a escala pequena, média, a grande e a extra-grande nas intervenções. (...) estou trabalhando, agora, na escala extra-grande, no Complexo do Alemão e no Complexo de Mangueiros, que são agrupamentos urbanístico-sociais de escala territorial.”



ESSESSO TRAZ QUALIDADE
 AO VÍDEO TAMBÉM O
 CALOR ABUNDANTE O
 PAZ. O BOM SERVE
 COM AMIGABILIDADE DA
 TEMPERATURA DO VÍDEO
 NESTE CONTINENTE E
 NAS MAIS QUENTES.

A CABALGATA FOI
 UMA EXPERIÊNCIA QUE
 DEPOSITA TODOS OS DIAS,
 TODO O CENÁRIO DA
 MONTANHA FAZ-NOS
 SENTIR PERGUNTAS E
 PARTES DELA.

A PISCINA COM ESSA
 PASSAGEM DE FICAR A
 RESPIRAÇÃO, FOI INESQUECÍVEL
 QUASE TANTO COMO A MONTANHA
 ENCHEMOS QUE NOS SOBREVIVEM
 A SEGUIR.

O BOM DE VIAGEM
 SOBRINHA É QUE SE
 COMEÇA QUALQUER ACTIVIDADE
 EM MODA SOLITÁRIA MAS
 SEMPRE SE TORNAVA
 ACOMPANHADO, É DESTA
 VIDA (CONTINUA)

TAL COMO TODAS
 AS OUTRAS, A
 CAMPANHA NOS
 MUITO BOM:
 CARMEN (GERMANY)
 ERIN (CHILENA)
 E ZAPATO SUPER

DIRECCIONOS DE INTELIGENCIA
 GENTE QUE APELIDASE DE

Voucher Electronico Consumidor Final
 Lugar de Venta: Hostel Campo Base
 Fecha de Venta: 09/01/2017 10:37:00
 Valor: 325
 Fecha de Emision: 09/01/2017 10:37:44

Excursion: CABALGATA DEL ATARDECER CB - Precio: \$ 801
 Fecha: 10/01/2017 - Salida: 16:00 hs | Llegada: 22:00 hs

Hotel / Hostel: Hostel Campo Base
 Transporte: 1H
 Pasajero Principal: ALEX
 Documento N°:

ESTE DIA E ESTA VIAGEM DEZAM - ME VOYADE UM DIA
 FAZER UMA VIAGEM TODA A CAVALO. MAS BEM, ESTE JA SAO
 OUTROS PLANOS.

DIA 5
 11.01.2017

MONDREZA - VALPARAISO

SÃO 8:30 DA MANHÃ E
 JÁ ME ENCONTRO NA ESTACION
 DE ONIBUS DE MONDREZA.
 O AUTOCARRO MARCHEA COMO
 DESTINO FINAL VIÑA DEL MAR.

INICIO-ME DE LIGAR AO BOMMO
 JIMO DA MINHA CASA EM BOMMO
 AINDA QUE POR SER CHILENO, SE
 ESTÁ AO ACARDO NESTE MOMENTO
 TO A VISITAR A SUA PARCELHA
 PRATO DE VALPARAISO

COMBINAMOS QUE ESTE
 ESTÁREJA DE VIÑA DEL MAR
 ONDE IRÁ AO MEU ENCONTRO

Fig. 133 Diário de viagem, Plano inclinado, Favela de Santa Marta, Rio de Janeiro, Brasil, 18 de Março de 2017;

Fig. 134 Diário de viagem, Ascensor Concepción, Valparaíso, Chile, 13 de Janeiro de 2017.

sem retirar totalmente as formas de habitar criadas ou a natural vizinhança de bairro, atendam cuidadosamente as especificidades no verdadeiro sentido de articulação, que é obviamente, a de conectar dois pontos sem privá-los da sua gênese.”.

Aquilo que as propostas mais práticas - por estarem em estado operacional - têm em comum é, evidentemente, o facto de manterem a morfologia espontânea e orgânica dos bairros intacta, atuando na necessidade específica sem alterar a sua definição.

23 de Outubro de 2018

“Aparentemente falta entender-se que aquilo que se vê quando se visita um bairro popular implica também observar através da primeira impressão de falta de serviços e desigualdade, ou comoção sobre a primeira contemplação se assim lhe quisermos chamar; requer uma compreensão do que vemos e nos envolve numa controvérsia acerca daquilo que resulta ou não – as formas existentes são na verdade peças do puzzle que tentamos desvendar, por serem já na sua origem, tentativas de respostas oferecidas pela comunidade.”.

Utilizando o recente exemplo do teleférico que, em oposição ao funcional transporte por cabos de *El Alto*, se encontra parado no Morro do Alemão. Afigura-se uma outra forma de intervenção que se tornou popular não só pela utilização gratuita e frequente, mas também por constituir uma alternativa pontual, realista e de impacto menos austero.

14 de Julho de 2018

“Recordo o plano inclinado de Santa Marta, que apelidavam carinhosamente de “o bondinho de Santa Marta”. A falta de manutenção que torna por vezes obsoleto o transporte que, quando funciona, funciona bem, é tão mediática como a onda de turismo que encheu essa área do morro. Ambas as intervenções, urbana – do plano inclinado, e social – da UPP, são as principais responsáveis.

O funcionamento desta cabine em carris traz-me à memória os ascensores de Valparaíso, não só por resolver o mesmo tipo de problema, isto é, a necessidade de vencer uma inclinação intolerável, mas também pela extraordinária semelhança entre ambos, em situações claramente distintas. O funcionamento do elevador como solução para conectar dois pontos distantes verticalmente resulta, em lugares estratégicos, tanto da cidade informalmente plantada à beira-mar, onde já são património, como na favela onde também uma distribuição urbana espontânea sobressai. Julgo que, caso pensado de acordo com as demandas e manutenção devidas, o ascensor poderá ser uma adição benéfica aos bairros populares acidentados das grandes cidades.”.

Não é, portanto, da admiração comum, que a escala maior do projeto para um teleférico na favela da Rocinha tenha sido rejeitado pela comunidade em 2013¹²⁰, em oposição à proposta,

¹²⁰ Cecon, Claudius, «Rocinha diz não ao teleférico», Canal Ibase, 19 de Julho de 2013, <http://www.canalibase.org.br/>.

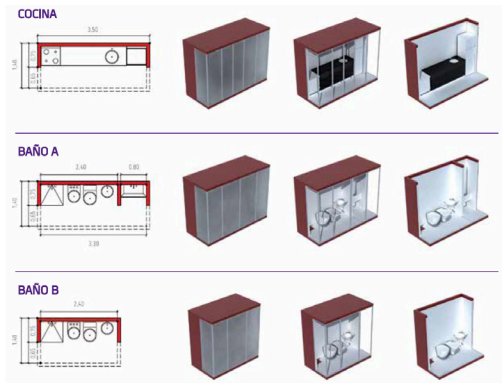


Fig. 135 Anteprojeto para a *Villa 31*, várias escalas representadas na maquete;

Fig. 136 Anteprojeto para a *Villa 31*, representação do bloco habitacional escala macro;

Fig. 137 Anteprojeto para a *Villa 31*, representação do parque central abaixo da autopista escala macro;

Figs. 138 e 139 Anteprojeto para a *Villa 31*, representação das soluções de escala micro.

aparentemente mais modesta, que em 2007¹²¹ incluía um plano inclinado no projeto de intervenção para o bairro.

Fazer um projeto integrado de qualidade “implica ao mesmo tempo direito à vivenda, à urbanidade (com todos os equipamentos públicos necessários) e ao espaço público (pensado como possibilitador de novos modos de relação e convivência)”¹²².

Procurando, por isso, dentro dos casos visitados as soluções que ponderem este tipo de problema examinando as várias escalas de intervenção, destaca-se a série de propostas para a *Villa 31*. O anteprojeto lançado em 2010 possui a particularidade de tentar prestar a atenção devida às demandas da população, ciente de que também essas necessidades têm diferentes tamanhos, categorias, e consequentemente público-alvo.

A explicação teórica do anteprojeto tem muito que ver com a descrição e objetivos dos programas brasileiros. Também aqui se propõe não apenas o “melhoramento do habitat”¹⁰¹, mas também o estabelecimento dos “pontos de amarração (...) na sua envolvente direta com a região metropolitana.”¹²³. Aquilo que sobressai, no entanto, é a abordagem tripartida sobre o território na procura das ditas formas de articulação com o seu interior e com o resto da cidade.

Por um lado, o mais abrangente, a escala “macro” transcreve a relação em “tamanho XL”¹²⁴, isto é, entre o bairro e a estrutura da *Región Metropolitana* através de novas vias, extensão das vias mais próximas e novos fluxos de conexão. Por outro, a escala *mezzo*, que por ser na sua fiel tradução “média”, faz a transição entre escalas – a dos edifícios maiores inscritos nas quadras da cidade “formal” e a escala das células habitacionais que compõe a *Villa 31*. Nesta ponderada média de passagem de cidade regular para cidade irregular estão incluídos projetos urbanos como praças e tipos diferentes de vivenda, em altura – a escala habitacional “macro” – e em lote – a escala habitacional *mezzo*.

Por fim, a escala micro propõe relacionar o bairro e a sua própria estrutura urbana no que diz respeito às “operações de qualificação da preexistência e à incorporação de novas práticas, estendendo numa forma generalizada o acesso às infraestruturas básicas.”¹²⁵. Esta escala mais

¹²¹ G1 Globo, «Plano inclinado na Rocinha ficou na promessa, dizem moradores», Parceiro RJ, 4 de Abril de 2014, <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/>.

¹²² Jorge Mario Jáuregui, «Nuevas respuestas para las Metrópolis Contemporáneas», acedido 12 de Novembro de 2018, http://www.jauregui.arq.br/nuevas_respuestas.html, “Esta forma de abordaje yendo desde lo global hacia lo local y vice-versa, permite establecer nuevos objetivos donde ‘proyecto integrado’ de calidad, implica al mismo tiempo derecho a la ciudad, a la urbanidad (con todos los equipamientos públicos necesarios) y al espacio publico (pensado como possibilitador de nuevos modos de relación y convivencia).”

¹²³ Javier Fernández Castro, *Barrio 31 - Carlos Mugica . Posibilidades y límites del proyecto urbano en contexto de pobreza* (Ciudad de Buenos Aires, Argentina: Instituto de la Espacialidad Humana, 2010), 138, www.espacialidadhumana.com.ar, “(...) se planteará como una propuesta de intervención que no se reduce al mejoramiento del hábitat barrial como opción ideológica, sino que establece necesarios puntos de anclaje con solicitudes largamente postergadas en su entorno directo y en la región metropolitana.”

¹²⁴ Jorge Mario Jáuregui, Construir a partir do conflito, entrevistado por José Pina, acedido 21 de Novembro de 2017, http://www.jauregui.arq.br/texto_entrevista.

¹²⁵ Fernández Castro, *Barrio 31 - Carlos Mugica . Posibilidades y límites del proyecto urbano en contexto de pobreza*, 139, “Asociar en un sistema coherente el conjunto de sus componentes actuales y propuestos, en operaciones de calificación de la preexistencia e incorporación de nuevas prácticas y conformes, extendiendo en forma generalizada el acceso a las infraestructuras básicas”.



Fig. 140 Remoção da Favela Vila Autódromo para as Olimpíadas 2016, Rio de Janeiro, Brasil;

Fig. 141 Contraste da cidade durante as Olimpíadas 2016, Rio de Janeiro, Brasil;

Fig. 142 Imagem de promoção de projeto habitacional para a *Villa 31*, Jogos Olímpicos da Juventude.

controlada do anteprojeto para o bairro 31 inclui a criação de módulos simples e pré-fabricados que garantiriam o acesso aos serviços básicos em falta – instalação sanitária ou cozinha. A particularidade da pré-fabricação permite que os núcleos de serviços possam ser inseridos de formas diversas nas tramas preexistentes, em mochila exterior, como espaço lateral no interior ou elemento divisório central.

30 de Abril de 2018

“Aquilo que me parece interessante acerca do anteprojeto para a Villa 31 é que, ao invés do que se faz nas soluções brasileiras – em que os projetos adquirem um tamanho de intervenção consoante o território onde são aplicados – todas as escalas são utilizadas num só desenho, relacionando-se entre si e com a envolvente a bem de fazer uma transição ténue daquilo que é ‘formal’ para aquilo que é considerado irregular.”

11 de Outubro de 2018

“Pensando demoradamente sobre o assunto: talvez a intervenção em altura não seja o motivo para o fracasso de algumas das obras construídas, mas sim a sua localização, na verdade os motivos são os mesmos numa escala de loteamento: as condições de inserção, extensão e convencionalidade que causam a falta de apropriação pelos moradores.

“Talvez por isso me agrada tanto a escala micro. O seu tamanho reduzido permite, além de uma intervenção modesta de experiência pontual focada em demandas específicas que, por si só, têm uma chance redobrada de ser aceites pela comunidade, a atenção à subtileza das relações que falham nos restantes projetos de maior porte.”

Com alguma surpresa na visita à *Villa 31*, verificou-se que o projeto conhecido para a urbanização do bairro não é aquele que se encontra em curso neste momento, pelo menos não integralmente.

Os dois edifícios paralelepípedicos em chapa ondulada verde e azul que se erguiam gradualmente em cada visita são apenas uma pequena porção do poliestireno azul cuidadosamente laminado que assinalava as zonas de intervenção na enorme maquete do escritório do arquiteto Javier Fernández Castro. As prioridades parecem ter sido substituídas pelo acrescimento da *Autovía Illia* que sobrevoa a extensão do bairro e as recentes notícias oficiais dos Jogos Olímpicos revelam um cenário insólito, algo semelhante aos acontecimentos já passados no Rio de Janeiro que em 2016 recebeu uma verdadeira “maquiagem olímpica”¹²⁶.

Em 7 de Outubro de 2018 lê-se a manchete “O Movimento Olímpico une-se na entrega do legado dos Jogos Olímpicos da Juventude aos jovens de Buenos Aires”¹²⁷, anunciando a

¹²⁶ «Rio de Janeiro recebe maquiagem olímpica para os Jogos - Olimpíada no Rio | Folha», acedido 18 de Outubro de 2018, <https://www1.folha.uol.com.br/>.

¹²⁷ «The Olympic Movement Unites in Delivering the Youth Olympic Games Legacy to the Young People of Buenos Aires - Olympic News», International Olympic Committee, 8 de Outubro de 2018, <https://www.olympic.org/news/>.

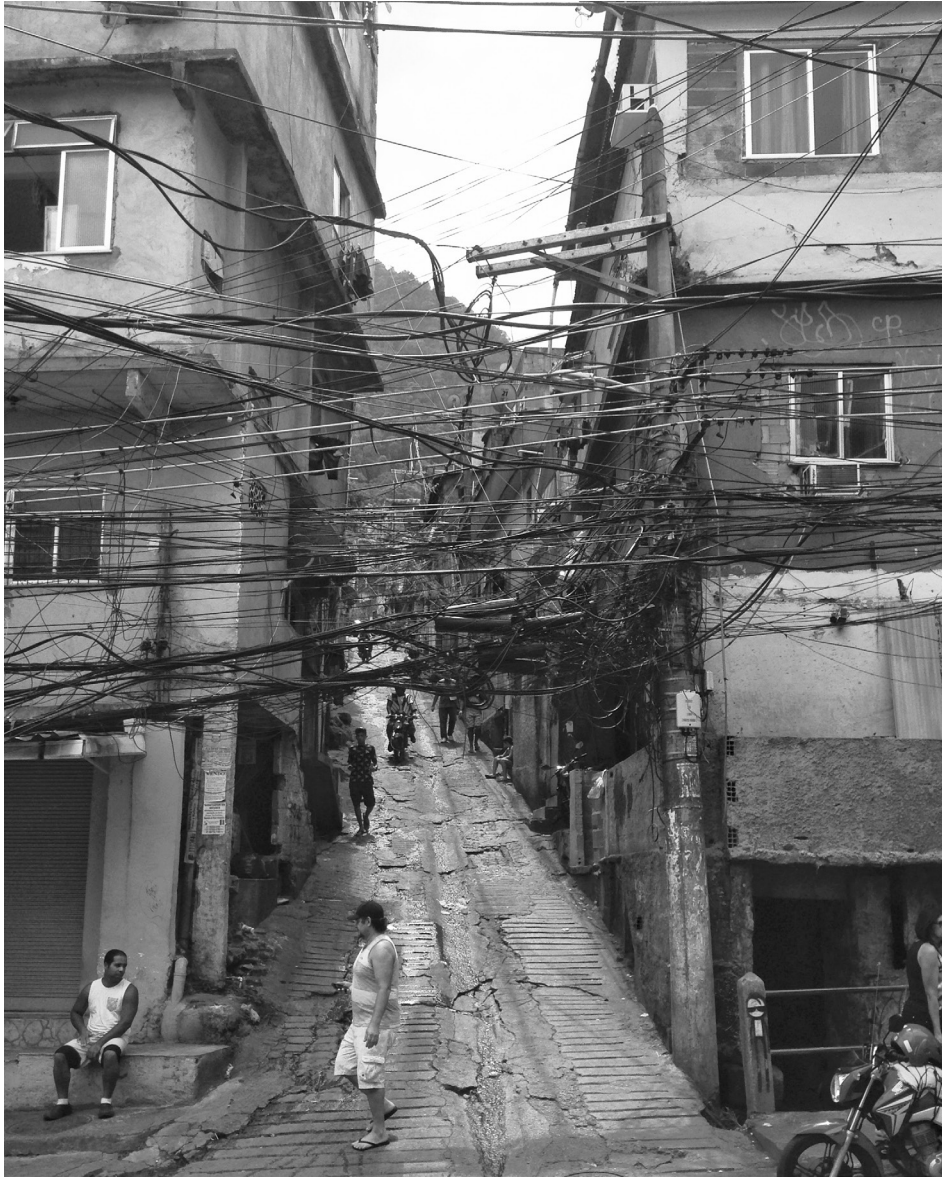


Fig. 143 Rua da favela da Rocinha, desde a Rua da Gávea, Rio de Janeiro, Brasil, 05 de Março de 2017.

intenção da construção de um centro comunitário e desportivo para as crianças residentes na *Villa 31*.

Ambos os blocos habitacionais para o bairro de Retiro estão desenhados e construídos à semelhança inegável das experiências conhecidas, nomeadamente as que resultam dos programas brasileiros para bairros informais do mesmo tipo. Basta uma mirada rápida para entender as características que, de forma idêntica tentam solucionar os problemas espaciais, de acesso a serviços básicos, infraestruturais ou de segurança entre outros, de um bairro espontâneo.

Um dos aspetos que, no entanto, parece transversal às intervenções de ambos os países é a adequação programática dos compartimentos do piso térreo que está ocupada ou destinada a apartamentos idênticos aos dos restantes pisos.

Espaços como estes servem de transição entre os elementos privados e os públicos por estar em contacto visual e físico direto. Assim, cabe ao desenho de atribuição de espaços garantir as relações de permeabilidade funcionais entre ambos.

24 de Maio de 2017

“Ao invés das ideologias Howardistas de separação das utilizações simples dando a cada uma delas uma independência relativa, relembro com nostalgia como era caminhar pelas ruas dos bairros populares: não existiu uma só viela sem um comércio de qualquer tipo, e a sua particular localização é, mais uma vez aquilo que de mais funcional se pôde criar.

Dou novamente a razão ao morador/construtor que, produzindo a sua casa reservou o espaço térreo para o seu estabelecimento, que resolve entreter a vizinhança num asado na praça, ou que numa tendência natural para contrariar a moral estabelecida decide organizar um baile funk na garagem.”

Na favela da Rocinha, “além da infinidade de restaurantes que existem na comunidade, frequentados por gente de dentro e de fora da favela, existe um local (uma escadaria dentro de uma casa particular) que permite o acesso ao teto de uma casa que pertence a outro dono chamada “a Lage” onde se realizam eventos, festas, comemorações e onde se oferecem comidas e bebidas especialmente elaboradas, na qual a famosa ‘feijoada completa’ é presença garantida.”¹²⁸.

A forma de distribuição programática preexistente mais ou menos aleatória traz, por isso, ao discurso as teorias devidamente concebidas por Jane Jacobs para os bairros americanos. De facto “desde que as ruas estejam bem preparadas para lidar com estranhos, (...) e possuam um suprimento básico de atividades e olhos, quantos mais [estranhos] houver, mais divertida ela será”¹²⁹. E obviamente, mais segura, ainda que, “assim como a feijoada, no urbanismo não existam receitas definidas”¹³⁰ e a procura de soluções “varie consoante o lugar”¹³¹.

¹²⁸ Jorge Mario Jáuregui, «Escritos - Food and the city», acessido 12 de Novembro de 2018, <http://www.jauregui.arq.br/food-and-the-city.html>.

¹²⁹ Jane Jacobs, *Morte e Vida de Grandes Cidades*, trad. Carlos S. Mendes Rosa (São Paulo: WMF Martins Fontes Ltda., 2003), 41.

¹³⁰ Jáuregui, «Escritos - Food and the city».

¹³¹ Jáuregui.



Fig. 144 *Cartonero*, Buenos Aires, Argentina, “*Ni vagos ni ladrones*” inicia a reportagem da revista *Épocas*, trad. “Nem preguiçosos nem ladrões”.

06 de Setembro de 2018

“Já que tenho andado com uma inclinação para admirar de forma especial as configurações preexistentes - antes de pensar de que maneira subtil estas se podem melhorar - faltava-me descarregar informação sobre as restantes formas de ingresso que me foram mais evidentes nas visitas. A forma como os moradores estão empregados ou não é também aquilo que define os parâmetros da sua qualidade de vida.

Além do fenómeno imprevisto do ‘moto-boy’ como meio de transporte local, cativaram-me particularmente as modalidades de comércio dos bairros populares e os locais onde estas se estabelecem. Algumas em situação mais informal que outras, aquilo que é certo é a sua utilização assídua: desde a senhora da loja de conveniência sentada à porta na pequena escada formada pelo declive da rua até ao cartonero que arrasta o seu grande cesto pelas ‘quadras’ de Buenos Aires; nenhum passa despercebido na economia local e no modo como sustenta a sua família e a sua habitação.

Sem dar-me conta sabia já nessa altura: as localizações das fontes monetárias dos moradores são certamente pistas valiosas para uma intervenção articulada e inclusiva.”

08 de Agosto de 2018

“Os pensamentos de hoje trazem em analepse o momento em que, sentada num café no interior da galeria da Avenida Santa Fe com Scalabrini Ortiz, conversava abertamente com a arquiteta Marcela Vio. Bebíamos em goles pequenos os nossos cafés negros, não fosse o tempo de ingestão interromper a conversa fiada que havíamos iniciado acerca da dissertação de doutoramento que recém-terminava.

Contava-me sem rodeios: “para mim não existe tal coisa como a ‘segregação’, é um termo que corre demasiado risco de ser tomado no sentido literal”. Explicava que os territórios informais podem ser diferentes urbanisticamente e os seus moradores socialmente excluídos do mercado de trabalho, mas estão incluídos na economia geral e na grande máquina formadora e transformadora da cidade. O que estes territórios representam e fazem dos seus moradores é, na verdade, uma das engrenagens dessa máquina que, quando alterada pode ter consequências de uma escala significativa.”

De facto, as políticas de erradicação das *villas* argentinas e a criação de bairros habitacionais novos no *conurbano bonarense* poderão ter sido os fenómenos que permitiram que indivíduos continuassem a recolção de materiais recicláveis, como o cartão, dentro da cidade dita formal.

Transportam o conteúdo dos seus carros de mão metálicos sobre duas rodas para a zona onde vivem, a vários quilómetros de distância, onde serão vendidos.



Fig. 145 *Cartonero*, Buenos Aires, Argentina.

12 de Abril de 2018

“Durante o caminho de volta a casa não me saem do pensamento as palavras da professora acerca das formas irregulares de emprego e da importância que possuem, muitas vezes ignorada.

Caminho pela Avenida Scalabrini Ortiz na direção inversa à que tinha percorrido esta manhã e observo com mais atenção o ‘cartonero’ que arrastava o cesto metálico já cheio de cartão. Sempre abominei a forma como cortejam grosseiramente as moças jovens que caminham pelas ruas da Ciudad Autónoma sem ter, no entanto, tomado tempo para pensar as suas profissões tão informais como o lugar onde vivem.”

Esta ação, ainda que numa forma irregular e pouco fixa de emprego, tem influências importantes nos fluxos económicos da cidade.

Ainda que os residentes das *villas* argentinas em geral não vivam e trabalhem conforme as normas, padrões e regras de zoneamento da cidade formal, são uma parte integrante desta. Não só da economia, sociedade e política urbanas, mas também de novas modalidades valiosas de recolção, reutilização, criação e transporte de materiais.

No caso dos *cartoneros* esta forma de ingresso representa na verdade um importante papel ecológico por definir uma grande parte dos fluxos e distribuições de reciclagem da cidade de Buenos Aires.

Já no Rio de Janeiro, serviu a experiência do carnaval para chegar a conclusões deste tipo. Também as formas irregulares de emprego têm algum peso que, ainda que disfarçado na cidade é autêntico e apresentado hipoteticamente nos pensamentos sobre os desfiles no Sambódromo da Marquês do Sapucaí:

18 de Fevereiro de 2018

“Achava eu, mais uma vez na inocência de quem visita pela primeira vez, que os preços exorbitantes para os dias de desfile oficial faziam desde evento um programa algo elitista. No entanto, enquanto observava à minha volta os apoiantes dos bairros populares da cidade, e tentava decifrar a localização de cada escola de samba que percorria cronometricamente a passarela ainda em t-shirts brancas, pensava: talvez isto tenha muito mais que se lhe diga.

São provavelmente as escolas que dão emprego a artesãos locais das comunidades, e é também muito presumível que seja nestas escolas que os milhões de pessoas a viver em situação precária tirem o seu sustento, entre ensaios, fabrico de disfarces, feijoadas e eventos. Agrada-me que assim seja, a verdade é que, o pandemónio deste carnaval é uma desorganização alinhada, recreativa e jovem, como só o Rio de Janeiro sabe ser.”

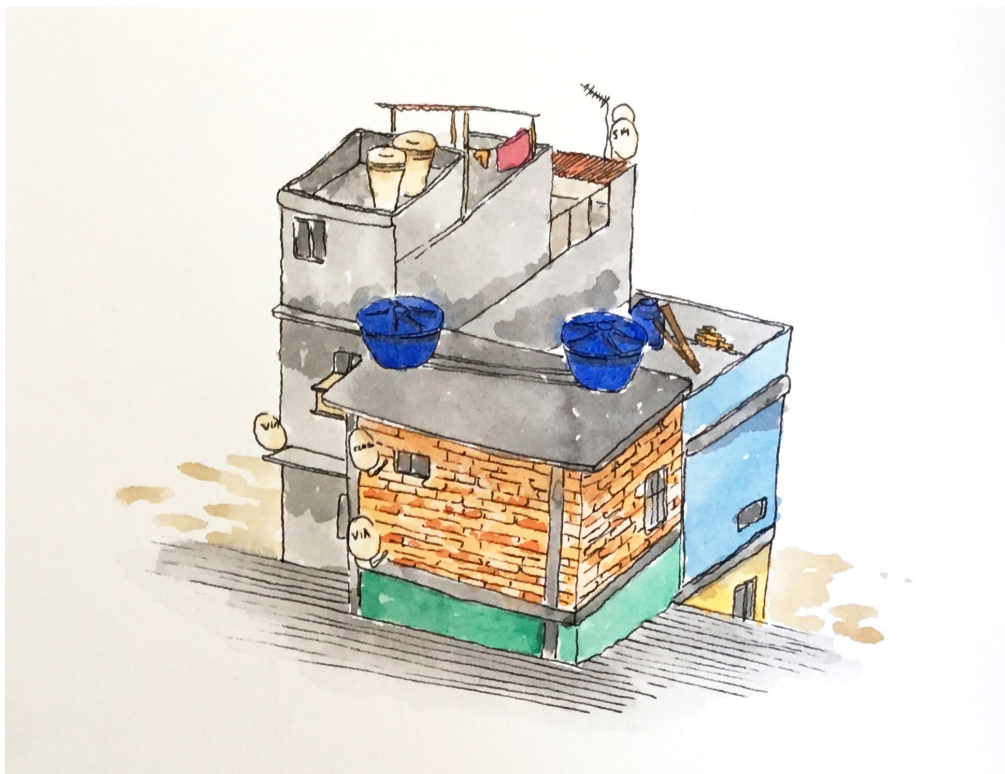


Fig. 146 Aguarela casa-tipo favela, inspirado na visita à Rocinha.

Espaço para Futuras Melhorias

24 de Setembro de 2018

“A favela da Cidade de Deus foi justamente o lugar que de mais ensinamentos e experiências me encheu a bagagem. Durante largos meses após a viagem à comunidade tenho pensado na Tia Rute e nos projetos de pequena criação de ingressos que organiza para a comunidade de Guarani. Oferece dentro da sua associação comunitária desde as ferramentas necessárias para o ensino de ofícios – costura, artes manuais, bijuteria – até a organização de grupos de apoio à mulher. Ali parte-se do princípio correto, de adquirir um know-how que permita, dentro do possível, mudanças desde o núcleo da necessidade; pratica-se genuinamente o antigo provérbio chinês: conta-me e esquecerei, mostra-me e talvez recorde, envolve-me e compreenderei.”

Em *Controversias sobre la desigualdad*, Gabriel Kessler nomeia a educação, a saúde e a vivenda de qualidade como as três “esferas clássicas de bem-estar”, “fundamentais para uma vida mais plena, autónoma e livre”¹³². No entanto, as divergências em cada uma destas são causas ou causadoras de outras esferas distintas como a distribuição de ingressos, o exemplo mais evidente.

Um menor nível educacional é traduzido em futuras remunerações baixas. Por sua vez as condições de vivenda que estas permitem – maioritariamente sem acesso a serviços básicos – estão diretamente relacionadas com as deficiências no campo da saúde, afetando não só o desempenho escolar, mas também o laboral. As relações são por isso fenómenos de dependência entre as esferas da *necessidade* que contribuem para uma “reprodução inter-geracional da desigualdade”¹³³ e fazem desta cadeia um ciclo vicioso impactante.

A capacidade de adquirir remuneração justa é, certamente, a competência com impacto positivo muito provável na integração dos residentes, “quanto mais perto estiverem de ser comunidades de classe trabalhadora mais fácil essa integração será”¹³⁴. Assim, as experiências para melhoramento, reurbanização e intervenção em bairros populares e assentamentos informais devem, em todo o momento, articular-se dentro de si mesmas na tentativa de abranger as várias condicionantes da *necessidade*. No entanto, “o resultado é que mesmo as políticas mais arrojadas não estão a alcançar todo o seu potencial.”¹³⁵

Referindo-se aos programas favela-bairro, os autores de *Cities for all* argumentam que o sucesso de iniciativas como esta está por detrás de um dos fatores considerados “chave” para o crescimento das propostas sem impedimentos: o financiamento, investimento público e principalmente o apoio na execução do município da *Perfeitura do Rio de Janeiro*. Também o anteprojecto para o bairro 31 em Buenos Aires toma como base para as propostas de escala

¹³² Gabriel Kessler, *Controversias sobre la desigualdad, Argentina 2003-2013* (Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Edhasa; UNIPE: Editorial Universitaria, 2015), 115, “Educatión, salud y vivienda de calidad son fundamentales para una vida más plena, autónoma y libre.”.

¹³³ Kessler, 115, “(...) contribuyendo a la reproducción intergeneracional de la desigualdad”.

¹³⁴ Janice Perlman, *Favela, Four Decades of Living on the Edge in Rio de Janeiro* (Oxford University Press, 2010), 228, “The closer they become to working-class communities, the easier such integration will be”.

¹³⁵ Perlman, 287; “The result is that even the boldest policies are not reaching their full potential.”.

micro os programas de melhoramento *barrial* pelo governo, como o *PROMEBA*.

Esta relação de proximidade e co-dependência governo-programa simplifica em grande parte qualquer entrave na aprovação e execução dos projetos e na toma de decisões e responsabilidades sobre os mesmos¹³⁶, permitindo que cresçam progressivamente. O *Acuerdo para la urbanización de villas* fala do processo de urbanização como uma tarefa que “deve partir por entender integralmente a cidade, complementando as intervenções em *villas* com políticas de vivenda e habitat que orientem os recursos públicos a fazê-la acessível e inclusiva.”

É sabido que “um bom projeto sempre quis, e continua a querer mudar positivamente o que existe”¹³⁷, no entanto, “hoje precisa-se de uma arquitetura e de um urbanismo que dialoguem com a envolvente mas que sejam também capazes de modificar e cidade, reconhecendo-a.”¹³⁸.

A associação benéfica das melhores características verificadas nos programas experimentados até então está visível no Programa de Aceleração do Crescimento. No Brasil, este combina investimentos para o melhoramento das favelas, novas construções para famílias de baixo ingresso, criação de empregos e redistribuição de ingressos. No entanto, parece estar ainda em falta a combinação destas ajudas com outras, ao invés de vários programas estarem criados segundo os seus próprios parâmetros.

24 de Outubro de 2018

“Fazem parte do Programa de Aceleração do Crescimento algumas das obras habitacionais que visitei, nomeadamente o Núcleo Habitacional da Rocinha e o Complexo de Manguinhos. Ambas são intervenções muito distintas arquitetónica e urbanisticamente na forma como se articulam com o bairro e com a cidade. Ainda que tenham estado sob recente fiscalização os valores “superfaturados”¹³⁹ investidos no programa, este parece pelo menos possuir objetivos acertados baseados em comunidades-alvo e abordagens “universais” por tratar carências comuns ao tipo de território em geral, como os conflitos sobre “direito à cidade”, a segurança e proteção dos moradores e a promoção de acesso ao mercado de trabalho.

No entanto são as abordagens baseadas na pobreza individual que parecem faltar e poder ser um acrescento oportuno. O tratamento das questões de necessidade particular imediata feitos pelas ONG’s como a que experienciei, ou mesmo programas como o Bolsa Família, devem ser pensadas, não como a escala micro ou tamanho S dos programas, mas como a escala mais pormenorizada a que estes podem chegar. Agrada-me este pensamento, são abordagens deste tipo

¹³⁶ José Brakarz, Margarita Greene, e Eduardo Rojas, *Citiesforall*, 102; “This approach simplifies execution, as there are fewer decision-making authorities and the lines of authority and responsibility are clearer than in other programs involving more than one level of government.”

¹³⁷ Jorge Mario Jáuregui, «Nuevas respuestas para las Metrópolis Contemporáneas | Jorge Mario Jáuregui», “Un buen proyecto siempre quiso, y continua queriendo, cambiar positivamente lo que existe.”

¹³⁸ Jáuregui, “Hoy se precisa de una arquitectura y de un urbanismo que dialoguen con el entorno pero que a su vez sean capaces de modificar la ciudad, reconociéndola.”

¹³⁹ Globo, «Obras do PAC em favelas do Rio foram superfaturadas, diz TCE-RJ», G1, acedido 21 de Novembro de 2018, <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/>.

aliadas às utilidades mais satisfatórias já integradas em vários programas, que se afiguram tão valiosas e imprescindíveis como os esquemas de intervenção maiores de investimento aparentemente incerto.”

A junção de projetos habitacionais a outros de distribuição de renda, educação, segurança, entre outros; garante não só o acesso a serviços básicos, mas também a continuidade estável futura do investimento. Do mesmo modo, pense-se a associação das iniciativas bem-sucedidas de programas como o PAC aos trabalhos dos residentes locais.

As atividades para a criação de emprego fixo que incluam residentes no processo de estabelecimento de prioridades podem comprovadamente ter resultados satisfatórios. Terão possivelmente um alcance certamente abrangente relativamente ao da associação da comunidade de Guarani que mesmo sem orçamento corrobora a possibilidade.

Já os bairros centrais argentinos, como a *Villa 31*, possuem benefícios interessantes quando comparados com qualquer outro tipo de bairro. Tendo em conta o facto de se organizarem e consolidarem não só com a chegada de habitantes do interior argentino, mas também de outros países, resultam numa área aparentemente pobre no sentido material, mas certamente rica culturalmente.

Num território em que os habitantes provêm de ambos, cultura e costumes distintos, parece também lógica uma intervenção transversal às necessidades que serão provavelmente de uma variedade maior.

10 de Outubro 2018

“Ter, nos tempos de hoje, lido sobre os planos de erradicação que, no século passado pressionaram um número desmedido de moradores dos bairros e assentamentos informais latino americanos a sair das suas casas, deixou-me questões soltas na retrospeção dos acontecimentos da viagem.

Até que ponto será uma construção nova considerada erradicação e a partir de qual será considerada inclusiva? Costumava, ainda a ideia de investigação não passava de uma viagem hipotética, pensar que existiria alguma facilidade na distinção sobre a funcionalidade de construções para territórios irregulares. Pensava que a forma seria a chave para todas as questões, ou para desvendar uma grande parte delas. Tal foi a surpresa quando comecei a aperceber-me da minha pouco raciocinada ingenuidade.

O efeito que os planos de remoção tiveram é indiscutível: houve uma inutilidade absolutamente dispensável nas ações de quase extermínio dos bairros irregulares. Num tempo de altíssima estigmatização, as formas de realocização que visavam terminar com as construções precárias falharam em grande escala. Em contrapartida os detalhes mais valiosos da população afetada fizeram um brilharete impressionante de reivindicação levando adiante a sua permanência. Deste modo, a inclusão e aceitação de que falamos atualmente não poderá ter apenas o sentido figurativo.”

As dualidades antagônicas que parecem enfrentar-se constantemente em bairros como estes – as instituições ou as pessoas, a capacidade profissional ou a participação da comunidade, o concreto ou o simbólico, a inclusão ou a erradicação – estão ainda inscritas em dimensões de leis incompatíveis. Seja por recordação desatualizada ou por uma posição ideológica, persuadiram ao longo dos tempos com a ideia de que assim era e seguiria permanentemente esta parte da cidade. Talvez por isso a possibilidade tentadora de misturar as suas conveniências seja tão pouco explorada como necessária.

“Hoje existe um consenso no sentido em que a ordem social e a repetição e segregação que marcaram o século XX necessitam de ser substituídos por sistemas que articulem diferenças e sejam facilmente adaptáveis”¹⁴⁰, no entanto, ambos os países latino-americanos seguem num ciclo de desigualdade que parece não ter fim.

Por um lado, servem as políticas de remoção que dizimaram ao longo da história favelas e *villas*, para concluir que não é certamente essa a solução para melhorar tanto a qualidade de vida dos habitantes como as conexões da cidade.

Por outro lado, vêem-se ainda nos dias de hoje construções carimbo que na tentativa de substituir assentamentos informais por habitações de condições melhoradas, terminam por transformá-los em assentamentos de betão. Além de estes continuarem sem relação articulada com o resto da cidade, perderam também as relações de vizinhança que outrora possuíam.

Não devem, por isso, “fazer-se tiras repetitivas *ad infinitum* do mesmo, há que enriquecer as tipologias e distingui-las o quanto seja possível”¹⁴¹.

É impreterível e urgente a intervenção e reurbanização de bairros em situação considerada precária. Não se trata de fazer tudo desde o zero, nem de demolir para refazer. As políticas de remoção verificaram-se experimentos de ações “pouco inteligentes e pouco sensíveis que pensam que perante um problema o melhor é arrasá-lo e apagá-lo do mapa”¹⁴².

Trata-se justamente de “a partir do que existe, introduzir atributos que sejam capazes de gerar um efeito contagiante positivo, e através da inversão pública, desencadear um processo de melhoramento do privado desde o privado, ou seja, desde os próprios habitantes”¹⁴³. “A atitude racional é pensar que benefícios se podem obter da cidade pela existência de algo que adquiriu o seu direito a existir”¹⁴⁴.

¹⁴⁰ Jorge Mario Jáuregui, «Nuevas respuestas para las Metrópolis Contemporáneas | Jorge Mario Jáuregui», “Hoy existe un consenso en el sentido de que el orden social y la repetición y segregación que marcaran el siglo XX necesitan ser reemplazados por sistemas que articulan diferencias y sean fácilmente adaptables.”

¹⁴¹ Jáuregui, «En la Argentina todavía se puede resolver el tema de las villas», acedido 13 de Novembro de 2018, <http://www.jauregui.arq.br/entrevistas>, “No se deben hacer tiras repetitivas *ad infinitum* de lo mismo; hay que enriquecer las tipologías y diferenciarlas cuanto sea posible (...)”.

¹⁴² Jáuregui, “La política de la topadora es típica de actitudes poco inteligentes y poco sensibles, que piensan que ante un problema lo mejor es arrasarlo, borrarlo del mapa.”

¹⁴³ Jáuregui, “(...) a partir de lo que existe, introducir atributos que sean capaces de generar un efecto contagiante positivo y, a través de la inversión pública, desencadenar un proceso de mejoramiento de lo privado desde lo privado, o sea desde los propios habitantes.”

¹⁴⁴ Jáuregui, “La actitud racional es pensar qué puede obtener de beneficio la ciudad por la existencia de algo que ya adquirió su derecho a existir.”

Por fim, decorre o momento em que é admitido o pensamento e investimento sobre os tecidos urbanos mais controversos da América do Sul.

É em leituras encorajadoras como a que inicia o documento dedicado às possibilidades e limites para o bairro 31 que se encontra reconforto e alguma esperança. Afinal, a arquitetura tem um papel físico, visível e palpável, e será sempre a forma como se emprega que deixará marcas nos bairros espontâneos.

“Creio, como quem não quer despertar-se de um sonho, que todas estas nuvens de obscuridade se começam a dissipar. Se assim fosse certo não seria o resultado de um golpe de sorte. Muitos anos de construção teórica, de pôr o olho na problemática do Habitar e de pôr a nossa reflexão na elaboração de investigações interdisciplinares que permitam superar a simples boa intenção. Muitos anos de uma prática projetual que rompa a casca da sua rigidez disciplinar e se abra ao reconhecimento pleno do contexto espacial e social. Muitos anos para alcançar capacidades que assumindo e operando sobre esse contexto, não degradem as conformações nem os modos de habitar. Também aprender que nada é estático, que afortunadamente não há última palavra nem última configuração, que o Projeto é projeto porque olha sempre adiante, em rigor porque assiste – sem muitas pretensões – o que está detrás do horizonte.”¹⁴⁵

¹⁴⁵ Roberto Doberti, Javier Fernández Castro, *Barrio 31 - Carlos Mugica . Posibilidades y límites del proyecto urbano en contexto de pobreza*, 12.



Fig. 147 Fotografia aérea da *Villa 31*, sobre a monografia de Piet Mondrian, comparação à *Composition de lignes et couleurs (1913)*, Coimbra, 25 de Outubro de 2018.

25 de Outubro de 2018

Tentei várias vezes, durante e no pós-viagem, conseguir num só desenho representar uma inteira paisagem de um bairro informal. Falhei na maioria das tentativas, provavelmente por esse ser um panorama de demasiadas células distintas, impedia-me do distanciamento e com ele de garantir esse tipo de pormenor nos meus pequenos desenhos de poucos minutos e umas cores que correspondessem minimamente à realidade. Começava a cansar-me por volta da vigésima casa, cinco casas mais e a minha fraca e adventícia paciência artística tinha um esgotamento. Em resumo, muitas destas tentativas terminavam mesmo antes de pegar no lápis de cor ou no pincel.

Outra das dificuldades maiores que fui encontrando aqui ou ali no processo de investigação, era a repetição inevitável da palavra “informal”, que tinha necessidade de usar repetidamente para descrever todas as coisas: as casas, o espaço intersticial, o (des)ordenamento urbano, o crescimento do território, as formas de ingresso, entre tantos outros exemplos. É certo, ambos os colossais problemas nada tinham em comum.

Exceto que ocorreu no dia de hoje a coincidência em que se cruzaram no raciocínio: enquanto seguia na procura incessante de ilustração de um assentamento informal sem que me cansasse do meu próprio rascunho, aconteceu pensar na causa para que tal aconteça, como faço agora; para variar, a única palavra que surgiu quase como se já pairasse sobre a minha cabeça foi “informal”.

Intransigente, fiz o exercício mental de indagar sobre outras palavras que descrevam este território que tento sem sucesso satisfatório pintar.

Ser informal, é também, a meu ver e pensando no campo das belas artes, ser abstrato.

Procurei apressadamente o dicionário e desfolhei as primeiras páginas: “abstrato”: “estar assinalado pela ausência de composição organizada”, “aquela arte que foge à representação de qualquer realidade exterior”¹⁴⁶.

Talvez por pensar neste assunto há tanto tempo que esmiúço tudo o

¹⁴⁶ Dicionário online Porto Editora, «Infopédia - Dicionários Porto Editora», acedido 18 de Dezembro de 2018, <https://www.infopedia.pt/>.

que vejo e me possa servir de exemplo para explicações sobre o território, ou talvez porque as semelhanças não podiam ser ignoradas, estas palavras pareciam definir na perfeição e sem empregar expressões estereotipadas, aquilo que a meu ver, é um bairro informal.

Busquei em desafio as primeiras monografias de obras abstratas que me recordava, obviamente aquelas que invadiram de imediato a minha memória e tornaram imortais os seus autores: pensei em Wassily Kandinsky, mas o abstracionismo lírico de formas tão insertas não era aquilo que esperava encontrar, procurava, de facto formas insertas, mas não eram aquelas tão inconscientes e imaginárias. Pensei por isso em Piet Mondrian e no seu abstracionismo geométrico que deu, mais tarde, origem às célebres obras Neoplasticistas. Abri a monografia com o seu nome: não era, de todo, a *Composição em Vermelho, Azul e Amarelo* que procurava, esta era, ao contrário do carácter lírico anterior, demasiado geométrica para ser até comparada às *quadras* mais formais das cidades. Era claro, precisava de uma composição com tanto de geométrica como de ocasional e espontânea, exatamente como um bairro informal se mostra.

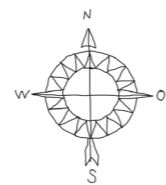
Avançando nas páginas da monografia e retrocedendo no tempo, detenho-me nas páginas onde uma imagem da *Composition de lignes et couleurs*¹⁴⁷ comprova aquilo que buscava. Trazia comigo uma fotografia aérea da *Villa 31* que coloquei ao lado desta.

Não é a aleatoriedade completamente arrebatadora que me impressiona, é a semelhança inegável entre as duas imagens.

Excluindo a hipótese tão irreal como maravilhosa de um cenário em que Mondrian pinta um assentamento informal, replicando-o como se o tivesse visto de relance desde cima; resta-me um pensamento: o abstrato está, julgo, na semântica do informal. E é no imaginário das pinturas célebres e na morfologia espontânea de um bairro popular que imagino, não só a aceitação, mas o valor da arquitetura abstrata. As potencialidades já as estudo há algum tempo, mas a espontaneidade é um privilégio cada vez mais raro e necessário, tanto que se tornará um requisito.

¹⁴⁷ *Composition de lignes et couleurs (moulin)*, 1913, Óleo sobre tela 115x88cm, *Rijksmuseum Kröller-Müller, Otterlo*; em Serge Fauchereau, *Mondrian: Les Grands Maitres de L'art Contemporain*, 13997.a ed. (Paris: Éditions Albin Michel S. A., 1995).

Coimbra, 25 de Outubro de 2018



Síntese Final

A viagem relaciona-se de uma maneira íntima com o ideal de conhecer-se. É no fundo um modo de cada um descobrir sobre si próprio e os seus gostos a partir dos objetos e lugares que contempla.

“O lado mais agradável das viagens é que a novidade e a surpresa dão o aspeto de uma aventura até às coisas mais corriqueiras”¹⁴⁸, e é graças ao conjunto desses detalhes que cada roteiro é indubitavelmente diferente do seguinte, ou do de outra pessoa.

Escrevia o filósofo Michel Onfray que “tudo nos conduz a um ponto do globo cujo sinal cegamente guardamos”¹⁴⁹ e “toda a viagem esconde e revela uma reminiscência”¹⁵⁰. De facto, as viagens fazem as pessoas tanto como as pessoas fazem as viagens, e é esta relação interdependente que faz delas instantes únicos e distintos.

O método de pesquisa de campo encontrado no roteiro de viagem tem, por isso, um papel de destaque diferenciador no trabalho. É a partir das visitas e opiniões momentâneas que a restante parte do documento se desencadeia e a chave para o desenvolvimento do estudo está seguramente na imprescindibilidade da viagem.

Tanto os propósitos da investigação, como as opiniões pessoais se foram transformando enquanto as visitas *in loco* se enriqueceram gradualmente de leitura teórica, e vice-versa. A relação escrita entre os acontecimentos ocorridos na viagem e as impressões posteriores que esta causou, foi o princípio estrutural para a organização das reflexões conclusivas. Procurou-se, após a longa viagem, refletir sobre os temas que conectam os lugares e, no contexto arquitetónico, perceber de que forma nos podemos instruir a partir das semelhanças e diferenças destes. Sejam elas entre as formas de atuar dos países, relativamente a territórios informais, ou entre comunidades específicas.

¹⁴⁸ Johann W. Goethe, Viagem a Itália 1786-1788, trad. João Barrento, 1a (Bertrand Editora, Lda., 2018), 262; “Nápoles, Sexta-feira, 9 de Março de 1787”.

¹⁴⁹ Michel Onfray, Teoria da viagem: uma poética da geografia, trad. Sandra Silva, Textos breves (Lisboa: Quetzal, 2009), 50.

¹⁵⁰ Onfray, 35.

É certo que “a arquitetura moderna, na educação, terá fracassado se não preparar a próxima geração de arquitetos, para o desafio do urbanismo informal”¹⁵¹. Os projetos existentes podem ter inúmeras falhas, mas é seguramente a partir das imperfeições que se incentiva a evolução.

Há uma facilidade em errar quando se desenha sobre territórios frágeis. Na arquitetura e no urbanismo, esse risco pode ter consequências acrescidas por mudar as formas de vida existentes. Por isso, a primeira e mais importante conclusão retirada, tanto do processo de *deambulação* como das *visitas* é a relevância quase obrigatória de observar o que existe e as utilizações das soluções atuais.

Numa perspetiva alargada, contemplar a relação de um território informal à escala da cidade, vivendo-a, aportará respostas para progressivamente intercalar a barreira figurativa entre o formal e o informal. Olharam-se os bairros desde o asfalto, uma malha “meticulosamente zonificada [que] dita como e onde todos se devem comportar como se a vida fosse assim mesmo, planeada, previsível, dura, como se na dança só existisse valsa e na arte o classicismo.”¹⁵². A relação entre ambos deve, por isso, ser feita tendo em conta as vertentes que os compõem e os podem conectar.

No panorama pormenorizado, deter-se para observar os movimentos, as circulações e as apropriações, é o mecanismo que desencadeia o processo de decisão sobre as falhas a corrigir. Apenas examinando os problemas e os benefícios pré-existentes se pode identificar uma carência associada a cada comunidade.

“O objetivo do *Slum-upgrading* não é o de reconstruir as favelas, mas sim construir com os recursos e desenvolturas que já lá se encontram”¹⁵³. É, por isso, ineficaz tentar mudar o conteúdo e a morfologia de um assentamento informal que já ganhou o seu direito de existir. Tentar organizar algo que é desorganizado por natureza é inútil já que, assim como no abstratismo¹⁵⁴, dentro de qualquer desorganização existe uma regra.

Os problemas verificados nos edifícios habitacionais novos provêm, em grande parte, de uma lacuna na identificação das necessidades. Os exemplos mais evidentes são os que se identificam imediatamente nas visitas: o crescimento desmedido das famílias – resultante da morfologia geral dos bairros ou a mobilidade – e a falta dela.

Adversidades como a falta de segurança pública estão também diretamente relacionadas com uma maior dificuldade – a estigmatização. É complexo, para alguém que nunca visitou bairros populares deste tipo, fazer uma separação entre o mito e a realidade. Por isso, todos os esforços de inclusão e articulação futuros, terão de passar também por um avanço nos modos de associação da precariedade ao perigo - duas palavras que parecem ainda fazer inevitavelmente parte do mesmo vocabulário.

Existe uma espécie de ciclo quase vicioso das problemáticas do habitar em lugares irregulares,

¹⁵¹ Miriam Oliveira, «Slum-upgrading: um novo lugar da arquitetura» (Universidade de Coimbra, 2016), 171.

¹⁵² Maria S. Negrão, «Sobre uma montanha em movimento: evolução urbana da Favela do Vidigal» (Universidade de Coimbra, 2013), 29.

¹⁵³ Oliveira, «Slum-upgrading: um novo lugar da arquitetura» (Universidade de Coimbra, 2016), 165,167.

¹⁵⁴ Relativo à passagem de diário pós-viagem, página 215.



Fig. 148 Diário pós-viagem, representação conceptual de "unidades para pacificação definitiva" como instrumentos para um "puzzle da articulação".

fazendo da descoberta da solução um puzzle de peças infinitas que, de alguma forma se tentam conectar entre si.

Aquilo que se tentou expor nas reflexões conclusivas da investigação foram exemplos verificados dessas conexões entre comunidades do mesmo país, ou países diferentes.

Segundo as obras averiguadas em visita e essencialmente baseando os pensamentos nas soluções da comunidade, parecem ter resultados satisfatórios as respostas de escala menor. A questão conceptual é de conclusão clara: se cada peça deste metafórico puzzle tiver a sua devida atenção, também a articulação entre estas e as adjacentes será facilitada.

Construir o trabalho de retalhos que é a relação de um território com a cidade é também um dos esforços do *slum-upgrading*. No entanto, parece haver um sucesso mais imediato nas tentativas de associação entre as intervenções e a comunidade, deixando um futuro ainda incerto nos vínculos frágeis entre os bairros espontâneos e a cidade dita formal.

O caminho a percorrer é longo e é de experiências que o puzzle da articulação se vai formando. É necessário e urgente atingir os pontos fracos num mundo em que estes são ignorados por ser poucas vezes considerados parte da cidade. Importa abandonar o estigmatismo e colocar os olhos no futuro de infinitas soluções. Mais experiências significam, um leque mais variado de opções, e é na criatividade e motivação futuras da arquitetura que surgirão novas e encorajadoras respostas.

FONTES

Bibliografia

ABANI, Chris. Graceland. Picador, 2005.

ABOY, Rosa. «Villas Miseria, Favelas y Asentamientos: nuevas rutas en historia urbana», 2017.

ARDISSONE, Romualdo. «La ciudad de Buenos Aires excede los límites de la Capital Federal». Buenos Aires, Argentina, 1937.

BORGES, Jorge Luis. Fervor de Buenos Aires. Emecé, 1969.

BRAKARZ, Jose, Margarita Greene, e Eduardo Rojas. Citiesforall: Recent Experiences with Neighborhood Upgrading Programs. IDB, 2002.

BURGA BARTRA, Jorge. Jorge Burga Bartra: «La arquitectura “chicha” es la única esperanza para redimir la arquitectura vernacular». Entrevistado por Fabio Bernuy, 1 de Fevereiro de 2016. <http://www.plataformaarquitectura.cl/cl/781331/jorge-burga-bartra-la-arquitectura-chicha-es-la-unica-esperanza-para-redimir-la-arquitectura-vernacular>.

CAIXA. «Bolsa Família - Programas Sociais». Acedido 24 de Outubro de 2018. <http://www.caixa.gov.br/programas-sociais/bolsa-familia/Paginas/default.aspx>.

CARVALHO, Monique. «A política de pacificação de favelas e as contradições para a produção de uma cidade segura». *O Social em Questão* - Ano XVI, n. 29 (2013).

CECCON, Claudius. «Rocinha diz não ao teleférico». Canal Ibase, 19 de Julho de 2013. <http://www.canalibase.org.br/rocinha-diz-nao-ao-teleferico/>.

COSTA, Maria Luiza. «O Mapa de Ponta-Cabeça». *World Congress on Communication and Arts*, 2011, 5. Acedido 13 de Dezembro de 2018, <https://repositorio.unesp.br/>.

DAVIS, Mike. Planet of Slums. London, New York: Verso, 2006.

DI VIRGILIO, María, Tomás Guevara, Soledad Mejica, e Gabriel Kessler. No 6 Historia de la Provincia de Buenos Aires. El Gran Buenos Aires. 1.a ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Edhasa; UNIPE: Editorial Universitaria, 2015.

FAUCHEREAU, Serge. Mondrian: Les Grands Maitres de L'art Contemporain. 13997.a ed. Paris: Éditions Albin Michel S. A., 1995.

FERNÁNDEZ CASTRO, Javier. Barrio 31 - Carlos Mugica . Posibilidades y límites del proyecto urbano en con-texto de pobreza. Ciudad de Buenos Aires, Argentina: Instituto de la Espacialidad Humana, 2010. www.espacialidadhumana.com.ar. G1 GLOBO. «Obras do PAC em favelas do Rio foram superfaturadas, diz TCE-RJ». G1. Acedido 21 de Novembro de 2018. <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/obras-do-pac-em-favelas-do-rio-foram-superfaturadas-diz-tce-rj.ghtml>.

G1, GLOBO. «Plano inclinado na Rocinha ficou na promessa, dizem moradores». Parceiro RJ, 4 de Abril de 2014. <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/parceiro-rj/noticia/2014/04/teleferico-na-rocinha-ficou-na-promessa-dizem-moradores.html>.

GALEANO, Eduardo. Las Venas Abiertas de América Latina. México: Siglo XXI Editores, 1980.

GOETHE, Johann Wolfgang. Viagem a Itália 1786-1788. Traduzido por João Barrento. 1a. Bertrand Editora, Lda., 2018.

GÓMEZ, Silvia. «De compras en la Villa 31: la feria de los vecinos que quieren abrir a toda la Ciudad», 17 de Dezembro de 2016. https://www.clarin.com/ciudades/compras-Villa-vecinos-quieren-Ciudad_0_BJV47_xVx.html.

GORELIK, Adrián, e Gabriel Kessler. No 6 Historia de la Provincia de Buenos Aires. El Gran Buenos Aires. 1.a ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Edhasa; UNIPE: Editorial Universitaria, 2015.

IBGE. «Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística». Acedido 16 de Novembro de 2018. <https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/sociais/populacao/19878-1996-contagem2.html?edicao=10191&t=notas-tecnicas>.

INE. «Portal do Instituto Nacional de Estatística». Acedido 5 de Dezembro de 2018. https://ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&xcontecto=pi&xindOcorrCod=0008273&xselTab=tab0.

JACOBS, Jane. Morte e Vida de Grandes Cidades. Traduzido por Carlos S. Mendes Rosa. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

JÁUREGUI, Jorge Mario. «Arquitectura, Urbanismo y Compromiso Social». Acedido 13 de Novembro de 2018. <http://www.jauregui.arq.br/arb-urb.html>.

JÁUREGUI, Jorge Mario. Construir a partir do conflito. Entrevistado por José Pina. Acedido 21 de Novembro de 2017. http://www.jauregui.arq.br/texto_entrevista_jorge.html.

JÁUREGUI, Jorge Mario. «En la Argentina todavía se puede resolver el tema de las villas». Acedido 13 de Novembro de 2018. <http://www.jauregui.arq.br/entrevistas.html#05>.

JÁUREGUI, Jorge Mario. «Escritos - Food and the city». Acedido 12 de Novembro de 2018. <http://www.jauregui.arq.br/food-and-the-city.html>.

JÁUREGUI, Jorge Mario. «Nuevas respuestas para las Metrópolis Contemporáneas | Jorge Mario Jáuregui». Acedido 12 de Novembro de 2018. http://www.jauregui.arq.br/nuevas_respuestas.html.

JÁUREGUI, Jorge Mario. «Rocinha: Um Bairro Singular | Jorge Mario Jáuregui», 2004. <http://www.jauregui.arq.br/rocinha.htm>.

KELLY, Megan. «Urbanization in Latin American and the Cases of Two Capital Cities: Buenos Aires and Bogotá». Unihorizonte, Dezembro de 2016.

KESSLER, Gabriel. Controversias sobre la desigualdad, Argentina 2003-2013. 1a. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Edhasa; UNIPE: Editorial Universitaria, 2015.

KESSLER, Gabriel. No 6 Historia de la Provincia de Buenos Aires. El Gran Buenos Aires. 1.a ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Edhasa; UNIPE: Editorial Universitaria, 2015.

LUSA. «Exército e polícia recebidos a tiro na favela da Rocinha». Acedido 28 de Setembro de 2018. <https://www.dn.pt/mundo/interior/exercito-e-policia-recebidos-a-tiro-em-operacao-na-maior-favela-do-rio-de-janeiro-9426522.html>.

MERGUIZO, Marcel, e Paulo Conde. «Rio de Janeiro recebe maquiagem olímpica para os Jogos - Olimpíada no Rio | Folha». Acedido 18 de Outubro de 2018. <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/olimpiada-no-rio/2016/07/1790702-rio-de-janeiro-comeca-a-passar-por-processo-de-embelezamento-para-os-jogos.shtml>.

MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO. «PAC - Sobre o PAC». Acedido 6 de Julho de 2018. <http://www.pac.gov.br/sobre-o-pac>.

NAHOUM, Benjamín. Algunas Claves - Reflexiones sobre aspectos esenciales de la vivienda cooperativa por ayuda mutua. Montevideo, Uruguay: Ediciones Trilce, 2013.

OLIVEIRA, Neuza Miriam Martins Queiroz de, e José Fernando Gonçalves. «Slum-upgrading: um novo lugar da arquitetura». Universidade de Coimbra, 2016.

OLYMPIC GAMES. «The Olympic Movement Unites in Delivering the Youth Olympic Games Legacy to the Young People of Buenos Aires - Olympic News». International Olympic Committee, 8 de Outubro de 2018. <https://www.olympic.org/news/the-olympic-movement-unites-in-delivering-the-youth-olympic-games-legacy-to-the-young-people-of-buenos-aires>.

ONFRAY, Michel. Teoria da viagem: uma poética da geografia. Traduzido por Sandra Silva. Textos bre-ves. Lisboa: Quetzal, 2009.

PERFEITURA DO RIO DE JANEIRO. «Morar Carioca». Acedido 14 de Novembro de 2018. <http://www.rio.rj.gov.br/web/smhc/conheca-o-programa>.

PERLMAN, Janice. Favela, Four Decades of Living on the Edge in Rio de Janeiro. Oxford University Press, 2010.

PORTO EDITORA, «Infopédia - Dicionários Online Porto Editora». Acedido 18 de Dezembro de 2018. <https://www.infopedia.pt/>.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, Subchefia para Assuntos Jurídicos, Brasil. «Medida Provisória No132, de 20 de Outubro 2003». Acedido 24 de Outubro de 2018. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/mpv/Antigas_2003/132.htm.

SNITCOFSKY, Valeria. «Clase, territorio e historia en las villas de Buenos Aires (1976-1983)». Quid 16, n. 2 (2012).

SOTO-MAYOR NEGRÃO, Maria. «Sobre uma montanha em movimento: evolução urbana da Favela do Vi-digal». Universidade de Coimbra, 2013. http://webopac.sib.uc.pt/search~S2*por?/aNegr{u00E3}o%2C+Maria+Sampaio+Soto-Mayor%2C+1989-/anegrao+maria+sampaio+soto+mayor+1989/-3%2C-1%2C0%2CE/frameset&FF=anegrao+maria+sampaio+soto+mayor+1989&1%2C1%2C.

TECHO - Argentina. Relevamiento de Asentamientos Informales 2016. Argentina, 2016. techo.org.ar/relevamiento.

TETO - Techo. «A realidade das favelas precárias». Acedido 27 de Outubro de 2018. <https://www.techo.org/>.

TORRES, Horacio A. El Mapa Social de Buenos Aires. 1940-1990. Edición Electrónica, 2006. Buenos Aires: Ediciones FADU, 1993. [http://biblioteca.fadu.uba.ar/cgi-bin/wwwisis/\[in=/var/www/catalogo/format/libros/select.in\]/](http://biblioteca.fadu.uba.ar/cgi-bin/wwwisis/[in=/var/www/catalogo/format/libros/select.in]/).

TURNER, John. Freedom to Build. Siglo XXI Editores. México, 1972.

TURNER, John. Housing by People: Towards autonomy in building environments. New York: Pantheon Books, 1976.

UN-HABITAT. Slum Almanac 2015-2016. Nairobi. UNON, Publishing Services Section. Acedido 5 de Julho de 2018. <https://unhabitat.org/slum-almanac-2015-2016/>.

UN-HABITAT. State of the World's Cities 2006/7, Slums: Some Definitions. Nairobi: UNON, Publishing Services Section, 2006.

UNITED NATIONS. «Population Facts - Migration and population change - drivers and impacts». De-partment of Economic and Social Affairs, Population Division, Dezembro de 2017. www.unpopulation.org.

UNITED NATIONS. «Population Facts, A World of Cities». Department of Economic and Social Affairs, Population Division, n. 2014/2 (Agosto de 2014). www.unpopulation.org.

UPP. «Unidade de Polícia Pacificadora». Acedido 17 de Julho de 2018. http://www.upprj.com/index.php/as_upps.

INDEC. «WebINDEC - Población Censo 2010». Acedido 5 de Dezembro de 2018. https://www.indec.gob.ar/censos_provinciales.asp?id_tema_1=2&id_tema_2=41&id_tema_3=135&p=06&d=000&t=0&s=0&c=2010.

ZABALBEASCOA, Anaxu. «Entrevista | “En la arquitectura hace falta menos ego y más miedo”». El País. 25 de Abril de 2013, sec. Eps. https://elpais.com/elpais/2013/04/23/eps/1366712866_157748.html.

ZITO, Carlos Alberto. A Buenos Aires de Borges. Traduzido por Serafim Ferreira. Lisboa, Portugal: Edi-torial Teorema, Lda., 1998.

Origem das imagens

Nota: Os mapas que servem de acompanhamento do corpo de texto para a localização das cidades em viagem ou da comunidade visitada são variantes das representações nas figuras 16, 17 e 29.

Agradecimentos

Página 6: Fig.1 Diário gráfico, Coimbra, 21 de Julho de 2018

Fonte: fotografia do diário de viagem da autora

Página 8: Fig.2 *Desierto de Atacama*, Bolívia, 18 de Janeiro de 2017

Fonte: fotografia da autora

Fig. 3 Autora na favela da Rocinha, 05 de Março de 2017

Fonte: fotografia por Aílton Macarrão

Fig.4 *Machu Picchu*, Perú, 02 de Fevereiro de 2017

Fonte: fotografia da autora

Página 9: Fig. 5 Autora e Aílton Macarrão na favela da Rocinha, 05 de Março de 2017

Fonte: fotografia por Aílton Macarrão

Fig.6 Autora e viajantes, *Desierto de Atacama*, Bolívia, 17 de Janeiro de 2017

Fonte: fotografia da autora

Fig.7 *Calle Jorge Luis Borges*, Palermo, Buenos Aires, Argentina

Fonte: fotografia da autora

Nota Prévia

Página 16 e 17: Fig.8 Contraste formal/informal, Rio de Janeiro, Brasil

Fonte: «As raízes da violência no Rio», O Globo, 10 de Setembro de 2017. Acedido 29 de Outubro de 2018, <https://oglobo.globo.com/>.

Página 18: Fig.9 *Villa 31* desde a *Av. Ramos Mejía*, Retiro, Buenos Aires, Argentina

Fonte: fotografia da autora

Introdução

Página 20: Fig.10 América Invertida, Joaquim Torres Garcia, 1941

Fonte: **Costa**, Maria Luiza. «O Mapa de Ponta-Cabeça». *World Congress on Communication and Arts*, 2011, 5. Acedido 13 de Dezembro de 2018, <https://repositorio.unesp.br/>.

Página 22: Fig.11 Fotografia da chegada a Lima, Perú, 03 de Fevereiro de 2017

Fonte: fotografia da autora

Página 24: Fig.12 Fotografia do diário de viagem, Estação Rodoviária Mendoza, 09 de Janeiro de 2017

Fonte: fotografia do diário de viagem da autora

Página 26: Fig.13 Jornal *La Nacion*, 12 de Abril de 2018, manchete do canto inferior direito

Fonte: fotografia da autora

Página 28: Fig.14 Diário gráfico pós-viagem, 19 de Janeiro de 2018

Fonte: fotografia do diário de viagem da autora

Tempo, Espaço e Transformações

Página 30: Fig.15 Mapa de relação entre as mega-cidades mundiais e a dualidade percentual urbano/informal (2010)

Fonte: representação da autora com base nas informações em, **Perlman**, Janice, *Favela, Four Decades of Living on the Edge in Rio de Janeiro* (Oxford University Press, 2010). **United Nations**, «Population Facts, A World of Cities», *Department of Economic and Social Affairs, Population Division*, n. 2014/2 (Agosto de 2014), www.unpopulation.org.

Página 32: Fig.16 Fotografia desde o Teleférico La Paz - El Alto, La Paz, Bolívia, 26 de Janeiro de 2017

Fonte: fotografia da autora

Página 34: Fig.17 Favela da Rocinha, Rio de Janeiro, Brasil, 05 de Março de 2017

Fonte: fotografia da autora

Página 36: Fig. 18 Escultura de Oscar Niemeyer (1988, Betão 7 metros de altura), Praça Memorial da América Latina, São Paulo, 24 de Março de 2017, Mão de protesto e mapa da América Latina a correr sangue até ao punho traz ao panorama algumas semelhanças ao título de Galeano “*Las venas abiertas de America Latina*”.

Fonte: fotografia da autora

Página 38: Fig.19 Mapa concetual de Buenos Aires, representação das “coronas”, núcleo central, *conurbano bonarense* de zonas: trama, “zonas más”, pontos, “zonas médias”

Fonte: representação da autora com base nas informações em, **Torres**, Horacio A., *El Mapa Social de Buenos Aires. 1940-1990*, Edición Electrónica, 2006 (Buenos Aires: EdicionesFADU, 1993), 23, <http://biblioteca.fadu.uba.ar/>. **Di Virgilio**, María, Tomás Guevara, Soledad Mejica, e Gabriel Kessler. *Nº 6 Historia de la Provincia de Buenos Aires. El Gran Buenos Aires*. 1.ª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Edhasa; UNIPE: Editorial Universitaria, 2015, 73.

Página 40: Fig.20 Mapa conceitual do Rio de Janeiro, representação de áreas Norte, Centro, Sul, Oeste, e de zonas: trama, “zonas más”, pontos, “zonas médias”. Inspiradas na interpretação de Torres para Buenos Aires e baseadas nos mapas de progresso social (IPS) e uso de solo (Instituto Pereira Passos)

Fonte: representação da autora com base nas informações em, **Instituto Pereira Passos**. «Índice de Progresso Social do Rio de Janeiro». Acedido 5 de Julho de 2018. <http://ipsrio.com.br/>.

Instituto Pereira Passos. «Mapa de Uso do solo». Acedido 13 de Dezembro de 2018. <http://pcrj.maps.arcgis.com/>.

Fig.21 Rio de Janeiro, aéreo, 10 de Janeiro de 2018, pintado a lapis

Fonte: fotografia do diário gráfico da autora

Página 42: Fig.22 Manhã após a erradicação da Favela Praia do Pinto, 1969

Fonte: **Perlman**, Janice, *Favela, Four Decades of Living on the Edge in Rio de Janeiro*, Oxford University Press, 2010, 75.

Página 44: Fig.23 Efetivos do exército procedendo à erradicação da *Villa* de Retiro, 04 de Setembro de 1974

Fonte: **Steinberg**, Lucila, Wolff Madeleine, Demichelis Estafania, e Orlandini Bianca. *Villas 31 y 31 bis, programa de mejoras para las villas 31 y 31 bis: planificar para transformar*. Buenos Aires, Argentina: Ministerio de Desarrollo Económico, Secretaría de Habitat e Inclusión Social, SECHI, 39. <http://www.buenosaires.gob.ar/habitat>.

Página 48: Fotografias das obras do programa favela-bairro, Atelier Metropolitano

Fonte: Figs.24 e 25 - **Jáuregui**, Jorge Mario. «Rio das Pedras | Jorge Mario Jáuregui». Acedido 30 de Outubro de 2018. <http://www.jauregui.arq.br/favelas-rio-das-pedras.html>.

Fig.26 - **Jauregui**, Jorge Mario. «Vidigal | Jorge Mario Jáuregui». Acedido 7 de Novembro de 2018. <http://www.jauregui.arq.br/favela-bairro-vidigal.html>.

Fig.27 - **Jauregui**, Jorge Mario. «Jorge Mario Jáuregui». Acedido 7 de Novembro de 2018. <http://www.jauregui.arq.br/macacos.html>.

Fig.28 - **Jauregui**, Jorge Mario. «Broken City - Manguinhos Complex | Jorge Mario Jáuregui». Acedido 7 de Novembro de 2018. http://www.jauregui.arq.br/broken_city.html.

Página 50: Fig.29 Unidade de Política Pacificadora, Santa Marta, Rio de Janeiro, Brasil

Fonte: **Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro**. «Implantação da 1ª Unidade de Polícia Pacificadora». *PMERJ* (blog), 19 de Dezembro de 2008. Acedido a 7 de Novembro de 2018, <http://www.pmerj.rj.gov.br/>.

Página 52: Fig.30 Obra para 60 famílias, *Cooperativa Vivienda La Fábrica, Movimiento de Ocupantes e Inquilinos*, Buenos Aires, Argentina

Fig.31 Sede da *Cooperativa Vivienda La Fábrica, Movimiento de Ocupantes e Inquilinos*, Buenos Aires, Argentina

Fonte: **Movimiento de Ocupantes e Inquilinos**. «Cooperativa La Fábrica – MOI – CTAA | MOI». Acedido 7 de Novembro de 2018. <http://moi.org.ar/>.

Notas de Viagem

Página 56: Fig.32 Mapa conceitual sul-americano, representação da viagem.

Fonte: representação da autora com base no percurso de viagem

Página 58: Fig.33 Diário de bordo, *Libros del Pasaje*, Buenos Aires, 08 de Abril de 2018

Fonte: fotografia do diário de viagem da autora

Página 60: Fig. 34 Diário de viagem, 04 de Abril de 2018

Fonte: fotografia do diário de viagem da autora

Página 64: Fig.35 Tango argentino, *Plaza Serrano*, San Telmo, Buenos Aires, Argentina

Fig.36 Atelier em *La Boca*, Buenos Aires, Argentina

Fig.37 Manifestação “*estudiantes por ni una menos*”, *Calle Balcarce* em direção à *Plaza de Mayo*, Buenos Aires, Argentina

Fonte: fotografias da autora

Página 65: Fig.38 Fotografia da esquina entre a *Calle Esmeralda e Arenales*, Retiro, Buenos Aires, Argentina, 14 de Dezembro de 2016

Fonte: fotografia da autora

Fig.39 Desenho *Caminito*, La Boca, pintado a aguarela.

Fonte: fotografia de desenho em folha solta, pela autora

Página 66: Fig.40 Diário de viagem, Início da Viagem, 05 de Janeiro de 2017

Fig.41 Diário de viagem, *Villa 31* desde a *Estación de Retiro*, 06 de Janeiro de 2017

Fonte: fotografias do diário de viagem da autora

Página 68: Fig.42 Diário de viagem, *Cerro Alegre*, Valparaíso, Chile, 12 de Janeiro de 2017

Fonte: fotografia do diário de viagem da autora

Página 70: Fig.43 *Playa Ancha*, Valparaíso, Chile, 12 de Janeiro de 2017

Fonte: fotografias da autora

Página 72: Fig.44 Fronteira Chile-Bolívia, Apacheta, Aduana Nacional, 19 de Janeiro de 2017

Fonte: fotografia da autora

Página 73: Fig.45 Diário de viagem, *Desierto de Dali*, Atacama - Uyuni, 19 de Janeiro de 2017

Fonte: fotografia do diário gráfico da autora

Fig.46 Salar de Uyuni, Bolívia, 20 de Janeiro de 2017

Fonte: fotografia da autora

Página 74: Fig.47 Diário de viagem, *Cholas* de La Paz, 25 de Janeiro de 2017

Fonte: fotografia de desenho em folha solta, pela autora

Fig.48 Paisagem desde a *Via Balcón*, La Paz, Bolívia, 25 de Janeiro de 2017

Fonte: fotografia da autora

Página 76: Fig.49 Vista durante a viagem de teleférico até El Alto, La Paz, Bolívia, 26 de Janeiro de 2017

Fonte: fotografia da autora

Página 78: Fig.50 Vista Panorâmica sobre La Paz, a partir de El Alto, La Paz, Bolívia, 26 de Janeiro de 2017

Fonte: fotografia da autora

Página 80: Fig.51 Isla del Sol, Bolívia, 28 de Janeiro de 2017

Fonte: fotografia da autora

Página 81: Fig.52 Aguarela, *Chola* Isla del Sol, Copacabana, Bolívia, 28 de Janeiro de 2017

Fig.53 Aguarela, *Cholas* Carnaval Puno, Perú, 29 de Janeiro de 2017

Fonte: fotografias de desenhos em folhas soltas, pela autora

Página 84: Fig.54 Diário de viagem, *Bondinho* em Santa Teresa, Rio de Janeiro Brasil, 07 de Fevereiro de 2017

Fonte: fotografia do diário de viagem da autora

Página 86: Fig.55 Diário de viagem, fachada do Atelier Metropolitano, Rua dos Goitacazes, Glória, Rio de Janeiro, Brasil, 07 de Fevereiro de 2017

Fig.56 Diário de viagem, desenho/retrato Arq. Jorge Mário Jauregui, Atelier Metropolitano, Glória, Rio de Janeiro, Brasil

Fonte: fotografias do diário de viagem da autora

Página 88: Fig.57 Bloco de Carnaval, Rio de Janeiro, Brasil

Fonte: fotografia da autora

Página 89: Fig.58 Bloco de Carnaval, Rio de Janeiro, Brasil, 27 de Fevereiro de 2017

Fig.59 Desfile de Ensaio, Sambódromo da Masquês de Sapucaí, Rio de Janeiro, Brasil, 18 de Fevereiro de 2017

Fonte: fotografias da autora

Páginas 90 e 91: Fig. 60 Constraste “formal” da zona de Retiro (à direita), “informal” da *Villa 31* (à esquerda)

Fonte: fotografia da autora

Página 92: Fig.61 Vista desde a passarela da Rocinha, Favela da Rocinha, Rio de Janeiro, Brasil, 05 de Março de 2017

Fonte: fotografia da autora

Fig.62 Diário de viagem, passarela da Rocinha, Favela da Rocinha, Rio de Janeiro, Brasil, 18 de Março de 2017

Fonte: fotografia do diário de viagem da autora

Página 94: Fig.63 Paisagem desde o topo da favela da Rocinha, Rio de Janeiro, Brasil, 05 de Março de 2017

Fonte: fotografia da autora

Página 96: Fig.64 Paisagem desde um terraço na favela da Rocinha, Rio de Janeiro, Brasil, 05 de Março de 2017

Figs.65 e 66 Ruas sinuosas no coração da favela da Rocinha, Rio de Janeiro, Brasil, 05 de Março de 2017

Fonte: fotografias da autora

Página 98: Fig.67 Curva Trampolim do Diabo, Favela da Rocinha, Rio de Janeiro, Brasil, 05 de Março de 2017

Fonte: fotografia da autora

Fig.68 Diário de Viagem, Esquema da curva Trampolim do Diabo, Favela da Rocinha, Rio de Janeiro, Brasil, 06 de Março de 2017

Fonte: fotografia do diário de viagem da autora

Página 100: Fig. 69 Diário de viagem, Núcleo Habitacional da Rocinha, Rio de Janeiro, Brasil, 05 de Março de 2017

Fonte: fotografia do diário de viagem da autora

Fig.70 Corredor de entrada, Núcleo Habitacional da Rocinha, Rio de Janeiro, Brasil, 05 de Março de 2017

Fig.71 Em casa da Adriana, Núcleo Habitacional da Rocinha, Rio de Janeiro, Brasil, 05 de Março de 2017

Fonte: fotografias da autora

Página 102: Fig.72 Praceta do Núcleo Habitacional da Rocinha, Rio de Janeiro, Brasil, 05 de Março de 2017

Fonte: fotografias da autora

Fig.73 Rua Nova, Favela da Rocinha, Rio de Janeiro, Brasil, 05 de Março de 2017

Fonte: fotografia da autora

Página 104: Fig.74 Fotografia aérea, Rio das Pedras, Rio de Janeiro, Brasil

Fonte: **Jáuregui**, Jorge Mario. «Rio das Pedras | Jorge Mario Jáuregui». Acedido 30 de Outubro de 2018. <http://www.jauregui.arq.br/favelas-rio-das-pedras.html>.

Fig.75 Canal em Rio das Pedras, Rio de Janeiro, Brasil

Fonte: **Extra Globo**. «Solo cede e ameaça engolir 16 casas em Rio das Pedras», de Fevereiro de 2016. <https://extra.globo.com/noticias/>.

Página 106: Fig. 76 Subida até ao Complexo Habitacional, campo de jogos à esquerda, Rio das Pedras, Rio de Janeiro, Brasil, 09 de Março de 2017

Fonte: fotografia da autora

Página 108: Fig.77 Diário de viagem, Conjunto Habitacional de Rio das Pedras, Rio de Janeiro, Brasil, 09 de Março de 2017

Fig.78 Diário de viagem, Representações do Conjunto Habitacional de Rio das Pedras, Rio de Janeiro, Brasil, 09 de Março de 2017

Fonte: fotografias do diário de viagem da autora

Página 110: Fig.79 Diário de viagem, Vila Olímpica, Vidigal, Rio de Janeiro, Brasil, 09 de Março de 2017

Fonte: fotografia do diário de viagem da autora

Página 112: Fig.80 Panorama da favela da Rocinha, desde o Trilho dos Dois Irmãos, Rio de Janeiro, Brasil, 09 de Março de 2017

Fig.81 Praça de Articulação Favela-Bairro, Favela do Vidigal, Rio de Janeiro, Brasil, 09 de Março de 2017

Fonte: fotografias da autora

Página 114: Fig.82 Palestra de iniciação da ONG Teto, Liceu Franco-brasileiro, Rio de Janeiro, Brasil, 10 de Março de 2017

Fonte: retirado de arquivo online Teto, **TETO Brasil**. «A Realidade das Favelas Precárias Brasil». Acedido 14 de Dezembro de 2018. <https://www.techo.org/brasil/>.

Fig.83 Diário de viagem, fachada da Mocidade Unida da Cidade de Deus, Escola de Samba, Rio de Janeiro, Brasil, 10 de Março de 2017

Fonte: fotografia do diário de viagem da autora

Página 118: Fig.84 Almoço, Grupo de Voluntários da ONG Teto na Mocidade Unida da Cidade de Deus, Rio de Janeiro, Brasil, 11 de Março de 2017

Fonte: retirado de arquivo online Teto, **TETO Brasil**. «A Realidade das Favelas Precárias Brasil». Acedido 14 de Dezembro de 2018. <https://www.techo.org/brasil/>.

Página 120: Fig.85 Comunidade de Guarani, Favela da Cidade de Deus, 11 de Março de 2017

Fonte: retirado de arquivo online Teto, **TETO Brasil**. «A Realidade das Favelas Precárias Brasil». Acedido 14 de Dezembro de 2018. <https://www.techo.org/brasil/>.

Fig. 86 Inquéritos pelos membros voluntários da ONG Teto, Comunidade de Guarani, Cidade de Deus, Rio de Janeiro, Brasil, 12 de Março de 2017

Fonte: retirado de arquivo online Teto, **TETO Brasil**. «A Realidade das Favelas Precárias Brasil». Acedido 14 de Dezembro de 2018. <https://www.techo.org/brasil/>.

Página 122: Fig.87 Partilha de experiências na Mocidade Unida da Cidade de Deus, Rio de Janeiro, Brasil, 11 de Março de 2017

Fonte: retirado de arquivo online Teto, **TETO Brasil**. «A Realidade das Favelas Precárias Brasil». Acedido 14 de Dezembro de 2018. <https://www.techo.org/brasil/>.

Página 124: Fig.88 Diário de viagem, Comunidade de Guarani, Cidade de Deus, Rio de Janeiro, Brasil, 11 de Março de 2018

Fonte: fotografia do diário de viagem da autora

Página 126: Fig.89 Membros da “equipe fixe”, ONG Teto, Comunidade de Guarani, Cidade de Deus, Rio de Janeiro, Brasil, 12 de Março de 2017

Fonte: retirado de arquivo online Teto, **TETO Brasil**. «A Realidade das Favelas Precárias Brasil». Acedido 14 de Dezembro de 2018. <https://www.techo.org/brasil/>.

Página 128: Fig.90 Diário de viagem, Comunidade de Guarani, Cidade de Deus, Rio de Janeiro, Brasil, 12 de Março de 2018

Fonte: fotografia do diário de viagem da autora

Página 130: Figs.91 e 92 Blocos Habitacionais, Complexo de Manguinhos, Rio de Janeiro, Brasil, 19 de Março de 2017

Fonte: fotografia da autora

Página 132: Fig.93 Praça Complexo de Manguinhos, Rio de Janeiro, Brasil, 19 de Março de 2017

Fonte: fotografia da autora

Página 134: Fig.94 Eixo Momumental, desde a Torre de TV, Brasília, Brasil, 20 de Março de 2017

Fonte: fotografia da autora

Página 135: Fig.95 Museu histórico da cidade de Brasília, texto de Juscelino Kubitschek de Oliveira, 20 de Março de 2017

Fig.96 Praça dos Três Poderes, Brasília, Brasil, 19 de Março de 2017

Fonte: fotografias da autora

Página 136: Fig.97 Diário de viagem, *Facultad de Arquitectura y Diseño Urbano de la Universidad de Buenos Aires*, Argentina, 18 de Abril de 2017

Fonte: fotografia do diário de viagem da autora

Página 138: Fig.98 Diário de viagem, Sede ONG Techo Argentina, Esquina entre *Calle Venezuela e Santiago del Estero*, 07 de Abril de 2017

Fonte: fotografia do diário de viagem da autora

Fig.99 Grupo de Voluntários Techo Argentina, Buenos Aires, Argentina, 08 de Abril de 2018

Fonte: retirado do arquivo online Techo, **TECHO Argentina**. «Plataforma Asentamientos». Acedido 14 de Dezembro de 2018. <https://techo.org/plataforma-asentamientos/>.

Página 140: Fig.100 Diário de viagem, *Calle 177*, Quilmes, Buenos Aires, Argentina, 08 de Abril de 2017

Fonte: fotografia do diário de viagem da autora

Página 144: Fig.101 *Villa 31* vista desde a *Plaza Canadá*, Retiro, Buenos Aires, Argentina, 14 de Abril de 2018

Fonte: fotografia da autora

Fig.102 Diário de viagem, escadas em espiral, aguarela, *Villa 31*, Retiro, Buenos Aires, Argentina, 14 de Abril de 2018

Fonte: fotografia do diário de viagem da autora

Página 146: Fig.103 Diário de viagem, representação da *calle 4*, aguarela, *Villa 31*, Retiro, Buenos Aires, Argentina, 14 de Abril de 2018

Fonte: fotografia do diário de viagem da autora

Fig.104 Diário de viagem, Tenda do cabeleireiro, *Villa 31*, Retiro, Buenos Aires, Argentina, 28 de Abril de 2018

Fonte: fotografia do diário de viagem da autora

Página 148: Fig.105 Diário de viagem, Programa de Melhoramento de Vivendas e Representação do Viaduto, *Villa 31*, Retiro, Buenos Aires, Argentina, 14 de Abril de 2018

Fonte: fotografia do diário de viagem da autora

Fig.106 Diário de viagem, viagem no *colectivo* 106, Buenos Aires, Argentina, 25 de Abril de 2018

Fonte: fotografia do diário de viagem da autora

Página 150: Fig.107 Palermo, esquina entre a *Calle Gorriti e Julián Álvarez*, Buenos Aires, Argentina, 10 de Abril de 2018

Fonte: fotografia da autora

Página 151: Fig.108 Palermo, esquina entre a *Calle Costa Rica e Francisco Acuña de Figueroa*, Buenos Aires, Argentina, 13 de Abril de 2018

Fig.109 Obelisco, em *Av. Corrientes con 9 de Julio*, Buenos Aires, Argentina, 16 de Abril de 2018

Fig.110 Obelisco, desde a *Avenida Pres. Roque Sáenz Peña*, Buenos Aires, Argentina, 16 de Abril de 2018

Fonte: fotografias da autora

Página 152: Fig.111 Diário de viagem, *Facultad de Arquitectura y Diseño Urbano de la Universidad de Buenos Aires*, Argentina, 18 de Abril de 2018

Fonte: fotografia do diário de viagem da autora

Página 154: Fig.112 Conversa com Javier Fernández Castro, *FADU-UBA*, Buenos Aires, Argentina, 18 de Abril de 2018

Fonte: fotografia da autora

Página 156: Fig.113 Painéis publicitários do novo acesso à *Autovia Illia*, Retiro, Buenos Aires, Argentina, 25 de Abril de 2018

Fig.114 Panorama segregado da zona de Retiro, desde a ponte pedonal de acesso à *Villa 31*, Buenos Aires, Argentina, 25 de Abril de 2018

Fonte: fotografias da autora

Página 158: Fig.115 Diário de viagem, Blocos Habitacionais, *Villa 31*, Retiro, Buenos Aires, Argentina, 25 de Abril de 2018

Fonte: fotografia do diário de viagem da autora

Fig.116 Blocos Habitacionais, *Villa 31*, Retiro, Buenos Aires, Argentina, 25 de Abril de 2018

Fig.117 *Villa 31*, vista desde a ponte pedonal de acesso ao bairro, Retiro, Buenos Aires, Argentina, 25 de Abril de 2018

Fonte: fotografia da autora

Conclusão. Reflexões Pós-viagem

Página 160: Fig.118 Diário pós-viagem, 24 de Janeiro de 2018, Coimbra, Portugal

Fonte: fotografia do diário de viagem da autora

Página 162: Fig.119 Diário de viagem, Núcleo Habitacional de Rocinha, Favela da Rocinha, Rio de Janeiro, Brasil

Fonte: fotografia do diário de viagem da autora

Página 164: Fig.120 Diário de viagem, Catedral de Brasília, Brasil, 21 de Março de 2017

Fonte: fotografia do diário de viagem da autora

Página 168: Fig.121 Voluntários da ONG Teto, no evento Escutar Comunidades, 12 de Março de 2017

Fonte: retirado de arquivo online Teto, **TETO Brasil**. «A Realidade das Favelas Precárias Brasil». Acedido 14 de Dezembro de 2018. <https://www.techo.org/brasil/>.

Página 170: Figs.122 Aguarela casa-tipo favela, inspirado na visita à Rocinha

Fonte: fotografia de desenho em folha solta, pela autora

Página 172: Figs.123 Aguarela casa-tipo favela, inspirado na visita à Rocinha

Fonte: fotografia de desenho em folha solta, pela autora

Página 174: Fig.124 *Villa 31*, desde a *Facultad de Derecho de la Universidad de Buenos Aires*, 25 de Abril de 2018

Fonte: fotografia da autora

Página 176: Fig.125 Apropriação pelos moradores do Núcleo Habitacional da Rocinha, Colocação de grades, Rio de Janeiro, Brasil, 05 de Março de 2017

Fig.126 Bloco Habitacional do Núcleo para Rio das Pedras, Grelha da caixa de escada, Rio de Janeiro, Brasil, 09 de Março de 2017

Fig.127 Bloco Habitacional para a *Villa 31 e 31 bis*, Grelha total, Buenos Aires, 25 de Abril de 2018

Fonte: fotografias da autora

Fig. 128 Diário de Viagem, Planta concetual do Núcleo Habitacional da Rocinha, Rio de Janeiro, 05 de Março de 2017

Fonte: fotografia do diário de viagem da autora

Página 178: Fig.129 Diário de viagem, Teleférico La Paz, El Alto, La Paz, Bolívia, 26 de Janeiro de 2017

Fonte: fotografia do diário de viagem da autora

Página 180: Fig.130 Serviço de moto-taxi, Favela da Rocinha, Rio de Janeiro, Brasil, 05 de Março de 2017

Fonte: fotografia da autora

Página 182: Fig.131 O Globo, 15 de Setembro de 2009

Fonte: **Jáuregui**, Jorge Mario, «Broken City - Manguinhos Complex | Jorge Mario Jáuregui». Acedido 7 de Novembro de 2018. http://www.jauregui.arq.br/broken_city.html.

Fig.132 Diário de viagem, Blocos Habitacionais do Complexo de Manguinhos, desde o Viaduto de Benfica, Rio de Janeiro, Brasil, 19 de Março de 2017

Fonte: fotografia do diário de viagem da autora

Página 184: Fig.133 Diário de viagem, Plano inclinado, Favela de Santa Marta, Rio de Janeiro, Brasil, 18 de Março de 2017

Fig.134 Diário de viagem, *Ascensor Concepción*, Valparaíso, Chile, 13 de Janeiro de 2017

Fonte: fotografias do diário de viagem da autora

Página 186: Fig.135 Anteprojeto para a *Villa 31*, Várias escalas representadas na maquete

Fonte: **Fernández Castro**, Javier. *Barrio 31 - Carlos Mugica . Posibilidades y límites del proyecto urbano en contexto de pobreza*. Ciudad de Buenos Aires, Argentina: Instituto de la Espacialidad Humana, 2010, 131, www.espacialidadhumana.com.ar.

Fig.136 Anteprojeto para a *Villa 31*, representação do bloco habitacional escala macro

Fonte: **Fernández Castro**, 173.

Fig. 137 Anteprojeto para a *Villa 31*, representação do parque central abaixo da autopista escala macro;

Fonte: **Fernández Castro**, 149.

Figs.138 e 139 Anteprojeto para a *Villa 31*, representação das soluções de escala micro

Fonte: **Fernández Castro**, 154;181.

Página 188: Fig.140 Remoção da favela Vila Autódromo para as Olimpíadas 2016, Rio de Janeiro, Brasil

Fonte: **Frazão**, Fernando. «“Remoções pré-Jogos Olímpicos no RJ são ‘verdadeira deportação’ de moradores de favelas”». Desacato, 12 de Junho de 2015. Acedido a 29 de Outubro de 2018, <http://desacato.info/>.

Fig.141 Contraste da cidade durante as Olimpíadas 2016, Rio de Janeiro, Brasil

Fonte: **Isakovic**, Andrej, «Jogos Olímpicos 2016: Uma foto das favelas que mostra o contraste no Rio durante a Olimpíada | Brasil | EL PAÍS Brasil», acessado 7 de Novembro de 2018, <https://brasil.elpais.com/brasil/>.

Fig.142 Imagem de promoção de projeto habitacional para a Villa 31, Jogos Olímpicos da Juventude

Fonte: **Olympic Games**, «The Olympic Movement Unites in Delivering the Youth Olympic Games Legacy to the Young People of Buenos Aires», International Olympic Committee, 8 de Outubro de 2018. Acessado a 13 de Dezembro de 2018, <https://www.olympic.org/news/>.

Página 190: Fig.143 Rua da favela da Rocinha, desde a Rua da Gávea, Rio de Janeiro, Brasil, 05 de Março de 2017

Fonte: fotografia da autora

Página 192: Fig.144 *Cartonero*, Buenos Aires, Argentina, “*Ni vagos ni ladrones*” inicia a reportagem da revista *Épocas*, trad. “Nem preguiçosos nem ladrões”

Fonte: **Sorroche**, Santiago, «Ni “vagos” ni “ladrones”: trabajadores cartoneros. La disputa por el reconocimiento de su actividad como un trabajo.», *Épocas* (blog), acessado 7 de Novembro de 2018, <http://revistaepocas.com.ar/>.

Página 194: Fig.145 *Cartonero*, Buenos Aires, Argentina

Fonte: **Perfil**, «Hay un 55% más de cartoneros que en 2008 y recogen el doble de residuos», acessado 7 de Novembro de 2018, <https://www.perfil.com/noticias/sociedad/>.

Página 196: Fig.146 Aguardela casa-tipo favela, inspirado na visita à Rocinha

Fonte: fotografia de desenho em folha solta, pela autora

Página 206: Fig. 147 Fotografia aérea da Villa 31, sobre a monografia de Piet Mondrian, comparação à *Composition de lignes et couleurs* (1913), Coimbra, 25 de Outubro de 2018

Fonte: *Villa 31 - Petra*, Ale. «FISH PRODUCTIONS». Acessado 13 de Dezembro de 2018.

<http://www.fishproductions.com.ar/>.

Monografia - **Fauchereau**, Serge. *Mondrian: Les Grands Maitres de L'art Contemporain*. 13997.^a ed. Paris: Éditions Albin Michel S. A., 1995.

Síntese Conclusiva

Página 212: Fig.148 Diário pós-viagem, representação conceptual de “unidades para pacificação definitiva” como instrumentos para um “*puzzle* da articulação”.

Fonte: fotografia do diário de viagem da autora